
BRUXARIA
WICKED
NANCY HOLDER
& DEBBIE VIGUIÉ
ROCCO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



NANCY HOLDER
& DEBBIE VIGUIÉ

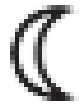
BRUXARIA

WICKED
LIVRO UM

Tradução
Maria Clara Mattos

ROCCO JOVENS LEITORES

SUMÁRIO



Nota da autora

Agradecimentos

Parte um: Lammas

- Um: Lua do trigo
- Dois: Lua do vinho
- Três: Lua do sangue

Parte dois: Samhain

- Quatro: Lua da neve
- Cinco: Lua do carvalho
- Seis: Lua dos lobos
- Sete: Lua da tempestade
- Oito: Lua casta
- Nove: Lua da semeadura
- Dez: Lua da fertilidade
- Onze: Lua da união

Parte três: Beltane

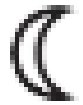
- Doze: Lua do mel
- Treze: Lua da fermentação

Epílogo

Créditos

Sobre a autora

NOTA DA AUTORA

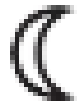


Ao me preparar para escrever esta série, explorei as tradições Wicca sob a supervisão de um grande mestre de alta graduação. Tenho consciência de que a Wicca não é simplesmente uma tradição de fé, mas um conjunto delas, e que alguns praticantes de magia e encantamentos não gostam da utilização estereotípica da "magia negra" na ficção. A eles, peço desculpas; a todas as outras pessoas, ofereço a esperança de que as várias formas de magia que apresento neste romance sirvam para apresentar o universo rico e diversificado que pode ser encontrado em livros sobre magia.

Nancy Holder

BRUXARIA

AGRADECIMENTOS



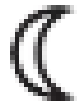
Obrigada, Debbie, por ser a grande escritora e amiga que você é. Obrigada, Lisa Clancy, e sua intrépida trupe, do passado e do presente: Liz Shiftleft, Micol Ostow e Lisa Gribbin. Howard Morhaim, meu agente… você é um mago. Obrigada, David Hahn, pela assistência técnica, e obrigada àqueles que me ajudaram a prosseguir: Melissa, Von e Jenn. Mahalo John, Shannon Tilius e Liz Engstrom, da Maui Writers Conference: vocês são incríveis! E um grande muito obrigada a você, Christopher Vogler, por ter escrito *The Writer's Journey*.

– N.H.

Gostaria de agradecer à minha coautora, Nancy, cuja generosidade como escritora e ser humano enriqueceu a minha vida. Obrigada, Lisa Clancy, você é uma editora fabulosa, seu humor e sua compaixão fazem com que trabalhar com você seja pura alegria. Aos organizadores da Maui Writer's Conference, agradeço afetuosamente. Vocês fazem muito mais do que simplesmente ajudar os autores no seu aperfeiçoamento: promovem um fórum para novas amizades e alianças. Por fim, preciso agradecer às pessoas que sempre acreditaram em mim e me encorajaram: meus avós, Harold e Mildred Trent, que estimularam minha criatividade; Matt Washburn, grande escritor e incentivador; Chrissy Hadley, minha fã número um; Juliette Cutts e Ann Liotta, amigos verdadeiros que sempre leram o que escrevi com alegria; Michael Mueller, o amigo mais leal que alguém pode desejar ter. Peggy Hanley, obrigada por estar sempre ao lado de Scott, e agora do meu. Agradeço a meus amigos escritores que, pacientemente, atravessaram centenas de páginas, e me ofereceram críticas construtivas: Penny Austen, John Oglesby e Kelly Watkins. Obrigada, Jennifer Harrington, por me escutar, sempre. Amo todos vocês.

– D.V.

Parte Um: Lammas
A Colheita



LAMMAS

"E o solo se recusou a gerar seus frutos; em seu lugar, deu vez a criaturas profanas e estranhas. Os mortos andaram lado a lado com aqueles que nunca viveram."

— Simon, o profeta, século VIII

UM

LUA DO TRIGO



Adeus, Senhor da Luz,
Vós reinareis na noite do Yuletide.
Fogueiras negras queimarão barcos,
Assim clama a Confraria Deveraux.

Sem navio, Senhora Graciosa,
Bruxas Cahors tomam o ar
Derramando o sangue dos inimigos e o sangue dos amigos.
Renove a terra com sangue outra vez.

Rio Colorado, primeiro de agosto (Lammas)

Ah, que ótimo. Uma tempestade. Só pra completar.

Tentando ignorar por alguns instantes a discussão acalorada entre seus pais no bote inflável, Holly levantou o rosto para olhar o pedacinho de céu que aparecia entre as montanhas do desfiladeiro. A luz acobreada do Sol dificultava sua visão, fazia com que seus olhos ardessem. Nuvens que pareciam punhos cerrados se decompondo flutuavam, e os pássaros deixavam seus esconderijos, piando avisos uns para os outros.

Às suas costas, o rapaz fortão, que guiava esses passeios todo ano para ajudar a pagar a faculdade, grunhia e suspirava. Os pais dela o tinham forçado a ultrapassar a barreira do "Oi, meu nome é Ryan, vou guiá-los pelo rio", e ela não o culpava. Seu pai e sua mãe andavam cansando todo mundo — ele, ela e Tina, sua melhor amiga, que tivera o azar de ser convidada para aquelas férias tenebrosas. Claro, Tina era convidada para tudo. Ser filha única tinha suas vantagens, e Tina e Holly eram, as duas, filhas únicas.

A mãe de Tina desistira na última hora, alegando um problema com sua agenda no hospital de Marin County, mas Holly suspeitava de que a mulher baixinha de cabelos negros tinha pressentido alguma coisa. O que fazia sentido: Barbara Davis-Chin era a melhor amiga de sua mãe, e melhores amigas contam tudo uma para a outra mesmo quando adultas.

Ei, sei como funciona, pensou Holly. *Vi* Sex and the City.

Cinco dias antes, quando Holly chegara em casa depois do trabalho na cocheira, era óbvio que algo estava acontecendo atrás das portas fechadas da casa de estilo

vitoriano. Os gritos dos pais, interrompidos pelo barulho das chaves na porta da frente, atravessavam as paredes brancas de gesso. Ela ouviu o som ritmado de um dos dois varrendo o ambiente para limpar a bagunça. Enquanto ela tirava o casaco no hall de entrada, o piso de madeira do quarto dos pais, no andar de cima, parecia ranger de tanto tensão.

— Oi, gente, estou em casa — gritou Holly, mas não ouviu resposta. Depois de alguns minutos, seu pai desceu até o térreo com um sorriso forçado e disse:

— Oi, meu amor. Como foi seu dia na cocheira?

Ninguém falou sobre o que aconteceu. Seus pais, Elise e Daniel Cathers, optaram por um pacto de educado silêncio: frios entre si naquela noite ao fazerem as malas para a viagem, e o gelo emocional abaixo de zero durante todo o voo para Las Vegas. Por sorte, ela se sentara com Tina numa outra fila de assentos do avião e teria, com a amiga, a própria suíte no hotel Bellagio.

Seus pais haviam saído para assistir ao Cirque du Soleil, enquanto Holly e Tina permaneceram no quarto falando do próximo e último ano escolar e dos planos para a universidade. O casal voltou muito tarde ao hotel — Holly torceu para que estivessem bêbados, porque não queria nem imaginar que pudessem falar um com o outro daquela maneira estando sóbrios. Agrediram-se com palavras terríveis, palavras feitas para ferir. Holly sabia que era demais achar que o pai não tinha dito *suja*, e sim *bruxa*, apesar de ter soado assim através das paredes da suíte contígua. Tina ouvira a mesma coisa.

De manhã, Ryan encontrara os quatro no lobby do Bellagio e levara o grupo até o ancoradouro dos botes. Os pais de Holly se trataram com o mínimo de civilidade durante todo o treinamento de segurança.

Ryan colocou o bote na água e disse a cada um onde deveria se sentar. Depois, como se as águas turbulentas do Colorado dirigissem seus humores, a discussão recomeçou, e, durante aquele dia de rafting em águas espumantes, a situação piorou consideravelmente.

Agora Holly e Tina se debruçavam sobre seus remos, movimentando-os de acordo com as instruções de Ryan, fingindo, intencionalmente, que nada estava acontecendo. Vestiam coletes salva-vidas e capacetes laranja, o de Tina cobria seu cabelo preto, pintado de azul-marinho em homenagem à viagem. Holly, com cabelos escuros emaranhados em cachos úmidos, estava colada a Tina no centro do bote, que mais parecia um barquinho de banheira. A água gelada espirrava neles vinda de todos os lados enquanto o bote subia e descia entre rochas escuras e troncos de árvores. A temperatura fria do dia era como clima tropical se comparada à atitude dos pais um com o outro.

— Cara, qual é o *problema* deles? — perguntou Tina no ouvido de Holly. — Eles vão se matar. Ou vão matar a gente.

— Quando voltarmos para casa, você me adota — disse Holly, aborrecida.

— Já estamos quase na idade de casar. — Tina mexeu as sobrancelhas de modo sugestivo. — Confessa, amor, você sabe que me quer. — Soprou um beijo para Holly.

Com um sorriso amarelo, Holly suspirou e balançou a cabeça.

— Sua mãe ia adorar isso.

— Minha mãe é muito mais liberal do que toda a sua família junta — respondeu Tina. — Ela ia amar planejar nossa cerimônia de noivado, *querida*.

As duas riram. Mas os sorrisos desapareceram rapidamente diante das vozes iradas que se sobrepunham ao barulho da água turbulenta da correnteza.

— … *não* vou antecipar a volta — disse o pai entre dentes.

— Você nunca me contou. — Agora era a vez da mãe. — Devia ter me contado…

Ai, caramba, pensou Holly. A tensão se concentrava entre eles, e uma nova onda de ansiedade tomava conta dela. Alguma coisa estava muito, muito errada, e se ela fosse honesta de verdade consigo mesma, admitiria que andava errada havia pelo menos um ano.

Desde que tive aquele pesadelo…

Seu pai foi o primeiro a desviar o olhar, e a mãe saiu de campo — dois animais brigando por território, insatisfeitos com o resultado do confronto. Eram bonitos. O pai era alto e esguio, o cabelo cheio, indisciplinado e preto, os olhos de um castanho bem escuro. A mãe era quem se destacava, o cabelo tão louro que parecia artificial, os olhos de um azul suave que fazia Holly pensar em vestidos de damas de honra. Todo mundo sempre dizia que eles formavam um par tão bonito, pareciam um casal de novela. Poucos, além de Holly, sabiam que as conversas entre eles estavam mais para diálogos de filme de terror.

— Ok, gente, atenção. — Ryan interrompeu os pensamentos dela e, por uma fração de segundo, a discussão. — Vamos entrar numa corredeira, não se esqueçam de ficar à esquerda. — Ele olhou para o céu carregado e murmurou: — Droga.

Holly olhou para ele. Seu rosto era sóbrio e duro, muito marcado para alguém que só tinha 21 anos. *Quando ele tiver 30*, pensou, *vai parecer um maracujá de gaveta*.

— Vai cair um temporal, né? — disse ela, levantando a voz para ser ouvida acima da correnteza e dos estalos da borracha do bote.

— Vai. A gente vai parar cedo, hoje. — Ryan olhou para os pais de Holly. — O humor não anda muito bom.

— Eles não são sempre… — a garota começou a dizer, mas calou a boca, fez um gesto afirmativo com a cabeça e voltou a remar.

A espuma branca da água revirava como em uma chaleira à beira da fervura, e ela e Tina se endireitaram, preparando-se para a grande descida. Enfrentar a correnteza era oficialmente a parte divertida, a razão de estarem ali. Mas Holly estava cansada. Queria ir para casa.

A correnteza do rio puxava, juntando e separando ondas, fazendo curvas em pedras e rochedos, abrindo espaços como se fossem buracos no asfalto. O bote deslizava e derrapava pelas águas, uma mistura de excitação e medo tomando conta de Holly, causando arrepios.

— Uhu! — gritou ela, e Tina fez coro. As duas caíram na gargalhada, gritando "Uhu!" sem parar, alto o suficiente para fazer eco nas paredes do cânion. Os pássaros se juntaram à barulheira, um trovão ribombou, e Holly sentiu um pouco de raiva pelos pais estarem tão ocupados com sua ira mútua que não conseguiam compartilhar a diversão.

O bote ganhou mais velocidade, depois mais e mais; o estômago de Holly embrulhou, e Tina se arrepiou de medo e prazer.

Então, trovões estouraram no céu uma, duas vezes, e o temporal desabou, torrencial, encharcando todo mundo. Caía com tanta força que chegava a machucar os ombros de Holly. Ela tirou o casaco de chuva amarelo da cintura, o bote balançando de um lado para o outro, desgovernado, já que todos haviam ficado meio perdidos e assustados com a força do temporal.

— Segurem firme! — gritou Ryan.

Os pais de Holly se aprumaram, guiando o bote como o rapaz havia ensinado. A chuva caía torrencialmente; as águas do rio se chocavam contra as paredes rochosas dos dois lados, e, mais do que escutar, Holly lembrou dos gritos de Ryan para que se mantivessem à esquerda do bote. *Tudo e todos para a esquerda.*

O rochedo gigantesco de granito era uma torre acima deles. Marcado e pontiagudo. Ao contrário do que todos esperavam, não fora arredondado pela erosão.

— Uau! — gritou Tina, apontando.

A chuva caía com ainda mais força, agredindo-os, e Holly se esforçava para colocar o capuz de volta sobre a cabeça enquanto o vento insistia em tirá-lo. Ela não conseguia enxergar nada.

— Meu Deus! *Desviem!* — gritou Ryan.

Holly abaixou o corpo, tentando ver através da cortina de chuva.

Por uma fração de segundo, todos ficaram paralisados, em choque diante do que ocorria. Depois, agitaram-se como se estivessem no meio de um ataque aéreo de filme sobre a Segunda Guerra Mundial, agarrando seus remos e lutando contra a determinação do rio de jogá-los contra a enorme rocha de granito.

— *Não!* — choramingou Tina, o remo quase arrancado de sua mão pela força de uma onda. Ela começou a gritar enquanto o bote descia num ângulo de 45 graus. A espuma furiosa das águas chegava até a cintura dos cinco passageiros. Tina gritava e se debatia inutilmente enquanto Holly perguntava:

— O que vamos fazer agora? O que temos que fazer?

— Fiquem calmos! — respondeu Ryan. — Esquerda, esquerda, *esquerda*!

O remo de Holly parecia frágil e fino demais para fazer qualquer diferença no

rumo que a água determinava para eles; ao mesmo tempo, era muito pesado e impossível de controlar.

Então, sua mãe gritou alguma coisa e o pai de Holly gemeu:

— *Não!*

O rio estava violento, agora; tudo era cinza, frio, implacável e ameaçador quando o bote foi arremessado contra o rochedo com a força de uma catapulta.

Holly não parou de remar. Era inútil agora, mas continuava; as mãos, paralisadas pelo terror, permaneciam em volta do remo. Alguém — ela não fazia a menor ideia de quem era — gritava seu nome.

Depois, a voz de Ryan se sobrepôs:

— Pulem! *Agora!*

Aquele comando interrompeu o seu choque. Enquanto ela tentava se desvencilhar do cinto de segurança para pular, o rio avançou sobre o bote, engolfando-o. A água fria e implacável a engoliu, passando por cima dos seus ombros, de sua cabeça; Holly esperava que a água recuasse, mas as ondas continuavam se chocando contra ela. Entrou em pânico, incapaz de respirar, e começou a forçar freneticamente o cinto. Não conseguia lembrar o que precisava fazer para se livrar dele.

Vou afundar. Vou morrer.

O volume da água aumentou, as ondas se tornaram negras. Ela não conseguia ver nada, não sentia nada além de um frio terrível. O bote devia estar capotando sem parar. Sua mente paralisou diante da imagem da face enorme do rochedo: ir de encontro a pedra em alta velocidade seria como cair de uma janela e se chocar contra o asfalto.

Seus pulmões estavam cheios; depois de um tempo que não pôde calcular, pareciam prestes a explodir — ela sabia que precisava de mais oxigênio. Tateava seu cinto de segurança, mas ainda não fazia ideia de como soltá-lo. Seu peito arfava e ela se debatia na água, buscando, na altura dos ombros e da cintura, onde ficavam as travas do cinto, tentando com todas as suas forças não perder o controle.

Vou morrer. Vou morrer.

Ela já não conseguia raciocinar. Parou de pensar, e o puro instinto passou a guiá-la enquanto tateava as travas do cinto, sem saber por que fazia aquilo. Esqueceu que estava num bote com as três pessoas que mais amava no mundo. Esqueceu que era uma adolescente chamada Holly, que tinha olhos, cabelo, mãos e pés.

Ela não era mais que uma massa cinza, por dentro e por fora. O mundo era de cor incerta e esfumaçada, assim como as imagens, os pensamentos, as emoções. Adormecida e vazia, ela flutuava num nada sem fim, deixava de existir. Não podia dizer que era um lugar bom de se estar. Não podia dizer que era algo.

Apesar de realmente não perceber o que fazia, ela soltou o ar dos pulmões. Ávida, inspirou a água do rio. A água encheu seus pulmões, e seus olhos reviraram, a

morte se aproximava.

Debatendo-se, sacudindo-se como um peixe no anzol, seu corpo tentava cuspir, expelir o líquido sufocante. Não adiantava: ela estava morta. Seus olhos se fecharam.

Depois, pelas pálpebras, viu a mais incrível sombra azul. Era a cor de um peixe tropical, apesar de ela não conseguir articular esse pensamento. Brilhava como um toque de graça marinho típico de final de filme. Ela não reagiu, porque seu cérebro não registrava a existência do peixe. Não registrava mais nada. Desesperada por oxigênio, Holly estava quase morta.

O brilho se intensificava, depois enfraquecia. Tornou-se uma silhueta e, se ainda houvesse alguma parte do cérebro de Holly processando informações, reportaria a visão de uma mulher incrivelmente bonita com vestido de mangas compridas de lã cinza, debruado de dourado, os cachos do cabelo negro se desfazendo na água. Seu olhar de compaixão era um misto de ébano e amêndoa, e ela se aproximava de Holly.

Corra. Fuja, escape, não pare para buscar seus pertences. Ela perecerá se você não for agora. Agora, imediatamente. Rápido, eu imploro…

Pesadelo, pensou Holly, confusa. *Ano passado. Pesadelo…*

A figura estendeu a mão direita: sobre a palma enluvada, estava um pássaro grande e cinza. Ela ergueu o pássaro dentro da água, e ele bateu as asas, atravessando a correnteza na direção de Holly.

— Não somos bruxos! — gritou seu pai, pelo que Holly lembrava.

— Sei o que vi! Sei o que vi no quarto da Holly! — disse a mãe.

Vá, leve-a daqui. Eles vão encontrá-la, vão matá-la… je vous en prie, *eu imploro, Daniel de Cahors…*

— Eu imploro — sussurrou consternado o homem com cabeça de veado.

Era Lua cheia, época de colheita, e a floresta estava quente e generosa, como uma mulher. O homem encontrava-se junto a um bosque de castanheiras, o peito manchado pelo próprio sangue.

O Círculo fora desenhado, as velas estavam prontas para serem acesas.

— Desculpe-me por ele, *maman* — sussurrou Isabeau para a mãe. A mestre de cerimônia estava coberta de penas de corvo, fios prateados e vermelhos ao longo da veste, assim como os outros do Círculo. Eram treze naquela noite, incluindo o novo marido de sua mãe recém-enviuvada — que, por sua vez, era irmão de seu falecido marido e chamava-se Robert. Já o sacrifício era o homem que tremia sob a cabeça do veado morto. Ele sabia estar por um fio.

A bela e conhecida águia do Círculo balançou seus guizos, observando do poleiro feito de ossos dos maiores inimigos dos Cahors: os Deveraux. Estava ansiosa pela matança; tomaria a alma do homem quando deixasse seu corpo, atacaria as beiradas do cadáver enquanto os outros faziam o que lhes era conveniente.

— É uma boa morte — insistiu Catherine de Cahors, sorrindo para a filha. Acariciou o cabelo de Isabeau com uma das mãos. Com a outra, segurava a adaga coberta de sangue. Fora ela quem talhara as imagens mágicas no peito do homem. Seu marido, Robert, sentira-se compelido a impedi-la, lembrando que a tortura não fazia parte do rito daquela noite. Deveria ser uma execução limpa. — Sua mania de falar demais acabaria levando-o à fogueira. Ele seria queimado, uma morte terrível. Desta outra maneira…

Foram interrompidos por alguém com as vestes em prateado e preto dos Cahors, que correu até o centro do Círculo e se ajoelhou diante do mascarado e encapuzado Robert. *A esta altura deve tê-lo denunciado*, pensou Isabeau.

— Os Deveraux… o Fogo… — balbuciou o criado. — Eles conseguiram.

A águia jogou a cabeça para trás e piou um lamento. Todos no Círculo trocaram olhares chocados de trás de suas máscaras de animais. Muitos caíram de joelhos em desespero.

Isabeau sentiu um calafrio, por dentro e por fora. Os Deveraux estavam em busca do segredo do Fogo Negro havia séculos. Agora que o detinham… O que seria dos Cahors? De todos que se colocassem no caminho dos Deveraux?

— *Alors*, Grande Dama! Proteja-nos esta noite, nossa Grande Deusa! — exclamou a mãe de Isabeau, levando as mãos ao coração.

— É uma noite sombria — disse alguém. — Uma noite do mal, quando deveria ser o momento de celebração do banquete da fartura, a morte deste homem somada à generosidade da colheita…

— Estamos perdidos. — Uma mulher mascarada ajoelhou-se. — Estamos amaldiçoados.

— Que sua covardia a condene — murmurou Robert em voz baixa, ameaçadora. — Não estamos, não.

Ele arrancou sua máscara, pegou a adaga da mão da mulher e caminhou calmamente até o sacrifício. Sem hesitar, ergueu a cabeça do homem, segurando-a pelos cabelos, e lhe cortou a garganta. O sangue esguichou, cobrindo os que estavam próximos, enquanto outros davam um passo à frente para receber a bênção. A águia deixou seu posto, sobrevoando a cena acalorada, os guizos nos tornozelos chacoalhando avidamente.

A mãe de Isabeau empurrou-a até o corpo do homem.

— Receba a bênção — disse para a filha. — Temos muito trabalho pela frente e você precisa estar preparada para fazer sua parte.

Isabeau cambaleou e fechou os olhos, virando o rosto. Sua mãe segurou-lhe o queixo, forçando o rosto da menina na direção do líquido vermelho, quente.

— *Non, non* — protestou enquanto o sangue invadia-lhe a boca. Sentiu-se suja, enojada.

O jorro de sangue parecia dominar sua visão…

Holly acordou. Até onde sabia, estava deitada na beira do rio. O som de água corrente penetrava em sua cabeça latejante; tremia violentamente de cima a baixo, e seus dentes rangiam. Tentou se mexer, mas não sabia se conseguiria. Sentia-se completamente dormente.

— Mmmm… — conseguiu balbuciar, esforçando-se para chamar a mãe.

Tudo que podia ouvir, tudo que reconhecia, era o som do rio. Depois… o bater das asas de um pássaro. Pareciam asas enormes e, confusa, pensou que ele vinha na sua direção, pronto para fisgá-la como se ela fosse um camundongo.

Suas pálpebras piscaram na direção do céu; um pássaro de fato a sobrevoava, sua silhueta contra a Lua, uma sombra assustadora.

Então, Holly perdeu de novo a consciência. O frio cedeu, sendo substituído por um calor relaxante…

O sangue é tão quente, pensou, divagando. *Olha só como ele evapora no ar da noite…*

Mais uma vez, o som de água corrente. Mais uma vez, aquele frio mortal.

O guincho de uma ave predadora…

⋆⋆⋆

Então, Holly viu novamente o sangue quente, fumegante — e sentiu algo novo: um cheiro horrível, acre, que lembrava uma câmara mortuária e porões apavorantes. Algo muito maligno, muito errado, muito *faminto* se esgueirava na sua direção, revelando-se devagar, como dedos de fumaça em busca dela, espiando-a por entre galhos e pedras, procurando seus punhos para enlaçá-los, prendê-los.

Alguém — ou alguma coisa — sussurrava baixinho, profunda e sedutoramente:

— *Clamo por você, Isabeau Cahors, pela noite e pela Lua cheia, Lua do Trigo. Você é minha.*

E da escuridão acima do círculo, um falcão enorme disparou na direção da águia, bico e garras famintos, selvagens…

— Não! — gritou Holly na escuridão.

As asas de um pássaro bateram, depois se acalmaram.

Ela tremia de frio; e estava viva.

Uma luz amarela, brilhante e intensa atingiu seu rosto. Holly gemeu com o piscar contínuo da luz, e a silhueta que a manejava agachou e olhou para ela.

Era uma mulher corpulenta, com uniforme de guarda-florestal.

— Está tudo bem, querida. A gente está aqui agora. — Por cima do ombro, gritou: — Encontrei uma sobrevivente!

A sensação de alívio a dominou, e Holly caiu num choro assustado, desesperado.

★ ★ ★

Seattle, Washington, Lammas

Kari Hardwicke envolvera o corpo num manto simples, creme, de tecido leve, transparente e colado à pele. No cabelo com mechas louras, enfiara flores do campo e passara blush nas maçãs do rosto e nos ombros. Tinha os pés descalços e essência de patchouli espalhada em pontos estratégicos.

Magos e seres divinos adoravam patchouli.

Agora, abraçava Jer Deveraux, aninhado silenciosamente diante da sua lareira. Ele irrompera porta adentro com a tempestade, forte, tomado de raiva, mas não queria dizer qual era o problema. Aceitara o cálice que ela lhe oferecera e puxara sua poltrona de couro para perto da lareira. Bebia em silêncio, os olhos escuros praticamente incendiando as toras de madeira dentro do fogo.

O inferno não tem tanta fúria quanto Jeraud Deveraux num ataque de raiva.

Isso fazia com que o desejasse ainda mais. Havia algo em Jer que ela era incapaz de explicar. Não era apenas o seu ar autoritário, que o fazia parecer capaz de realizar seu menor desejo com um simples movimento de sobrancelha. Não era sua sabedoria perspicaz, ou a força que tinha sobre quase todos que o conheciam; nem mesmo a maneira como fascinava as pessoas, homens ou mulheres — todos falariam sobre ele assim que deixasse o ambiente.

Era tudo isso combinado com sua beleza estonteante. Os olhos escuros, quase negros, profundos, logo abaixo das sobrancelhas escuras. Suas feições eram muito bem-definidas, as maçãs do rosto altas, sombreadas pela luz baixa da sala. Diferentemente do pai e do irmão, não usava barba; o maxilar era forte e anguloso, mas seus lábios pareciam suaves, macios. Ele se exercitava, e isso era denunciado pelos seus ombros largos, cobertos agora por um suéter preto. Como os demais membros de sua família, vestia preto quase todo o tempo, o que adicionava perigo e sensualidade ao seu poder de atração.

Mas é ainda mais que isso, pensou Kari. *Ele é… como é mesmo a letra daquela música?*

A magic man… *um homem mágico.*

A chuva forte batia na janela do seu apartamento de estudante; a tempestade combinava com o humor dele, mas ela estava determinada a fazer com que mudasse de astral. Era Lammastide, a noite da colheita das bruxas, e Kari sabia que ele iria embora logo, para sua performance numa espécie de ritual com o irmão e o pai, Eli e Michael. Eram "observadores", como ele gostava de dizer… e ela queria acompanhá-lo naquela noite. Queria saber o que faziam em segredo. Queria conhecer seus ritos, sua magia… queria saber tudo.

Os homens Deveraux são bruxos, pensou.

Mas, se usasse essa palavra na frente de Jer, ele negaria.

No começo do relacionamento — agora fazia um ano, como passava rápido! —, ele se mostrara ansioso para inseri-la no grupo. Na época, ela era professora-assistente, ele recém-formado. Depois da primeira vez que transaram, ele lhe disse que compartilharia seus "mistérios". Deixou escapar a existência de um antigo livro de família, o Livro dos Encantamentos.

Kari ficara excitadíssima. Estava fazendo mestrado em folclore, área que escolhera para poder investigar magia e xamanismo com todos os recursos oferecidos pela faculdade. A Universidade de Washington, em Seattle, tratava o sistema de crenças dos nativos norte-americanos com o maior respeito; logo, sua pesquisa fora encorajada, e jamais questionada.

Mas não era apenas aquele tipo de magia que lhe interessava. Era fascinada pela magia europeia… em especial a Magia Negra. E, apesar de Jer ser um bruxo genuíno e negar que sua família praticasse a arte negra, Kari tinha certeza absoluta de que os Deveraux passavam mais tempo nas sombras do que na luz difusa da bruxaria branca. Mesmo assim, sustentava a ficção de que ele praticava bruxaria tradicional; fora isso que o namorado lhe contara.

— Estou vestida como uma servente da Lua cheia — disse ela, dançando diante de Jer, esticando os braços na direção dele. Jer pareceu surpreso e — Kari detestava ter que admitir — irritado pela interrupção de seu devaneio.

Jer, você já me amou, pensou ela, ansiosa. *Ficava excitado por ter uma "mulher mais velha", uma pós-graduada, querendo você, um jovem calouro. O que foi que eu fiz de errado*?

Quero que você volte para mim. Não que seja só um veio-d'água caminhando comigo, mas de novo um dilúvio, a enchente de paixão que você já derramou sobre mim. A gente provocava ondas… a gente se afogava num êxtase tão maravilhoso…

— Li que, se a gente fizer amor hoje à noite, qualquer feitiço nosso vai ter um poder extra. — Ela sorriu, sedutora.

— É verdade — concordou Jer. Seu sorriso era gentil, tingido de tristeza e de grande sabedoria. — E você me enfeitiçou, Kari. Você é linda.

Ela se permitiu acreditar, e ele levantou da cadeira, pegou-a nos braços e a levou para o quarto.

DOIS

LUA DO VINHO



Vinho e sabedoria andam de mãos dadas,
Mas não enquanto nossos inimigos estão de pé.
Senhor, imploramos humildemente o benefício,
Deixe-nos beber seu sangue em breve.

Deixe-nos bebê-la, Senhora da clareza,
Enchendo nossos olhos de uma nova visão.
Traga-nos sabedoria e nos permita saber
Como levar grandes reis à aflição.

Seattle, Washington, primeiro de agosto (Lammastide)

Trovões chacoalhavam as vigas da mansão vitoriana da família Anderson, na área nobre de Seattle, envergando a madeira secular até quase quebrá-la. Pingos de chuva gelada, como dedos esqueléticos, chocavam-se contra as janelas, querendo entrar, impacientes.

A morte pedia passagem desesperadamente, e Michael Deveraux, o bruxo todo-poderoso do Noroeste, estava fazendo tudo o que podia para abrir a porta.

Ou para derrubar a porta, pensou ele. *Em nome do Deus Cornífero, vou derrubar essa porcaria. Consultei as runas. Li as previsões dos sacerdotes. Todos disseram a mesma coisa: esta é a noite em que eu, Michael Robert Deveraux, darei vida ao Fogo Negro.*

E destruirei a Confraria dos Cahors com ele, de uma vez por todas.

Ansiando a vitória, fechou os olhos e levou os punhos cerrados ao peito, as pontas dos dedos arranhando as próprias palmas. Seu coração batia com força e acelerado como o rufar de tambores de batalha; o sangue quente dos Deveraux se fundia às suas veias.

Isso só pode significar uma coisa: é hora de os Deveraux assumirem o controle. Depois de séculos fingindo aceitar a derrota, vamos roubar a bola e fazer o gol. Vámos até o fim. Porque o jogo é nosso.

Ah, sim: eu e os garotos temos o jogo na mão.

Naquela manhã, na Hora da Escuridão — três da madrugada —, ele abrira o Livro das Sombras na página dos Ritos da Noite do Lammas com o objetivo de se preparar para o ritual. O Lammas era santificado, a Noite da Colheita. Antigamente, nos tempos pagãos, o trigo e as uvas seriam abençoados, o dia dedicado à Deusa.

Porém, no mundo que Michael adorava — o mundo místico do Deus dos Bosques, terra do Deus Cornífero —, essa era uma noite para colher o poder… e a vida e a alma dos inimigos.

Os filhos de Michael deveriam estar em casa às onze para participar dos ritos. Eram nove horas, tinha duas horas inteiras antes do combinado. Para que não percebessem que aquele não seria um simples Lammastide e para que não vissem o que estava fazendo, proibira-os de participar dos preparativos. Eli concordara — não se importava de deixar o pai e o irmão carregarem o fardo da bruxaria, desde que continuasse aproveitando os benefícios na forma de dinheiro, mulheres e carros —, mas Jeraud ficara nervoso. Argumentara com violência, jogara coisas no chão, xingara e lançara olhares furiosos, fizera ameaças tolas que Michael o obrigara a retirar sugerindo que haveria consequências. Então, exibindo toda a sua autoridade, Michael lhe ordenara que saísse, respondendo à recusa com o pior e mais doloroso encantamento que Jer já imaginara — deixando-o ainda mais furioso.

Jer sabe que algo está para acontecer. Eu devia ter dado mais crédito a ele, tentado esconder melhor meu trabalho. Tenho guardado muitos segredos. Bem, assim que esta noite terminar, ele vai compreender que eu tinha que manter o foco. Não preciso de nada que me distraia. Se, pelo menos, ele fosse mais parecido com Eli — um idiota ganancioso. Não é de se estranhar que Sasha tenha tentado levá-lo quando me deixou.

Michael abriu os olhos, sorrindo de modo sombrio diante das gotas de sangue manchando-lhe as palmas das mãos.

Não preciso dividir meu poder com meus filhos ambiciosos. Eli me mataria sem hesitar se achasse que poderia sair impune. Bem, o velho aqui tem muitos anos pela frente. Séculos, eu espero. Portanto, cuidado, garotos. Um passo em falso e eu aniquilo vocês.

— Está prestando atenção, duque Laurent? — disse em voz alta. — Você finalmente vai ter o que queria. Vou queimar a bruxa hoje à noite. Então, perdoe e esqueça, ok? Hoje é a noite do Fogo Negro, e vou precisar da sua ajuda. Do seu *poder*.

Não houve resposta. O fantasma de Laurent de Deveraux, o nobre chefe de guerra da família, morto havia sete séculos, não se comunicava de nenhuma forma com Michael havia seis Luas. Michael sabia que o duque estava furioso por tê-lo ligado à bruxa "em espírito e coração" — em outras palavras, por ter um caso com Marie-Claire Cathers-Anderson. Durante o antigo festival da fertilidade de Imbolc, Michael a escravizara, uma Dama do Senhor como nos velhos tempos de bruxos e bruxas juntos. Esperava obter o poder que se dizia irromper quando Cahors e Deveraux se uniam.

Foi uma boa ideia, pensou ele. *E foi divertido, mesmo que a união não tenha resultado num poder mágico maior, como eu esperava. Portanto, parte da história deve ser pura lenda, como Laurent insistia em dizer.*

Encolheu os ombros, perguntando-se se o duque o observava. Michael

aprendera da maneira mais difícil que seu parente fantasma tinha os próprios métodos de vigilância. *Pena que ela tenha que morrer, mas, pelo menos, isso vai deixar Laurent feliz. Ele anda irritadíssimo desde que comecei a história com Marie-Claire*.

A três metros, num sofá de veludo vermelho, Marie-Claire estava inconsciente. Deitada de costas, um braço sobre a cabeça, a sombra de seu perfil parecia recortada no veludo. Vestia um manto de cetim preto e brincos de rubi vermelho-sangue. O tom das unhas era o mesmo dos brincos, mas sua boca estava corada de beijos, não de batom. Aos 42 anos, era incrivelmente bonita, com cílios longos e volumosos, lábios divinos. *Como será assistir à sua carne se despedaçar, à desintegração dos seus lábios, ao apagar dos seus olhos*?

Seduzir Marie-Claire fora fácil, e ele gostava de pensar que de fato não precisara de sua magia para conquistá-la. Michael Deveraux sabia que era incrivelmente bonito. Sua aparência era exótica como a de seus filhos, tinha olhos profundos e vivos que as mulheres adoravam encarar, e um rosto bem-delineado, com covinha no queixo. O nariz estreito demais dava-lhe um ar intrigante — uma de suas conquistas dissera que fazia com que parecesse "deliciosamente cruel". Gostava disso. Muitas mulheres sentiam-se atraídas pela crueldade, confundindo-a com força.

Com seus cachos soltos, negros, a barba aparada e o corpo esguio, esculpido por ossatura firme e horas de exercícios físicos, ele sabia ter sido uma tentação para Marie-Claire desde que se conheceram na escola dos filhos. Apesar de seus poderes de bruxaria andarem adormecidos na época, ele sentiu o chamado de sangues semelhantes. Soube logo que havia mais naquela mulher que um rosto bonito, um nome francês e certo egoísmo que ele achava muito sedutor.

Depois do primeiro encontro, Michael correra para casa e descera ao Quarto da Feitiçaria, a câmara hexagonal fortificada que construíra no coração da sua casa art déco de dois andares. Vestira seu manto de bruxo, verde e vermelho, e conjurara seu patrono com sangue e fumaça. Primeiro, sentira o cheiro sulfuroso que sempre o fazia lacrimejar, depois, o cheiro da morte. Então, a barca gelada de Caronte rompeu o véu e desceu à câmara. A respiração de Michael se juntara à névoa que subia do nada e se espalhava pelo ambiente gelado. O ritmo das remadas se transformara nas batidas do coração dele.

Da escuridão, o fantasma tomara forma — primeiro o crânio fantasmagórico e o esqueleto, seguidos da carne em decomposição e do pó que se soltava dos ossos e dos músculos rígidos do espírito que retornava e descia do seu barco invisível. De acordo com seu retrato desbotado, o duque em vida fora ainda mais bonito que Michael. Uma vez que sua Confraria estava de novo em ascensão, ele "se apresentaria como um homem completo", reivindicara em francês medieval — língua que Michael aprendera para poder se comunicar com ele. Nenhum de seus filhos a falava… porque eles não sabiam da existência de Laurent.

Laurent, duque de Deveraux, declarara-se tão intrigado em relação a Marie-

Claire Cathers-Anderson quanto seu descendente, e juntos consultaram diversos demônios e oráculos para descobrir mais sobre ela. Michael pedira a ajuda de Jer para fazer uma busca na internet por informações de genealogia, heráldica e nobreza francesa, já que tinha certeza de que a família Cathers já fora nobre. Estava escrito na sua postura, no seu discurso — até mesmo, parecera-lhe, no seu cheiro.

Agora, andava até ela, olhava-a de cima. Inclinou o tronco, passou um dedo no seu pescoço e sentiu a veia larga que ainda pulsava lentamente sob sua pele. Sorriu.

Por um ano, Michael investigara essa mulher misteriosa, cuja aparência era tão arrebatadora quanto a sua — cabelo negro, olhos castanho-escuros quase pretos, o rosto perfeitamente oval, a pele perolada e macia. Era alta e graciosa, como os homens Deveraux que viveram em Lower Queen Anne. Na verdade, por algum tempo, ele se perguntara se Marie-Claire não seria uma Deveraux, o nome de família talvez perdido num casamento em algum ponto do passado.

Durante aquele ano — aquelas treze Luas do calendário da Confraria —, Michael espionara Marie-Claire, observara-a com as filhas e o marido. Enviara falcões para sobrevoar seu telhado e ver através dos olhos deles, por meio de sua bola de cristal. Em suas visitas à casa deles, escondera copos de água amaldiçoada em vários cômodos, através dos quais ele poderia escutar as conversas da família. Sentia que a conhecia intimamente… e queria conhecê-la ainda melhor. E quando Michael Deveraux queria uma mulher, em geral, a conquistava.

Então, viera a revelação: depois daquele ano, Laurent contara a Michael a história dos Cahors e dos Deveraux, informando-o de que sabia, antes mesmo de Michael tê-la conhecido, que Cathers, o nome de solteira de Marie-Claire, evoluíra do nome francês Cahors. Através do tempo e do esquecimento da história da família, os Cathers não faziam a menor ideia de que haviam sido os Cahors, uma das mais nobres Confrarias de bruxas da França medieval e inimigos mortais da Confraria dos Deveraux.

Toda a pesquisa e a espionagem haviam sido um teste para ver se Michael era capaz de descobrir a verdade sozinho. Ficara embaraçado com o próprio fracasso, mas feliz por descobrir que Marie-Claire era uma bruxa genuína. Que ele não fazia ideia dos poderes dela era óbvio, apesar de ela dar pistas de sua existência de vez em quando — "sabendo" quem estava telefonando; estando no lugar certo e na hora certa em várias ocasiões. Ela encontrava coisas perdidas por outras pessoas e atraía dinheiro e sorte. E envelhecia com extrema graça e beleza.

Dizia-se que a união de bruxos e bruxas era capaz de magias e encantamentos incrivelmente poderosos — e, apesar de Laurent ter avisado Michael para não se aproximar de Marie-Claire, ele prometera a si mesmo conquistá-la… quando fosse a hora certa.

Não sabia que ele podia me espionar. Pensei que ele nunca descobriria.

Michael esperou a sua vez… por treze longos anos. Durante esse tempo, tentou

outra tática — encorajou os filhos a se envolverem com as meninas Anderson. As filhas de Marie-Claire eram gêmeas e se chamavam Amanda e Nicole. Como a mãe, Nicole possuía uma chama acesa, talvez despercebida, de habilidade com a magia, mas Amanda parecia uma folha em branco — tímida e passiva como o pai, Richard Anderson.

Eli investira em Nicole, e ela, mal completados os 14 anos, não fora capaz de resistir à sedução. Eli era quatro anos mais velho, e, quando Marie-Claire obrigou Nicole a terminar o relacionamento, a filha manteve o namoro às escondidas. Talvez a menina pressentisse o poder escondido em Eli Alain Deveraux. Talvez, ser expulso com frequência e algumas vezes preso fizesse dele alguém excitante e proibido. Outrora, todos os seus "crimes" seriam vistos pelo que eram — espírito elevado e sangue quente. Mas, hoje em dia, tempos civilizados ao extremo, tempos inacreditavelmente chatos, Eli fora classificado como um "delinquente juvenil".

Agora, aos 16 anos, Nicole ainda se encontrava com Eli sempre que podia.

Michael sabia que a reputação duvidosa do filho aumentava o próprio poder de atração: pobre Michael Deveraux, um pai lindo, solteiro, abandonado pela mulher, tentando arduamente administrar sua carreira bem-sucedida de arquiteto enquanto precisava prover os filhos. Era um desafio para as mulheres que imaginavam poder tornar-se seu anjo salvador, assumindo aqueles meninos sem mãe e podendo gastar todo aquele dinheiro…

Assim, enquanto ele seduzia as mulheres casadas de Seattle e almejava Marie-Claire como prêmio, a tímida Amanda se apaixonara por Jeraud. Michael sabia disso porque espionava a família com frequência, mas Jer não fazia ideia da paixão dela. Jer encontrara a paixão em outro lugar, com aquela formanda bisbilhoteira, Kari Hardwicke, na universidade. Michael não a suportava. Ela queria saber tudo de magia; estava atrás de poder. Além do mais, era uma vagabunda.

Mas Jeraud-Luc não era do tipo que aturava receber ordens, mesmo quando era de seu interesse obedecer. Por isso, ficou com a formanda enquanto Eli mantinha os encontros com Nicole, como Michael queria. Apesar de Eli ser muito mais rebelde do que o irmão mais novo, pelo menos enxergava a sabedoria de fazer o que o pai mandava se isso lhe garantisse o que ele queria.

E Michael sempre garantia que Eli tivesse o que queria. Ficaria sob seu controle… *Mas Jer…*

Et bien, *como Laurent gosta de dizer. Tudo isso vai acabar assim que Jer se der conta de que tenho o segredo do Fogo Negro, finalmente. Então, nada entrará no caminho da Confraria Deveraux*.

A bruxa-mãe dos Cathers morreria esta noite, e as garotas logo depois. O experimento de Michael de unir as duas famílias chegara ao fim, e os Cathers logo se mostrariam mais úteis como sacrifícios aos Amigos da Escuridão do que como parceiros de magia.

Chegou a hora.

Inclinou-se para colocar sua sofisticada capa verde de caçador, decorado com Luas em eclipse e garras vermelhas de águias. Havia poder no veludo e no cetim, e, quando ele colocou o capuz sobre a cabeça, seu couro cabeludo formigou. Espasmos como os de uma corrente elétrica iam e vinham da cabeça aos pés. Ele estudou os dedos, lançando faíscas verdes luminescentes no ar. Um zumbido quase inaudível tomou conta de seu corpo, como um som de fundo para a chuva do lado de fora. Então, ele se virou para olhar Marie-Claire.

Os dois amantes haviam planejado aquela noite durante quase um mês. O marido chato e fraco dela estava fora da cidade e as filhas dormiam na casa de amigas. O fato de as circunstâncias serem tão favoráveis era para ele mais uma evidência de que este seria um Lammas especialmente memorável.

Não que ela soubesse que era o Lammas; ele nunca compartilhara suas práticas mágicas com ela. Apenas tentara conquistar poder por meio de seus encontros sexuais. Não dera muito certo. Ficara surpreso e desapontado… Dizia-se que, em cada geração de bruxos e bruxas, um de cada família era o mais forte. Nenhuma das combinações que ele perseguira e encorajara — ele e Marie-Claire; Eli e Nicole; Jer e qualquer uma — promovera uma colheita proveitosa, que valesse a pena cultivar. Michael se perguntava se, uma vez esquecidos de seu legado, a magia dos Cathers-Cahors ficara adormecida por tanto tempo que seu poder tivesse sido enfraquecido de forma considerável.

Mas esta noite tinha bons presságios para que o Fogo Negro fosse trazido de volta… Se ele, Michael, levasse ao Deus sacrifícios pertinentes. Uma bruxa, mesmo que muito fraca, era sempre um troféu. Sua alma com certeza valeria alguma coisa no submundo…

No percurso para a casa dela, preveniu-se para que seu Porsche Boxer não fosse visto, e tambolirou no painel do carro escutando o Pai da Gratidão, extasiado com a ironia da "Festa do Homem Morto" — "*andando com um homem morto nos meus ombros*". Imaginava que Laurent estava com ele, em algum lugar, em espírito, se não manifesto.

Uma vez na casa de Marie-Claire, Michael costumava levá-la ao quarto do casal — ela não se importava de dormir com ele na cama do marido —, e sentia-se, para a própria surpresa, incrivelmente terno em relação a ela. Seria a última vez dos dois, ainda que ela não soubesse disso. Estaria morta em questão de horas, e ele queria lhe dar algo que a fizesse se lembrar dele quando sua alma fosse, aos gritos, para o Inferno.

Naquela noite, porém, Michael sugerira que fossem para a sala de estar, e ela iria com ele para qualquer lugar, mesmo que fosse do lado de fora, debaixo de chuva. *Sou bom mesmo*. Ela adorava vinho Cabernet; por isso, ele colocara uma droga em sua taça em vez de se dar o trabalho de um encantamento. Para ser bem-sucedido, teria que poupar todo o seu poder mágico. Ainda não decidira se Marie-Claire

morreria inconsciente ou se a acordaria para que sentisse as chamas. Laurent ia gostar de vê-la sofrer, claro — ganharia pontos com o duque se fizesse isso.

Ninguém é tão implicante como esse meu ancestral.

Com a tempestade castigando a casa, os anjos tristes com a falta de moral daquela mulher, Michael a encarou, muito tocado por sua doçura. Então, decidido, abriu sua pasta e tirou dali o punhal de rituais, seu *athame* de cabo negro, manejando-o com cuidado e reverência. A lâmina dupla estava danificada e áspera, mas muito, muito afiada, e carregava as manchas de um sem número de sacrifícios. *Se as paredes da minha câmara de magia pudessem gritar, os trovões lá de fora seriam meros sussurros.*

Como todos os praticantes de tal Arte, ele mesmo forjara seu punhal. Uma vez criado, alimentara-o com o próprio sangue. Marie-Claire ficara chocada quando vira pela primeira vez as cicatrizes no seu peito e nas coxas, sem suspeitar de que não eram fruto de uma janela quebrada quando ele tinha 16 anos — a desculpa que ele inventara —, mas do ato de dar àquela faca mágica o gostinho dos rituais de sangue, tortura e morte.

— Abro este Ritual com o sangue Deveraux — murmurou em francês medieval e cortou a palma da mão esquerda. Gemeu, prendendo a respiração. Não gostava de sentir dor e nunca se acostumara à que o *athame* podia provocar quando utilizado da forma correta.

Enquanto um zigue-zague vermelho se formava na sua linha da vida, a luz de um raio iluminou a sala. Um trovão ecoou em seguida, sacudindo os pilares da mansão. O clarão iluminou cada canto do grande cômodo, evidenciando a sofisticação das antiguidades que Marie-Claire adorava comprar, e ele esfregou as maçãs do rosto dela com um tecido dourado. A mulher permanecia imóvel no sofá. Como se tivesse sido radiografada, cada osso de seu crânio brilhou através da pele. Seus dedos se transformaram em gravetos de ossos, e seu gracioso pescoço evidenciou o arco da coluna vertebral, cada vértebra, uma acima da outra, claramente visível.

É um sinal, pensou Michael. *O Cornífero está aceitando Marie-Claire como meu sacrifício.*

— Você está vendo isso, Laurent? — murmurou. — Os grandes vão ficar do nosso lado depois dessa.

Com a mão boa, tirou uma caixa de madeira trabalhada da pasta. Rostos demoníacos, com as línguas de fora, encararam-no do centro de pentagramas, um de cada lado da caixa. O falcão dos Deveraux estava esculpido na tampa, com um punhado de hera no bico. A hera era o símbolo vivo do Homem Verde e dos bruxos que adoravam o Senhor em todos os seus disfarces. Deixe que as bruxas tenham sua Senhora, sua Deusa. Era um fato da natureza que homens são mais fortes, sempre prevaleceram, não importa em que circunstâncias ou campos de batalha.

Michael levou a caixa até a lareira vazia — fora um pouco difícil dissuadir Marie-Claire de acender o fogo, quando a noite pedia — e ajoelhou-se. Baixou a cabeça e

fechou os olhos, convocando em silêncio sua força oculta para o que estava por vir.

Atrás dos tijolos e do cimento da lareira, o corpo do falcão que prendera ali, vivo, três meses antes, queimava. Michael Deveraux era conhecido por seu esforço incessante de localizar e preservar as grandes e antigas construções de Seattle e por sua atenção meticulosa aos detalhes referentes a cada período ao fazer restauração. Na verdade, se provara uma ajuda maravilhosa à família Anderson quando decidiram colocar abaixo a lareira dos anos 1940 que desfigurara sua casa vitoriana, para devolver a ela sua antiga grandeza.

Aproveitando a oportunidade — que ele ajudou a criar, deixando escapar algumas pistas certeiras sobre como aumentar o charme original daquela casa adorável —, Michael se oferecera para fazer o serviço ele próprio. Richard lhe prometera a cópia mais recente de seu software como pagamento. Michael fingira estar satisfeito com a troca, apesar de não dar a mínima para compressão de dados ou o que quer que fosse o produto criado e vendido pela empresa de Richard. Mas o resultado da barganha, a quantidade de feitiços e sacrifícios que instalara dentro da lareira, assombraria a maioria dos bruxos se soubessem disso.

A astúcia de Michael com certeza impressionara Laurent.

Desde que seu antepassado lhe contara a história dos Deveraux e dos Cahors, Michael tentara evocar o Fogo Negro. Dizia-se que o segredo do Fogo morrera com o filho de Laurent, Jean, e que, se algum dia os Deveraux o recuperassem, eles dominariam todas as Confrarias se a convocação fosse correta. Laurent estava tão ansioso quanto Michael para atrair a arma secreta; eles só discordavam quanto à melhor maneira de consegui-la. Michael estava certo de que aliar sua Confraria à de Marie-Claire mais uma vez desfaria o encantamento sombrio. Laurent, que odiava qualquer remanescente dos Cahors, representados, no caso, pela mulher e as filhas dela, não tolerava essa ideia. Ao contrário, ele tinha certeza de que a existência das três mulheres só impediria o sucesso da empreitada.

Logo, logo saberemos se Laurent estava certo, pensou Michael.

— Convoco meus ancestrais e seus poderes — cantou em francês medieval, levando a mão ensanguentada à boca. — Convoco a Escuridão. Convoco os Caçadores, para que me ajudem na caçada. *Avantes, mes chiens.*

O ruído distante do vento de tempestade ecoou pela sala. O topo do monte de cinzas na lareira se moveu de leve. Michael permaneceu ajoelhado, com o gosto do sangue na boca, à espera.

O ruído aumentou. Uma brisa gelada eriçou o cabelo negro da nuca de Michael, e ele sorriu, excitado. Os Caçadores haviam se libertado.

— *Mes chiens, mes frères du diable* — disse ele, corajoso, evocando-os. — *Aidez-moi*. Ajudem-me.

Então, retirou a mão da boca, suspendendo-a, como num juramento de tribunal. O assovio fraco do vento se transformou em uivos fortes de cães enormes, animais

de força demoníaca e sentidos obscuros; criaturas capazes de farejar almas e luz, capazes de devorá-las por completo, destruindo quaisquer forças ou talismãs protetores destinados a impedir que o ritual de Michael atingisse seu objetivo.

Marie-Claire suspirou. Para seu choque, ela se virou no sofá, como se procurasse uma posição mais confortável.

Ela não deveria ser capaz de se mover.

— Marie-Claire? — chamou, baixinho, com cuidado. Ela não respondeu, deitada, a palidez e imobilidade dos mortos. Ele pensou na possibilidade de estar imaginando, vendo coisas. — Laurent? É você?

Marie-Claire se mexeu de novo. Com certeza se mexeu.

— *Aidez-moi*! — sussurrou Michael, sob os ganidos e uivos sobrenaturais, que, na sequência, transformaram-se em latidos frenéticos. Enquanto olhava para a mulher inconsciente, os cães farejadores invisíveis uivavam em triunfo. Haviam captado o odor de algo contrário a Michael, algo que o desviava de seu foco, e ladravam em êxtase demoníaco enquanto cruzavam as florestas ocultas de seu reino de poder. Obstáculos já haviam se apresentado antes, claro, em especial durante outros encantamentos. Nenhum bruxo vivo existia sem seus inimigos, e Michael, sendo ambicioso, tinha muitos.

Será que sir William soube do meu plano para destruí-lo? Será que um dos meus aliados da Suprema Confraria me delatou?

Deixaria os invasores a cargo dos Caçadores. Se eles pegassem algo, então lidaria com as circunstâncias. Enquanto isso, continuaria fazendo o melhor possível, tentaria se adiantar a qualquer um ou a qualquer coisa que tentasse impedi-lo. As forças estavam em alinhamento *agora*, e era impossível alterar sua rota.

Franziu o cenho, concentrando-se ao estender sua mão ferida sobre as cinzas. Seu sangue rico e vermelho pingou com precisão e seu coração estabilizou quando ele começou a cantarolar em língua arcaica o cântico de seus ancestrais. Traduzia, em sua mente, as palavras poderosas: *Evoco o Fogo Negro dos Deveraux, condamo a Noite das Chamas. A hora é nossa. É nossa Vontade.*

É meu destino.

As patas dos cães ressoavam sobre o piso recentemente encerado da mansão dos Cathers. Começaram a se materializar e tomar forma. Sombras vagas e difusas cruzaram o ambiente, passando por cima dos móveis, arranhando o papel de parede. O lustre de cristal sobre o sofá balançava como uma boia nas águas de uma baía.

Os cães com certeza estavam atrás de algo, e isso os levava a uma caçada selvagem. Fosse o que fosse, estava se aproximando. A qualquer momento, se materializaria naquele cômodo.

Michael abriu bem os olhos e pressionou a parte branca com o dedo, abrindo sua Visão com o próprio sangue. Sua vista foi tomada de um rosa viscoso, e sob a cacofonia instalada, ouviu o falcão que emparedara se mover dentro da chaminé,

tentando se juntar ao evento.

Pensou ter visto uma vaga silhueta humana, mas não conseguiu ter certeza. Esfregou os olhos para enxergar através do sangue, enquanto os cães rodeavam a forma bruxuleante, latindo e uivando como fantasmas. Da sua mão, sangue pingava sem parar no chão.

— Tire isso do meu caminho — disse ele, levantando a mão. — Eu te repudio. Eu te expulso. Eu te renuncio, em nome do Deus Caçador.

A figura estendeu os braços, e um vento novo, gelado, percorreu a sala.

Por instinto, Michael foi em direção às cinzas da lareira, cobrindo-as com as mãos para protegê-las.

E, nesse momento, Laurent, duque de Deveraux, apareceu, em seu estado avançado de decomposição, ao lado de Michael.

Os olhos vazios o observavam; a boca descarnada aberta num riso de fúria. O fantasma levantou um dos braços ossudos e socou o rosto de Michael, os fragmentos de seus dedos cortando-lhe a bochecha.

Michael caiu para trás, mais chocado do que ferido, encarando o duque, que ia até a lareira e apanhava um punhado de cinzas. O nobre ancião aninhou as cinzas contra as costelas, onde seu coração decomposto se mantinha pendurado como uma bola murcha, e acertou com o outro punho o homem caído no chão.

— *Tu n'es rien* — A voz do duque ecoou pelo seu maxilar descarnado. *Você não é nada.*

Então, enquanto Michael o encarava furioso e impotente, os Caçadores desapareceram, o vento cessou e o duque e a figura fantasmagórica também partiram.

Era o fim. Seu encantamento não funcionaria naquela noite.

Enraivecido, tirou seu manto e o guardou.

Vou matá-la mesmo assim, pensou, com selvageria. *Serei o descendente zeloso, arrependido da minha desobediência, e farei qualquer encantamento que Laurent me mostrar. Descobrirei o segredo do Fogo Negro, mesmo que leve a vida inteira para isso.*

Vou estrangulá-la durante o sono. Nos tempos antigos, bruxas confessas eram enforcadas antes de serem queimadas. Ela ignora os próprios poderes, o que a torna de alguma forma inocente e equilibra a roda do carma. Ela tem um pescoço tão esguio; será fácil.

Naquele silêncio, o telefone tocou como um mau agouro. O celular de Marie-Claire de alguma forma fora parar no sofá, apesar de Michael não ter percebido isso antes.

Levantando de uma só vez, ela sentou e procurou o aparelho.

— Alô? — disse Marie-Claire, um pouco confusa. Olhou para Michael e balbuciou: — *Eu cochilei*?

Ele fez um gesto afirmativo, segurando a mão ferida e cerrada, escondendo-a atrás das costas. Ele pareceu ter recobrado o equilíbrio, porque ela voltou sua atenção

para a voz do outro lado da linha. Primeiro, ela piscou, depois franziu o cenho. Disse, com voz aguda:

— O quê? *O quê*? — Sua boca moveu-se em silêncio por alguns segundos, depois seu rosto se contorceu, e ela começou a chorar. Com a mão tremendo, pressionou o telefone contra o peito. — Meu irmão morreu — choramingou. — A mulher dele também. Jesus, Michael…

— Meu Deus! — respondeu Michael. Desesperada como estava, ela nunca perceberia que ele estava fingindo. Ele estendeu a outra mão. Ela se levantou do sofá e o abraçou, tremendo, a orelha de novo colada ao telefone.

— Holly. Claro. — Fazia gestos afirmativos enquanto falava. — Claro que pode. Vou pegar um avião. — Lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Claro, claro, com certeza. — Passou a mão no cabelo, e Michael a abraçou para dar-lhe apoio.

— Ligo de volta para você — disse ela. — Isso. Obrigada. Claro.

Desligou, depois pressionou o corpo contra o dele, em busca de segurança.

— Daniel — murmurou. — Oh, Daniel…

Michael a confortou; era bom com animais e mulheres. Acariciou-lhe as costas e o rosto suado, frio, e lhe beijou a testa. Deixou que soluçasse por um tempo que lhe pareceu uma eternidade impaciente — mas sem demonstrar. Perguntava-se se os filhos já teriam chegado em casa, onde eles estariam. A noite nem um pouco terminara da maneira como ele esperava.

Será que ainda devo matá-la?, perguntou-se, olhando sem emoção para a cabeça abaixada, a cabeleira despenteada de cachos brilhosos.

Ela levantou a cabeça e disse:

— Querem que eu vá buscar minha sobrinha. Ela ficou órfã. Não tem mais ninguém.

— Sua sobrinha — disse Michael, bem devagar.

Ela fez que sim.

— Filha do meu irmão. Holly.

Ele conseguiu dissimular o choque ao saber da novidade. Manteve a voz baixa, e a expressão era um modelo de compaixão desinteressada.

— Não sabia que havia outra mulher na sua família.

Ao ouvir isso, ela voltou a soluçar.

— Ela não é uma mulher. É da idade das minhas gêmeas.

Então existe outra Cathers-Cahors, outra fêmea. Talvez ela seja a herdeira dos poderes mágicos da família. Se eu a unir à nossa Confraria, o Fogo Negro talvez queime com seu brilho em favor de Michael Deveraux, finalmente…

— E ela virá morar com você — disse, cuidadoso.

— Querem que eu vá buscá-la. Ela não tem ninguém — respondeu, olhando para ele desesperada.

— Então você deve ir. Ela é da família.

Marie-Claire suspirou, resignada e determinada ao mesmo tempo.

— O enterro é daqui a dois dias. Vou viajar amanhã de manhã. — Ergueu o rosto coberto de lágrimas e olhou nos olhos de Michael. Seus lábios estavam úmidos e seu corpo fazia pressão contra o dele. — Que bom ter você aqui — sussurrou. — Não suportaria ficar sozinha hoje à noite.

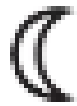
— *Ma chère* — respondeu, afastando as mechas úmidas da testa dela. — Não se preocupe. Vou cuidar de você.

E, naquele momento, ele estava de fato feliz por não ter matado a amante.

Ainda.

TRÊS

LUA DO SANGUE



Alimentamo-nos de reis e santos, prazerosamente,
E lavamos sua carne com bebidas fermentadas em álcool,
Banhamo-nos com sangue e fragmentos de ossos
E sonhamos com o medo que disseminamos.

Sob a luz da Lua abençoada,
Caçaremos novamente em breve
E agarraremos com nossas armadilhas
A herdeira única de nosso maior inimigo.

Hospital de Canyon Rock, Arizona

Holly estava à deriva num mar tranquilo, meio dormindo, meio acordada. Apesar de seus olhos estarem fechados, sentiu a luz do Sol através das pálpebras e sorriu com a sensação agradável de calor no rosto. Logo, sua mãe a mandaria passar filtro solar, e Holly obedeceria para agradá-la. No íntimo, gostava de estar bronzeada, não se incomodava. Dizia a si mesma que seu chapéu de caubói era suficiente, mas é claro que isso não era verdade.

Uma sombra se interpôs entre ela e o calor reconfortante do Sol; ela franziu um pouco o cenho, mas relaxou ao ver uma mão familiar, grande, envolver a sua e apertá-la de leve. Tentou dizer "Oi, pai", mas o esforço era demais para seu delicioso estado de torpor. Então, sorriu de novo, dando-lhe boas-vindas, e se deixou flutuar, sua mão na dele, seu pai amado, lembrando-se de todos os anos de amor e adoração. Sua mãe sempre dizia que Holly era o xodó do pai, mas ela não ligava. A infância de Elise Cathers fora um pesadelo, e ela dizia que um dos maiores presentes que poderia dar à filha era o amor saudável e respeitoso do pai que escolhera para ela.

— Não querer que ele fique por perto, não ser capaz de amar seu pai é a pior coisa para uma garota. Fico feliz que você ame tanto seu pai. — Era isso que Elise dizia para Holly, sorrindo depois com certa melancolia. — É como diz o escritor: ter um filho é uma oportunidade de acertar as coisas.

Holly se impressionava com o fato de a mãe, apesar de repetir sempre aquelas palavras, ser incapaz de lembrar o nome do escritor, ou mesmo em que livro lera aquilo. Mas Holly captou a mensagem e se orgulhava muito da mãe; fosse o que

fosse que tivesse acontecido com ela na infância, não a derrubara. Era uma médica talentosa e compreensiva e uma mãe maravilhosa. A única coisa em que não era muito boa era ser esposa.

Ou a culpa de tantas brigas era do pai?

Haveria tempo para se preocupar com isso; por enquanto, ela e o pai saboreavam a paz e a tranquilidade juntos. O momento era uma dádiva. Vários pais das amigas de Holly não percebiam que bastava ficar perto dos filhos, sem dias superprogramados, sem noites saturadas de "atividades" e presentes caros para compensar a ausência e as faltas em apresentações da escola. Mas a mãe de Tina sabia disso. *Ela também é uma ótima mãe*.

A mão do pai começou a afrouxar, e ela ouviu a voz dele dentro da sua cabeça: *Hora de acordar, pequena*.

Depois, o pânico, porque ela sabia o que significava aquele sonho. A palavra *sobrevivente* ecoava na sua cabeça confusa, e ela sabia que estava retardando alguma coisa; quando acordasse, lhe contariam das mortes. Alguém morrera… *Não, espera, eu não posso ter certeza disso. Pode ser que todos nós sejamos sobreviventes. Porque é a minha vida, e na minha vida coisas como a morte não acontecem…*

A voz do seu pai sussurrava mais insistente: *Acorda.* Ela se deu conta de que as palavras vinham de fora da sua cabeça. Isso significava que ele estava vivo, logo ali ao lado dela, de fato tentando fazer com que saísse do mundo dos sonhos.

Seu coração começou a bater mais rápido, e ela tentou abrir os olhos. Estava absurdamente cansada. A cabeça pendia como se estivesse caindo; então, sua perna esquerda se moveu, como as partes do corpo se movem involuntariamente quando a gente está acordando ou pegando no sono. Pelo calor no rosto, presumiu que estava de frente para o Sol, e tentou virar a cabeça, mas não conseguiu.

— Holly, acorda.

Ela acordou, porque aquela era, com certeza, a voz do seu pai. Ela não só virou a cabeça como abriu os olhos, um sorriso no rosto e…

Ela soltou um grito profundo. Gritou de novo e de novo; porque seu pai estava inclinado sobre ela, mas ela não tinha certeza de que era ele, porque o rosto da figura estava esmagado, a carne inchada e escura. Não via olhos, só pálpebras comprimidas; o nariz fora achatado por alguma colisão frontal, a cartilagem e os ossos espalhados pelas bochechas. O queixo se partira em dois, e as pontas do maxilar pendiam como asas de um frango assado.

Uma voz saiu da boca destruída, mas ela gritava tão alto que não escutava o que era dito. Não conseguia saber se era a voz de seu pai. Desviou o olhar, sacudindo mãos e pernas, recolhendo o corpo para trás, apavorada, gritando. O rosto acompanhou seus movimentos, depois virou-se em outra direção.

Algo apertou seu braço e deu uma picada dolorosa, e o rosto em ruínas se dissolveu em câmera lenta. Enquanto seus gritos se tornavam gemidos, depois

soluços, ela era forçada a assistir à pele arroxeada escorrer da testa e das bochechas do pai, até chegar ao queixo. Depois, os ossos se esticaram como cera, alongando-se de maneira horripilante; e depois, por um instante, uma forma oval e negra olhou para ela. A máscara de sombras a encarou e desapareceu, de uma vez só.

Em seu lugar, surgiu o rosto de uma mulher muito simpática e maquiada com glamour, quase na meia-idade, os mesmos olhos escuros e brilhantes, a mesma boca generosa, e o mesmo cabelo rebelde e escuro do pai dela. Holly piscou, confusa demais para falar, e a mulher lhe estendeu a mão.

— Sou sua tia — disse mostrando a boca pintada de batom vermelho brilhante, e Holly voltou a dormir.

Num mar lindo, tranquilo, ela segurava as mãos do pai e…

E a morte tinha a ver com a vida de Holly Cathers, afinal de contas.

Era a única sobrevivente do rafting no rio. A mãe, o pai, Tina, até mesmo o guia, Ryan: todos estavam mortos.

Estava num hospital perto do Grand Canyon, onde trataram as fraturas expostas e a sedaram depois do surto. *Mas eu vi meu pai. Eu vi meu pai, todo… todo machucado.* Filha de uma médica de plantão de emergência, Holly não era fresca. *Mas era o meu pai. Meu pai. Eu quero meu pai…*

Holly começou a gemer. Fechou os olhos e se debateu como um animal à beira da morte. Sua boca se encheu de um gosto ácido; ela jogava o corpo para frente e para trás, agarrando a manta fina do hospital como se quisesse proteger sua veste cirúrgica. Soluços pesados, profundos, explodiam dentro dela, exaurindo-a. Tudo que conseguia fazer era chorar.

Alguém falou com grande autoridade, anunciando:

— Tudo bem, Holly. Vá em frente. Coloque tudo para fora. — Ela não saberia dizer por quanto tempo chorou, até que a mesma pessoa disse para outra no quarto: — Meu Deus. Vamos ter que dar algo para ela.

Outra picada e ela pegou mais uma vez num sono entorpecido, ouvindo barulho de asas, talvez um pássaro predador. Rodopiando, mergulhando, descendo o túnel da escuridão com ela…

…Então, ela se deu conta de que era seu próprio coração batendo muito, muito rápido, depois mais devagar… mais devagar…

…uma mão enluvada se fechou, e o pássaro se acomodou sobre ela.

Holly acordou de novo, exausta, enjoada e dormente. A mulher que dissera ser sua tia tentou parar de chorar. A maquiagem estava toda borrada. Assoou o nariz com um lenço de papel e disse:

— …a sua guarda, no testamento do seu pai.

Holly não conseguia lembrar o nome dela. *Papai nunca me falou que tinha uma irmã.*

— Hum… e você vai gostar do colégio. — A mulher engoliu com dificuldade. Seus olhos iam de um lado para o outro, como se buscasse um ponto de fuga. Usava bastante bijuteria, e seus brincos brilhavam quando ela se movia. — Minhas filhas gostam do colégio.

Holly apertou os olhos inchados.

— Colégio?

— Você vai entrar no último ano, não é? — perguntou a mulher.

Anos antes, quando o irmão de Janna Perry morrera, Janna se tornara uma espécie de celebridade. Todo mundo cercava a garota de 11 anos, ela era tratada com cuidado, sussurros sobre a pobrezinha eram ouvidos em círculos de crianças, a coitada, a que ficou para trás. Janna era bem esquisita e virou santa. Ela até se comportava feito santa. Ficou boa. Ficou gentil. Mas estava muito, muito triste.

Crianças tristes ficam assim.

Coleguinhas que tinham sido perversos com ela agora traziam presentes. Aquelas com quem ela tinha sido perversa faziam convites para ela dormir em suas casas, para jantares e festinhas. Ela não precisava fazer as toneladas de deveres de casa e, apesar de ter perdido muitas aulas, passara de ano com honra ao mérito pela primeira vez na vida. Holly, que só tinha 9 anos na época, teve ciúme. Todo aquele drama, toda aquela aura de ser especial, Janna vista como uma trágica heroína mítica circulando com suas olheiras, indo para a enfermaria sempre que queria. A garota entrou para o rol das coisas legais e, pelo resto da vida, teria uma carta imbatível na manga para usar sempre que quisesse atenção.

— Então… é… a gente pode arrumar as suas coisas e… — A tia pareceu confusa por um instante. — Onde você mora?

Holly a encarou.

— O quê?

Antes que a tia pudesse responder, alguém bateu na porta do quarto. Antes que Holly dissesse "pode entrar", a porta se abriu.

Barbara Davis-Chin, de macacão de veludo e sandálias, a hippie Barbara, sem nenhuma maquiagem e o cabelo preto enrolado num coque, parou no umbral da porta por um instante. Olhou para Holly e foi até ela. A tia da menina saiu, desajeitada, do caminho, e os braços de Barbara enlaçaram Holly, e ela pressionou seu rosto contra o da menina. Cheirava a suor e perfume, e lágrimas rolaram no rosto de Holly.

— Holly, meu amor — murmurou. — Ah, Holly. Ah. — Embalou a menina, que se agarrou a ela com toda a força, tremendo e chorando.

— Tina. — respondeu Holly aos sussurros, segurando-a com força, grata pelo fato de Barbara estar ali. Ela era sólida e real. Talvez tudo fosse um engano, talvez

Barbara agora fosse lhe dizer isso, e as coisas voltariam a ser como antes.

Não me importo se minha mãe e meu pai passarem o resto da vida brigando, pensou.

— Foi um engano, né? — deixou escapar. — Não eram eles.

— Vi os corpos, meu amor — disse Barbara com firmeza, acariciando o rosto de Holly. — Identifiquei os corpos.

Holly se impressionou com mais essa onda de sofrimento e desespero. Não sabia que as pessoas podiam sofrer daquela maneira. Pensou de novo em Janna e ficou profundamente envergonhada.

Talvez Deus esteja me castigando, pensou.

Depois que Holly se acalmou, Barbara se voltou para a estranha e disse:

— Meu nome é Barbara Davis-Chin. Mãe da melhor amiga da Holly. — Estava incrivelmente composta.

— Sou a tia de Holly, Marie-Claire — disse ela. O sorriso em seu rosto era pálido, frágil e triste. — Acho que Danny nunca falou de mim. Parece que ele me listou como parente mais próximo.

Barbara olhou para ela como quem se desculpa, depois voltou sua atenção para Holly.

— Meu amor — disse —, sua mãe me pediu para tomar conta de você caso acontecesse algo com ela. Você sabia disso?

Holly não ficou surpresa, mas, mesmo assim, disse que não.

Barbara assentiu com a cabeça. Inclinou-se e passou os dedos no cabelo de Holly.

— Vi você crescer — disse, suave.

Holly olhou para a tia recém-descoberta.

— Meu pai quis que eu ficasse com ela.

— Pois é, falando nisso… — começou a dizer Barbara.

A mulher deu um passo a frente e interrompeu:

— Holly, se você quiser ficar com outra pessoa, tudo bem. — Sorriu Marie-Claire para as duas. — Com certeza não quero que Holly vá para Seattle comigo forçada.

Por um segundo, Holly sentiu-se ferida. Era óbvio que a tia não queria ficar com ela. Depois, sua porção mais adulta se fez presente: quem iria querer uma adolescente em casa? A família de Marie-Claire tinha a sua vida, e ela era uma estranha. Além do mais, Holly queria passar seu último ano escolar em São Francisco.

— Mas claro que, se você quiser ir para Seattle — complementou tia Marie-Claire —, vai ser mais que bem-vinda. — Levou a mão ao braço de Holly, num gesto de encorajamento. — Adoraria conhecer a filha do Danny. — Seu olhar abrandou. — Senti falta dele esses anos todos.

— A gente pode falar sobre isso depois — sugeriu Barbara. — Holly precisa

pensar com mais calma nisso tudo.

— Não — afirmou Holly. Ficou envergonhada com o tom de pânico na própria voz. — Quero ficar com você, Barbara. Se realmente não tiver problema.

— Querida, é claro que não tem problema. — Barbara abraçou a menina. — É o que eu quero, também. A casa vai ficar terrivelmente vazia sem… sem a Tina.

— Tudo bem, então. — Marie-Claire juntou as mãos. Disse para Barbara: — Eu queria ir com vocês para casa, ajudar a tomar as… providências.

Os enterros, traduziu Holly, sentindo certo enjoo de novo. *Meu Deus, sou uma órfã. Meus pais morreram. Não tenho irmão nem irmã.*

— Holly? — chamou Marie-Claire.

As duas mulheres olharam para ela. Holly balançou a cabeça.

— Estou cansada. — Tocou a própria testa e suspirou. — Muito cansada.

— Ela precisa descansar. — anunciou uma enfermeira, ao entrar no quarto. — Já teve visitas demais por hoje.

Barbara se afastou da cama de Holly e disse para Marie-Claire:

— Vamos tomar um café, ok?

De forma simultânea, as duas sorriram para Holly e depois pegaram as bolsas e saíram do quarto. Barbara era a expressão da contracultura de São Francisco, e Marie-Claire, uma sofisticada profissional da moda.

Ela deve ser rica, pensou Holly. Então, percebeu: *agora sou rica também*.

— Você está muito agitada. Vou pedir ao médico para prescrever algo para você dormir — disse a enfermeira.

— Não — sussurrou Holly, pensando no sonho terrível. Mas, logo em seguida, seus olhos se fecharam, e ela voltou a vagar pelo rio, com o pai e a vida que jamais voltariam.

Universidade de Washington, Seattle

A sauna estava repleta de suor e corpos seminus. Jer estava em silêncio, buscando a serenidade que o abandonara na noite anterior. Era o Lammas, um dos mais importantes Ritos do ano dos bruxos, e seu pai não dera as caras.

Ele e Eli haviam celebrado juntos, o que era sem graça, já que um irmão não suportava o outro. Sendo o mais novo, Jer fora obrigado a servir como substituto ao Ritual, incensando o ambiente enquanto o irmão fazia graça de tudo até finalizar a cerimônia entoando, em voz jocosa: "Vá em paz. A Missa Negra acabou. *Mwahahah*."

— Eu não sei o que você andou fazendo, mas está cansado, é isso? — perguntou Kari. Jer não abriu os olhos. Não era educado falar na sauna e ela sabia disso. Kari ficara chateada por ele ter ido embora na noite anterior sem convidá-la para ir junto.

Ela acha que me sinto culpado e por isso vou entregar alguma coisa? Mas eu não sinto nem

um pingo de culpa.

— Por favor, amor? É para a minha dissertação sobre o folclore da colheita — insistiu Kari, arqueando as costas e movendo o pescoço, abanando o vapor e a fumaça em direção ao próprio peito. Dizia-se que isso eliminava as impurezas, por dentro e por fora. Jer se ressentia da tentativa de manipulação, apelando ao chamar atenção para o próprio corpo, e se sentia humilhado porque o plano funcionava. Homens se deixavam dominar pelos desejos, e mulheres como Kari sabiam disso.

— Ei — protestou Kialish. — Nada de ficar conversando aqui. — Com o tempo, Kari parecia ter esquecido que era visita ali. A sauna pertencia a Kialish, Eddie e Jer, se é que se podia dizer que pertencia a alguém, já que era da Universidade de Washington.

— Desculpa — disse Kari, nem um pouco arrependida. Levou a mão à testa. — Está muito quente aqui, hoje. Não consigo manter a concentração.

— Ninguém consegue, com você falando. — disse Kialish, firme.

— Tudo bem. Des-cul-pa. Vou embora. — Olhou para Jer, desejando que ele fosse com ela.

Jer balançou a cabeça, depois girou os ombros, mostrando que, apesar de não estar com vontade agora, isso não significava que não podiam se ver mais tarde. Isso a amoleceu.

Tenho problemas com mulheres, pensou ele. Seu pai insistia que a mãe era terrivelmente insegura e passiva, uma pessoa muito fraca. Ocorrera a Jer mais de uma vez que deixar alguém requer atitude, qualidade incompatível com uma pessoa muito insegura, fraca e passiva. Também se esforçava para deixar os pensamentos sobre a mãe no passado, lugar ao qual pertenciam, mas descobriu que era impossível. Como não confiava na versão do pai, e isso era tudo o que tinha no momento, melhor que não formasse impressão alguma sobre a mãe.

Mas um dia terei poderes mágicos suficientes para isso. E vou fazer um encantamento para localizar a minha mãe, para saber se ela está bem. Vou perguntar se ela se arrepende de ter me deixado com ele e com Eli…

Kari ficou de pé, mas se agachou um pouco sob o teto baixo e curvo da sauna. Acariciou o joelho de Jer e disse, baixinho:

— Vejo você mais tarde, amor. — Abriu a cortina e saiu, fechando as bordas de velcro do lado de fora com cuidado.

Agora que ela saíra, Jer voltou sua atenção mais uma vez para a madeira queimando. Olhou, as pálpebras semicerradas, embalando suas emoções para que ele voltasse à calma; deixou que os braços e as pernas pesassem, desacelerou a respiração. Pensou no calor penetrando em todas as cavidades do seu corpo, aquecendo-as, as ervas do vapor se misturando ao seu ser a fim de torná-lo uma mistura própria, criada por aquele lugar e aquele momento. Como goles d'água, sorveu aquela imagem, e começou a se distanciar de seus pensamentos — o ritual

de Lammas perdido, o irmão e o pai, obrigações da faculdade, Kari, o que sua vida seria depois da formatura… cada preocupação tornou-se distante, um objeto estranho que descartava com firmeza, limpando sua mente, livrando-se da confusão e da sujeira.

O fogo pareceu crescer, as pedras se assemelhando a pequenas rochas; as chamas como as de uma fogueira; os troncos, árvores caídas. Enquanto olhava fixamente, a fumaça rodopiava e formava imagens que não compreendia, símbolos mais significativos para Eddie e Kialish do que para ele — salmão, orcas e ursos de garras estranhas. Corvos voavam por toda parte, e outros pássaros se juntavam a eles, sobrevoando um céu de fogo e fumaça. Falcões voavam à altura da Lua, junto com águias. Os corvos circundavam os outros pássaros, enquanto falcões e águias guinchavam, uns na direção dos outros, bicando-se, aos gritos, as asas batendo. *Vum, vum, vum*; o céu enfumaçado vibrava com o bater de suas asas.

Vum, vum, vum…

Ele percebeu que as batidas do seu coração acompanhavam o ritmo das asas; depois, o som se alterou, tornando-se algo semelhante a batidas de tambor: *Bum, bum, bum…*

…e Jer estava em outro lugar, muito diferente da sauna; e era outra pessoa, alguém não muito diferente dele mesmo… alguém que se chamava Jean, um Deveraux como ele…

Os tambores soavam enquanto o Grande Caçador cruzava a floresta; o tom agudo lembrava Jean do rufar que antecedia uma execução importante. Uma marcha fúnebre, intencional, incansável… *A morte chega para todos, mas, neste momento, nós somos o exército da Morte*, pensou, surpreso.

Estava montando Cockerel, seu cavalo de batalha favorito, e encabeçava uma falange de Caçadores. Fantasme, o falcão familiar do Círculo, pousado em seu ombro como um irmão ávido, gritava pelo jantar.

Os batedores marchavam a pé, vários metros à frente. No geral, uma visão gloriosa. Os Deveraux a caminho de Greenwood, lar do Deus em sua forma de Rei da Natureza e do Caçador. Uniformes verdes e vermelhos, vestes sofisticadas de pele de arminho, joias vermelhas e mantos dourados da Terra Sagrada brilhavam, faiscavam sob o Sol convidativo.

Cheio de orgulho, Jean sinalizou para que os soldados continuassem seu trabalho. Com grandes bengalas de madeira, vasculhavam o solo, atiçando facilmente raposas, ursos e outras presas, que Jean e seu grupo matariam com alegria, espetando-as de cima de suas montarias, com espadas e lanças ensanguentadas.

Atiçavam animais havia horas, com grande sucesso. Atrás das filas de linhagens de nobres, serviçais carregavam as carcaças; o cheiro de sangue intoxicava os cães farejadores que, tensos, circundavam os carrinhos de mão. Estavam tão ávidos por sangue quanto os homens.

O pai de Jean, duque Laurent de Deveraux, trotava ao lado do filho, com um sorriso amplo. Inclinou a cabeça, envolta em veludo sofisticado, debruado de dourado, para Fantasme, que crocitou em resposta. Laurent vestia um traje sofisticado de arminho e couro. Jean era a versão jovem do pai — olhos vívidos e escuros, sobrancelhas grossas, cabelo e barba abundantes, escuros e brilhantes. Os narizes eram aquilinos, as bocas fortes, não muito carnudas. O rosto dos Deveraux era duro e anguloso. Rostos que prometiam impiedade, nenhuma ternura, nada a não ser frieza. Rostos de guerreiros. Segundo alguns, rostos demoníacos…

— Vamos ter um banquete maravilhoso — disse o duque, confiante, indicando a caça conquistada com a cabeça. — Vamos mostrar para aqueles Cahors de nariz empinado como homens de verdade preparam um banquete de casamento.

— E uma cama de núpcias também. — Jean sorriu para o pai.

Os dois riram, lascivos. O duque deu um tapinha no ombro do filho e disse:

— Antigamente, nos bons tempos das Confrarias, o líder se apossavam das virgens primeiro, sabia?

— *Oui, mon père*, e pelo que sei, a liderança do Círculo era conquistada por combate até a morte. — Lançou um olhar de esguelha, de certa forma desafiador, para o pai.

— *Touché*. — Laurent jogou a cabeça para trás e riu, claramente divertido, sem sombra de medo do filho. O duque era um leão; Jean sabia que anos se passariam até que pudesse ter a esperança de herdar-lhe os títulos, tanto de sua própria Confraria quanto da liga. Essa perspectiva não o incomodava: seu pai era um bom líder, e Jean era beneficiado pela sua liderança.

— É um grande dia, garoto. O dote dos Cahors faz de nós a família nobre mais rica da França. — Seus olhos brilharam ao pensar nisso. — Emprenhe Isabeau esta noite, e faço esse menino rei aos 12 anos.

— Como quiser, meu pai — disse Jean, abaixando o braço como um soldado. Seu sangue fervia ao pensar na noite de núpcias com Isabeau. — Vou fazer o meu melhor.

— Com todos os feitiços que professamos, vamos ter um menino no Beltane.

— *Certainement*, o Homem Verde vai premiar nossa generosidade. — Jean indicou com a cabeça os animais que já haviam matado. — Vamos dar a ele bastante comida. E, logo, daremos muito mais.

Os dois sorriram. Laurent fez um movimento mágico com a mão e piscou para o filho. Quase simultaneamente ao gesto, um batedor vestido nas cores dos Deveraux surgiu entre amendoeiras e gritou:

— O primeiro prêmio em carne!

— Ouçam, ouçam, o primeiro prêmio em carne! — gritou o conde Alain DuBruque, chefe dos Caçadores. — Essa recompensa está reservada, *mes seigneurs*, ao noivo!

Gritos de aprovação eclodiram nas fileiras de homens montados. Rufar de tambores; os cães latiram e rosnaram. Jean soltou as rédeas e elevou as duas mãos acima da cabeça, recebendo a aprovação da união a seu serviço. Cockerel empinou e fez um giro, relinchando, Fantasme sobrevoou sua cabeça, gritando por sangue. Jean cutucou o corpo sólido, quente de Cockerel e o fantástico garanhão recuou majestosamente. Fantasme pousou sobre sua cabeça, guiando o cavalo, como seu mestre.

— Soltem os cães! — comandou Jean.

Soar de trombetas. Ao fim da companhia de caçadores, uma matilha selvagem de cães famintos foi solta. Ganindo, latindo, partiram por entre os homens, desviando dos cascos dos cavalos, desenfreados, chocando-se uns contra os outros em direção às sombras da floresta. Jean se juntou à corrida, os cascos nobres de Cockerel quase perdendo de vista os cães impetuosos.

Então, a presa apareceu, forçada à luz pelos caçadores. Era um camponês alto, talvez 16 anos. Jean ficou satisfeito: a presa era um homem jovem, vigoroso, com muitos anos de vida pela frente. Era um bom sinal. O Homem Verde apreciaria um presente tão saudável e com certeza retribuiria a vitória de seu esforço com um filho homem. O primogênito da união entre Cahors e Deveraux deveria ser um herdeiro. Laurent e Jean não sabiam quanto tempo duraria a aliança entre as duas Confrarias; quem saberia dizer se seria longa o suficiente para que ele gerasse um segundo filho em sua nova mulher?

Galopando diante dos cães, Jean alcançou o homem, que, ao vê-lo, deu as costas e começou a correr. Fantasme guinchou em ânsia e foi atrás dele.

Tolo, pensou Jean, com uma gargalhada demoníaca. *Este cavalo já ultrapassou milhares de infiéis em Jerusalém; será que ele imagina que um servo esfomeado pode fazer o que guerreiros treinados não conseguiram*?

Sob os gritos encorajadores de seus homens, Jean disparou sobre o cavalo; então, diante do homem, ergueu sua espada, soltou as rédeas e abaixou sua arma. Naquele momento, o servo olhou assustado por sobre o ombro. Viu a espada vindo na sua direção e abriu a boca para gritar. Tarde demais; a arma de Jean arrancou-lhe, num golpe seco, a cabeça, que voou e, logo adiante, caiu no chão e rolou.

Jean tirou o pé direito do estribo e ergueu o tronco da sela, ficando num ângulo perigoso, à esquerda de seu cavalo. Como um árabe selvagem, inclinou o tronco, abraçou o pescoço do cavalo e se endireitou de novo. Manteve-se ereto para que todos o vissem enquanto os cães se dirigiam, enlouquecidos, até o corpo sem cabeça, ainda se contorcendo. Sangue espirrava do pescoço e os olhos aterrorizados encararam Jean por um instante. Havia quem dissesse que os decapitados viviam ainda por alguns segundos; para o caso de isso ser verdade, Jean riu para o rosto em agonia e disse:

— Sua morte me trará um filho homem ou condenarei sua alma ao diabo.

Os olhos da cabeça reviraram. E Fantasme pegou sua parte enquanto o grupo cumprimentava o seu igual… e herdeiro do Círculo.

Laurent galopou, gritando:

— Muito bem, meu filho! — Ergueu as mãos, e Jean posicionou a cabeça entre elas. Depois acenou para os companheiros que comemoravam, e se afastou trotando, para preparar-se para seu casamento, deixando os outros para que pegassem o restante de camponeses escolhidos para a Caçada.

A luz da Lua, bem como do fogo, iluminavam o jardim do castelo Deveraux. As gárgulas de pedra, que haviam assombrado as noites da infância de Jean, encaravam a reunião, e fogo saía de suas ventas. Tochas lançavam chamas no ar da noite quente, e grandes fogueiras indicavam os túneis a caminho dos porões assustadores, conhecidos e difamados em toda a França como bastiões de crueldade. *Ai de quem cruzar o caminho dos Deveraux* era a inscrição, e era verdade. Os Cahors eram sábios por desejarem unir seu destino aos Deveraux, agora que sabiam que eles haviam conseguido a criação do Fogo Negro. Eles não queriam que fosse usado contra eles.

Como era o costume da época, Isabeau juntou-se a Jean em frente à capela de portas fechadas. Casariam-se diante das portas fechadas da igreja; dessa forma não insultariam ao bispo, já que não entrariam na capela. Nesta noite de Lua de Sangue, os dois se encaravam diante de bancos decorados com lírios e hera. Lírios eram as flores dos Cahors, e a hera, a representante dos Deveraux. Fantasme e Pandion estavam presentes, cada qual em seu poleiro lindamente decorado. Se fossem soltas, as aves lutariam até a morte.

Isabeau parecia um dragão fêmea mágico, vestida como a dama nobre que era — e seria —, de negro e prata. Mas tremia como uma virgem tímida, e sob a luz do luar, Jean viu como estava pálida debaixo do véu prateado.

Por quanto tempo você será minha dama?, perguntou-se em silêncio. *Quanto tempo até que as nossas Confrarias entrem em guerra de novo, até que eu a envenene, decapite ou queime?*

Nesse momento, ela o encarou, o olhar duro. Não piscou, não titubeou quando ele lhe retribuiu o olhar. Seus olhos eram de um azul suave. O ar entre eles tremia de tensão. Ele estava deliciado; essa mulher tem coragem, por Deus! Melhor que se cuidasse, ou *ela* tomaria conta *dele*.

Sorriu por dentro e voltou sua atenção para o pai.

Enquanto as duas Confrarias cantavam em latim e línguas ainda mais antigas, Laurent segurava sua faca, pronto para cortar os pulsos do casal. O capuz do manto vermelho-escuro escondia seu rosto, e ele permanecia ereto como uma estátua sombria diante do altar. A mãe de Isabeau, Catherine, também vestia negro e prata; eram as cores de sua Confraria.

Uma visão gloriosa para os ali reunidos, o casal que se unia emanando poder e

paixão, juntando almas, até o fim de seus dias. Seus punhos foram cortados, e seus sangues se misturaram, assim como suas carnes, quando Laurent e Catherine amarraram os braços esquerdos de seus filhos com cordas embebidas em ervas e unguentos para fertilidade. As duas Confrarias eram fortes e possuíam muitos jovens saudáveis, mas os ali presentes ficavam espalhados pelo país e nunca a quantidade de bruxos e bruxas alastrados em toda a França seria suficiente para satisfazer as duas famílias.

Mais uma vez, Isabeau começou a tremer, abaixando o olhar. Jean não se deixou enganar. O sangue forte, cruel dos Cahors corria naquelas veias. Ela era uma bruxa habilidosa, e fizera encantamentos que poderiam se equiparar aos dele em sangue-frio e determinação.

Na verdade, ele sabia que Isabeau e a família acreditavam ter promovido a união dos dois por meio dos próprios feitiços, tendo como alvo domar a ira dos Deveraux. As duas Confrarias jamais concordaram numa única ação para conseguirem o que queriam, ou seja, o controle absoluto de sua região na França, e, no momento certo, a coroa seria concedida a eles pelo bispo em Reims. Para tal conquista, os Deveraux agiam direta e violentamente. Inimigos caíam diante de espadas e maldições. Obstáculos eram derrubados, queimados, envenenados.

Contrariamente, os Cahors, apesar de com certeza não serem santos, preferiam o subterfúgio e a diplomacia para atingir seus objetivos. Se um Deveraux assassinava um cardeal inconveniente em sua cama, os Cahors o convenceriam a ficar do seu lado, oferecendo joias e virgens, fazendo-o pecar, para depois chantageá-lo. Colocavam irmão contra irmão, organizavam campanhas silenciosas, plantavam falsas testemunhas, de maneira que ninguém que tivesse algum poder pudesse confiar no outro.

Assim, os Cahors diziam-se mais discretos e pacíficos. Afirmavam que os Deveraux eram muito óbvios e abertos no uso de seus encantamentos e magias, mistérios que somente os aliados dos "elementos não cristãos" conheciam. Com sua "impaciência", os Deveraux incitavam os homens a combater a bruxaria e conspirar para a queda das duas famílias, ameaçando recorrer ao Papa.

Os Deveraux, por sua vez, sabiam que os Cahors eram detestados por muitas famílias nobres da França, a ponto de vários clãs ilustres não quererem se relacionar nem com Cahors nem com Deveraux. Uma coisa era irritar servos; outra, bem diferente, era cortar relações com seus senhores.

Logo, os Cahors, pensando-se os mais sábios das duas famílias, decidiram juntar sua herdeira ao herdeiro Deveraux — não possuíam sucessor homem — e Jean, juntamente com Laurent, zombaram em segredo das tentativas de encantamento para que Jean desejasse Isabeau. O que os Cahors não perceberam foi que, durante anos, os líderes Deveraux haviam sacrificado incontáveis virgens, fazendo com que o senhor de Greenwood, em todos os seus disfarces, inspirasse os Cahors a realizar tal união. Laurent queria Isabeau em seu castelo — fosse como mulher de seu filho

ou sua própria amante, não fazia diferença. Porque se vivesse em seu castelo, seria sua prisioneira. Os Cahors amavam sua filha e não permitiriam que sofresse. Era preciso que ficasse claro para eles que era mais provável que vivesse até a velhice como propriedade de um Deveraux, mãe de seus filhos.

Tudo isso passava pela cabeça de Jean durante a cerimônia, mas no momento em que o sangue de Isabeau se misturou ao dele, foi tomado de amor por ela. Misteriosos surtos de adoração percorriam seu corpo; lógico que sempre quisera ir para cama com ela — que homem de verdade não desejaria isso, já que a beleza dela era incomparável —, mas agora ele mal podia suportar o amor que sentia por ela.

Não só a desejo, mas a amo de verdade, pensou, zonzo. *Amo da maneira como os homens fracos amam as mulheres! Fui castrado! O que fizeram comigo?*

Nesse momento, Isabeau inspirou rapidamente e o encarou, seus olhos arregalados de curiosidade. *Ela sente o mesmo? Será que fomos enfeitiçados?*

Olhou para o pai, que pedia ao seu Deus que protegesse aquela união. Seu olhar desviou-se de Laurent para sua sogra, Catherine. Ela retribuiu o olhar, e um sorriso muito discreto se desenhou nos lábios dela.

Foi ela, pensou, com certeza. *Como ousou fazer isso? Antes que esta noite termine, vou estrangular essa mulher.* Então, uma emoção estranha, nova, tomou conta dele. *Isso causaria tanta dor em Isabeau. Não posso ferir a mãe dela…*

Deu um passo para atrás. *Fui envenenado. Estou sendo manipulado.*

— Este casamento… — disse Jean em voz alta.

Seu pai parou de cantar e o encarou. Um silêncio sombrio tomou conta do ambiente.

Leu nos olhos do pai um aviso: *lutei durante anos por essa união. Não me decepcione, rapaz. Não se esqueça de que tem um irmão mais novo. Se você nos desapontar, ele pode facilmente tomar o seu lugar.*

Jean respirou fundo, depois, fez um mero aceno de cabeça para mostrar ao pai que compreendera sua mensagem, e disse:

— Este casamento une duas grandes Confrarias. Estou feliz por estar com minha noiva aqui, esta noite.

Gritos de aprovação eclodiram — talvez não tão entusiásticos, já que os Cahors ansiavam pela união e muitos Deveraux se opunham a ela.

Isabeau não disse nada, mas sua expressão se acalmou. Uma lágrima se aninhou em seu olho e rolou pelo seu rosto. Jean colocou a mão por baixo do véu e aparou a gota com o dedo indicador, levando-o depois aos próprios lábios, espalhando-a em sua boca. Um gesto íntimo, cuidadoso, percebido pelos presentes, que murmuraram em aprovação e com surpresa. Jean não era conhecido por sua ternura no que dizia respeito às mulheres.

A cerimônia enfim chegou ao fim, e, sob trombetas e tochas, Jean encaminhou

sua noiva ao grande hall do castelo Deveraux, para o banquete nupcial.

O eco de um grito frágil ecoou pelas paredes de pedra e chamou a atenção de Isabeau. Ela olhou para o noivo.

— Sacrifícios — disse Jean. — Mais tarde iremos presidir alguns deles.

Ela abaixou a cabeça, assentindo. Ainda não falara nada, percebeu ele.

— Eles tomaram sua voz, para que não pudesse recusar nossa união? — perguntou ele, um pouco alarmado.

O olhar que ela lhe destinou foi de puro desejo e adoração.

— Não há nada que eu recuse em você, Jean de Deveraux.

Um desejo ardente tomou conta dele, e Jean sorriu para ela. Isabeau sorriu também, e os dois seguiram em direção às mesas.

E foram mais tarde aos porões, e o que ele a fez ver, o que fizeram juntos a outros seres humanos… sacrifícios em nome de seu matrimônio, seu legado…

Os olhos de Jer se abriram de repente. Seu peito arfava, e ele ouviu a própria voz murmurando:

— Não, não, não.

Eddie e Kialish estavam agachados ao lado dele, a mão de Eddie sobre seu ombro. Sacudia-o com força.

Jer estava ficando enjoado. As atrocidades que testemunhara em sua visão, as torturas… estava revoltado. Afastou Eddie e saiu da sauna o mais rápido que pôde, cambaleando um pouco, até cair de joelhos, as mãos no chão. O estômago embrulhado, vomitou bile, lágrimas enchiam seus olhos enquanto um gosto ácido percorria sua garganta.

Física, mas não emocionalmente vazio, levantou-se e caminhou lentamente até seu carro.

Eddie e Kialish se aproximaram.

— O que houve, Jer? — perguntou Eddie.

— Vou para casa.

— O que foi que você viu? — queria saber Kialish. — O que aconteceu, cara?

Jer balançou a cabeça.

— Não quero falar sobre isso.

Seus amigos trocaram olhares.

— A gente pode falar com o meu pai — sugeriu Kialish. O pai dele era um xamã. — Acho que você precisa dele.

— Valeu. — Jer não parou de caminhar, mas lançou um sorriso grato a Kialish. — Eu preciso é de uma nova família.

Ele já havia contado a Eddie e a Kialish algumas coisas sobre seu pai e seu irmão, e com o passar do tempo achou que haviam juntado alguns pontos deixados de fora

por ele. Não todos, mas o suficiente para serem pelo menos solidários. Kari sabia menos de seu passado, porque ele não confiava muito na namorada. Ela tinha fome de poder e, verdade seja dita, estava começando a cansá-lo. Passavam ótimos momentos juntos, mas ela tinha se tornado insistente e bisbilhoteira. Ele precisava tomar cuidado o tempo todo ao lado dela.

Sob o olhar dos amigos, vestiu o jeans e encontrou sua camisa cinza da Universidade de Washington misturada aos livros, no banco de trás. Suas mãos tremiam. Encostou na lateral do carro para recuperar o fôlego, pegou as chaves no bolso, abriu a porta e deslizou para dentro.

— Não sei se você devia dirigir — sugeriu Kialish. — Está muito mexido.

— Estou bem. — Colocou a chave na ignição. O motor rugiu e Kialish deu um passo atrás para que Jer fechasse a porta.

Descalço, ele partiu, cantando pneu.

O que é que está acontecendo?, pensou, irritado. *Meu pai perde o Lammas e eu tenho visões do Inferno.*

Ele queria respostas. É *melhor que papai tenha algumas…*

Michael estava furioso. Escondeu isso de Marie-Claire, enquanto falava com ela ao telefone, mas sua ira era tamanha que poderia tê-la estrangulado com prazer e atirado seu corpo no chão facilmente.

— Claro que Holly deve ficar em São Francisco, se é isso que ela quer. — O tom da amante não poderia ser mais casual. Pegou hashis dentro de um saco vazio de comida de um delivery, e separou-os. — Ela nem sabia que eu existia. Danny, meu irmão, nunca falou da gente para ela.

Talvez Daniel Cathers soubesse que Holly era a detentora dos poderes da família, pensou, ainda mais irritado. *E agora a vadiazinha quer ficar na Califórnia com uma amiga da família.*

Isso é muito ruim… para essa amiga.

Em seguida, Jeraud entrou em casa. Michael lançou um olhar inquiridor ao filho e levantou o indicador, demonstrando que Jer deveria esperar um momento. O filho cruzou os braços e o encarou.

— Então vou ficar por aqui — continuou Marie-Claire — para o enterro. Está tudo nos jornais — disse, distraída. — Virou a grande notícia da cidade.

— E você vai ficar com essa tal de Barbara Davis… — Ele parou de falar, atento à crescente irritação do filho.

— Chin — completou ela. — Barbara Davis-Chin. A casa dela é ótima. Tem um quarto de hóspedes. Holly vai ficar nele e eu vou dormir na sala. Ninguém quer ficar no quarto da Tina. A filha.

— Me passa o endereço — ordenou. Depois se controlou e disse, doce: — para eu poder ficar de olho em você. E mandar flores — complementou num momento de inspiração.

— Oh, Michael, você é tão gentil. — Ela estava claramente tocada. — Queria que você pudesse estar aqui.

— Eu também. — Fez uma pausa. — Preciso desligar agora.

— Entendi, alguém chegou aí — adivinhou Marie-Claire. — Você me liga mais tarde? Antes de dormir? — pediu, rouca.

— Claro. *Adieu*. — Ela adorava quando ele falava francês.

— *Adieu*. — A situação para ela era um drama enorme, e Marie-Claire estava gostando do papel que lhe cabia. A vida de dona de casa em Seattle, por mais abastada que fosse, era desinteressante às vezes.

Michael desligou.

— O que foi? — perguntou a Jer.

— Você disse que não sabe muita coisa sobre a história da nossa família. Acho que você sabe mais do que me contou até hoje.

Michael o avaliou.

— Você me surpreende. Nunca pareceu muito interessado na sua árvore genealógica. Descobriu algo interessante na internet?

— Nós fomos torturadores — disse Jer. — Matamos centenas de pessoas.

O jovem ficou parado onde estava, abrindo e fechando as mãos.

Matamos milhares, meu caro, pensou Michael, mas disse em voz alta:

— Duvido muito. Quem lhe disse isso? Aquela garota com quem você anda na faculdade? A maluquinha?

Ele fazia piada com Kari Hardwicke sempre que podia. Se isso não levantasse suspeitas, ela já estaria morta.

— É verdade? — Jer queria uma resposta. Estreitou os olhos. — O que mais você escondeu de mim?

Michael se virou, tomando de repente uma decisão. *Holly Cathers vem para cá. Esse menino deve ser o escolhido, não eu ou Eli. Eu poderia fazer com que ela se apaixonasse por ele, fazer dela a Dama de seu Senhor.*

E então me certificarei de que ele esteja sempre sob meu *controle*.

— Vou para São Francisco — informou ao filho. — Ficarei fora por alguns dias.

— Não vai saindo sem falar comigo! Eu quero saber! — gritou Jer para o pai. — Quem somos nós? O que nós somos?

— Você sabe o que somos, Jeraud. Você sempre soube. Somos bruxos, e estamos do lado da Escuridão. Somos o que costuma-se chamar de demoníaco.

— Mentiroso! — berrou Jer.

Um raio de energia verde passou por Michael e atingiu a parede, deixando um rastro de queimadura na hera do papel de parede. Michael ficou impressionado com o poder mágico do filho, mas ele era um atirador medíocre.

Lentamente, voltou-se e encarou Jer com frieza. Canalizou forças para as

feições do próprio rosto, para os ossos, até mesmo para as células de seu cabelo. A transformação lhe deu ainda mais força e ar de autoridade.

— Não se esqueça — disse em tom grave — de que sou seu pai.

Jer pressionou os lábios e sumiu da cozinha. Michael ficou onde estava, ouvindo os passos do filho na escada, depois atravessando o corredor até chegar ao quarto. A porta bateu com tanta força que as janelas da cozinha tremeram.

Michael foi calmamente até a despensa. As paredes eram de tijolo, as prateleiras de madeira rústica. No canto esquerdo da terceira prateleira, empurrou um tijolo falso. No espaço vazio atrás da peça, pegou uma caixa cravejada de jades.

Ali ficava preservado um Olho Turco, lembrança das Cruzadas. A Confraria Deveraux enviara muitos segundos e terceiros filhos, num esforço de conquistar glória ainda maior.

Michael falou com o olho em árabe antigo, depois ergueu-o e percebeu sua íris marrom bruxuleante. Nele, viu os movimentos do filho no quarto no andar de cima.

Jer andava de um lado para o outro, resmungando. Parou, deitou-se na cama, socou o travesseiro e suspirou.

Michael assistiu a seus movimentos por um minuto. *Ele pode ser moldado. Posso usá-lo exatamente para o que quero: o controle definitivo da Liga Suprema. Como não vi isso antes? Por que achei que deveria ser* eu? *Ou meu primogênito, Eli?*

Suspirou contente, colocou o olho de volta na caixa, guardou a caixa no espaço vazio, pôs o tijolo falso em seu lugar e saiu em direção ao telefone. Discou o número da sua agente de viagens, que já fora sua amante. Terminara o relacionamento "para o bem dela". Era mais uma das muitas mulheres que creditavam o abandono dele ao fato de não querer complicar a vida delas.

— Oi, Pat, meu amor — disse, com suavidade. — É, sou eu. Escuta, preciso de uma passagem para São Francisco com urgência. A volta em aberto, pode ser?

Lá em cima, em seu quarto, Jer passou a mão na testa. Uma dor de cabeça súbita, brutal, o castigava. Respirando fundo, entoou um feitiço para afastar a dor. Mas o incômodo só piorou.

Na dúvida, vale um Tylenol, pensou, fraco, revirando-se. *Por que ainda me dou o trabalho de tentar conversar com meu pai?*

Levantou o corpo, apoiando-se nos cotovelos. Então, congelou.

No pé da cama, um punhado de energia mágica verde de formato oval girava a uns seis pés de altura. Tinha uns 90cm de comprimento e flutuava no ar, uma mancha escura no centro. Veias de hera brotavam da forma, com camadas de objetos disformes que brilhavam e giravam como pedaços de vidro em um caleidoscópio em movimento.

A forma cresceu e Jer pôde distinguir cabeça, ombros e braços. Era uma figura

humana.

A forma oval balançou, começou a se fechar, e a figura inclinou a cabeça, como se estivesse assustada, depois olhou diretamente para Jer. As feições não eram claras. Ele sentiu, mais do que viu, seu olhar.

Jer sabia que não controlava as suas ações quando deu o próximo passo: foi de joelhos até o pé da cama e segurou a energia com a mão esquerda. Sua boca se abriu e ele pronunciou sons que jamais ouvira.

Dentro da forma oval, surgiram energias verdes e rubras que se adiantaram para se conectar aos dedos dele.

Jer foi atirado de volta à cama com violência, batendo com a cabeça, já dolorida, contra o espaldar. Foi como se seu crânio fosse aberto por um martelo e, por um momento, ele ficou caído, sem conseguir se mover. Enfim, com um grunhido, conseguiu se sentar, zonzo e enjoado de dor.

Mais uma vez, os raios luminosos se adiantaram. O impulso foi suficiente para lançá-lo fora da cama, e a energia o envolveu como um cobertor pulsante, mantendo-o no chão. Tremeluzia sobre ele da cabeça aos pés, fervendo, espalhando espasmos de dor por todo o corpo dele. Jer fechou os olhos com força e se preparou para sentir mais dor, mas isso não aconteceu. Algo novo estava acontecendo; era como se alguma coisa procurasse uma maneira de invadi-lo, cutucando a superfície da sua pele em busca de uma abertura… ou fraqueza.

Ele invocou palavras mágicas, muito fortes, muito poderosas, para aniquilar a força, entidade ou seja lá o que aquilo fosse, ou, pelo menos, fazê-la parar. Apesar de a sensação diminuir, não se dissipou por completo. Tentou outro encantamento. Nada aconteceu.

Dane-se, pensou e abriu os olhos.

No pé da cama, dentro da forma oval, a figura humana se debatia em agonia. Ela estava engolfada por chamas. Caiu de joelhos, agitando os braços, tentando escapar dali. Jer assistiu horrorizado enquanto a imagem se contorcia, a cabeça arqueada para trás, a boca aberta num grito inaudível.

A forma oval se contraiu, concentrando o foco no seu interior, e quando Jer tentou segurá-la, a energia deslizou de seu corpo e voltou ao ponto original. Ele tentou mais uma vez chegar a ela, mas, no minuto seguinte, ela sumiu. Desapareceu por completo.

O som inconfundível de chamas não saía da sua cabeça, então a voz distante de um homem, frágil, mas cheia de ódio, disse:

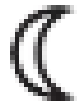
— Não se esqueça. Ela fez isso comigo. Não confie nessa bruxa. Não demonstre piedade, ou isso acontecerá com você.

Então um lamento alto tomou conta da mente de Jer; tamanha dor o fez chorar e se encolher todo, seus braços envolvendo de forma protetora o crânio latejante.

Não fazia ideia de quanto tempo ficara deitado naquela posição, mas quando se

deu conta, era de manhã, sua cabeça não doía mais e seu pai tinha partido para São Francisco.

Parte Dois: Samhain
Levantando o véu



SAMHAIN

"Quando a Morte espia e persegue a Terra, as bruxas entram em cena. Elas não precisam temer nenhuma criatura, somente elas mesmas.

"Vi naquele século uma grande escuridão espalhar-se pelas terras. Era a sombra nascida do sofrimento e da vingança de séculos antes. Vi o poder embalado por duas famílias e a destruição causada por elas. Era como se todos os demônios do Inferno tivessem sido trazidos à Terra, e todas as formas perversas se libertassem, para que os homens de bem sucumbissem diante dessas duas famílias."

— Gregory, o sábio, 1152

QUATRO

LUA DA NEVE



E agora nosso propósito sombrio quase alcançado
Agradecemos, Senhor do Dia, Deus do Sol.
Os Deveraux atendem ao seu chamado de terror,
Matamos de véspera, amanhã banqueteamos.

Nossa Senhora, guie-nos esta noite
Enquanto lutamos pelo que é certo.
O propósito dos Cahors é forte e sombrio,
Ajude-nos para que nossa Confraria e o Círculo permaneçam.

São Francisco, Califórnia

Fora decisão de Barbara manter dois enterros, o de sua filha, na quarta-feira, e o dos pais de Holly, no dia seguinte. Como médica do plantão de emergência, conhecia tranquilizantes potentes e essa foi a única coisa capaz de sustentar Holly durante o velório de Tina. Hoje, o teste seria ainda mais forte.

Agora, estavam todos no gramado ao lado do túmulo dos pais dela, no cemitério: Barbara com o mesmo vestido de lã e mangas compridas que vestira no enterro da filha, Holly toda de preto, com a mesma saia justa, botas e camiseta. A maioria dos presentes vestia preto ou azul-marinho. Os colegas de trabalho de Elise e Daniel estavam logo atrás do padre; os amigos mais próximos pareciam destruídos nas cadeiras dobráveis, os olhos inchados de lágrimas. Lá estavam a professora de ioga da mãe; os amigos de golfe do pai. Os colegas de escola de Holly e a turma da cocheira também compareceram, mas ela não conseguia fazer nada além de registrar suas presenças, tanto na igreja quanto ali, no cemitério, seus olhos esbugalhados, incapazes de piscar.

Eram dois caixões iguais, de mogno, posicionados sobre dois retângulos abertos na terra, flores sobre eles em igual quantidade.

Os corpos dos meus pais estão aí, pensou ela, tentando impedir as imagens que se formavam na sua cabeça. Mais viva ainda era a figura horripilante do rosto do pai quando ela acordara no hospital. Tremeu, enjoada, desejando que o enterro chegasse ao fim e, ao mesmo tempo, que nunca terminasse. Queria ficar suspensa no tempo, para não ter que continuar vivendo sem eles. Sua mãe. Seu pai. *Essa parte é que é o pesadelo. Vou acordar logo. Juro que vou*.

Um padre de rosto fino, enrugado, que Holly não conhecia, começou a falar sobre cinzas e pó, e ela quis gritar para que ele calasse a boca. Lágrimas rolavam em seu rosto e ela engoliu um soluço quando Barbara apertou de leve sua mão direita.

Sua tia recém-descoberta estava à sua esquerda, e um homem que chegara atrasado ao enterro, apresentado a ela apenas como Michael, estava ao lado de Marie-Claire, os braços em volta da cintura da tia. Holly presumiu que fosse o marido, mas ninguém confirmara. Era muito bonito. Usava roupas caras. Os sapatos eram do tipo que seu pai ostentara na última vez em que foram ao shopping — mais de 500 dólares o par.

Como posso prestar atenção nessas coisas quando estou enterrando meus pais?

O homem espichou o pescoço e olhou para ela. Holly sentiu o rosto ruborizar e ficou ainda mais envergonhada, como se Michael soubesse que ela o estava analisando.

— Já, já acaba — sussurrou Barbara. Ela estava um pouco sem equilíbrio; Holly duvidava que tivesse dormido ou comido desde que o avião pousara no Aeroporto Internacional de São Francisco, duas noites atrás. A menina ouvira passos todas as noites, e como a tia estava dormindo no andar de baixo, só poderia ser Barbara, andando de um lado para o outro no corredor, com firmeza, durante horas.

O padre ergueu a mão e recitou:

— *Sim, ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum.*

Como se esperasse sua deixa, uma nuvem encobriu o Sol e o céu sobre eles escureceu. Todos olharam para cima.

Começou a chuviscar.

Os presentes murmuravam, e o padre olhou para o céu, desligando-se por um momento da situação. Guarda-chuvas se abriram e as pessoas se aproximaram, dividindo-os uns com os outros, e um dos advogados do escritório do pai protegeu o padre da chuva, que agradeceu e prosseguiu.

O céu ficou negro e o choque entre nuvens deu lugar aos trovões; raios iluminaram o firmamento e a chuva desabou.

Chovia muito. Algumas pessoas abaixaram a cabeça para Holly e Barbara, pedindo desculpas, e começaram a ir embora. Quando Barbara aceitou o guarda-chuva de alguém e o abriu, disse:

— Devia ter pensado em colocar toldos.

Foi a vez de Holly apertar-lhe a mão. Ela não sentia a chuva, não sentia nada…

…fora o homem ao lado da tia, observando-a mais atentamente, agora. Deu um leve sorriso para ela, e Holly sentiu um arrepio, desviando de novo o olhar.

As flores sobre os caixões estavam ficando encharcadas, a tinta dos cartões de visita do florista escorrendo. Holly sentiu uma onda de raiva inexplicável de Barbara. *Estamos em São Francisco, caramba; por que você não pensou nos toldos?*

O tempo passou, ela não sabia quanto, mas a chuva virou tempestade; Holly não

conseguia ouvir as palavras do padre. Mas ele continuava, ignorando por completo o que se passava, sem perceber que a maioria dos presentes fugia na direção dos carros.

Os trovões ficaram mais intensos; então, de repente, sem aviso, um raio acertou uma árvore a 100m de distância. Diante dos gritos de susto, as chamas tomaram conta, sendo rapidamente apagadas pela chuva torrencial. Mesmo assim, Holly foi tocada pela corrente elétrica e sentiu seu calor. O caos se estabeleceu; pessoas gritavam e corriam na direção oposta. Logo, não havia nada além de fumaça para provar o ocorrido, além de alguns galhos chamuscados da árvore antes saudável. Mas o terror do momento arruinara o enterro.

O padre, com seu rosto fino e acinzentado, deu um passo adiante e, com as mãos estendidas, disse para os poucos corajosos que restaram:

— Sinto muito, mas precisamos mesmo ir embora. É perigoso ficarmos expostos aos raios. — Apontou para a árvore. — Ainda mais por causa das pontas e hastes metálicas dos guarda-chuvas. — Ele foi até Holly e a segurou pelo cotovelo. — Sinto muito. — Seu olhar parecia sincero.

A casa da Barbara tem um pátio coberto era o que ela queria dizer. Estava pensando na recepção. Olhou, desconfortável, para os caixões.

— Vamos baixá-los quando a chuva parar — disse o padre.

Então, ela foi encaminhada para outro lugar. Era a limusine; e a pessoa que a escoltava era o estranho, Michael. Ele tocou o topo da cabeça dela com delicadeza e disse para abaixar-se.

Ela obedeceu. A porta do outro lado foi aberta e Barbara Davis-Chin entrou no carro, seguida por Marie-Claire. Michael sentou ao lado de Holly e fechou a porta.

Barbara a segurou e a abraçou com força.

— Isso é terrível. Tão terrível. — Tirou o cabelo ensopado de Holly do rosto, com mãos trêmulas. — Meu Deus, que desastre.

Marie-Claire assentiu com a cabeça e, triste, perguntou:

— Você acha que alguém vai para a recepção?

— Meu Deus. — Barbara balançou a cabeça. — Não vou conseguir lidar com isso.

— A gente cuida de tudo — anunciou Michael, reconfortante. — Marie-Claire e eu.

— Isso. A gente cuida de tudo — completou Marie-Claire, aproveitando a deixa.

— Obrigada. Acho que Holly e eu vamos descansar no quarto. — Barbara puxou Holly para mais perto.

— Vou preparar um chá para vocês — disse Marie-Claire. — Pode deixar que vou manter os convidados longe das duas.

Percorreram o restante do trajeto em silêncio. Sentada tão perto de Michael, Holly sentia o cheiro do couro do sapato dele e um ligeiro perfume de loção pós-

barba. A limusine estava cheirando a lã molhada e lama, e Holly sabia que, para o resto da vida, esses odores fariam com que se lembrasse daquele dia pavoroso.

— Quando chegarmos em casa, vou lhe dar alguma coisa para dormir — sussurrou Barbara para Holly.

— Magia moderna — disse Michael. Enfiou a mão no bolso e tirou dali uma caixinha de pedra. — Este é um remédio antigo de família. — Estendeu a caixa para que Barbara a inspecionasse. — Você ferve na água do chá. Muito eficiente.

— Que gentil. — Foi tudo que Barbara pôde dizer. E pegou a caixa das mãos dele.

Holly fechou os olhos, tentando respirar. Estava apertado ali dentro e o homem estava perto demais dela. Seus corpos se tocavam, e ela estava envergonhada, mas parecia ridículo ficar chateada com isso agora. Claro, muita coisa naquele dia era ridícula.

Meus pais estão mortos. E eu nem pude me despedir.

Pareceu uma eternidade até que o motorista da limousine diminuísse a velocidade, parasse e abrisse a porta. Estavam na Pacific Hights, na casa de Barbara, com seu teto de mansardas e os elegantes vasos brancos na porta de entrada. Holly sempre amara a casa das Davis-Chin, o bom gosto apaziguador e a felicidade que existia ali.

Michael saltou primeiro; depois, Holly. Esperou, debaixo do guarda-chuva de Michael, que Barbara saltasse. A menina tremia de frio e estava apavorada de ter que encarar qualquer pergunta das pessoas que a aguardavam na casa de Barbara. Havia carros estacionados e a porta da frente estava aberta; um dos amigos do pai olhou para ela, de um modo estranho, do lado de fora. Segurava uma taça de vinho.

— Senhora? — O motorista se dirigiu a Barbara, que continuava dentro do carro.

Holly olhou para o rosto dele, que tremeu e se abaixou para olhar o interior da limusine.

— Senhora? — chamou de novo. Depois, repetiu com mais urgência. — *Senhora?*

— O que foi? — choramingou Holly, atrás do homem, esticando o pescoço para ver o que estava acontecendo.

Silêncio. O coração de Holly disparou.

— Chamem uma ambulância! — gritou o motorista. — *Agora!*

Um pássaro saiu de dentro do carro, tocando o rosto de Holly com uma das asas. Ela se encolheu, com um gemido. De onde aquela coisa tinha vindo? Olhou para o pássaro que voava alto no céu, depois ele voltou-se e mergulhou diretamente para o carro na velocidade de um piloto suicida. Chocou-se contra a janela fechada do passageiro, estilhaçando com facilidade o vidro fortificado.

Com um guincho terrível, a ave foi de encontro aos cacos de vidro, com a cabeça decapitada. Seu corpo se desprendeu e caiu no chão enquanto a cabeça rolava para o

lado de fora. Sangue jorrava do pescoço da criatura enquanto suas patas se contorciam como numa paródia da morte.

Holly inclinou o tronco e vomitou, e Michael segurou seus ombros, sussurrando:

— Vou levar você lá para dentro.

Horas depois, Holly saiu do quarto de Barbara, no hospital, e foi para a sala de espera indicada. O médico era novo na equipe e não sabia que Holly era "da família". Ela não protestou. Na verdade, mal conseguia falar.

Quando adentrou cambaleando a sala de espera, Michael e Marie-Claire olharam para ela ao mesmo tempo. Os dois estavam sentados num elegante sofá de couro marrom, lado a lado. Pareciam um casal, e Holly se perguntou qual seria a relação entre eles. Como Marie-Claire era casada com outra pessoa — Holly conseguira descobrir isso —, não tinha certeza se queria mesmo saber.

Marie-Claire segurava um copo de plástico; Michael lia jornal.

— Como ela está? — perguntou a tia.

Holly passou a língua pelos lábios e balançou a cabeça. Seu estômago estava embrulhado.

— Eles não sabem o que ela tem. Mas não está nada bem.

Holly não mencionou todas as máquinas plugadas em Barbara, monitorando seus sinais vitais, ajudando-a a respirar. Nem os pontos cobrindo seu rosto e o fato de os médicos não conseguirem associar o ataque do pássaro ao seu estado. Nem os olhares de pena das enfermeiras para ela, sentadas sem esperanças ao lado de Barbara.

— Oh, querida. — A tia estendeu os braços para abraçá-la. Holly aceitou. Suas joias chacoalhavam no ouvido da menina. — Estou aqui, Holly. — Ela suspirou e acariciou o cabelo da sobrinha. — A menos que você queira chamar mais alguém.

— Não — disse Holly; ainda que, para ser honesta, pudesse chamar muitas outras pessoas. Estava cansada e triste demais para pensar nisso.

— Você quer alguma coisa? Chá? — perguntou a tia, apontando para as máquinas de bebidas e salgados na parede dos fundos da sala de espera. — Melhor não tomar o café. Está horrível.

Holly se lembrou da caixinha de Michael, cheia de chá. Será que a tinham tirado do carro?

A última coisa que ela fez foi examinar aquilo.

— Querida? Quer chá? — insistiu tia Marie-Claire.

— Claro. Obrigada — disse Holly, mais para ocupar a tia do que qualquer outra coisa.

Marie-Claire pegou algumas moedas com Michael e foi até as máquinas. Holly sentou numa poltrona de couro à direita do sofá. Michael dobrou o jornal, esticou as

pernas. Suas roupas e sapatos estavam molhados de chuva, que ainda caía lá fora.

Ele ia dizer algo quando uma mulher de terno azul entrou na sala. Ela estampou um sorriso radiante no rosto e anunciou:

— Oi, meu nome é Eve Oxford. Sou uma das assistentes sociais daqui. — Ela se acomodou na pontinha de uma poltrona idêntica à de Holly, do outro lado da mesinha de centro. — Precisamos falar sobre como ficará a vida de Holly daqui para frente.

Primeiro, Holly se recusou a deixar São Francisco. Insistiu que não queria abandonar Barbara, ainda no hospital. Depois, não conseguiu empacotar suas coisas. Mas com o passar dos dias, deu-se conta de que a tia tinha uma vida que deixara em Seattle, e ela, Holly, deixava-a nervosa com a demora em voltar para casa.

Michael Deveraux — esse era seu nome todo, e ele era um "amigo da família" — voltara para Seattle no dia seguinte ao enterro.

Agora, ela e a tia estavam no mesmo voo, pouco mais de uma semana depois.

Tudo em São Francisco fora resolvido pela tia de Holly. Uma amiga da mãe da menina estava cuidando da casa, e Holly fora se despedir dos cavalos na cocheira. Foi então que a proprietária, Janet Levesque, contou-lhe que seus pais haviam comprado um cavalo para ela, como presente pela formatura escolar.

Na primeira classe do avião com a tia, Holly encostou a cabeça na janela e pensou em todos os sonhos que lhe eram negados. Ela tinha uma herança e ficaria "muito bem-amparada", como dissera o advogado dos pais. Quando fizesse 18 anos, poderia comprar cinco cavalos se quisesse.

— Holly, você quer um pouco de champanhe? — perguntou a tia. Durante o tempo passado juntas, Holly percebeu que a tia tinha tendências a beber um pouco demais. Holly esperava que fosse por causa do estresse, que ela não continuasse a beber assim em Seattle.

Holly queria dizer que não bebia, e que aquele excesso de cuidado era um pouco irritante. Mas, quando a taça borbulhante chegou, ela aceitou de bom grado…

…e acordou durante a aterrissagem.

Assustada, Holly levantou a cabeça num supetão. Sob o ronco dos motores, sua tia sorriu e disse:

— Ei, dorminhoca. Estava me perguntando se ia ter que tirar você do avião no colo.

A aeronave pousou, os freios gritando, e sua tia voltou sua atenção para a maquiagem. Parecia perfeita, como sempre, e Holly se perguntou se suas primas passavam tanto tempo cuidando da aparência como a mãe. A bagagem de mão da tia estava pesada, cheia de cosméticos comprados na Nordstorm, na Union Square. Holly achava o deleite em passear pelos mostruários de perfumaria — assim como a compra desenfreada desse tipo de produto — algo completamente bizarro. Pelo

que sabia, a tia não comprara nada em São Francisco que não pudesse encontrar em Seattle — ou, diga-se de passagem, on-line.

É uma compulsão, pensou Holly. *Ela não consegue parar.*

Quando saíram do avião e foram buscar suas bagagens, a tia seguiu na frente, depressa, não dando muita oportunidade para que Holly olhasse em volta. Puxou assuntos leves — o dia lindo lá fora, o quarto de hóspedes da sua casa, as filhas Amanda e Nicole, loucas para conhecê-la. Seu celular tocou; era tio Richard. Ele acabara de estacionar a Mercedes e iria encontrá-las.

Holly deu um pulo quando alguém passou os dedos em suas costas e acariciou de leve sua nuca. Assustada, parou de andar e virou o corpo.

Não havia ninguém.

Holly franziu a testa e passou a mão no pescoço. Olhou para a esquerda, para a direita, esquivando-se de um homem de negócios que quase a derrubou.

— Meu amor? — Tia Marie-Claire pareceu intrigada.

Ela não pode ter tocado em mim, Holly se deu conta. *Está muito ocupada com a mala de mão, e está andando na minha frente.*

Sentiu arrepios nos braços e no peito.

— Desculpa — murmurou. E voltou a andar. — Achei que tinha deixado cair alguma coisa.

— Ah. — A tia se endireitou e voltou a puxar papo.

Pegaram as bagagens, e ela foi apresentada ao tio Richard. Ficou surpresa com o fato de a tia espevitada, bonita, ser casada com um homem como aquele. A única palavra que encontrou para descrevê-lo foi "cinza". A roupa era cinza, o cabelo era cinza, seu jeito era cinza — nem feliz nem caloroso, nada. Podia muito bem ser a pessoa invisível que tocara nela.

Ninguém tocou em mim. Foi imaginação minha, pensou enquanto os três entraram numa Mercedes preta. Ainda assim, ao deixarem o estacionamento, ela observou os pedestres e repassou o ocorrido. *Talvez tenha sido minha mãe ou meu pai*, pensou, os olhos se enchendo de lágrimas. O rosto horripilante do pai surgiu na sua mente, e ela respirou fundo, recostando a cabeça no encosto de couro, exausta.

Talvez eu esteja tendo um esgotamento nervoso, só isso. Ia ser bom parar de sentir por uns tempos, tirar férias mentais, só vegetar. Talvez eu faça isso.

Chegaram a uma avenida ladeada de árvores, um bairro lindo, que lembrava o seu, com árvores por toda parte, muitas delas. Então, começou a chover, e ela não conseguiu enxergar mais nada. Cochilou de novo, e foi acordada pela voz da tia:

— Espero que você não esteja ficando doente. Chegamos em… casa.

Holly respirou fundo e saiu do carro. Quando chegou à varanda, a tia passou por ela e abriu a porta.

— Meninas! Chegamos! — gritou. — Sua prima está aqui.

Tia Marie-Claire a encaminhou por um charmoso hall coberto de papel de

parede de um vermelho vitoriano, com umbrais e piso de madeira branca. Parecia uma sorveteria, e Holly precisou se controlar para não manifestar essa observação; não sabia se a tia ia gostar.

Tudo cheirava a fumaça, como se um incêndio terrível tivesse acabado de acontecer.

— Nicole — chamou tia Marie-Claire. — Sua prima Holly está aqui.

— Já ouvi — disse uma voz, lentamente.

Então, a menina se levantou do sofá e se virou. Com sofrimento, Holly viu a semelhança da família, enxergando no rosto oval da prima as cores e os olhos de seu pai. Nicole era incrivelmente linda, do tipo de beleza que faz com que as pessoas fiquem olhando, admiradas. Os cachos negros, enrolados no topo da cabeça, soltaram-se e cobriram seus ombros e costas. As sobrancelhas também eram grossas, mas muito bem formadas. Como a mãe, usava bastante maquiagem; os olhos delineados e os cílios tão longos que pareciam falsos. Os lábios eram de um vermelho-escuro profundo, as unhas dos pés e das mãos combinando.

Descalça, vestia jeans pretos e camiseta vermelha, a palavra CONFUSÃO bordada em preto e prata na blusa. Cumprimentou Holly com frieza, reparando nas roupas de roceira da prima, e disse:

— Oi. Eu sou Nicole.

— Oi — respondeu Holly, decepcionada. Não sabia o que esperava, mas, com certeza, não aquela total indiferença.

— Fizemos boa viagem — disse tia Marie-Claire, como se Nicole tivesse perguntado. — Um pouco de turbulência no final. Cadê sua irmã?

— Holly? — chamou uma nova voz.

Holly olhou para uma escadaria logo depois da sala de estar ao ouvir o barulho de passos descendo degraus. A menina não parecia nem um pouco com a gêmea glamorosa. O cabelo era curto e castanho, as feições agradáveis, nada além disso. Não usava maquiagem e tinha sardas no nariz. Deu um sorriso caloroso para Holly, apressando-se na sua direção. Vestia camiseta azul-marinho, calças de pijama, e carregava uma gatinha nos braços.

— Essa é Amanda — apresentou tia Marie-Claire.

— Oi. — Amanda se aproximou de Holly, enlaçando-a pelos ombros. Abraçou a prima. — Estou tão feliz que você veio para cá. Como foi o voo?

— Ela dormiu a maior parte do tempo — disse a tia, parecendo divertir-se. Virou-se para Nicole: — Alguém ligou, meu amor?

Nicole fez que sim.

— Ligou. Deixei uma lista ao lado do telefone da cozinha.

Amanda coçou a cabeça da gatinha e a entregou a Holly.

— É sua. Para lhe dar as boas-vindas a Seattle. Todo mundo aqui em casa tem um bicho de estimação. As meninas, eu quis dizer. Eu e a Nicole. É uma gatinha.

Holly piscou e pegou a gata. A criaturinha macia não pesava quase nada e olhava para Holly com seus olhos azuis.

— O nome dela é Bast — disse Nicole. — *Eu* que escolhi o nome.

— É a deusa egípcia dos gatos. — Amanda entrou na conversa. — Você pode contar todos os seus segredos para ela.

Nicole fez piada.

— Ela é surda, Mandy.

— Vai escutar a Holly, mesmo assim — disse Amanda, sorrindo para a prima.

— Obrigada. — Holly ficou emocionada. Aninhou Bast embaixo do queixo e a gatinha começou a ronronar, roçando seu peito.

— Vou lhe mostrar o quarto de hóspedes. — Amanda fez um gesto para que Holly a seguisse.

Nicole ficou onde estava.

Cruzaram um corredor enorme, com papel de parede cinza e branco. Era muito mais elegante que a entrada de sorveteria. As sandálias de Holly faziam barulho no chão, a gata ronronava e Amanda indicava o caminho. Então, a prima virou à direita e se dirigiu a um lance de escadas de madeira branca.

— Essa escada dava para o quarto dos empregados — disse ela. — Antigamente. Não temos empregados, a não ser que você me inclua. — Deu um meio-sorriso. — Dizem que a nossa casa é mal-assombrada. Depois você vai me dizer o que acha disso.

— É uma casa grande — falou Holly quando subiram, e Amanda se dirigiu para o corredor do segundo andar.

— Minha mãe a aumentou. Já ouviu falar de Michael Deveraux? Ele é um arquiteto famoso daqui. Fez a reforma da nossa casa. A gente apareceu numas revistas por causa disso. — Parou diante de uma porta de carvalho entalhada e girou a maçaneta. — Este é o seu quarto, Holly.

Era todo branco: cortinas de renda branca nas janelas em arco, colcha de renda branca numa cama de dossel, mobília de vime branco. No chão branco, um tapete também branco.

Na mesinha de cabeceira, um vaso branco de porcelana com uma única rosa vermelha, a única cor no quarto.

— Vou acabar perdendo a Bast aqui — disse Holly, e Amanda riu. Fez outro carinho na gata quando entraram no quarto.

— Meu pai vai subir com as suas coisas — explicou Amanda, aninhando-se numa das poltronas de vime. Pegou uma almofada, também branca, e acomodou-a no seu colo. — Quanto tempo você vai ficar aqui?

— Não sei — admitiu Holly. — Eu... eu quero terminar o colégio em casa... — Parou de falar. Um nó na garganta.

— Eu realmente sinto muito pelos seus pais. — Amanda balançou a cabeça. — É

chocante o que aconteceu com eles. Foi uma surpresa enorme para a gente. Minha mãe não tinha notícias do irmão havia milênios. Eu já tinha até esquecido que a gente tinha um tio.

Sem conseguir falar, Holly apenas assentiu com a cabeça.

Então, a porta foi aberta. Tia Marie-Claire apareceu no umbral.

— Vocês estão aqui. Que bom. — Sorriu para Amanda. — Sabia que podia contar com a minha filhota. Vou levar Nicole na aula de teatro. Volto daqui a pouco, ok?

Amanda baixou os olhos e respirou fundo. Depois, pegou a almofada.

— Tudo bem, mãe — disse.

— Provavelmente vou passar no mercado enquanto ela está na aula. Para aproveitar a viagem. — O rosto de Marie-Claire enrubesceu. — Você quer alguma coisa?

— Não. — Amanda olhou para Holly. — Você quer?

— Boba, ela acabou de chegar. — A risada de Marie-Claire pareceu falsa. Passou o dedo no canto da boca, como quem tira o batom borrado, e disse: — Vocês vão ficar bem até eu voltar?

— Até depois disso — respondeu Amanda.

Holly não tinha certeza se ela estava fazendo uma piada, mas Marie-Claire pareceu um pouco magoada.

— Tudo bem, então. — Ela passou os olhos pelo quarto e se fixou na rosa vermelha. — Que bom que você colocou isso aí, Amanda. Foi muito gentil! — Fechou a porta ao sair.

Amanda franziu a testa.

— Colocar o quê? Não sei do que ela estava falando.

— Hum, a rosa? — arriscou Holly. — Na cabeceira.

Amanda deu de ombros.

— Não fiz isso, Holly. Deve ter sido meu pai. — Seu rosto suavizou. — Ele é bem atento para essas coisas.

Houve um momento de silêncio. Depois, Holly disse:

— Então a Nicole faz aula de teatro?

— Curso de verão. Coisa de artista. — O tom de Amanda era pejorativo, e ela não parava de mexer na almofada, tentando parecer casual. — Minha irmã é atriz. Minha mãe fez teatro quando tinha a nossa idade. Então…

Holly absorveu a informação, compreendendo tudo. *Nicole é a preferida da mãe, e Amanda sabe disso*. Como filha única, Holly nunca precisara dividir nada com ninguém. Mas ter alguém tão parecida com você do lado, e ainda por cima sendo esse alguém a filha preferida, deve ser um sofrimento.

— Deve ser estranho ter uma irmã gêmea — disse Holly com cuidado.

Amanda olhou para ela.

— É estranho ser irmã gêmea da Nicole Anderson, disso você pode ter certeza — respondeu sem piscar. Moveu os joelhos e deixou a almofada de lado. — Você quer fazer alguma coisa, ver a cidade? Meu pai levaria a gente numa boa.

Holly bocejou.

— Para falar a verdade, acho que quero deitar um pouco. Estou mesmo cansada.

— Você passou por muita coisa. — Amanda se levantou. — É bom ter você aqui. — Seu tom era suave e melancólico.

Ela é muito solitária, pensou Holly. *Acho que a Nicole não sai muito com ela.*

— Vou deixar você sozinha para descansar. Para se acostumar com… tudo. — Amanda sorriu discretamente e se dirigiu para a porta.

Holly roçou o nariz no pelo da gatinha e acrescentou:

— Superobrigada pela gata. Ela é um amor. — Riu de leve quando a criaturinha tentou alcançar seu nariz com a patinha. — Ela é tão fofa. Parece um bichinho de pelúcia animado.

— Vou falar para o meu pai deixar suas malas no corredor, não acordá-la. — Amanda sorriu, doce. Virou-se para sair, mas voltou o rosto outra vez: — Tomara que você goste daqui, Holly.

— Vou gostar, com certeza — respondeu Holly com sinceridade, apesar de estar louca para voltar para casa e deitar na própria cama. Depois perguntou: — Vocês tiveram fogo aqui, recentemente?

— Você está falando da lareira? — Amanda pareceu confusa.

Holly fez que não com a cabeça.

— Quis dizer… alguma coisa pegou fogo? Estou sentindo cheiro forte de fumaça.

— Não estou sentindo cheiro de nada — observou Amanda, cheirando o ar para comprovar o que dizia. — A gente não acendeu nenhum fogo. Quer dizer, a não ser a lareira, ontem.

Holly encolheu os ombros.

— Talvez seja o cheiro de outra coisa. Mudei de perfume.

Amanda pensou; depois, teve uma ideia.

— Meu pai fez o jantar ontem à noite. Ele não é muito bom nisso. Na verdade, sempre acaba disparando o alarme de fumaça. — Ela riu. — Aposto que foi isso.

— Faz sentido — concordou Holly, nada convencida. O cheiro era muito forte, não conseguia acreditar que Amanda não sentisse nada. *Não que eu ache que ela esteja mentindo. Só é estranho.*

— Minha mãe vai fazer as honras, hoje, em sua homenagem — continuou Amanda. — Ela cozinha muito bem. Estudou culinária.

— Uau. Legal. Vocês são cheios de talentos — disse Holly, admirada.

— Não. Só a minha mãe e a minha irmã. Meu pai e eu somos um saco. — Seu

sorriso não foi convincente. — A gente fica de plateia. Elas são as estrelas.

Holly ficou um pouco chocada. Não soube o que dizer. Sem falar mais nada, Amanda saiu, fechando a porta.

Holly tirou as sandálias, o jeans e puxou a colcha branca de renda. Os lençóis eram macios, fizeram-lhe carinho quando ela se deitou de sutiã e calcinha. Bast miou e se aninhou em seu peito. Holly olhou para a gata, que a encarava.

— Então, aqui estou eu — sussurrou. — Eu… — Lágrimas escorreram pelo seu rosto. Era muita coisa. Primas novas, casa nova. Cama nova. Tudo novo. A gatinha inclinou a cabeça, piscando os grandes olhos azuis cheios de inocência e curiosidade. — Quero eles de volta — sussurrou Holly. — Quero que tudo volte a ser como… *deveria*.

A gata piscou, abaixou a cabeça e deitou no peito de Holly. Bast acariciou seu ombro e começou a ronronar. Sentiu o cheiro da nova dona e se ajeitou para um cochilo.

Será que algum dia vou parar de chorar? Será que algum dia vou parar de sofrer?

De repente, a gata ficou alerta. Levantou do peito de Holly e desceu para o chão. Olhando para a porta, soltou um rosnado do fundo da garganta. Seu pelo se eriçou, ela arqueou o corpo. O rosnado de aviso se tornou um gemido de raiva; abaixou as orelhas e rosnou.

— Bast? — murmurou Holly. *Deve ser o meu tio, no corredor. Ela deve ter ouvido os passos dele*.

Mas ela é surda.

— Bast? — chamou com mais urgência. — Alguma coisa errada?

A gata recuou, virou-se e foi para debaixo da cama.

Holly sentou. Encarou a porta e o chão logo à frente. Não viu nada.

A gata continuava rosnando, como se estivesse ameaçada. *Ela deve sentir a vibração de gente andando*.

Mas, sem aviso prévio, a temperatura do quarto caiu assustadoramente. O cômodo ficou gelado, tão frio que quando Holly soltou o ar, viu, surpresa, fumaça saindo de sua boca. Apavorada, agarrou as cobertas e enrolou-se nelas. A gata gemeu mais uma vez e subiu na cama, indo em direção à menina, puxando a colcha. Holly a pegou e a colocou debaixo dos lençóis, a gata miando sem parar, tentando se esconder na sua barriga.

O aquecedor deve estar com problema, pensou, com firmeza. *A gata está com frio. É só isso*.

E ninguém encostou em mim no aeroporto.

— Amanda? — chamou, mas sua garganta estava seca, as palavras quase impossíveis de escutar. Pigarreou e tentou mais uma vez, mas a segunda tentativa não foi muito melhor do que a primeira.

Então, ouviu passos perto da porta.

Dentro do quarto.

Sentiu um calafrio; o cabelo da nuca estava arrepiado. O ar no quarto estava ainda mais gelado, como se isso fosse possível; ela tremia, morria de frio. Seus dentes rangiam e a pele do rosto pareceu enrijecer suas feições.

A gata estava enlouquecida, gemendo e se debatendo debaixo das cobertas. Enterrou as unhas afiadas na coxa de Holly; a menina percebeu, mas estava com tanto frio — e agora tão assustada — que nem sentiu dor.

Tentou falar, mover-se. Não conseguia nem piscar. Nem engolir nem respirar. Não tinha nem mesmo certeza de que seu coração ainda batia.

Houve mais um passo, muito estranho, como se estivesse quase *ali*, mas não exatamente. Era como se Holly dormisse um sono profundo e escutasse um ruído, tendo consciência de que estava sonhando. *Como no hospital, quando vi o papai tão… tão… morto. Ah, não, por favor, que não seja o meu pai…*

…Não, não quero que seja o meu pai. Ah, pai, eu sinto tanto a sua falta. Por favor…

A porta foi aberta, e Holly se preparou para gritar.

— Oi, meu amor. Trouxe a sua bagagem — disse tio Richard, sorrindo.

O quarto ficou quente. A gata saiu de debaixo das cobertas e começou a lamber o rosto de Holly, como se nada tivesse acontecido.

— Va-valeu — conseguiu dizer.

— Vou deixar aqui no corredor, agora. Enquanto você descansa.

— Não — deixou escapar. Não queria ficar sozinha. Mas ele já fechara a porta.

Sentou-se na cama, com medo de se mexer. Sentia-se uma idiota total, mas continuou encarando o espaço vazio de onde o barulho viera. Sua cabeça começou a latejar.

O tic-tac de um relógio chamou sua atenção, mas ela não conseguia parar de encarar o espaço vazio, permanecendo em alerta para o caso de algo acontecer.

Eu imaginei tudo. Eu estava dormindo.

Não sabia quanto tempo ficara ali sentada, mas em algum momento a luz no quarto diminuiu e a temperatura baixou. Não queria ficar ali no escuro. Desviando rapidamente o olhar, viu o abajur na mesinha de cabeceira de vime, ao lado da rosa.

A flor agora estava fora do vaso, atravessada na mesinha, gotas d'água brilhando sobre o vime branco.

Holly recuperou o ar e puxou a mão de volta, levando-a ao peito. O coração aos pulos.

A gata derrubou a rosa do vaso, disse para si mesma. *Só pode ter sido a gata. Ou talvez Amanda, quando levantou e saiu do quarto. Por acidente.*

Então, um telefone tocou em algum lugar do quarto, fazendo com que Holly desse um grito e pulasse da cama. Mais um toque. Holly viu o aparelho em outra mesinha de cabeceira, do outro lado da cama, e avançou por cima do colchão para alcançá-lo. Sabia que devia deixar que outra pessoa atendesse — ela era só uma

convidada naquela casa —, mas não conseguiu suportar os toques.

— Alô? — sussurrou.

— Holly. É Michael… Deveraux. Bem-vinda a Seattle.

— Ah. O-obrigada — gaguejou.

— Está gostando da casa nova?

Não é minha casa nova.

— Está… está chovendo à beça. — Era muito desconfortável falar com ele.

— Eles acomodaram você no quarto de hóspedes. — Ela levantou as sobrancelhas. — Eu imagino — continuou ele. — Já que é para isso que ele existe. Eu decorei esse ambiente. Você gostou?

— Sim. O chão… range um pouco.

— Hum. — Ele pareceu desapontado. — E olha que eu ordenei aos carpinteiros que colocassem pregos extras. Então… Sua tia está por aí?

Holly hesitou.

— Não tenho certeza. Ela levou a Nicole…

— Tudo bem — disse ele, interrompendo-a. — Tento mais tarde.

— Michael! Cheguei! Desculpa ter demorado tanto! Nicki precisou de uma carona para a aula. — Uma voz feminina disse ao fundo. Holly reconheceu de primeira. Era sua tia.

Ele queria saber onde ela estava. Por isso, o telefonema. Eles tinham um… encontro.

Envergonhada por Marie-Claire, Holly fechou os olhos.

— Ok — balbuciou.

— Vou passar aí para dar uma olhadinha nesse piso.

— Valeu.

Ele desligou. Holly fez o mesmo e colocou o fone no gancho. Ficou sentada uns minutos, absorvendo o choque.

Novamente embaixo da cama, Bast rosnou mais uma vez.

O mais rápido que pôde, Holly vestiu o jeans e cruzou o quarto, evitando o lugar que perturbara a gata, e saiu correndo dali.

No corredor, sem ar, encostou-se na porta, olhando para a pilha de malas. Queria levá-las lá para baixo, chamar um táxi e ir direto para o aeroporto. Seattle era um lugar muito esquisito.

Ao contrário de São Francisco, pensou, triste, *onde Barbara Chin-Davis está numa cama de hospital, com uma doença sem diagnóstico. E eu aparentemente sou dona de uma casa, mas não tenho idade para morar sozinha nela. E fui mandada para viver com parentes que nem sabiam da minha existência.*

E minha tia está tendo um caso.

Uma porta mais ao longe foi aberta, e Holly deixou escapar um gemido de susto.

Era Amanda, que levantou as sobrancelhas. Usava óculos muito pequenos, retangulares, e tinha um livro na mão esquerda: *As brumas de Avalon*.

— Sou eu — disse Amanda.

Holly passou a mão no cabelo.

— Desculpa. Estou meio assustada.

— Casa nova — disse Amanda, gentil.

Chamou a prima, que atravessou o corredor até entrar num quarto bonito, mobiliado em madeira, tons de lavanda e creme. Amanda tinha uma cama de espaldares altos, coberta por uma colcha verde e roxa. Sobre uma escrivaninha antiga, havia um quadro de cortiça com fotos e bilhetes espetados. O armário estava aberto, uma pilha de sapatos e uma capa roxa jogados no chão. A maior parte das paredes era tomada por prateleiras de livros, e Holly reparou na enorme quantidade de romances de fantasia.

— Gostei do seu quarto — disse Holly, sincera.

— Minha mãe quer reformar. — Amanda balançou a cabeça. — Não quero que ela mexa em nada. Você viu a entrada? Não parece uma sorveteria?

Holly segurou a vontade de rir.

— Não mudaria nada aqui. — Ela hesitou e mudou de assunto, sem querer falar da mãe de Amanda. — Você tem certeza de que essa gatinha é surda? Às vezes, parece que ela escuta.

— É. — Amanda pareceu arrependida. — Desculpa. Não me dei conta disso quando escolhi o filhote para você.

— Não, não, tudo bem. — Holly fez um gesto para indicar que não ligava, deixou a mão cair no próprio colo e disse: — É que, às vezes, parece que ela ouve o que digo. Talvez ela tenha uma visão mais apurada.

— Levamos a gata ao veterinário. Minha mãe queria arrumar outra para lhe dar, mas Nicole disse que não. Falou que Bast era a gata certa para você.

Amanda agachou ao lado da cama e levantou a saia da colcha.

— Vou lhe mostrar a *minha* gata. Frey-frey — chamou. — Vem cá, garota.

Uma gata adulta, alaranjada e gorducha, apareceu, movendo-se orgulhosa, miando para Amanda. A menina pegou o enorme bichano.

— Esta é a Freya — disse para Holly. — É minha.

— Nossa, ela é enorme. — Holly estendeu a mão para acariciar a gata. O bichinho recebeu o afago como se fosse uma duquesa, aprumada, condescendente, e Holly sorriu. Conhecia alguns cavalos como Freya, orgulhosos e impiedosos, mas, no fundo, loucos por atenção e carinho.

Amanda acariciou a gata com ternura. Holly se juntou a ela, depois fez uma pausa, e Freya a encarou, aceitando a atenção sem piscar ou mover a cabeça. A intensidade do olhar de Freya era assustadora.

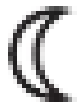
— Tomara que você goste daqui, Holly — disse Amanda.

— Tomara. — Holly suspirou.

Freya miou e se aninhou no colo de Amanda.

CINCO

LUA DO CARVALHO



Mãos aos céus, pés no Inferno,
A Confraria Deveraux faz seu encantamento.
Que o sol venha de noite
E apague a luz da virgem.

Aos verdadeiros e fiéis Cahors
Antigas e conhecidas bênçãos mais uma vez suplicamos.
Que a Deusa ouça nossas preces
E, neste ano, mate a semente do Homem Verde.

Seattle, meados de agosto

Chovia em Seattle. Quase o tempo todo.

Holly ouvira dizer que as pessoas se acostumavam — em algum momento —, desde que pegassem um guarda-chuva confiável ou uma capa impermeável antes de sair de casa.

Mas no quarto dia de sua estada com os parentes, ela se enfiou no sótão com uma xícara de chá, escutando o barulho da chuva e vasculhando um baú cheio de lembranças do pai.

Era uma arca antiga; sobre a tampa, estavam inscritas as iniciais C.C. Dentro da caixa empoeirada, cheia de umidade, encontrou anuários escolares, prêmios esportivos e fotos. Muitas fotos. Pelo que via nelas, o pai tivera uma juventude feliz em Seattle, com Marie-Claire e os pais, David e Marianne. Ele parecia feliz — eram muitas as fotografias em que sorria, fazia coisas, fotos com a família… depois, abruptamente, largara a Universidade de Washington e fora para Berkeley.

Onde ele conheceu a minha mãe?, pensou, com melancolia.

E era ali que sua história parava, pelo menos na coleção de itens preservados por Marie-Claire.

— Ei — chamou a tia, atrás dela. Holly se assustou, sentindo-se culpada. Não pedira permissão para subir ali e bisbilhotar as coisas da tia. — O que você está fazendo? — perguntou Marie-Claire, em tom amável. Inclinou a cabeça, estudando a fotografia. — Isso foi no último ano do Ensino Médio. Ele era calouro. — Ela parecia muito triste, e começou a chorar. — É tão difícil acreditar que ele morreu — acrescentou, quase sem ar. — E que não se despediu.

— Você não falava com ele há… um tempo. — Holly conseguiu dizer.

A tia agachou e examinou um troféu esportivo — Liga de Juniores — e, com certa reverência, colocou-o no chão.

— Não. Não sei o que aconteceu. Ele teve uma briga horrível com nossa mãe. Não sei o motivo. Aí, foi embora. Nunca mais procurou a gente. — Ela recuperou o fôlego e ergueu uma fotografia. O pai de Holly estava todo de preto, jeans, suéter, paletó, de braços cruzados em frente a uma piscina. — Eu me lembro desse dia — murmurou ela. — Foi o dia da tal briga. O dia em que ele foi embora. Meu irmão mais velho…

Ela começou a chorar. Passou a língua nos lábios e entregou a foto para Holly.

— É tudo seu agora, querida.

— Não, eu… — protestou Holly, depois se calou. Sua tia estava certa, tudo aquilo deveria ser seu.

Alguns minutos se passaram. Então, a tia girou os anéis nos dedos e disse:

— As coisas… algumas coisas são complicadas. — Corou e não olhou para Holly.

Ela está falando do caso com Michael, pensou Holly, alarmada. *Não quero entrar nesse assunto, de jeito nenhum*.

Como Holly não respondeu, Marie-Claire disse:

— Bom, eu estava procurando você para dizer que as meninas querem levá-la para sair, hoje à noite.

Foi a vez de Holly ficar sem ar. *Gente nova. Lugar novo. Vou voltar para o colégio de São Francisco… Não vou ficar aqui*.

— Acho que prefiro ficar em casa — disse Holly. — Não estou muito animada para… isso.

— Elas querem sair com você. Fazem questão — concluiu Marie-Claire. Sorriu, amigável.

Mas, no jantar, foi Amanda quem insistiu; Nicole tinha "alguma coisa" para fazer, algo que incluía a permissão para usar o carro da mãe, e ela prometeu aos pais encontrar Amanda e Holly mais tarde.

Tio Richard levou Holly e Amanda ao The Half Caff, um café animado num quarteirão movimentado da Hill Street. Beijou a filha no rosto e, docemente, desejou que Holly se divertisse, dando bastante dinheiro para as meninas.

— Se tiverem qualquer problema com a… carona para casa, liguem — acrescentou de forma leve, como se detestasse ter que dizer aquilo.

Nossa carona para casa é a Nicole, traduziu Holly. Ficou um pouco impressionada com o olhar trocado entre pai e filha, um sorriso discreto de entendimento, de quem sabe que, como já acontecera outras vezes, situações desagradáveis poderiam surgir.

Eles são os dois deslocados, pensou Holly, confirmando a descrição que Amanda lhe

fizera da mecânica familiar. *Nicole se livra com as cenas dramáticas e Marie-Claire… se livra sendo infiel. E ninguém se incomoda se o outro vai sair ferido.*

— Ok, hora do show — disse Amanda. — Coloca um sorriso nesse rosto.

Holly engoliu com dificuldade.

— Estou legal?

Estavam praticamente idênticas: camiseta e jeans, nada muito arrumado, apesar de Amanda estar usando uma gargantilha de granadas verdadeiras, combinando com uma pulseira cheia de enfeites. Holly usava a pulseira de identificação de prata do pai e um anel prateado de dedão, argolas de prata e a tornozeleira cheia de sininhos que Tina lhe dera de Natal.

O lugar era grande para os padrões de São Francisco e tinha uma varanda enorme no segundo andar. O café era todo decorado com soldados gregos e lanças, e Holly se lembrou do Palace de Fines Arts, em São Francisco. Todas as mesas tinham pés de colunas de pedra e tampos de vidro, de tamanhos variados. Havia estátuas por todo lado — bustos de homens fortes e severos, uma madona de olhos tristes, e toneladas de anjos. Via-se hera nas paredes, cuja pintura dava a impressão de uma casa de campo no crepúsculo. O bar era uma mistura de ruínas gregas e cemitério vitoriano.

— Que lugar maneiro. — Holly se animou.

— Oba, mesa — disse Amanda, parecendo contente. E apontou para uma mesa de dois lugares, perto da máquina de café expresso. No seu ambiente, era ela quem mandava. Holly olhou em volta, aqueles rostos todos, desconhecidos. Os góticos de sempre, mas vários outros grupos. O lugar era barulhento, reverberando em todas as superfícies — o chão, de cimento, era pintado de preto e branco para parecer mármore. A atmosfera era de um ginásio escolar, no fim de um treino animado — não a quietude dos estudos à qual estava acostumada.

As duas primas se sentaram, e Holly pegou o cardápio escrito em letra corrida. Olhou a seleção dos cafés, depois pesquisou a vasta lista de chás.

— E aí, profeta? — disse um rapaz que arrastava uma cadeira entre mesas e pessoas. — Já era hora de você dar as caras.

O menino tinha estatura mediana, pele de cores quentes, olhos de Lua crescente, o cabelo descolorido pintado de louro. Ficava bem nele, assim como o brinco e a tatuagem chinesa no antebraço.

— Tommy — disse Amanda, carinhosa. Piscou para Holly. — Esse é o meu melhor amigo no mundo, Tommy Nagai. — Apontou para Holly. — Minha prima.

— Gata — respondeu ele, apreciando.

— Deixe-a em paz — ordenou Amanda. — O verão já está quase terminando e essa é a chance que ela tem de conhecer pessoas. Daqui a algumas semanas… a gente volta à velha hierarquia, e ela vai ficar com a gente. — Explicou para Holly: — Não consigo entender. Ele é mega nerd, tem metas nerds e, mesmo assim, não é

totalmente ridículo.

— É verdade — concordou Tommy, fazendo uma espécie de mesura. — Sou nerd ao extremo, mas sou tolerado pela galera "descolada". — Fez o sinal de aspas com as mãos. — Acho que é porque demonstro a reverência necessária e nunca me esqueço da minha posição no ranking.

— E o número de série — complementou Amanda, rindo. — Então, se você quiser pegar alguém de mais classe — disse para Holly —, não deve andar muito com o Tommy. Porque "tolerância" é a melhor palavra que descreve as relações dele com a galera "descolada".

— E *você*? — devolveu Tommy, encostando na cadeira e tirando o cardápio das mãos de Holly. — Ela está morando na sua casa, pelo amor de Deus. Isso sim é suicídio social. Vou tomar um *chai latte*, hoje.

— Ela não pode fazer nada — disse Amanda, com razão. — Além do mais, tenho a vantagem de ter a Nicole. — Seu sorriso se encheu de amargura. — Minha mãe não deixa a Nicole ir a nenhuma festa para a qual não sou convidada. Então… — Fez um ligeiro aceno de cabeça. — Minha semipopularidade é comprada enquanto a do Tommy é um pouco mais honesta.

— Além do mais, nós dois gostamos de *anime* — acrescentou Tommy.

Holly estava intrigada com a mudança de comportamento de Amanda, do discurso à maneira como andava, e se deu conta de que a prima ficava confiante e relaxada ao lado de Tommy Nagai. *Ela não se sente ameaçada, porque não pensa nele como um namorado potencial*, percebeu. *E, mesmo assim, ironicamente, eles são um casal incrível*.

— Chega — disse Tommy, afável. — Vamos deixar sua prima julgar por si mesma. Ela pode adorar o que vê. — Abriu um sorriso de dentes brancos para Holly e piscou os olhos de cílios longos. Mas ela percebeu que os sentimentos por Amanda ia além do papel de "melhor amigo" que a prima lhe dera. E Holly gostou dele de cara, só por causa disso.

— Vou voltar para São Francisco, para o último ano do colégio — contou Holly. — Só estou aqui visitando.

— Que pena — disse Tommy, e pareceu sincero. — Vamos afogar nossas mágoas em chocolate branco. — Devolveu o menu para Holly. — E quero que você pague o meu, profeta, porque a grana do trabalho de verão acabou e…

Amanda interrompeu o amigo, resmungando:

— Ah, não.

Holly seguiu o olhar de Amanda. Levantando devagar de uma mesa cheia de gente estilosa, moderna, como uma pop star, lá estava Nicole, prestes a fazer uma cena. Nem Holly nem Amanda haviam percebido a presença dela. Então, dois caras apareceram na porta de entrada roxa e preta, que parecia um hematoma. Os dois estavam de preto, tinham cabelo muito escuro, sobrancelhas escuras e rostos bem-talhados, mas só um deles tirou o fôlego de Holly.

Tommy suspirou, como se estivesse acostumado a essa rotina. Em tom educado, perguntou a Holly:

— Quer alguma coisa para acompanhar os biscoitos e a bebida? Tipo, um saquinho para vomitar?

Holly ficou vermelha — Tommy a flagrara conferindo outro cara, o que era rude, já que estava na presença dele — e respondeu:

— Quanto é o saquinho? Lá onde eu moro, os cafés não têm isso.

— Não tem problema. A gente trata bem quem vem de fora. Você é visita — disse Tommy, que claramente gostara da resposta dela.

— Só o biscoito e as bebidas — sugeriu Amanda. Holly concordou.

— Ok. Mas cuidado: *ela* gosta de pegar todo o chocolate branco e deixar as sobras nojentas para você — disse Tommy, acusador.

Ele franziu o cenho para Amanda, mas o foco da menina também já estava em outro lugar… no cara sexy que cruzava o salão e se encaminhava para a mesa em que estavam.

Um deles olhava para Holly como um leão — não, como uma pantera — aproximando-se da presa, cada músculo tenso, pronto para dar o bote.

— Vou sair de campo. Fazer o nosso pedido, porque nesta parte do café, não vai aparecer nenhum garçom — disse Tommy, leve, mas era óbvio que não estava gostando daquilo.

— E aí? — cumprimentou o rapaz. Olhava diretamente para Holly.

A menina olhou para a prima, que cutucou o queixo, começou a roer o canto da unha e murmurou:

— E aí, Jer? — Sua confiança e animação haviam evaporado em um segundo. Ela levantou a cabeça e pigarreou. — Holly, esse é Jeraud-Luc Deveraux. Holly é minha prima.

Holly olhou para Jer, reparando em como os olhos dele eram escuros e pensando: *Não, são verdes, com pontinhos castanhos. São tão… incríveis…*

O lugar se deslocou, como se todas as cadeiras, as mesas, os pôsteres de bandas locais, os fôlderes de exposições de arte, a máquina quente de café expresso, os baristas, os garotos de preto e os de jaqueta deslizassem para o canto mais longe dela e daquele cara. Holly sabia que o conhecia; não sabia de onde, nem de quando, mas Jer Deveraux não era um estranho.

— *Bonsoir, ma-dame* — disse ele em francês, a segunda palavra dividida em duas de propósito, fazendo da frase um cumprimento elegante: *Boa noite, minha senhora.*

Holly respondeu de imediato, sem hesitar, sem compreender por que as palavras saíam tão fácil e naturalmente de sua boca:

— *Bonsoir, mon seigneur.*

— Ei, Jer — disse Tommy, de um lado da mesa. Virou-se para Amanda e Holly. — O biscoito está em falta. Talvez eu consiga umas patas de sapo ou umas cobras, já

que é Noite da França no The Caff e eu esqueci meu dicionário em casa.

— Holly? — chamou Amanda.

Mas Holly não conseguia sair do transe. Não conseguia parar de olhar para Jer.

Jeraud-Luc Deveraux.

Esse não é o nome dele, pensou. *O nome dele é…*

É…

— Jean — soluçou Isabeau, estendendo os braços para a mãe. As duas vestiam trajes de bruxa: mantos negros e pesados, o cabelo entremeado de véus, lírios e folhas. — Por favor, *mère*, poupe-o.

O cômodo tinha dois apetrechos; o altar de pedra da Deusa, arrastado até ali por dois servos, que em seguida seriam assassinados; e um braseiro, para fornecer luz e calor. O fogo estava alto; sombras tremeluzindo na pedra e no pelo de Diable, o cão deixado para trás por Isabeau quando fora para o castelo Deveraux. O animal agora rolava, contente, ao lado dela, ajoelhada no chão empoeirado, agarrando-se à mãe, soluçando debaixo do tecido fino de seu manto.

— *S'il vous plaît, mère* — implorou. — Se você um dia me amou, por favor, por favor, poupe-o.

A mãe, rainha regente do Círculo dos Cahors, manteve-se sentada, ereta, fria, insensível aos apelos da filha. A cada nova demonstração de afeto ao inimigo tradicional, seu lábio superior se curvava, até que ela se tornasse uma imagem demoníaca. Ao gesticular em direção ao cordeiro morto no altar, a pequena criatura sacrificada para que a sorte de Isabeau fosse lida em suas entranhas, ela disse, duramente:

— *Eles* não pouparão *você*.

Haviam se escondido na torre mais alta do castelo Cahors. A Lua estava cheia, sua aura úmida, quente, propícia aos encantamentos, às crianças e às maldições. O vento outonal sibilava, invadindo a clausura de pedra, chacoalhando folhas e espalhando o cheiro das maçãs. Enquanto guerreiros Deveraux adoravam o seu Deus em porões imundos, as bruxas Cahors buscavam lugares altos, onde pudessem estender os braços em direção à Abençoada Senhora Lua.

— Vão me poupar se eu tiver um filho.

As pontas dos dedos de Catherine estavam ensanguentadas. Já inscrevera um pentagrama na testa de Isabeau e, agora, pressionava o centro com seu dedão, onde se dizia que estava o terceiro olho, pertencente a Deus, capaz de olhar para dentro e enxergar os pecados de uma pessoa.

— Você não carregará um demônio Deveraux — disse com a voz firme, com a certeza de uma bruxa de alta casta, conhecedora de sua arte.

— Você não pode mais me forçar a ser estéril! — gritou Isabeau. Agarrou-se à sua cadeira, rasgou seu véu e o jogou no chão. Então, caiu, apoiando-se nos

cotovelos, cobriu os olhos com as mãos e chorou. Seu cabelo comprido, negro, caia-lhe pelas costas, a tiara de flores largada no chão.

— Você conhecia o nosso plano. Concordou com ele. — O tom da mãe era frio como as pedras sob o ventre vazio de Isabeau.

— Mas agora eu... — ... *o amo*, ela quase disse. Catherine preferiria estrangular a própria filha do que ouvir sua declaração de amor a um Deveraux. — Agora eu vejo qualidades... — disse baixinho, e caiu em silêncio diante da expressão de ira da mãe.

— Você falhou — disse Catherine. — Foi enviada para aprender o segredo do Fogo Negro. Mas eles nunca o compartilharão com você. — A mãe atestou, levando os dedos cobertos de sangue à manga do traje de Isabeau, enfatizando suas palavras. — Você precisa entender que fizemos um acordo subentendido com eles. Um filho pelo segredo. Eles se recusaram. Agora planejam livrar-se de você para que possam germinar filhos em outro ventre. — Ela zombava da filha. — Não existe espaço para candura e suavidade nas nossas negociações, menina. Você já deveria ter aprendido isso.

— Foi uma armadilha desde o início — disse Isabeau, com amargura. — Você me mandou para lá, sabendo muito bem tudo o que ia acontecer. O momento em que Jean e eu nos unimos, punho a punho, foi o momento em que assinei a sentença de morte dele.

— Você sabia disso. — A mãe aprumou o corpo, as costas eretas em seu assento régio. — Sabia que planejávamos massacrá-los se não lhe entregassem o segredo. Você retornará a nós, habilitada para se casar de novo, sem nada que a una aos Deveraux.

Isabeau sentou-se e a mãe sorriu de leve.

— Ah, *maman*, não pretendia me apaixonar por ele... Sou uma Cahors e sempre serei. Mas... mas eu... Ele é meu marido agora. — Limpou os olhos e esfregou as mãos ao mudar de posição. Então, ficou de pé e andou até o braseiro, aquecendo as mãos geladas com as chamas.

— Ele enfeitiçou você — disse Catherine, batendo com o indicador na palma esquerda para enfatizar o que dizia. — Você precisa se esforçar para sair do encantamento, minha filha. Ele é um Deveraux e deve morrer com todo o resto. — Antes que Isabeau pudesse protestar, ela prosseguiu: — Pense, menina. Não podemos deixar que o sangue herdeiro de nosso maior inimigo sobreviva ao massacre da família inteira! Ele nos amaldiçoará a todos, e seu espírito não nos dará descanso até que todos os Cahors, em todos os lugares, estejam mortos. Ele perseguirá nossos descendentes, e isso pesará na *sua* consciência e na minha, e os descendentes de nossos descendentes, se fraquejarmos agora.

A mãe pegou a tiara de flores de Isabeau no chão. Estendeu o objeto à filha, que o pegou.

— Agora, descreva para mim as entradas e saídas do castelo — instruiu. — Não deixe nada escapar. Não pense em me enganar para poupar a vida dele.

Isabeau limpou o nariz. Suas mãos tremiam.

— O muro… o muro ao Norte é o menos vigiado. Porque fica de frente para o lado mais escarpado — disse, levantando-se.

— Sente-se.

Catherine foi até a porta da torre. Abriu-a. Berenice, dama de Toulouse, foi flagrada escutando a conversa. Pigarreou e se curvou numa mesura.

— Vinho. — Foi tudo o que Catherine disse. Mas depois que a moça se afastou, virou-se para a filha e perguntou:

— Você não gostaria que eu *a* poupasse, gostaria?

Isabeau balançou a cabeça devagar. Seu olhar estava gelado. Recentemente, uma serviçal dos Cahors denunciara a família ao bispo, clamando que haviam sacrificado à Deusa o recém-nascido da esposa do homem do moinho. A traidora era uma jovem lavadeira que fora trocada por outra. O pai insistira para que o jovem nobre que a tomara como sua amante pagasse por ter-lhe baixado o valor marital. Porém, o pensamento do bispo estava de acordo com o da família do nobre: as classes mais baixas não precisam de casamento, isso seria um luxo para eles; e, se a moça desperdiçara suas chances, essa era a vontade de Deus.

Mas o mal causado por sua fofoca perversa já estava feito, e em todas as proximidades de Toulouse, espalhou-se o rumor de que os Cahors sacrificavam bebês.

Depois de algum tempo, o bispo viera visitar Catherine. E fora embora carregado de caixas de moedas de ouro, para dar continuidade ao trabalho do Senhor. Garantiu aos nervosos moradores da cidade que bruxas, magos ou bruxos não existiam nas proximidades dos cristãos tementes a Deus, como eles.

Ainda assim, o falatório crescera, e tanto Cahors quanto Deveraux tinham motivos de preocupação — os Cahors mais ainda, porque os tolos Deveraux conduziam sua vida de magia sem sutilezas, desprezando a discrição.

— Berenice deve estar morta pela manhã — disse Catherine.

Isabeau ergueu a faca de sacrifício, que estava ao lado do cordeiro morto. Fora forjada em tempos romanos, e passara de mãe para filha desde então.

— Eu mesma farei isso — anunciou Isabeau.

A mãe lhe sorriu e murmurou uma bênção. Depois, disse, com mais gentileza:

— Você sobreviverá a isso, Isabeau. É difícil, eu sei. Mas quando ele estiver morto, seu feitiço será desfeito, e você compreenderá o quanto foi usada por ele.

Isabeau suspirou profundamente. Ele a enfeitiçara, sim; mas como contaria à mãe sobre os fortes encantamentos que haviam criado juntos, sobre o poder inacreditável que conquistavam quando trabalhavam como um só, para invocar as forças da Escuridão e das Sombras?

Nunca soubera que tal poder existia. E, agora, teria que pôr fim a ele? Não nascera quem fosse magicamente tão forte quanto ela e Jean Deveraux juntos — nem ele, nem o pai, nem mesmo sua mãe, a grande bruxa Catherine, cujo nome já era reverenciado em todas as Confrarias. Bruxas enviavam peregrinos ao castelo, para que conhecessem a *Grande Dame*.

Até a sua união com Jean Deveraux, a única esperança na vida de Isabeau era dar continuidade à sua linhagem com orgulho. Não sabia como contar à mãe que ela, Isabeau, já a ultrapassara. Não passava de uma menina de 16 anos, e a mãe era mulher de quase 30. Mas, como esposa de Jean, era a bruxa mais forte da Liga.

Ao abaixar a cabeça em obediência à mãe, pensou: *Concordarei com todos os seus planos, mas no fim, usarei nossa magia para salvar Jean. Fugiremos juntos e fundaremos uma nova Confraria, longe dessa briga entre famílias. Teremos a nossa nova Confraria.*

Embalada por esse pensamento, guardou a faca dentro de sua bolsinha, beijou a mão estendida da mãe e murmurou:

— *Bonsoir, mère*.

A mãe inclinou o corpo e beijou a testa de Isabeau, acariciando a mancha de sangue, beijando-a também em seguida.

— Você é uma filha maravilhosa. Não poderia ter desejado nada melhor — declarou.

Seus olhos brilharam de orgulho. Isabeau manteve o medo e a vergonha longe do olhar da mãe, sorrindo-lhe de volta com facilidade. Era uma Cahors, e uma Cahors pode jurar com paixão com uma das mãos enquanto crava a outra no rival.

— Vamos marcar o massacre para a Lua do Mel — anunciou Catherine. — Prepararei aqueles que precisam saber.

— Devem ser poucos — aconselhou Isabeau. Tocou na bolsinha de couro, buscando ênfase. — De outra maneira, Toulouse inteira saberá.

— Concordo. Vamos fazer um juramento de sangue pelo sucesso da missão — acrescentou a mãe, levantando-se.

Foi até o altar. Isabeau respirou fundo. Dizia-se que um juramento de sangue em falso condenava a pessoa a vagar pela Terra até que fosse vingada. Se prometesse matar seu marido e não o fizesse, poderia tornar-se um espírito incansável, condenado a perambular pela Terra até que ele fosse morto por suas mãos… nesta vida ou em outra, neste ou em outro mundo.

Então, assim vagarei, disse para si. *Para sempre se for preciso; pois jamais o matarei*.

Juntas, mãe e filha deitaram as mãos sobre o sangue, ainda quente, do cordeiro. Catherine fechou os olhos e murmurou em latim sagrado, voz solene, Isabeau repetindo suas palavras a cada fim de frase.

— Nosso pacto está selado — disse Catherine ao terminar.

— Graças à Deusa — respondeu Isabeau, de novo à beira das lágrimas.

Beijaram-se no rosto mais uma vez, e Isabeau deixou o conforto do fogo, do

sacrifício, da Lua e da mãe, para matar a curiosa Berenice.

— Jean — murmurou Holly, ao sair do transe, da visão, ou seja lá o que aquilo fosse.

Jer Deveraux a encarava, de boca aberta. Piscou e sussurrou:

— *Ma Isabeau?*

Então, foi como se Jer e o irmão dele fossem engolidos por uma multidão. Holly os perdeu de vista quando Tommy voltou à mesa com uma bandeja enorme, cheia de xícaras fumegantes e bolinhos de canela gigantes.

— Tudo bem com você? — perguntou Amanda para Holly, olhando para a prima. — O que foi *isso*? — Tocou na testa de Holly. — Você está passando mal?

— Aqueles são os filhos do Michael — disse Holly, devagar. — Michael Deveraux.

— Os selvagens — disse Tommy, de maneira pejorativa. — Os gêmeos demoníacos.

— O Jer é legal — disse Amanda. Olhou de novo para Holly, e não havia como não enxergar a dor na expressão da menina. Jer Deveraux não trocara duas palavras com Amanda.

— Eu… eu não estou me sentindo bem — disse ela para a prima. — Desculpa, mas você fica chateada se a gente voltar para casa?

Então ela viu Nicole sair pela porta com o irmão de Jer, que era mais alto, mas não tão bonito. Na verdade, tinha a aparência bruta e perversa.

Amanda suspirou e pegou seu celular na bolsa. Depois, controlou-se e disse, muito amável:

— Não estou com raiva de você, Holly. É que… ela não devia se encontrar com ele. E devia ficar com a gente. E, como sempre, ela faz o que quer e nada acontece.

Mas seus olhos estavam marejados quando ela completou a ligação.

Tommy franziu a testa e disse:

— Jer enfeitiçou você? Os Deveraux são bruxos, sabia? — Mexeu as sobrancelhas. — Eles gostam de sacrificar virgens. Então, Nicole está salva.

— Deixa de ser idiota, Tommy — rebateu Amanda, secando o rosto. Depois, sua voz saiu aguda quando falou ao telefone: — Pai? Carona? Holly não está se sentindo bem. — Desligou. — Toma um chá, Holly. Você vai se sentir melhor.

Holly fez o que Amanda sugeriu. Estava tonta, com calor e enjoada.

Talvez ele tenha *colocado algum encantamento em mim*, pensou. *Porque aquilo foi muito, muito estranho*.

Olhou em volta, em busca de Jer Deveraux, mas ele não estava ali.

SEIS

LUA DOS LOBOS



Alimente-nos agora que a fome cresce,
Deixe-nos banquetear nossos inimigos.
Devemos jantar diante de seus olhos
Corações e mentes, costelas e pernas.

Nossa Dama e Senhora, escute nosso lamento.
Deitamos nossas cabeças e olhamos o céu.
Una os corações e almas de nossa família.
Conforte-nos e permita-nos estar inteiros.

Como sempre, os irmãos Deveraux estavam brigando. Eli dirigira o Mustang conversível da dupla até o The Half Caff, depois desaparecera com Nicole *Cathers*. Jer tivera que encontrar outra maneira de voltar para casa.

Queria ter ido com a prima da Nicole vinda de São Francisco. Uau. O que foi aquilo?

Quando desceu de seu quarto, onde ficara deitado pensando em Holly Cathers, encontrou o irmão sozinho na sala. Mal a briga começou, Jer já estava furioso.

— Seu cara de pau — disse, irritado, para Eli. — Não entendo o que você vê em Nicole! Ela é tão fútil.

— Fútil? — Eli começou a rir. — Quem é você? Emily Dickinson? Ela é um *tesão*. — Eli estava fazendo o acabamento de um athame de cabo negro. Parou, admirando seu trabalho, e deixou a arma na mesa de centro. — Ela quer que a gente vá morar junto depois da formatura.

— Você deve tê-la enfeitiçado. É a única explicação para ela querer ficar com você — disse Jer, desdenhoso.

Tranquilo, Eli testou a lâmina num pedaço de madeira coberto de estragão, a erva preferida das bruxas.

— Cara, é a arte do meu abdômen definido. Alguns caras pegam peso, outros estrangulam pombos. E tem os que fazem as duas coisas. — Riu. — E eu vou lhe dizer, seja lá como for, se aquela gostosa me quer, está tudo bem para mim.

Ele acendeu uma vela e levou a lâmina até a chama, aquecendo o metal. Então, abriu uma versão menor do livro da família, o Livro das Sombras, olhou para a receita do Encantamento da Dedicação, e se voltou para Jer.

— De qualquer maneira, valeu por ter distraído os outros. Amanda é caidinha por

você, você sabe. E você deve ter feito alguma coisa com aquela prima. Haley, Kylie, sei lá. Ela ficou catatônica, cara.

— Deixa pra lá. — Ele não queria discutir Holly Cathers com o hipócrita do irmão.

— Claro que ela ainda não teve a oportunidade de sair *comigo*.

Jer examinou o punhal do irmão. Fosse o que fosse, Eli era um artesão de mão cheia, fazia coisas incríveis.

— Então, Deus existe.

— De qualquer forma, ele não é o mesmo Deus da gente. — Eli tirou o athame da mão de Jer e desenhou um arco no ar, exagerado. A lâmina brilhou com luz verde e mágica da tradição de sua Confraria, cuja força total fora alcançada na França medieval. Parecendo satisfeito, tocou a ponta com os dedos e fez um sinal de aprovação quando uma gota de sangue apareceu. Lambeu o dedo e riu para Jer, aparentemente achando graça do irmão.

Jer não reagiu. Eli era um boçal, sempre fora e, sem dúvida, nunca deixaria de ser.

— Você quer me ajudar a fazer uma consagraçãozinha rápida? — perguntou Eli. — Vai ser rápido. Vou deixar a versão completa para mais tarde, com o papai e você no Ritual.

Jer fez um gesto negativo, enojado.

— Não se consagra um athame novo no meio de uma sala de estar com o equivalente mágico de um almanaque. É totalmente sem classe.

— Vou repetir, irmãozinho: qualquer coisa que funcione. — Ergueu o punhal com as duas mãos e começou a murmurar palavras em latim para a arma.

Balançando a cabeça, Jer saiu de perto da blasfêmia e desceu para a sala de musculação. Mexeu braços e ombros, aquecendo-se para uma série pesada de flexões. Todos os homens Deveraux malhavam; mantinham a boa forma, comiam bem, tinham sono pesado. Michael incutira seus hábitos nos filhos; a prática da Arte pode esgotar a vitalidade de um homem, a menos que seja cuidadoso. Cuidar do instrumento dado por Deus, o corpo, era parte do sucesso de um bom bruxo.

Jer deitava-se na prancha quando ouviu o pai cantando na câmara escura, escondida no coração da casa. Pelo ritmo da litania, sabia que o pai chamava um espírito. Isso era bastante comum no lar dos Deveraux.

Alguns assistem ao futebol, nós invocamos os mortos.

Apressou-se até os pesos e segurou a barra.

A voz do pai ficou mais alta. O tom subiu, o ritmo cadente ganhou gritos pontuados. Intrigado, Jer aguçou os ouvidos.

Papai está discutindo com alguém.

Fosse quem fosse, estava respondendo, também bastante irritado. Nunca escutara seu pai discutindo com um espírito. Não era assim que funcionava. Mortais

chamavam os espíritos, que faziam o que lhes era solicitado, em geral sem dizer uma palavra.

Havia um ritmo na língua em que falavam que Jer quase reconhecia.

É francês, deu-se conta. *Talvez seja um homem de carne e osso. Alguém que descobriu que meu pai anda se encontrando com a mulher dele — o que significa metade de Seattle — e seguiu o cara até aqui…*

As vozes se elevaram; a discussão se acalorava. Jer fechou os olhos e fez um feitiço para aumentar o poder de sua audição no momento em que Eli entrou na sala de musculação com seu punhal. Havia um curativo recente em seu pulso.

Pelo menos, meu irmão teve o respeito de dar um pouco do seu sangue para Deus através do punhal, pensou.

— E aí, banana? O que está rolando? — perguntou Eli. — Quem está com o papai?

— Achei que estava gritando com você — devolveu Jer.

Eli riu.

— Ah, tá, até parece. O papai nunca grita comigo.

— Então não sei. Talvez esteja dando uma ordem para uma bruxa na Cama de Afrodite.

Havia uma bruxa em Nairobi que contratara Michael para desenhar uma nova casa para ela, incluindo uma câmara para suscitar o desejo do homem com quem vivia. Mas alguma coisa dera errado: o cara lindo e negro que morava com ela havia anos dissera que estava apaixonado por outra pessoa… um homem… e nunca mais dormira com ela na Cama de Afrodite novinha.

Jer deu de ombros e começou a levantar peso, endireitando a postura.

— Vai se ferrar — disse Eli e saiu.

O irmão mais velho de Jer foi até a cozinha. Parecia um lugar estranho para ir, já que Eli queria descobrir o que o pai estava fazendo: era ainda mais longe da Câmara de Encantamentos que a sala de musculação.

Curioso, Jer escutou por um tempo, mas não conseguiu ouvir nada além dos ruídos típicos da cozinha — pratos batendo, o micro-ondas funcionando. Os gritos no andar de baixo haviam parado. Em silêncio, colocou a barra de pesos no lugar e levantou-se. O peito estava suado debaixo da camiseta, mas sentiu um frio repentino ao atravessar o corredor em direção à cozinha. Com a destreza natural, evitou todas as tábuas do piso que rangiam. Havia muito tempo concluíra que o pai, também um perfeccionista, arquiteto com conexões no mundo da construção de toda a cidade, deixara algumas tábuas soltas de propósito para ser alertado dos passos dos filhos na casa.

Quando chegou na entrada da cozinha, parou, fora do ângulo de visão, e espiou para ver se Eli estava lá. A porta da despensa estava aberta, e era ali que o irmão se encontrava, de costas para Jer. Murmurava um encantamento em latim, um feitiço

padrão para poder ver algo distante.

Ele arrumou algum tipo de espelho e está espiando o papai, Jer se deu conta. *Cara esperto.*

Ouviu um ruído de objetos em fricção — tijolo contra tijolo — e, em seguida, Eli saiu de dentro da despensa. Jer se afastou e seguiu andando pelo corredor na direção do banheiro de hóspedes do andar de baixo. Segurou as dobradiças para evitar que rangessem, entrou e fechou a porta.

Eli cruzou o corredor, pisando firme no chão de tábuas corridas.

O irmão foi olhar se o outro ainda estava na sala de musculação, depois começou a cantarolar algo e seguiu à direita. A porta da câmara escura era ali. Os dois meninos haviam aprendido, desde a infância, que nunca, nunca deveriam entrar sem permissão. Uma vez, quando muito pequenos, tiveram a oportunidade de aprender que sem convite prévio, estariam em grande confusão. Eli não dera ouvidos, seguira adiante, tentando entrar ali outra vez. Só a intervenção materna impedira uma punição muito severa, e ela, já no limite, fora embora uma semana depois.

— Me recuso a viver assim, a permitir que meus filhos vivam assim — dissera ela. Apesar de não ter mais de 3 anos na época, Jer se lembrava da mãe parada ali, abraçada aos dois meninos.

Mas em algum momento dessa tentativa de se libertar de Michael, seus braços afrouxaram. Fora embora sem aviso naquela noite, deixando os dois filhos para trás. Jer se lembrava da ira do pai, de todos os trovões e raios da tempestade daquele dia. Chovera tanto. Torrencialmente; lembrava-se de ter ficado na câmara escura com o pai, que murmurava baixinho:

— O deus deles os odiava tanto que tentou aniquilá-los com uma enchente. Lembrem-se, meus filhos, esse não é o nosso deus. O nosso deus sempre cuida de nós. — E depois, ele acrescentara, tão baixo que Jer não tinha certeza absoluta de ter escutado: — Diferentemente da sua mãe.

Eli passara a odiá-la desde então. Quando Jer mencionara seu nome logo depois, Eli o espancara até que sangrasse. Se o pai não impedisse, o filho mais velho teria matado o irmão mais novo.

Jer gostava de acreditar que a maldade de Eli começara ali, nascida da raiva que sentira por ser abandonado. Isso explicaria sua crueldade.

E a minha.

Havia momentos em que ser um Deveraux era mais do que Jer era capaz de compreender ou explicar. Havia algo no sangue dos Deveraux, algo profundo e latente, que, se Jer não prestasse atenção, fervia e tomava conta dele. A necessidade de ferir o chocava. A necessidade de dominar fazia com que tivesse ondas de suor e desejasse se afastar. Só tinha dois amigos próximos, Eddie e Kialish, os quais, devido ao interesse pelo xamanismo, ao menos possuíam armas de proteção. Kari gostava do perigo que via nele; talvez esse fosse o motivo para estar se afastando dela

ultimamente.

Jer era um solitário na multidão. E era atento o suficiente para saber que isso, em si, o tornava atraente para as meninas. Elas gostavam de mistério. Gostavam de quebrar a armadura de um cara que tinha algum segredo do qual queria protegê-las.

Amanda Cathers era uma menina assim. Nicole podia gostar de brincar de rebelde, se vestir de maneira sensual e andar com seu irmão assustador, mas Amanda queria salvar Jer de si mesmo. Ele não sabia o que era mais triste: o fato de ela achar que podia, ou ele saber que isso era impossível.

Nós, os Deveraux, somos amaldiçoados. E como explicar isso para uma garota doce e tímida como Amanda, que devia estar lendo sobre princesas de lendas mágicas, unicórnios, em vez de querer saber a verdade?

Jer atravessou silenciosamente o corredor, voltando sua atenção para a tarefa que tinha em mente. Ele, o irmão e o pai haviam enfeitiçado a câmara da estrela com encantamentos que faziam a mente dos possíveis transgressores de território se perder em pensamentos e esquecer de investigar mais atentamente as paredes e escadas que levavam a lugares que não deveriam ser explorados. Agora, esses feitiços agiam sobre o próprio Jer, enquanto ele se aproximava do reino sombrio de poderes e ligações com a morte dos Deveraux.

Ele tinha certeza de que Eli e Michael já haviam matado pessoas na sua busca pela Magia Negra. Não podia provar, mas com frequência se perguntava por que, já que acreditava nisso, permanecia com eles na casa em Lower Queen Anne.

Sou um covarde ou estou esperando a chance de atacar, de fazer com que eles parem de uma vez por todas?

Era uma pergunta constante. Até o momento, não tinha a resposta.

Até eu ter a resposta, tenho que ficar aqui. E depois… quem sabe?

Talvez eu vá para algum lugar totalmente inesperado.

Talvez eu até encontre a minha mãe.

Jer foi até a porta que levava à câmara, ou melhor, à escada que levava à câmara. A porta se misturava ao corredor, a única indicação de sua presença era uma ligeira ondulação no papel de parede. Fez pressão e a porta se abriu como uma escotilha de filme de ficção científica. Desceu dois degraus na escuridão total e aguçou os ouvidos.

Conseguiu distinguir murmúrios, mas só isso. Duas vozes, uma em tom elevado de ira. *Papai*. A outra, respondia. *Eli*.

Frustrado, continuou ouvindo. Se desse mais um passo, os feitiços de proteção da câmara alertariam os dois quanto à sua presença. Então, lembrou-se do encantamento do irmão na despensa.

Subiu dois degraus, fechou a porta e cruzou o corredor.

Será que alguma outra família passa as noites assim?, pensou, amargo. *Espionando-se, invocando demônios, levantando pesos…*

Entrou sorrateiro na cozinha e, em seguida, na despensa. Tateando as paredes, sussurrou o Encantamento da Visão, buscando o artefato escondido utilizado por seu irmão. Sem resultado. *Ele usou o feitiço de proteção*, concluiu Jer. Tentou se lembrar de uma litania de um dos Livros das Sombras que o pai costumava usar para ensinar a Arte para eles: "*Coisas Escondidas são Coisas que Merecem ser Descobertas.*"

Tentou outro encantamento de visão. Com a falha deste, tateou a parede de tijolos em busca de um buraco, um ponto oco escondido.

Enfim, encostou num tijolo à direita cujo eco não era como o dos outros. *Isso*, pensou, e o envolveu com os dedos. Com cuidado, retirou o tijolo. A peça saiu com facilidade, sinal de que já fora movida diversas vezes.

Provavelmente, meu irmão anda espionando os dois, a mim e ao papai.

Com cuidado, transferiu o tijolo para a mão esquerda e inclinou o tronco para olhar pelo buraco retangular que se abrira na parede. A luz era ruim, mas conseguiu detectar um objeto pequeno e redondo lá dentro.

Estava prestes a descobrir o que era quando ouviu passos e vozes indicando que o pai e o irmão haviam deixado a câmara e se dirigiam para a cozinha.

Com movimentos rápidos, colocou o tijolo de volta. Ajeitou o cabelo, respirou fundo, pegou uma caixa de cereal e saiu da despensa.

— Você acha que é ela — disse o irmão.

— Pressenti isso — respondeu Michael. — Até lá, a gente tem que se preocupar é com sir William.

Jer franziu a testa enquanto escutava, atento. Sir William Moore era o mestre da Suprema Confraria da Arte, chefe ao qual os Deveraux deviam aliança. Sua sede ficava em Londres, e Jer não fazia ideia de quantas Confrarias das Trevas haviam oferecido sua lealdade à Suprema Confraria. Sabia que sir William tinha medo do poder dos Deveraux e ordenara recentemente que provassem sua lealdade.

O que sir Wiliam não sabia era que, em segredo, Michael prometera um feitiço dos Deveraux ao seu filho, James, que há muito planejava tomar o poder do pai. Michael via nele alguém mais facilmente controlável do que sir William. Como Michael acreditava que o título de mestre da Suprema Confraria pertencia por direito e tradição à Confraria Deveraux, oferecera apoio a James caso tentasse destronar o pai. Uma vez que o jovem tolo estivesse no poder, Michael estaria muito próximo do trono e arranjaria a situação a seu bel-prazer… sem dúvida, assassinando James na primeira oportunidade e elevando a si mesmo, ou Eli, à posição de mestre.

Quando os Deveraux estivessem no comando, as forças de luz seriam extintas, uma a uma, até que somente a Magia Negra tivesse domínio do Destino, neste e em outros mundos.

Jeraud Deveraux estava determinado a jamais permitir que aquilo acontecesse.

Mesmo que eu tenha que trair minha própria carne, meu próprio sangue.

— Talvez precisemos matá-la — dizia o pai.

Jer se espantou, irritado consigo mesmo por ter perdido o foco. *Quem? De quem eles estão falando?*

Quem quer que fosse, ele jamais permitiria que o pai e o irmão derramassem seu sangue. Mesmo que isso significasse a morte dos dois, não permitiria que matassem uma inocente.

E a culpa, Jer?, perguntou uma voz em seu interior. Ele sabia ser sua consciência, mas vinha sob a voz de seu mestre, sir William. *Orgulhoso feiticeiro, você zomba da sua tradição e ainda assim busca os privilégios de seu sangue. Se difere o bem do mal, é porque eles existem, e porque você tem o poder de usá-los como bem entender.*

Mas uma vez que escolha o mal — não importam as razões — você está submetido à Confraria… para sempre… e sua alma nos pertencerá.

— Sempre podemos fazer com que pareça um acidente de carro — disse o pai. — Como aquele outro que fizemos.

— Aquilo foi nojento — respondeu Eli.

— Mas funcionou. Ele morreu, não morreu?

O coração de Jer parou de bater por alguns segundos. O arquiteto rival de Seattle, Zane Thornwood, morrera recentemente num acidente de carro. Ele e o pai de Jer disputavam um projeto para a Pioneer Square. Com sua morte, o contrato fora para Michael Deveraux.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e ele sentiu um enjoo no fundo de sua alma de bruxo. Achava que ia vomitar.

Então é verdade, pensou. *Meu irmão e meu pai… são assassinos.*

A voz disse: *Você sabe disse há anos, seu hipócrita. Só não quis tomar nenhuma atitude a respeito.*

— Verdade. Mas acidentes como aquele são muito fáceis de desmascarar. A gente quase foi pego — disse Eli.

— Ah, mas nós, os Deveraux, aprendemos com nossos erros. É isso que separa as ovelhas dos lobos, Eli. Acho que podemos tirar vantagem das ruas molhadas… Chove tanto em Seattle… Se você estiver correndo, o carro pode patinar. Podemos fazer isso a distância.

— Talvez de tão longe como São Francisco — disse Eli, com malícia —, onde mantemos uma dama sofredora?

— Não consigo esconder nada de você. — Michael parecia orgulhoso, além de um pouco preocupado. — Fique de olho nela. Decidiremos o que vai acontecer na próxima Lua.

Jer cambaleou, depois percebeu que não podia se dar ao luxo de reagir ao horror daquilo que descobrira (confirmara) naquela noite. Profundamente envergonhado de sua passividade anterior, mandou uma mensagem silenciosa à vítima potencial de sua família.

A hora de ele tomar uma atitude contra a sua família chegou.

Corra, ordenou, *para mim. Pelo poder de Deus, você tem que sucumbir à minha influência e se unir a mim. Tem que me encontrar. Se meu pai quer você morta, você já morreu.*

E sou a única pessoa em Seattle capaz de protegê-la dele.

Era meia-noite. Holly e Amanda já estavam em casa havia horas. Mas Nicole ainda estava na rua… com Eli Deveraux, irmão de Jer.

Com ódio por ter sido deixada pela irmã, Amanda falava de Eli enquanto Holly escutava, deitada na cama, com Freya enroscada ao seu lado. Bast estava desaparecida.

— Queria que ele fosse parar na cadeia para sempre.

Seu rosto estava vermelho, e ela roeu a unha da mão esquerda até se dar conta disso e pousar a mão no colo.

— Olha só, eles não podem ficar, mas é estranho, sabe, já que os meus pais são amigos do pai dele. O cara já fez muita coisa aqui em casa. O pai, eu quis dizer. Ele é arquiteto.

Amanda não sabia que o pai de Eli estivera em São Francisco com sua mãe. Holly sofria pelo tio Richard — e pelas primas, caso descobrissem. Mais de uma vez, a família de uma das suas amigas fora destruída por um caso extraconjugal. Mas ela encobriu sua reação com um pigarro e disse:

— Entendi.

— Eli provavelmente vai dar em cima de você em algum momento, só para enlouquecê-lo — continuou Amanda. — Basta você ignorar solenemente. É o que eu faço. — Juntou-se a Holly nos carinhos em Freya e suas feições se suavizaram. — O Jer é diferente. Juro, às vezes acho que ele é adotado. — Sua risada foi forçada, e seu rosto ficou ainda mais vermelho. Ficaram alguns minutos acarinhando a gatinha. Holly quase dormindo.

— Tenho que dormir — disse Holly. — Estou muito cansada, Amanda. Juro, eu estava delirando naquele The Half Caff.

— Eu sei. Você está mal. — Tocou a testa de Holly, carinhosa e preocupada de verdade. — Holly… — Começou a dizer, e Holly se perguntou se ela traria à tona o assunto Jer Deveraux e a delimitação de territórios. Com um suspiro, Amanda tomou uma decisão cuidadosa. — Estou feliz que você está aqui. De verdade. — Sorriu, com ligeiro sofrimento. — É legal ter alguém com quem sair.

— Pena eu não poder ficar mais tempo — lembrou Holly à prima, com delicadeza. *E você vai poder continuar a tentar ficar com o Jer* foi o que tentou dizer com suas palavras. *Não sou uma ameaça permanente*.

— Também acho uma pena — respondeu Amanda.

A gata Freya levantou a cabeça e encarou Amanda. Depois se virou para Holly, deitando de novo na colcha.

— Bom… boa noite. — Holly se levantou, bocejando.

— Boa noite. Durma bem — disse Amanda, meio cantando, como se determinada a não permitir que a história de Jer a deixasse triste.

Quando Holly estava pronta para dormir, reviu várias vezes a cena no café. Estava fascinada. Constrangida, com certeza. *Na verdade, era melhor que eu tivesse me enfiado num buraco no chão*. Mas era tão estranha aquela sensação mútua… a maneira como os dois foram atraídos um para o outro… *Mas, ei, fala sério, são os hormônios. Ele é um gatinho*. E o francês que falaram… *Mas eu aprendi essa língua, então, nada de estranho nisso. E o nome dele é francês, ele provavelmente fala um pouco em família. Então, nada de estranho nisso também*.

Mas a minha visão… Eu me vi com Jer num outro tempo. Só que não era a gente…

Poucas horas de sono, disse para si mesma. *Então, hora de dormir. Você está toda estressada. Sabia que não estava pronta para encarar o mundo. Um pouco de respiração profunda, meditação, como o papai ensinou*.

Com uma pontada de dor ao se lembrar do pai, imaginou um lago bonito, viu-se numa canoa… e Jer remando enquanto ela permanecia sentada na proa. Iam para algum lugar… *para Avalon… exatamente como no livro que Amanda estava lendo… a neblina… a partida…*

E nós dois fazendo mágica, para salvar o mundo.

Continuou divagando, até pegar no sono. Ajeitando-se, abraçou sua gata e murmurou:

— Ele é incrível. Se ficasse a fim de mim… — Tímida demais para completar a frase, fechou os olhos.

Holly sentiu a respiração da gata em seu peito. A pontinha da língua rosada de Bast lambeu seu rosto. Ou foi um beijo sonhado.

Jeraud Deveraux…

O chão rangeu; ela mal percebeu o ruído. Aquela casa barulhenta parecia guardar segredos.

Se ele ficasse a fim de mim…

Então, ele estava na cama com ela, ao seu lado, e ela sorriu. O sonho a acariciava como um amante devotado, e pensou: *eu nunca tive um namorado de verdade. Ninguém de quem eu gostasse… ninguém especial…*

Em seguida, mãos, e lábios…

E, de repente, era Michael Deveraux em cima dela, as mãos em volta do seu pescoço. Os olhos negros olhando para ela com ar assassino; a boca num esgar de ódio, cheia de loucura e crueldade. O cabelo despenteado; os lábios molhados, inchados como se de beijos.

E ele a estrangulava.

Ela podia sentir as mãos dele em volta de seu pescoço; o peso do seu corpo. Ele cheirava a vinho e a perfume.

Ele está realmente aqui. Meu Deus, isso está acontecendo de verdade. Ele está tentando me matar!

Em pânico, Holly tentou agarrá-lo. Sacudindo braços, pernas, o corpo todo, não conseguia respirar. Não conseguia, não conseguia; como se estivesse de novo se afogando no rio, até que conseguiu inspirar e expirar com força, gritando.

Na vida real, a gata gemeu, miou e rosnou. Os olhos de Holly se abriram.

Bast pulou da cama.

Holly estava sozinha.

— Amanda! — gritou, rouca, a garganta arranhada e seca do sonho de estrangulamento. A boca seca de Holly se movia, mas nenhum som saía. Levou as mãos que tremiam ao pescoço.

Do lado de fora da janela, um pássaro negro bateu asas, como se planasse na escuridão da noite; depois voou para longe.

Foi um sonho, pensou, respirando freneticamente. *Foi só um sonho estranho, tudo misturado, o caso da minha tia com Michael, o que aconteceu com Jer no café. É só o estresse…*

Voltou a se deitar, não totalmente convencida. O coração estava aos pulos. Bast se aninhou mais uma vez ao seu lado e começou a ronronar. Holly acariciou a gata, olhos arregalados, tentando processar o que acabara de acontecer.

Percebeu um cheiro novo no quarto, algo forte e sujo. Um ligeiro toque de sangue no ar.

Ainda atenta ao cheiro, acendeu a luz do abajur, e piscou os olhos sob a luz amarelada.

Então, um grito novo saiu da sua garganta.

No chão, ao lado da cama, estava um rato morto. Um rato preto, de pelo brilhante; o sangue ainda escorrendo de um furo na lateral do corpo.

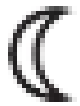
— Oh, meu Deus — disse, sem ar.

Ronronando mais alto, Bast subiu na coxa de Holly e olhou para a menina, como quem diz *eu mataria outros mil por você*.

Basta pedir.

SETE

LUA DA TEMPESTADE



Tempestades de inverno soprem com força,
Enterrem no gelo nossos inimigos,
Fortaleçam os Deveraux para o que está por vir
Para que estejam prontos e firmes, o sangue fresco.

Deusa, venha e realize nossos sonhos.
Dormindo, nada é o que parece ser.
Mostre à Bruxa o caminho que deseja que tomemos,
Agracie-nos com a Visão em nome dos Cahors.

Jer, Eddie e Kialish pegaram o carro para ir até a cabana onde o pai de Kialish morava sozinho. A mãe morrera quando ainda era muito pequeno; talvez fosse esse o motivo da ligação entre ele e Jer, o fato de os dois terem perdido a mãe tão cedo. Como sempre, Eddie acompanhou Kialish; eram namorados havia três anos.

Eram os melhores amigos que Jer poderia desejar.

O pai de Kialish se chamava Dan; crescera num tempo em que as tribos nativas americanas do noroeste trabalhavam duro para que se "tornassem americanos". Assimilação era o nome do jogo, e dane-se a diversidade cultural. Não que se soubesse o que diversidade cultural queria dizer na época. O que existia era ser caucasiano ou querer ser caucasiano.

Dan morava num lindo chalé de madeira que ele e outros membros de seu clã — o Clã dos Raven — haviam construído com as próprias mãos. A casa pequena e limpa, de dois andares, era aquecida por um fogão a lenha. Ele dormia numa cama de penas, num quarto de frente para a sala de estar, e construíra nos fundos da casa um ofurô, ladeado por uma construção de cedro, feita para suar, que lembrava a Jer uma sauna.

Quando os três rapazes chegaram à casa de Dan, Jer o presenteou com um salmão que pescara e preparara, dando e recebendo o ritual da bênção: *que os bons espíritos encorajem tudo o que você diz, faz e é*.

Magos diriam: *Abençoado seja*.

Bruxos diriam: *Que Deus lhe ajude em suas batalhas*.

Jer estudava com Dan desde os 13 anos, momento em que Dan julgou que estava maduro o suficiente para a "jornada do Corvo", ou a "jornada dos Raven",

como costumava dizer. Explicou a Jer que o totem Deveraux não era o corvo, mas o falcão, e que tal pássaro era importante para a história dessa família.

— Você é uma alma antiga — também dissera Dan. — E sua alma tem assuntos pendentes, neste mundo e no próximo.

Jer escutava com seriedade essa alma, mas, nos últimos anos, não ouvira uma só palavra. Agora, com as duas visões que tivera, o nome Isabeau e a certeza de que o pai queria a morte de alguém em Seattle — uma mulher —, decidira que, enfim, sua alma estava falando com ele.

Depois de guardar o salmão, Dan desenhou símbolos ritualísticos no peito e na testa, bem como em Jer e nos outros dois rapazes. Kialish e ele tinham o corvo desenhado. O totem de Eddie era o salmão. O peito de Jer fora coberto pela imagem de um falcão negro.

Então, despiram-se, ficando somente com as roupas de baixo, e entraram na "sala de suar", grande o suficiente para receber cinco pessoas. Dan já se deitara e acendera o aquecedor de metal sobre o piso de madeira. A fumaça exalava na direção do teto de madeira do pequeno quarto em forma de cubo.

Depois de inalar a fumaça ritualística, Dan passou o Cachimbo Sagrado para Jer, guarnecido de ervas medicinais, destinadas a enviá-los mais rápida e profundamente para sua viagem espiritual.

Jer hesitou e olhou para os outros. Apenas ele faria tal viagem; o restante só testemunharia.

Como sempre, seus amigos estavam ali para o que desse e viesse.

Kialish estendeu a mão; cumprimentaram-se. Eddie fez o mesmo, antes de se posicionar de frente para Kialish. Dan colocou as mãos nos ombros de Jer.

— Você não tem certeza de que quer fazer isso, tem, meu filho?

Jer balançou a cabeça. Eddie e Kialish abanaram o fogo para aumentar a fumaça do ambiente. Depois de um ou dois minutos, estavam suando. Jer também suava. Gotas de transpiração rolavam em seu peito, borrando o grande falcão que Dan pintara.

— Preciso descobrir o que meu pai e Eli andam fazendo — admitiu —, mas não quero saber.

Dan assentiu com a cabeça.

— Você não quer se envolver, prefere continuar passivo, na ignorância.

Apesar de dizer essas palavras em tom neutro, todos perceberam o julgamento implícito que ia ao encontro da vontade de Jer.

Isso, quis dizer. *Não quero ser um bruxo. Não quero ter poderes.*

Mas a verdade é que eu tenho. E não posso fingir que não está acontecendo nada.

— Eu tenho que saber — disse a Dan. Virou-se para Eddie e Kialish. — Preciso de ajuda, meus amigos.

Como sempre, os dois lhe deram o sinal de que estavam prontos para isso, um

gesto simples de levantar o dedão — traço de modernidade no ambiente antigo, ritualístico, da "sauna" de Dan.

Não sei por que eles gostam tanto de mim, pensou Jer, honestamente. Dan falara bastante de seu ar de autoridade e da força de seus poderes, mas Jer sabia que não era por isso que Kialish e Eddie eram tão presentes na sua vida cotidiana. Por alguma razão, eram atraídos por ele, haviam encontrado em Jer as qualidades que apreciavam nos amigos.

Ele inspirou a fumaça do cachimbo.

As ervas o atingiram de uma só vez; começou a rodar, girar, voar acima do ar, circulando, mergulhando e guinchando…

Sou Fantasme, pensou. *Sou o falcão*.

Ao adentrar o castelo pela janela de pedra em arco, viu um homem andando de um lado para o outro. Estava de costas para Fantasme e vestia um manto vermelho comprido, ornado de luas e estrelas verdes bordadas; usava um chapéu pontudo e suas mãos estavam cerradas.

— Não posso fazer isso — sussurrou ele. — Não posso matá-la. Não consegui engravidá-la ainda, mas isso é culpa dos Cahors. Posso vencer o encantamento deles. Se conseguir engravidá-la, minha família não tocará nela.

Então a porta se abriu, e outro homem, mais velho, o encarou do umbral.

— Você sabe que precisa ser feito — disse, duramente. — Eles não permitirão que ela carregue um filho seu até que tenha lhes dado o segredo do Fogo Negro. E isso você, nós, nunca faremos. Esse segredo pertence aos Deveraux.

O mais jovem… *Jean, seu nome é Jean*… olhou para Laurent, *seu pai*… e disse:

— Então por que fizemos essa aliança? Por que você quis que me casasse com ela?

— Foi uma jogada — admitiu Laurent. — Não compartilharemos o segredo do Fogo Negro com um Cahors. Mas o faremos com o filho de um Cahors com um Deveraux. Mas, pelo visto, isso não é bom o bastante para eles. — Respirou fundo. — Querem o segredo agora, não na próxima geração.

— Então, ela tem de morrer — disse Jean, amargo.

— Se você não tomar uma atitude, eu o farei — acrescentou Laurent. — E você, tendo sentimentos por ela, será mais misericordioso do que eu. — Cerrou os punhos, ofendido. — Fui vencido quanto a essa união pelos outros do Círculo. No momento em que Isabeau nasceu, nasceu também a ideia dessa aliança.

Jean ficou desnorteado com a revelação.

— Não sabia disso — admitiu. — Pensei que você tinha sido o primeiro a pensar na estratégia do meu casamento com ela.

— Não no começo. E me arrependo da minha fraqueza. Eles com certeza farão uma retaliação, depois que ela estiver morta.

— Com certeza suspeitam do que planejamos fazer, não? — disse Jean.

— Claro — respondeu Laurent. — E é por isso que diz o ditado: "Aquele que hesita está perdido." — Apontou a caixa incrustada com requinte numa mesa de madeira. Ali dentro estava o athame de Jean, o qual Laurent ajudara a forjar. — Mate-a num golpe só, rápido. E faça isso logo.

Manteve-se de pé, à porta, e Jean fez-lhe uma mesura dura, estava com raiva. Depois, virou-se e foi até a caixa.

Seu rosto era...

...o meu, pensou Jer, recuando. *Poderíamos ser gêmeos...*

E nas asas amplas e fortes de Fantasme, Jer voou para fora do castelo, guinchando e girando, gritando por Pandion, para avisá-la do perigo que corria sua amante...

Voando rápido, voando rápido...

— *Mate-a num golpe só, rápido...* — disse Jer em tom neutro enquanto os outros escutavam. — *Mate-a num golpe só, rápido.*

Ele piscou, tremendo muito, como se o espírito estivesse voltando para dentro do seu corpo. Dan, Eddie e Kialish deram um passo adiante, ouvidos atentos, e Dan agarrou o punho de Jer, que entrou em colapso e caiu, exausto.

— Você vai dormir agora — instruiu. — Seus amigos e eu vamos conversar. Quando você acordar, ouviremos sua história.

A cabeça de Jer pendeu para frente; sabia que algo extinguia a fumaça, e que alguém o ajudava a deitar no chão de madeira. Mãos delicadas acomodaram um travesseiro sob sua cabeça e o cobriram com um lençol. Um galho de alecrim foi colocado no seu travesseiro, para ajudá-lo a se lembrar da jornada de seu espírito.

E ele dormiu ali a noite toda.

O dia seguinte seria o primeiro dia de aula em Seattle, e Holly estaria presente. A tia a ajudara a se matricular, levara-a para a sessão de orientação dos novos alunos e a trouxera de volta. Holly fizera o que deveria ser feito, um tour pela nova escola com os novos estudantes, seguindo uma pessoa mais velha, como se em transe. Não poderia contar aos Anderson nada do que acontecera, porque, honestamente, não se lembrava de nada.

Amanda estava mais do que feliz com a permanência de Holly. Enfim teria uma aliada em casa. E as duas reclamariam juntas da falta de Jer em suas vidas.

Nenhuma delas o vira desde a noite no The Half Caff. Nicole saía com Eli toda hora e comentava ter encontrado Jer, mas ele não falava nada sobre o evento bizarro entre eles, ou pelo menos Nicole não se referia ao assunto. Amanda disse a Holly que era perda de tempo perguntar sobre ele para a irmã; ela era muito defensiva na hora de falar de seus encontros com Eli e nunca encarava de bom humor nenhuma das perguntas sobre os Deveraux.

Mas Holly não conseguia parar de pensar no assunto; tanta coisa já acontecera entre ela e os homens Deveraux, direta ou indiretamente. Então, na noite anterior ao início das aulas, atreveu-se a perguntar:

— Jer estava lá?

Nicole riu.

— Vocês duas ficam alimentando esperanças? Ele tem namorada, sabiam? Uma pós-graduada.

Amanda ergueu as sobrancelhas e empinou o nariz, como se sentisse um mau cheiro.

— Fico boba como Eli não explode quando entra num colégio. Ele sempre odiou isso.

Nicole girou a cabeça, um dos muitos "exercícios de atuação" que sempre fazia dentro de casa. Entraria numa turma especial de teatro naquele ano, e era só nisso que falava ultimamente. Holly sabia mais da agenda de Nicole do que da sua.

— Ele fez um supletivo.

— Jer *se formou* — contou Amanda para Holly. — Com honra ao mérito.

Nicole revirou os olhos.

— E faculdade? — perguntou Holly, tentando desviar do assunto "Jer". — Eli está na faculdade?

— Ele não precisa. Lê à beça. — Nicole bocejou. — Acho que você não está sabendo, mas os Deveraux são megarricos. — Fez um gesto com os ombros. — Megassuperricos.

— Ah. — Holly não sabia.

— Herança da mãe — disse Amanda. — A mãe que *desapareceu*.

— Ah, não, Amanda, não comece *esse* assunto de novo. — Nicole se irritou. Fez um gesto para encerrar a conversa e disse para Holly: — Investigaram tudo. Sasha Deveraux largou o pai deles quando Eli tinha 5 anos. Foi a maior fofoca da cidade quando a gente era pequena.

— Ela nunca mais procurou os filhos — acrescentou Amanda. — Simplesmente sumiu.

Pobre Jer, pensou Holly, imaginando-se abandonada aos 3 anos. Perder os pais aos 17 já era ruim… *Não é à toa que o irmão é tão descontrolado, com aquele pai. Ela provavelmente deve ter ficado cansada das traições dele.*

— Isso não é verdade — insistiu Nicole. — Ela liga sempre. Eli me contou.

Amanda balançou a cabeça, mas permaneceu em silêncio. Houve um momento estranho; a tensão aumentou e as duas irmãs olharam para Holly. Não fazia ideia do que esperavam dela, mas já havia entendido que estava sempre no centro da rivalidade entre as duas. Também compreendeu que esse fora seu papel em casa, com a mãe e o pai. Será que o casamento deles balançara porque ela tinha ficado mais velha e passava menos tempo com eles? O que teria acontecido se eles

tivessem sobrevivido até ela ir para a faculdade?

— Vocês são o fim — disse Nicole, metida. — Não quero nem ouvir falar nas duas atrás de mim, amanhã no colégio.

Depois que ela saiu, a conversa morreu, e Holly atravessou o corredor até o quarto de hóspedes.

Ficou horas deitada, lágrimas molhando o travesseiro. Não era para ser assim. Uma dor nova surgiu com o medo do primeiro dia de aula, como uma ferida aberta: *meus pais morreram; Barbara ainda está doente; e estou aqui. Não era para eu estar aqui. Era para estar com a Tina, e era para ser o melhor último ano da história…*

Choveu naquela noite. Chovia quase toda noite.

Chove o tempo todo em Seattle. Como é que as pessoas aguentam isso?

O ano letivo estava começando, primeiro as universidades, depois os colégios… e Jer, Eddie e Kialish eram veteranos no segundo ano da faculdade agora. Kari ainda trabalhava na sua tese, portanto, também estaria por perto.

Tudo na vida de Jer começava no outono, embora fosse o fim do ano do seu Deus. No calendário mágico, a fase da colheita estava em vigor; e era o tempo da Deusa. Em seguida, no inverno, o Ano Rei morreria, sendo engolido pela escuridão da noite.

No alto de uma colina, acima da cidade, ele via brilho e faíscas — *magia das fadas* —, tão diferentes das sombras que o pai lhe ensinara a adorar.

O verão viera e se fora, e ele mantivera distância de Holly Cathers, muito assustado para se aproximar de novo… mas era incapaz de parar de tentar se conectar com ela, pelo menos de forma indireta. Tentara descobrir mais sobre a garota de diversas maneiras, incluindo pesquisas na internet. Sabia algumas coisas: era de São Francisco, órfã, herdaria um bom dinheiro e gostava de cavalos. Encontrou um pouco mais num blog que ela tinha com uma amiga, chamada Tina Davis-Chin, que morrera no mesmo acidente que levara os pais de Holly. Sua cor favorita era verde e nascera em julho. *Leão* era seu signo.

Mas quem ela era na verdade, quem tinha sido no outro mundo, ainda era um mistério para ele. Tentara de todas as maneiras que conhecia, quase procurara seu pai, fizera de tudo para se reconectar com a última visão que tivera na "sauna" de Dan — a que tinha a ver com a morte. Procurara as runas, oferecera o próprio sangue ao Deus Mercúrio. Nada adiantara. Era como se alguém tivesse criado uma barreira mágica para impedir que ele descobrisse algo.

Será que foi a própria Holly Cathers? Será que ela é uma bruxa? Será que é ela quem meu pai planeja matar? Mas não aconteceu nada com ela. Então, deve ser outra pessoa. Andava conferindo a página de obituários do jornal, mas ninguém cujo nome ele reconhecesse morrera — o que não significava muita coisa, mas sentia algum conforto com isso.

— Criança da Senhora, apareça para mim — sussurrou para a pequena pedra em sua mão. — Eu a protegerei.

Nuvens encobriram a Lua, pássaros negros piaram nas árvores atrás dele, na montanha, e a pedra em sua mão começou a brilhar. Uma suave luz verde banhou o ferimento em seu pulso, feito quando implorara que Mercúrio o ajudasse.

— Serei o Senhor da sua Dama e seu protetor contra as maldades.

O brilho da pedra se intensificou e Jer murmurou em hebreu antigo para encorajá-la. Era a língua preferida de Jer para as práticas mágicas, ainda que, como aliados da Suprema Confraria os bruxos não aceitassem essa língua, facilmente associada ao messias cristão, Jesus de Nazaré.

Mas Jer falou baixinho com a pedra, clamando por meio de palavras de calor e esperança vindas da canção bíblica de Salomão. *Se os cristãos soubessem do poder dessas palavras…*

A pedra moveu-se em sua mão, aquecida pelo seu toque, a luz verde brilhando mais forte que uma lâmpada de 100 watts.

— Isso, isso, minha Senhora — clamou como se falasse com uma amante.

No brilho da pedra, imagens se formaram, muito embaçadas de início, depois ganhando foco aos poucos, a pedra ganhando poder. Jer viu seu pai e seu irmão na câmara em sua casa. Uma névoa ligeira, em tons de cinza e preto, os encobria, um presságio das maldades que se seguiriam. Jer não conseguia escutar o que diziam — sua pedra não era tão poderosa —, mas sua preocupação aumentou quando viu o irmão sair do campo de visão e voltar trazendo uma mão gloriosa — a mão de um homem, as pontas dos dedos enrugados queimando como velas num castiçal. Seu pai, com manto e capuz de feiticeiro, ergueu a mão esquerda, nela estava seu athame, e passou devagar a lâmina em todas as chamas.

Os dois se dirigiram ao altar onde o próprio Jer já participara do sacrifício de pequenos animais e pássaros. Era um bloco antigo de pedra talhada com imagens de sátiros e centauros, tendo em seu centro um furo para o escoamento do sangue dos sacrificados. Outras saliências menores serviam para colocar incensos, ervas e madeiras sagradas, as tigelas redondas feitas milênios antes para o alinhamento com as estrelas. O estranho era o altar ainda ilustrar a paisagem celestial anual de Seattle com precisão impressionante, apesar de ter sido transportado centenas de vezes durante a sua longa existência.

No topo do altar, presidindo todas as ações sombrias praticadas em seu nome, uma imagem do Deus Cornífero, feita de ônix. Cabeça de bode, um par de chifres espiralados e olhos em formato de Lua crescente, cravejados de rubis. Sob a barba do bode, a cabeça de uma cobra servia de pescoço. O torso era de uma pantera, e as pernas dianteiras, as patas e as garras, de alguma besta indizível, de tamanho correspondente à metade de seu corpo. As pernas traseiras e o rabo eram de crocodilo.

Essa era a imagem do Senhor profano da Confraria Deveraux, sobre a qual se apoiava toda a magia de sua família. Na sua tradição, o Deus Cornífero era um ser real e jamais deveria ser desafiado.

Numa gaiola de madeira, quatro águias caçadoras se debatiam. Eram o sacrifício da noite, Jer sabia. Respirou fundo, na esperança de que apenas os pássaros servissem de sacrifício ao Deus. Não seria testemunha de crueldade maior que essa, e já prometera dar fim ao barbarismo da sua família se chegassem a matar um ser humano. Precisava saber o que faziam na câmara sem a sua presença.

Jer praticava a arte milenar da previsão do futuro. A visão que teve do pai e do irmão foi uma cortesia da pedra mágica do Oriente Médio, que comprara mais cedo numa das tendas de antiguidades do Pike's Fish Market. O mercado de peixe, local preferido dos turistas, também vendia lembrancinhas e curiosidades. A mulher baixinha que lhe vendera a pedra, de cabelo grisalho e sandálias, lhe dera de presente uma semente interessante, para ser usada como bijuteria. Ela era dona de uma dessas barracas de bugigangas e não sabia que possuía algo de grande poder mágico quando entregou a pedra num saco de papel para Jer.

Uma brisa suave levantou a ponta do seu casaco. As folhas das árvores balançaram, e as luzes lá embaixo tremeluziram. Jer estava ficando impaciente: todos os objetos manuseados pelos dois em seus rituais até agora eram o padrão de qualquer um dos Ritos da Escuridão. Talvez não planejassem nada de muito grave naquela noite.

Talvez eu dê um pulo na Kari, pensou.

Mas o que viu aumentou sua ira.

— Não — disse em voz alta. — Não façam isso. Estava tão chocado que desviou o olhar e respirou fundo. Suas mãos começaram a tremer, e ele quase deixou a pedra cair, o que significaria um desastre: não apenas ela sofreria danos irreparáveis, como seu irmão e seu pai seriam alertados quanto à sua presença, por maior que fosse a distância.

Ao remover uma mortalha de linho branco com um floreio, Michael Deveraux presenteava o Deus Cornífero com um cadáver fresco. Em vida, ela fora uma jovem adorável. Fora roubada de um necrotério, a pele branco-azulada evidenciava sua permanência numa gaveta congelada.

Então eles planejavam evocar uma maldição de morte. Hoje à noite. Agora.

Quem é ela? Quem vocês estão tentando matar?

De repente, seu pai olhou para cima, irônico. Acenou.

A pedra de Jer escureceu.

Estarrecido, Jer estava de pé na beira do precipício, o olhar desfocado. As luzes lá embaixo eram uma ilusão. O que vira era a única realidade que conhecia.

Meu pai sentiu a presença de um espião, pensou. *Será que ele sabe que sou eu?*

A pedra, desprovida de calor, descansava sem vida em sua mão. Ele falou com o

objeto, sussurrou palavras de encorajamento, de afirmação, de amor. Mas a pedra premonitória estava morta. Seu pai tirara sua essência com um simples gesto, com a facilidade de quem mata uma mosca.

No céu, as estrelas espiavam a Terra, tantos olhos sem coração observando as tolices humanas, sem se importar. Durante toda a vida, Jer aprendera que nenhum ser sobrenatural interfere nas lutas da humanidade, a menos que seja convocado para tal. A única maneira de trazer o interesse de Deus ou de uma de suas muitas manifestações para seu benefício era fazer uma oferenda. A Deusa era diferente. Ela não estava do lado dos Deveraux e jamais estaria. Qualquer bruxo da Suprema Confraria que ameaçasse desafiá-la seria vítima de um raio, suas cinzas, devoradas pelo tempo.

Ou isso é apenas algo que meu pai inventou. E ele é um assassino mentiroso, pensou Jer. *Será que posso pedir a ajuda Dela?*

Sentiu-se tonto e desejou estar lá embaixo, na cidade de Seattle, misturado aos felizes ignorantes, apenas mais um cara comum.

Lá embaixo, no meio dos homens mortos, pensou com ironia, repetindo uma das canções folclóricas inglesas preferidas de sir William. Lembrou-se de quando tinha 13 anos e fora apresentado à Corte da Suprema Confraria. Lembrou-se das gárgulas enormes, dos anéis de fogo, das colunas gigantescas e das vastas extensões de piso em mármore preto e branco. O orgulho do pai. Até Eli demonstrara respeito.

Viu-se vestido com o caro manto de veludo negro, a guirlanda de folhas na cabeça; na mão direita o bastão com pés, na esquerda a vara de condão herdada de Merlin, Senhor Sombrio da Antiguidade Gloriosa…

…e talvez eu pudesse mudar as coisas, fazer com que nos aproximássemos da luz. Teria a autoridade. Se eu tivesse o Trono, precisaria de muito apoio, de bruxos que quisessem fazer as coisas do meu jeito…

Sentiu a ambição formigar em seu sangue. Seu coração disparou. Os dedos coçavam, desejosos dos símbolos do mais alto posto de todas as Confrarias.

Abaixo dele, as luzes do mundo comum, o corre-corre de homens e mulheres vivendo suas vidas de desespero silencioso. Morrendo de tédio, desejando que contos de fada fossem reais, afogando-se no álcool e na comida, porque suas vidas eram, em essência, finitas…

Bruxos jamais viveram assim. As suas eram vidas de muitos mundos, dimensões indizíveis, vidas de busca, de ganância, de conquistas…

A alma sombria de Jer foi longe diante das possibilidades abertas a ele como um Deveraux e um adepto da bruxaria.

Os pássaros piavam mais alto agora, seu canto fazia pouco de sua fraqueza. *Sei que meu pai e meu irmão estão planejando matar um ser humano — e que já fizeram isso antes —, mas, mesmo agora, não posso repudiar a Arte. Não posso fugir, fingir que não sou um Deveraux, transformar-me num homem comum…*

Enfiou os punhos cerrados no casaco, guardando a pedra no bolso e olhando para o penhasco inebriante abaixo dele. Podia acabar com tudo. Sua alma fora encomendada; pelo menos ele poderia pegar um atalho, chegar mais rápido…

Por que nasci um Deveraux?

Por que nasci?

Mas mesmo assim, era fraco; não conseguiria se matar, da mesma maneira que era incapaz de ajudar a família a matar outra pessoa. Furioso consigo mesmo, virou-se e se dirigiu ao seu Mustang, estacionado ali perto.

Foi quando os pássaros voaram mais alto, permitindo que outros ruídos preenchessem a noite; o coaxar de sapos, os grilos e os galhos das árvores ao sabor do vento…

…e o barulho ensurdecedor de uma buzina, acompanhado do rugido do motor de um carro desgovernado, uma Mercedes preta ziguezagueando pela curva vindo na sua direção.

— Oh, meu Deus. Oh, meu Deus! — gritou Marie-Claire ao voltar a si.

Dormira ao volante, no caminho do motel para casa, e agora seu carro estava descontrolado. Os faróis, iluminando árvores, a estrada e as estrelas girando em torno dela num transe. Agarrou o volante e enfiou o pé no freio.

O barulho dos pneus foi enlouquecedor; o carro fez um giro de 360 graus. *Vou morrer*, pensou. Parte de sua mente permanecia racional: *Vou ficar desfigurada. Caixão fechado…*

Vindo de algum lugar remoto da sua memória, chegou-lhe uma lição da autoescola. *Tire o pé do freio*, deu a ordem para si mesma. Mas estava paralisada de terror; não conseguia fazer nada a não ser olhar para frente enquanto o carro girava como uma bailarina de caixinha de música.

Então, alguma coisa, uma força invisível, pareceu segurar o seu pé. Alguma coisa fez com que desligasse o motor.

É meu anjo da guarda, pensou.

O carro girou mais uma vez, depois parou.

— Deus do Céu — sussurrou Marie-Claire, soltando a respiração. Largou o volante, as mãos tremendo, e secou os olhos. Lágrimas embaçavam sua visão, e, enquanto reaprendia a respirar, levou a mão direita à boca para impedir o vômito.

Com a outra mão, abaixou o vidro elétrico. O zumbido do motor foi substituído pelo som de passos correndo em sua direção. Uma silhueta acenava para ela com as duas mãos erguidas acima da cabeça.

Era o filho de Michael, Jer.

O que ele está fazendo aqui, no meio da noite?, pensou. Morta de vergonha, não queria falar com ele, como se de alguma forma ele, ao olhar para ela, pudesse descobrir que estava com o pai dele num motel fajuto há alguns metros da casa dos

Deveraux.

Antes que ele pudesse alcançar o carro, ela girou a chave na ignição, deu marcha a ré e escapou. Depois, mudou de direção, virou à extrema esquerda e foi embora o mais rápido que pôde, como se ele fosse capaz de alcançá-la.

Acho que ele não me viu, pensou, conferindo freneticamente o espelho retrovisor. *Tudo bem*.

OITO

LUA CASTA



Tomamos o controle do nosso destino,
O tempo de renovar nosso ódio.
Diante de nós, todos os nossos inimigos fugirão
Enquanto dançamos em brutal exaltação.

Dançamos sob a luz justa da Lua,
Rimos e adentramos a noite.
Tudo nos vem com simplicidade,
E os Cahors conquistam o seu desejo.

Os olhos de Kari Hardwicke demonstravam cansaço.

Dentro do cubículo que costumava chamar de escritório, na universidade, trabalhava nas suas anotações para a aula de literatura do dr. Temar — literatura gótica —, ou melhor, nas anotações do dr. Temar. Ela era sua assistente este semestre e, até agora, havia feito tudo no lugar dele, exceto dar as aulas. Preparara as aulas e corrigira as avaliações dos alunos.

Bem, ele conseguiu trazer o próprio filme para mostrar em sala, pensou. E ela quis mesmo dizer "o próprio". Ken Temar escrevera, dirigira e estrelara *A verdade sobre Frankenstein*. O filme fora exibido na TV e era um dos motivos para que tivesse conquistado o cargo de professor efetivo na Universidade de Washington. Ela se perguntava quem de fato fizera todo o trabalho do filme. *Eles* eram os merecedores do cargo.

Mas foi para isso que Deus criou os orientandos, pensou, suspirando.

O computador acusou uma nova mensagem, e ela se animou. Era a dama do Círculo, sua interlocutora misteriosa. Aparecia mais ou menos uma vez por semana. Sabia muito de bruxaria, tanto da estereotípica Magia Negra quanto das mais autênticas formas de adoração pagã, tudo o que dizia respeito à Wicca. A dama do Círculo era a razão principal para Kari ter desenvolvido um interesse intenso por Jer. Quando ele entrou na sala dela, como calouro, percebeu que ele tinha todas as marcas de quem praticava a Arte em segredo.

Insistira, e ele, enfim, abrira-se um pouquinho. Sim, sua família praticava. Não, ela não podia assistir. Sim, eles tinham uma Tradição. Não, ela não podia saber o nome. Sim, ele faria alguns rituais com ela.

Como vai você?, perguntou a dama do Círculo.

Cansada, mas bem, respondeu Kari.

Lua chegando. Samhain daqui a um mês.

Kari digitou *Eu sei*. Quando era adolescente, ficara fascinada ao saber que existiam diversos tipos de associações mágicas ao feriado mais "americano" de todos, o Halloween. Isso a levara a estudar religiões comparadas, o que a levou ao trabalho de graduação em mitologia.

Como vai o bruxo?

Kari sorriu diante do apelido que usavam para Jer. Claro, a Dama do Círculo não sabia seu nome verdadeiro. Kari não era boba. Primeiro: não iria violar a privacidade dele dessa maneira; segundo: estava usando o computador da universidade para trocar e-mails pessoais. No ano anterior, quando ele entrara no seu grupo de estudos, isso teria sido um problema. Agora, a administração que se danasse.

O bruxo vai bem, escreveu.

Ele foi a todas as aulas?

Você parece uma mãe, Dama do Círculo! :), digitou Kari em resposta.

Meus filhos já se foram. Não tenho ninguém de quem tomar conta.

Ela percebeu que não estava mais sozinha. Alguém estava em algum lugar do seu cubículo — coisa difícil, já que o espaço era mínimo.

Quando olhou por cima do ombro, sentiu uma onda de calor. Era Jer. Seu rosto estava tomado pelas sombras; com suas roupas pretas, poderia ser o amante demoníaco de qualquer romance gótico inglês.

Falando no diabo, ele apareceu, escreveu. *A gente se fala depois, ok*?

Diga que mandei um beijo.

Kari se desconectou.

— Oi — disse.

Jer foi para debaixo da luz fluorescente. Parecia ter acabado de testemunhar um acidente de carro — estava em choque, confuso e muito, muito aborrecido.

— Ei — chamou ela, e se levantou da cadeira.

A única resposta dele foi abaixar a cabeça. Como se estivesse bêbado, Kari o conduziu e o sentou. Ele olhava para as próprias mãos como se nunca as tivesse visto. Depois, levantou-se de repente.

— Não devia ter vindo aqui. — Seu tom foi ríspido. — Pode ser muito perigoso para você.

Ela riu, assustada.

— O quê? Jer, você tomou alguma coisa?

Como ele se afastou, Kari segurou seu braço. Ele suava demais.

— Tire o casaco, Jer. Você está pingando.

Jer não se moveu; apenas balançou a cabeça.

— Estou bem — resmungou. E continuou andando.

— Jer! O que você tem? Deixe-me ajudá-lo.

Ela deve ter dito a coisa certa, porque ele parou.

— Eu quero ajudá-lo. — Ela se adiantou.

Devagar, ele ergueu a cabeça. Os ombros estavam curvados, os punhos cerrados.

— Você não faz ideia do…

— Eu quero. — Ela estendeu a mão, mas ele não viu, e, virando-se para ela, colocou as mãos nos seus ombros. Era muito alto; Kari precisou inclinar a cabeça um pouco para trás para olhá-lo nos olhos. Teve medo do pavor que viu neles.

— Vai ser perigoso. — Ele estudou o rosto de Kari. — Tudo isso que você acha que eu faço… que você acha tão maneiro. Tão *interessante*… — Estava fazendo piada com ela; uma vez provocara-a, dizendo que *interessante* era a palavra favorita de Kari, e que ela a usava em excesso, a ponto de a palavra não significar mais nada.

Sem concluir a frase, segurou o braço dela, guiando-a para fora do escritório e a apressando pelo corredor. Ela tropeçou nele e segurou-lhe o braço; ele nem pareceu perceber.

Jer abriu a porta de saída com força e levou Kari para fora. Ela sentiu cheiro de grama e de chuva nas nuvens quando os dois saíram para a noite fria. Estrelas brilhavam; a Lua estava escondida.

— Está vendo aquele arbusto? — perguntou ele, apontando para a sombra de um amontoado de folhas no caminho estreito entre as árvores. Estalou os dedos. Foi só o que fez. E o arbusto pegou fogo. — Nós podemos fazer isso com as plantas — disse, a voz terrivelmente sombria. — E com objetos. E pessoas.

Ela perdeu o ar, excitada e aterrorizada, tomada por uma sensação de pavor tão intensa que a deixou paralisada, como que enraizada no chão.

Enquanto o arbusto queimava numa bola de fogo, ela engoliu com dificuldade e perguntou para Jer:

— "Nós"?

Ele se virou e a encarou, sério.

— Meu pai e meu irmão estão tentando matar Marie-Claire Cathers-Anderson com magia.

Marie-Claire chegou em casa, e tremia.

Quase morri.

Entrou na cozinha e teve um pensamento absurdo. *Tomara que as meninas tenham um bom dia de aula, amanhã. Último ano. Pobre Holly, que golpe. Achou que já estaria em casa a essa altura. Eu também.*

Quase morri.

Ergueu-se na ponta dos pés para alcançar o armário de bebidas e pegou uma garrafa de uísque. Tirou a tampa e pegou um copo. Depois de duas doses, ainda

tremia.

— Mãe? — Era Nicole, de calça de pijama e camiseta. O cabelo vermelho despenteado, bocejou. — Mãe, está tudo bem?

— Eu... eu... — Ela respirou fundo, viu a garrafa na mão e sentiu vergonha. — Eu quase sofri um acidente de carro, meu amor. Dos grandes.

— Meu Deus, mãe! — Nicole arregalou os olhos. — Onde? Como?

Para surpresa de Marie-Claire, Nicole serviu-lhe mais uma dose de uísque.

Ela tomou de um gole só. Então, Nicole serviu-se de uma dose também, e tomou como uma profissional. Fez uma ligeira careta para a mãe, como quem diz: *Nem vem, mãe. Deixa de ser ingênua.*

Meu Deus, vou me embebedar com a minha filha.

— Foi como se... como se eu não pudesse controlar o carro — contou, as palavras já começando a embaralhar. — Quase como se... como se alguém quisesse que eu sofresse um acidente.

Nicole franziu o cenho. Depois, surpreendeu mais uma vez a mãe.

— Mãe, o Eli está me ensinando umas coisas... bem, você sabe o que todo mundo diz que eles fazem — disse.

Marie-Claire olhou para a filha. E caiu na gargalhada.

— Para, mãe, não finja que nunca percebeu as coisas na casa deles. Que nunca ficou intrigada. — Nicole colocou a mão no quadril. — Olha, eu sei que você está transando com...

— Meu Deus, não fale. — Marie-Claire cambaleou para trás. — Meu amor, não fazia ideia de que você sabia. Sinto muito.

— Não. — Ela sorriu para a mãe, e Marie-Claire viu uma pessoa diferente, não a atriz aspirante e talentosa, cheia de energia, mas uma mulher adulta que tem a própria vida e os próprios segredos. — Você não sente muito. E entendo por que está fazendo isso. Juro que entendo. Se eu fosse casada com um homem chato...

— Não fale assim do seu pai! — disse Marie-Claire, quase gritando.

— Você foi se encontrar com ele, hoje à noite — disse Nicole, com calma. — Não adianta negar. Alguém deve estar com ciúme. Provavelmente o Jer. Ele é tão esquisito.

— Isto não está acontecendo. Não estamos tendo esta conversa.

Nicole pegou a mão da mãe e a conduziu para a sala.

— Vou lhe mostrar umas coisinhas, mãe. Algumas que sei fazer. Se alguém está te perseguindo com magia, posso protegê-la.

O colégio era um pesadelo.

Enquanto caminhava pelo labirinto do Hill High, os rostos novos se misturavam aos conhecidos que Holly esperava encontrar no primeiro dia de aula do seu último ano escolar. Lá estava Grace Beck... não, aquela era outra pessoa. Mallory Reaves...

errada de novo.

Nem por um segundo, confundiu Amanda com Tina.

Era coisa demais, desde os pôsteres pintados a mão que diziam NÓS TEMOS ESPÍRITO ESCOLAR! até os amigos assumidamente nerds da Amanda, que tentavam de tudo para ser gentis com a prima órfã. Desde os alunos que já pediam que outros assinassem um abaixo-assinado, que participassem de clubes escolares e que tivessem MUITA DIVERSÃO NO COLÉGIO! até as salas e os professores novos que passavam toneladas de dever de casa.

Eu encontraria um pouco disso tudo na minha cidade, pensou Holly. *Salas novas, professores novos, toneladas de dever de casa.*

— Está quase acabando — dizia Amanda ao fim de cada aula. A tia arranjara para que tivessem o máximo de aulas juntas, enquanto Amanda e Nicole haviam dado um jeito de se evitarem no colégio. Nem mesmo almoçavam juntas.

Quando chegou a hora de Holly assistir à primeira aula sozinha, química, ficou aliviada ao ver Tommy Nagai na sala. Sentado à mesa de laboratório de dois lugares, com tubos de ensaio e maçarico, acenou assim que ela apareceu, ansiosa, na porta de entrada.

— Parceira de laboratório! — disse ele, abrindo os braços. — Alguém que vai fazer tudo para mim, certo? Você é desse tipo? — Ele a enlaçou com o braço e os dois entraram juntos na sala. — Agora é o momento de você ver como vale a pena me conhecer. Olha isso.

Levou-a até o professor, um homem de meia-idade com expressão irritada, um corte de cabelo horrível e óculos antiquados que faziam seus olhos parecessem ocupar metade de seu rosto, como se fosse um alien.

— Professor Boronski — chamou Tommy, afável. — Ela pode ser minha parceira de laboratório? Acabou de se mudar de São Francisco para cá. É prima da Amanda Anderson. Eu a quero ao meu lado.

O professor Boronski tentou não sorrir, mas não conseguiu. Balançou a cabeça para Tommy.

— Você tem que se fazer de difícil se quiser que as meninas fiquem a fim de você. Não é, prima da Amanda? — disse.

— Holly — disse ela, um pouco mais relaxada.

O professor olhou a lista de chamada. Como qualquer aluna que se preze, Holly era capaz de ler de cabeça para baixo.

— Isso. Seu nome está aqui. Ok. Podem ser parceiros de laboratório. — Sorriu para ela. — Bem-vinda, Holly. Só lhe peço para não deixar esse cara ficar conversando a aula inteira. Se fizer só isso, já vai ganhar um 10.

— Falo à beça — disse Tommy, animado. Pegou Holly pela mão e zanzou com ela pela sala, apresentando-a aos outros. — Jason, Bob, Andrea, Brenda, Scott. — Nomeou um mar de rostos. Puxou-a. — Outra cara nova. Oi, meu nome é

Tommy e essa é a minha parceira de laboratório, Holly. Vamos superar todos vocês!

O sinal tocou.

— Sentados, por favor. Nagai, bico fechado — disse o professor Boronski.

Tommy levou Holly de volta para a mesa de trabalho.

— Na aula de ciências todo mundo é de casa. Basta me observar e você vai virar a queridinha da tabela periódica.

— *Nagai.*

— "Nagai" quer dizer "comprido" em japonês — sussurrou Tommy para Holly, olhando para ela de modo conquistador.

Ela fez uma coisa que não esperava naquele dia.

Holly riu.

Ok, talvez o colégio não seja um pesadelo, no fim das contas…

Jer e Kari estavam abraçados no topo da colina que dava nome ao colégio High Hill, as abas do casaco balançando ao vento como asas de um pássaro negro.

Kialish e Eddie ao lado, de mãos dadas, assistiam aos carros estacionados em frente à escola, esperando os alunos que saíam das aulas. O colégio era muito antigo, de tijolos; Jer adorava. Fora um refúgio da sua vida em casa. E, apesar de nunca ter tido muitos amigos, encontrara Kialish e Eddie lá.

— Nenhuma Mercedes preta — disse Kari, enfim.

Fora ali para observar as mulheres da família Anderson, Marie-Claire em particular. Não era bom sinal que sua Mercedes preta não estivesse ali para buscar as meninas.

Se ela foi morta por eles noite passada, se encontraram outra maneira…

— Tem certeza disso, cara? — perguntou Eddie, com delicadeza. — Talvez ela só tenha tido um problema no carro.

Jer fechou os olhos e, em silêncio, entoou um Encantamento para Encontrar.

— Ela veio em outro carro — disse Kialish, segundos depois.

Jer abriu os olhos; um jipe Explorer preto encostara na calçada, e Marie-Claire Cathers-Anderson saltou do veículo. Apressou-se até a entrada do colégio na hora em que o sinal começava a tocar. Alunos já saíam pela porta dupla de madeira.

Kari enrolou-se no seu casaco de couro marrom e sorriu para Jer.

— Você não acha de verdade que a sua família tentaria machucar alguém, acha? E por que ela? — perguntou.

Você nem imagina, pensou ele. Estava em conflito, sabendo que precisava de ajuda contra sua família, mas não tinha certeza se deveria ter procurado Kari. Tinha suas dúvidas até mesmo com Eddie e Kialish. O xamanismo tinha mais a ver com a jornada da psique. A magia da sua família — Magia Negra — tinha a ver com conquistar aquilo que se quer, não importando os meios.

— Parece que está tudo bem com ela, cara.

Kari apertou o braço ao redor da cintura de Jer. Olhou para ele. Estava amando aquilo tudo; parecia um animal na cama, depois que ele havia incendiado aquele arbusto.

Era isso exatamente o que devia acontecer, pensou com amargura. É *o que meu irmão diz: Magia e abdômen definido conquistam as mulheres.*

— Preciso ficar sozinho — disse ele, de repente. — Preciso me preparar.

— Se preparar? — perguntou Kari, devagar.

Ele aquiesceu e se afastou dela. Kari pareceu magoada. Ele não se importou; de fato não tinha isso dentro de si. Se *ela* estava preocupada de verdade com alguém naquela história, deveria ser consigo mesma. Para ela, aquilo era um jogo, uma coisa a ser aprendida, algo capaz de fazer sozinha. Mas ajudar alguém? Proteger alguém? Ela ainda não chegara lá.

Não devia ter envolvido Kari nisso, pensou. Mas precisava de uma conexão masculino-feminina para algumas magias que planejava executar.

Olhou para baixo, distinguindo, com facilidade, Holly e Amanda — Nicole não —, enquanto Marie-Claire as escoltava na saída do colégio, as mãos nervosas como um passarinho.

Ela parece tão cansada, pensou Jer sobre Holly. *Tão triste*.

Quando ela, a tia e Amanda caminhavam até o carro alugado — a Mercedes estava no conserto, para verificação dos freios —, Holly ouviu o grito de um pássaro. Assustada, olhou para cima, desligando-se do que a tia dizia.

Um pássaro negro sobrevoava suas cabeças, preparando-se para descer na direção delas. Mesmo a distância, pôde ver o bico afiado, curvado, as garras… e os olhos.

Pareciam olhar fixamente para ela… *fixamente* para elas, Amanda e Marie-Claire.

Sem que a prima e a tia, que batiam papo, percebessem, Holly deu um passo atrás, mudando de leve seu ângulo de visão.

Jer.

Lá estava ele, na colina, do outro lado da rua, uma garota abraçada à sua cintura, e mais dois caras ao lado. Os outros olhavam para o pássaro.

Jer olhava para ela.

Holly sentiu calor. Engoliu em seco e desviou o olhar, perguntando-se o que ele estaria fazendo ali.

— Amanda — disse baixinho. — Amanda, olha.

— …com Tommy, na aula de química! — dizia Amanda, rindo.

— Ai, meu Deus — respondeu tia Marie-Claire, olhando para Holly. — O professor Boronsky vai ter trabalho. Que bom que as duas tiveram um bom dia de

aula. Onde foi que eu enfiei a chave do carro?

Acima delas, o pássaro piou e bateu as asas enormes para longe.

Holly olhou para a tia.

— Desculpa, o que foi?

Na colina, Jer e os outros se viraram e começaram a se afastar. Holly puxou a manga de Amanda e apontou com a cabeça.

Amanda olhou para a colina. Viu, olhou de volta para Holly e sussurrou:

— Aquela ali com ele é a Kari.

Marie-Claire não estava prestando atenção nelas.

— Aqui! — disse, sorrindo e mostrando um chaveiro com uma placa de plástico onde se lia: A LOJA NÚMERO UM EM FREIOS DE SEATTLE.

— Vamos para casa, sãs e salvas.

Holly entrou no carro.

— Era um falcão — disse Kialish enquanto descia a colina com Jer e os outros na direção dos respectivos carros. — Seu totem.

Jer olhou em volta. Formavam um grupo estranho a dar início a uma Confraria secreta, não? Os poucos, orgulhosos, companheiros de sauna. Haveria poder suficiente ali para que pudesse proteger Marie-Claire? Esperava que sim.

— Quero que vocês aprendam — respondeu ele, enfim. — Vocês precisam abrir a mente e o coração para me ajudar. — Por um momento, teve dificuldade de olhá-los nos olhos. — A herança da minha família é… muito mais extremada do que eu contei para vocês. Eli e meu pai são… — Olhou para o fogo abaixo. Kari apertou sua mão. — Eles são do mal — sussurrou. — Não posso contar muita coisa. Tenho uma ligação… mas não vou fazer parte dos *planos* — quase cuspiu a última palavra — deles de machucar as pessoas. O resto do que eles fazem não é da minha conta, mas não posso deixar meu pai e meu irmão ferirem ninguém. *Não* vou deixar.

Os amigos se entreolharam, mas ninguém disse nada por um tempo.

— Tudo bem, cara — falou Eddie com firmeza.

Kialish pigarreou.

— A gente devia voltar no meu pai — disse.

— Não sei — duvidou Jer. Andara pensando no assunto. — Esse tipo de magia é muito diferente da que seu pai pratica. É mais cruel e viciosa. Sempre soubemos disso. Sempre falamos sobre isso.

— Então, ele pode nos ajudar a descobrir formas de lutar contra ela — insistiu Kialish.

Isso era verdade. Jer inclinou a cabeça.

— Ok. Você está certo. Precisamos nos encontrar hoje à noite para nos unirmos, com sangue. É um ritual antigo, que estabelece a nossa Confraria. — Olhou para o grupo. — Pensem nisso. Depois que eu iniciar vocês, terão um compromisso de

lealdade com a nossa Confraria. E comigo, seu mestre.

Eddie e Kialish assentiram com a cabeça, os dois com expressões bastante sóbrias. Sabiam que aquele era um momento importante.

— E depois, você vai nos ensinar — disse Kari, os olhos brilhando de excitação.

Jer sentiu o coração pesado. Ela ainda pensava naquilo como um jogo, uma brincadeira.

— Isso, vou ensinar a vocês.

Rezou para que as lições que tinha a ensinar não fossem dolorosas.

Ou fatais.

NOVE

LUA DA SEMEADURA



De pé, Confraria Deveraux,
Elevem a vingança aos céus.
Que o mundo sinta sua ira,
Que a lua seja pintada de Fogo Negro.

É hora de programar e semear,
Hora do destrato e da desonra.
Tomem as almas daqueles que marcamos,
Façam deles nossos corações e mentes.

As coisas haviam mudado.

A frequência dos pesadelos diminuíra e Holly estava dormindo melhor. Nada de Jer Deveraux no seu campo de visão, mas ela o colocara com firmeza no rol da sua "fase de adaptação", e andava pensando em Tommy Nagai… mas o cara estava determinado de verdade a conquistar Amanda. E sua prima não fazia a menor ideia disso, e não acreditava quando Holly tentava fazer com que percebesse.

— Ele é meu melhor amigo, da vida inteira — dizia Amanda. — Você está entendendo tudo errado.

Holly começou a questionar se Amanda tinha medo de gostar de Tommy com mais intensidade; como se isso fosse fazer com que ele se afastasse ou deixasse de gostar dela. Entendia esse tipo de medo; já sentira isso.

Holly começou a sentir-se em casa em Seattle. Descobriu coisas de que gostava — uma delas era o fato de a cidade ser um lugar moderno, sofisticado como São Francisco. Os jovens eram rápidos e espertos; falavam a mesma língua que ela.

Chovia, mas também chovia bastante em São Francisco. Holly aprendeu a sempre ter um guarda-chuva na bolsa. Amanda fora a responsável por seu "treinamento", lembrando-a constantemente:

— Não esquece o guarda-chuva. Trouxe o guarda-chuva?

Mas Nicole nunca usava capa nem carregava guarda-chuva. Preferia o estilo mais dramático de correr e gritar debaixo d'água, de arrancar a roupa molhada e se jogar num banho quente assim que chegava em casa. Esse desprendimento, às vezes, dava a Amanda, a prima séria, que desprezava Nicole, espasmos de repulsa divertida — algo que se desenvolvera com o tempo, depois que Holly fora morar com elas.

Estou aqui há tão pouco tempo, e elas estão tão diferentes. Tão felizes. Parece mágica.

— Qual é o seu problema? — perguntava Amanda, rindo. — Sua hedonista primitiva!

Nicole enchia o diafragma, exibindo-se, e rebatia.

— Você morre de inveja porque não é bonita como eu.

— Ah, por favor…

Holly adorava a mudança nas duas. Estavam mais relaxadas uma com a outra. Na verdade, sair com Amanda e Nicole era uma prova de que laços fraternos podem ser mais que poderosos, podem ser libertadores e divertidos. A solidão terrível começara a diminuir, apesar de a dor pela perda dos pais ainda ser tão presente quando no dia em que acontecera. Mas só o fato de estar ali, com ou sem chuva, disfarçava a sensação de vazio ao pensar no futuro. As primas poderiam fazê-la rir quando ela queria uma noite inteira de diversão de verdade, assistindo a programas como do Jay Leno ou David Letterman, zapeando sem parar até ela ficar zonza. Bast e as gatas das primas também eram adoráveis, seres peludos, ágeis e prontos para brincar.

Amanda estava feliz, Nicole parecia mais amigável e Holly começava a acreditar que tinha seu lugar ali.

Uma família.

Nicole sempre pedia que ela contasse seus segredos para Bast e pedisse para "ajudá-la arrumar um namorado". Deitadas no quarto de Nicole, decorado de preto e luas prateadas, onde ela agora era bem-vinda, rodeada por pôsteres de teatro e de uma fotografia autografada da Winona Rider, Nicole franziu o nariz, como se tentasse tirar o veneno do que diria a seguir:

— Só não se mete com o Eli. Vamos mudar de vida depois que sairmos dessa prisão.

— Eli. Eca — disse Amanda. — Não vou nem entrar nesse assunto. Falando nisso, vou dormir.

— Eu também — disse Holly.

Quando ela saiu da cama, Bast a seguiu. Hecate deixou os braços de Nicole, desceu da cama e se juntou à outra. Beijaram-se esfregando o nariz, depois viraram-se e saíram juntas do quarto.

— Elas provavelmente saíram para planejar o seu futuro — disse Nicole para Holly. — Boa noite, meninas. — Sorriu para a irmã e para a prima.

— Não nos atrase amanhã de manhã — lembrou Amanda a Nicole, levantando-se para sair do quarto também. — E não faça zona no banheiro.

— *Moi?* — Nicole bateu os cílios.

Amanda fez uma careta para ela.

No corredor, Amanda revirou os olhos.

— Caramba, ela me deixa louca. Pode esperar, ela vai nos atrasar. — Encolheu os

ombros e sorriu, e Holly viu que aquela ferida aberta que um dia assombrara as primas estava longe. — Se você rezar para sua gata hoje à noite, implore para ela fazer a Nicole ficar pronta no horário. Se me atrasar de novo para o primeiro tempo amanhã, minha nota vai cair consideravelmente.

— Que péssimo — enfatizou Holly.

— Que estúpido. Não vou entrar numa faculdade legal se a minha média geral cair. E não vou me submeter a correr feito uma louca, durante quarenta e cinco minutos, como se fosse idiota, com um frio desses. — Fez um muxoxo. — Devia ter feito como a Nicole. Dança moderna.

Holly fez uma careta.

— Não sou boa em fingir que sou uma árvore dançante.

Amanda riu.

— Bom, mais um motivo para ela exigir a atenção de todo mundo — disse, divertida. — E agora, *bonne nuit*, como costumamos dizer aqui em casa.

Holly sentiu uma pontada. Seu pai costumava lhe desejar *bonne nuit* — "boa noite" em francês. Talvez fosse uma tradição de família, já que tinham antepassados franceses e tal. *Tem tanta coisa que não sei sobre os meus pais. Talvez nunca fique sabendo. Devia pedir para tia Marie-Claire me contar mais sobre a infância do papai.*

— *Bonne nuit* — disse para a prima e entrou no seu quarto.

Sua gata surda entrou logo atrás. Holly respirou fundo e fechou a porta, encostando-se nela e olhando o ambiente em volta, atenta para ver se a gata ia se assustar. Coisas estranhas ainda aconteciam naquele quarto. A porta do armário abria no meio da noite. O piso de madeira rangia. E a gata, que não podia escutar, não gostava nada daquilo.

— Então, minha querida. — Holly provocou a gata enquanto as duas se encaminhavam para a cama. — Aqui vai minha lista de desejos: chegar ao colégio na hora, dormir bem e… — calou, envergonhada demais para mencionar em voz alta o desejo tolo de ver Jer, até mesmo para a gata — …é isso.

A gata miou e piscou os grandes olhos azuis. Era tão pequenininha que seu rosto não era mais que aqueles olhos, uma boquinha curva e um pontinho de nariz.

Holly a pegou no colo e sussurrou na sua orelha:

— Meu Deus, sinto tanta falta do meu pai e da minha mãe. Tanta saudade da Tina. Este era para ser o nosso grande ano.

A gata ronronou e estendeu a pata dianteira num gesto de conforto tão humano que Holly não conseguiu sorrir. A pontada no seu estômago se transformou num nó na garganta. Com dor, ela pensou: *Até quando vou me sentir mal assim? Vou sentir essa saudade deles para o resto da minha vida?*

A patinha dianteira de Bast tocou na palma de sua mão. Ela levantou a cabeça e lambeu o braço de Holly, que afundou na cama.

Não conseguia dormir; batia com os dedos no lençol no ritmo das batidas na

janela. Justamente quando estava pegando no sono, achou ter ouvido um sussurro do outro lado da porta. *Talvez seja uma das minhas primas. Talvez Amanda queira falar do que aconteceu no quarto dela. Drama é com certeza um tema delicado nesta casa…*

Holly bocejou e abriu os olhos.

Piscou.

Será que sou sonâmbula?

Estava de pé na beira da escada que dava para a sala. De camisola, olhava para Nicole e Marie-Claire, sentadas num móvel de pedra em frente à lareira. As duas de manto. O de Nicole era vermelho vivo. O de Marie-Claire, preto.

Uma variedade de varetas podia ser vista ao lado delas. Nicole pegou uma, beijou-a e entregou-a para a mãe.

— Deusa, conceda a Amanda o que ela deseja de coração. Que ela descubra os próprios talentos e a própria luz e que um jovem bom a ame de verdade — disse Marie-Claire, passando o objeto sobre o fogo.

Holly ficou chocada. *O que elas estão fazendo? Será que estão realmente fazendo bruxaria? Minha própria tia?*

— Que assim seja — disse Nicole, com doçura.

— Deusa, conceda a Holly o que ela deseja de coração. Que sua vida conosco seja plena de bem-estar e alegria, e do acolhimento de uma família calorosa.

Era por isso que estavam se dando tão bem?, pensou Holly, chocada. *Elas andavam… fazendo encantamentos na própria família?*

— E de roupas melhores — acrescentou Nicole, rindo. A mãe lhe lançou um olhar repreensivo. Nicole pigarreou e concluiu: — Que assim seja.

Marie-Claire abaixou a vareta e disse:

— Agora você. — Inclinou o tronco e beijou a testa de Nicole.

A filha lhe entregou outra varinha.

— Deusa, conceda a minha linda Nicole o que ela deseja de coração. Fama nos palcos e amor na sua vida.

— Legal, mãe — disse Nicole. — Você pega rápido.

— É impressionante — comentou Marie-Claire. — Quem diria.

Holly estava hipnotizada. Então, quando mãe e filha levaram as varinhas até a lareira, algo roçou o tornozelo de Holly. Ela prendeu a respiração e se virou para olhar.

As três gatas, Freya, Hecate e Bast haviam se agrupado aos pés de Holly, os grandes olhos virados para ela. Nenhuma delas se moveu; as três ficaram quietas, como se quisessem muito falar com a menina. Como se dissessem: *Que assim seja.*

Então Bast abriu a boca e disse, com voz humana:

— É meu dever servir-te, Holly Cathers…

Holly deu um pulo, piscando por causa da luz que atravessava a janela do quarto

de hóspedes.

Foi apenas um sonho, pensou. *Os sonhos voltaram.*

Bast se acomodou ao pé da cama, encarando a menina, e começou a ronronar.

Na câmara escura da casa dos Deveraux, Eli e Michael prestavam tributo ao Deus Cornífero. Michael matara uma dúzia de águias fêmeas, símbolo da Confraria Cahors, e 12 corvos, símbolo dos Deveraux. Depois de um longo ritual de chamas e fogo, Michael conjurou Laurent diante do filho mais velho, que olhava boquiaberto para o que via.

O ancestral levou o tempo que quis e, como sempre, o bruxo francês apareceu como um cadáver em decomposição. Naquela noite, estava quase transparente, e sua carne tinha um tom de cinza azulado que embrulhava o estômago.

— Este é Eli, meu filho — anunciou Michael para a figura cadavérica. — Ajoelhe-se — disse entre dentes para o rapaz.

De imediato, Eli se ajoelhou.

— Um de seus dois filhos — corrigiu Laurent, com lábios imóveis. — Se não se comportar melhor do que seu outro rebento, pode servir de sacrifício.

Eli empalideceu, e Laurent riu, o som da gargalhada ecoando nas paredes escuras que já haviam presenciado dor e morte, além de coisas muito piores. Michael se apoiou num dos joelhos e disse:

— Ele é meu primogênito.

— Primogênitos são preciosos e raros — observou Laurent. — Melhores ainda quando o pai abre mão deles.

Michael permaneceu em silêncio, tentando medir a seriedade das palavras de Laurent. *Ele quis dizer que devo matar Eli agora? Ele está me testando?*

Porque eu sou aprovado nesse teste…

Olhou para o filho com um sentimento que não passava de arrependimento ligeiro. *Sasha estava certa; não sou capaz de amar ninguém. Mas errou quando foi embora. Existe uma coisa chamada lealdade.*

Ok, não sou um exemplo de lealdade também. Mas ela deveria ter me apoiado, em vez de me abandonar aqui com dois filhos para criar.

Laurent andava de um lado para outro no piso de mármore, apesar de seus passos não fazerem nenhum ruído. Michael o observava com calma. Eli estava atento a seus punhais no altar — talvez pensando em autodefesa ou parricídio, Michael não sabia qual dos dois.

— Seu outro filho, Jeraud, foi possuído pelo espírito do meu filho, Jean — anunciou Laurent. — Por isso ele se afastou de você.

Os lábios de Michael se abriram em surpresa. Eli não entendeu nada.

— Quem é Jean?

— Isabeau conseguiu adentrar na vida de Holly Cathers — continuou o duque.

— O Senhor e a Senhora — murmurou Michael, para si. Olhava seu patrono com a cabeça inclinada. — Você me disse que isso não passava de uma lenda, que a magia dos Cahors misturada a dos Deveraux gera uma combinação muito mais poderosa do que as uniões de feminino e masculino que já tentei.

— A que você tentou com Marie-Claire, contra minha ordem direta.

— Eu ia matar Marie-Claire — protestou Michael.

— Devia. Ela e as filhas têm poder. Mas, acima de tudo, é a pequena *cousine* que precisa ser destruída.

— Pai? — sussurrou Eli. — O que está acontecendo?

— Cale a boca — disse Michael, ríspido. Estendeu as mãos para Laurent. — Dê o Fogo Negro para mim, meu senhor, e queimarei todas elas.

Laurent sorriu com amargura.

— Primeiro, as bruxas Cahors têm que ser eliminadas — disse Laurent. — Não podemos usar o Fogo Negro enquanto estiverem vivas. A possibilidade de Holly Cathers decifrar o encantamento, se aprender como conclamá-lo… não, é impensável.

Frustrado, mas, ao mesmo tempo, esperançoso, Michael cruzou os braços sobre o peito e fez uma reverência.

— *Oui, mon seigneur.*

— O aniversário da traição está próximo. Se Holly não estiver morta até a Lua crescente, retirarei meu patronato. — Apontou o dedo esquelético para Michael, um pedaço de carne pendurado nele. No lugar da unha, uma garra, longa e curvada como uma Lua crescente. — Não se esqueça, homem *mortal*, de que tenho tempo e posso esperar. Se você e seus filhos me desapontarem, recruto outros bruxos Deveraux. Você não está sozinho neste mundo.

Michael engoliu com dificuldade. Seria ingenuidade imaginar que eram os únicos descendentes da nobre Confraria Deveraux, mas até agora fora incapaz de rastrear os outros. *Um dia…*

— Escuta, humm, meu senhor. Nós temos que… devemos matar todas as Cathers? — perguntou Eli para Laurent. — Porque uma delas é minha namora… — O nobre francês o encarou, incrédulo. Sob o olhar de Michael, avançou ameaçadoramente na direção de Eli, levantou suas garras e fez um movimento brusco, deixando de acertar por pouco o rosto do rapaz.

— Criança arrogante! Você só fala quando for requisitado! — trovejou. Furioso, voltou-se para Michael: — Como foi que educou esse seu herdeiro?

— Os tempos são outros, duque Laurent. E não sou uma criança — respondeu Eli, para surpresa de Michael.

Laurent inclinou a cabeça. Olhou para Eli longa e duramente, e disse, como se para si mesmo:

— Parece que sim.

Era uma noite chuvosa de quinta-feira. No quarto de Nicole, Bast, no colo de Holly, ronronava como louca. Nicole estava esticada na cama e Amanda esparramada no chão. Haviam comido dois pacotes de pipoca de micro-ondas e bebido refrigerante diet suficiente para sobrevoar a cidade inteira de Seattle, enquanto assistiam a *Romeu + Julieta* com Claire Danes e Leonardo DiCaprio, pela milionésima vez.

A peça de fim de ano fora anunciada. Seria *Romeu e Julieta*.

Nicole queria o papel principal, é claro. Estava estudando todas as versões que podia encontrar, buscando a própria interpretação.

— Só eu posso fazer essa personagem como deve ser — disse, balançando a cabeça para a televisão.

— Anh-hã. — Amanda bocejou, e a gata subiu na sua barriga.

— É sério. — Nicole se levantou e se espreguiçou. A toalha na sua cabeça fez com que Holly se lembrasse de Erykah Badu e seu turbante. A prima fez uma pose, e sua voz ficou mais grave do que os trovões do lado de fora.

Dê-me meu Romeu: e quando ele morrer,
Leve-o e o transforme em pequenas estrelas,
E ele espelhará tão lindamente o céu
Que o mundo inteiro se apaixonará pela noite
Não mais adorando o espalhafatoso sol…

— Você vai conseguir o papel, Nicole. — Holly apoiou a bela prima.

Nicole desviou o olhar, talvez vendo Romeu, talvez as luzes da ribalta, talvez escutando aplausos.

— Sou Julieta, entende? Sou melhor que a Claire Danes. Além do mais… — parou, como se lembrasse de que não estava sozinha. — Seja lá como for, o papel será meu. Vou fazer com que seja meu.

Holly absorveu a informação.

Será que ela está falando das varinhas de condão e das bênçãos?

— Espero que você consiga — disse Holly.

Nicole pegou Hecate no colo.

— Quero o papel principal.

A gata abanou o rabo como se respondesse.

Algumas semanas se passaram.

Em São Francisco, Barbara fora transferida para a UTI do hospital. Ainda estava muito mal, mas ninguém sabia o motivo. Ela não piorava, mas também não melhorava. A casa dos Cathers estava sendo bem-cuidada e os cavalos estavam bem.

Nicole seguia em campanha por sua Julieta, decorando todas as falas da personagem antes mesmo da abertura dos testes. Então, numa tarde chuvosa, Holly

passou na aula de teatro para saber a que horas Nicole iria para casa. Nona Zeidel, a professora, estava sentada próxima ao pequeno palco e suas cortinas cor de vinho. A certa distância, dois rapazes pintavam numa tela de fundo um jardim iluminado pela Lua.

— Preciso disso para meu exame de admissão — dizia Nicole, rodeando a sra. Zeidel, que remexia um saco de pretzels e folheava um livro. — Maria Gutierrez não planeja ser atriz profissional. Quer ser *professora de matemática*. — Pronunciou as últimas palavras como se falasse de uma doença contagiosa.

— Meu Deus, que coisa chata. — resmungou a sra. Zeidel, revirando os olhos. Colocou outro pretzel na boca e inclinou a cabeça. Holly percebeu que ela estava considerando a informação.

— E eu posso participar de todos os ensaios. — Nicole inclinou-se para frente e apontou para o que parecia uma lista de chamada. — Pode conferir. Nunca faltei um ensaio.

Então, sob o olhar de Holly, Nicole fez algo estranho: enfiou a mão no bolso da calça preta e, enquanto a professora pensava de cabeça baixa, jogou algo no cabelo dela, fazendo logo depois um círculo com o dedo indicador.

A sra. Zeidel estava pensativa enquanto conferia a lista de presenças. Encolheu os ombros e sorriu, como se tivesse chegado a uma conclusão. Uma conclusão favorável.

— Olha, você conhece as regras da escola, sou obrigada a abrir testes…

— Obrigada! — respondeu Nicole. — Não vou decepcionar a senhora.

Holly ficou chocada.

Ouviu passos atrás de si; era sua tia.

— Nicki está aí? — perguntou. Holly fez que sim com a cabeça, e Marie-Claire entrou e acenou, animada. — Oi.

— Mãe! Consegui o papel! — gritou Nicole. Saiu correndo e se jogou nos braços da mãe. — Sou Julieta!

— E você está surpresa? — Tia Marie-Claire provocou a filha, abraçando-a com vontade. — Minha rainha do drama.

— Ah, para. — Nicole deu soquinhos de brincadeira na mãe.

— Parabéns — disse Holly, com a sensação de ter soado um pouco dura.

— Como será o meu figurino? — Nicole fervia. — O que você acha, Holly?

Holly ainda estava tomada pelo momento de feitiçaria.

— Alguma roupa linda, com certeza — respondeu.

Nicole fez uma meia-pirueta.

— Mas é claro!

Duas semanas depois, o informativo com as escalações foi pregado em frente à sala onde o grupo das aulas de teatro se encontrava nas quartas-feiras; de quinze em

quinze dias. Amontoados, os alunos se debatiam para conferir os nomes. Vários gemidos misturados a gritos de triunfo deram as boas-vindas a Nicole, Amanda, Tommy e Holly.

— Estou tão feliz! — Nicole juntou as mãos e fez uma ligeira coreografia de vitória, o que inspirou assovios lascivos de alguns garotos que passavam por ali.

— Que surpresa! Que alegria! — brincou Tommy.

— Parabéns, Nicole — disse Maria Gutierrez, parando para cumprimentar a menina. — Você vai se sair superbem. — Parecia muito, muito desapontada.

Nicole abriu um sorriso, deu um abraço, lançou um

beijo no ar, as coisas de praxe nessas situações.

— Eu sei — disse, depois riu, para mostrar que estava brincando.

Os quatro saíram do colégio e se dirigiram ao Corolla do pai de Tommy, estacionado na área reservada aos veteranos.

— Vamos ao The Half Caff — sugeriu Nicole, excitada. — Preciso comemorar!

Holly olhou para trás e viu Maria Gutierrez, que assistia a saída deles. Ali parada, sozinha, vencida.

Minha prima trapaceou, pensou. *Mesmo que aquela… aquela magia, ou seja lá o que for* — mal conseguia dizer as palavras — *não tenha funcionado, ela convenceu a sra. Zeidel a dar o papel para ela. Não porque merecesse, necessariamente. Só porque ela queria.*

Isso não é justo. E também não é legal.

E se é isso que… ela e a minha tia acham que estão fazendo… elas deviam parar.

Será que era sonâmbula?

Holly cruzou o corredor da casa em Seattle; o piso estava quente e macio, parecia o pelo de sua gata, mas ela sabia que era de madeira de lei e tinha uma passadeira de lã no meio. E, nas paredes, via ânforas em forma de rostos jovens; seus cabelos entremeados de flores e folhas, flutuando como se fossem lírios d'água. Logo acima, mais lírios pendiam, balançando suavemente; centros de luz brilhando em cada um.

São as luzes do corredor, pensou ela e assentiu com a cabeça para si mesma. *Claro. Os lustres do corredor sempre foram assim*.

Continuou caminhando, aos poucos se dando conta de que estava sendo guiada. O corredor era incrivelmente comprido, mas se ela se concentrasse, conseguia ver a figura de brilho azul que andava bem na sua frente, parando de vez em quando para que Holly a alcançasse.

Sim, estou indo, disse para a silhueta. Depois, percebeu que a figura estava pegando fogo. Seguia em frente com firmeza, as chamas azuladas elevando-se acima da cabeça, como uma tocha. Havia fumaça no corredor, que atingiu as narinas de Holly. É *por isso que toda hora eu sinto cheiro de fumaça aqui*.

A silhueta ergueu um dos braços em chamas e gesticulou para Holly, movendo-

se muito devagar. Depois, apontou à direita da menina.

Como se fosse feita de cera, Holly girou a cabeça para a direita. A parede derretera e, em seu lugar, uma parede de pedras tomou seu campo de visão. As pedras não tinham o mesmo tamanho, nem estavam precisamente colocadas: *essa parede deve ser muito antiga*, ela concluiu.

A fumaça ficou mais densa, encheu seus pulmões, e ela tossiu, sem ar. Sentiu calor; um calor assustadoramente intenso. Ao levantar o pé do piso de lírios, ouviu o barulho do fogo. As flores sob as solas dos seus sapatos de couro desintegravam-se com o calor; não eram lírios, mas palha. Explodiam em chamas como bombas, e as faíscas incendiavam o vestido de lã de Holly.

Socorro!, gritou para a silhueta.

Mas o corredor desaparecera por completo. Em pânico, ela girava em círculos batendo no próprio vestido. Bolhas apareciam em suas mãos com as tentativas. Suas pernas estavam queimadas.

Ela sabia onde estava agora — no quarto de Jean, no castelo Deveraux — e procurava por ele em toda parte. Estava frenética; ele deveria estar na sua cama de peles, desmaiado. Ela colocara ervas suficientes em sua bebida noturna para que dormisse por duas noites; agora, com o pó mágico nas mãos, o reviveria.

Em meio a fumaça e chamas, gritava seu nome, passando por guardas Deveraux besuntados de óleo fervente e trespassados por flechas envenenadas, cortesia de gente do seu próprio sangue. Adentrando a noite brilhantemente iluminada, foi até as cocheiras, ignorando os relinchos dos cavalos, e abriu as portas com magia, sem pensar em deixá-las abertas para aqueles que viessem depois.

Atravessou corredores e entrou na cozinha, onde fornos de dimensões colossais, grandes o bastante para o cozimento de um boi inteiro, queimavam sem controle. Dos cozinheiros e ajudantes não viu sinal, mas um cheiro de metal se misturava ao de fumaça, e ela viu várias panelas derretidas nos fogões.

Saindo da cozinha, esquivou-se de uma silhueta em chamas, cambaleando pelo corredor. Soluçou de frustração enquanto a tempestade de fogo gerava gritos de agonia em toda parte. Dentro e para além das paredes em chamas, seus parentes incendiavam o castelo Deveraux. Com total crueldade, massacravam os homens da Confraria Deveraux. Haviam feito um acordo, e ela ajudara como pudera. Ninguém sabia de sua barganha particular com a Deusa para poupar-lhe o marido e permitir a fuga dos dois.

Cerrou os punhos ao cruzar para o lado de fora. As labaredas iluminavam a cena com a claridade de um dia de Sol; gansos, todos em chamas, se debatiam e gritavam até morrer; carneirinhos e ovelhas caídos, a lã chamuscada: nada disso fora combinado.

Então ela viu um de seus familiares, tio Robert, levantando-se de cima de Petite-

Marie, filha de uma Confraria nobre de Paris, enviada ao castelo Deveraux para aprender a se tornar uma grande dama. A pobre criança estava deitada, imóvel, como se morta, a saia rasgada, as pernas descobertas. Enquanto ela chorava, o tio de Isabeau desembainhou sua espada, suspendeu-a acima da própria cabeça com as duas mãos, preparando-se para enfiá-la no coração da pequena inerte.

— *Non!* — gritou Isabeau o mais alto que pôde. Robert olhou para ela, sacudiu violentamente a cabeça e cravou a espada no coração da menina.

O sangue esguichou; Isabeau correu até ele, atacando-o ferozmente no peito e nos ombros, chutando-o, ignorando o sangue que o cobria.

— Isso não fazia parte do plano! — gritou para ele. — Só os homens! Minha mãe disse só os homens!

— *Vágabunda!* — trovejou uma voz vinda de trás dos Cahors.

Era Jean, vivo, pálido como a morte, manchado de cinza, mas de pé, não estava ferido. Com um grito de alívio, Isabeau correu para ele de braços estendidos.

Ele a atingiu com tanta força que sua cabeça foi jogada para trás, e ela caiu no chão enlameado. A cabeça bateu primeiro, e ela ficou cega por um instante. Quando voltou a enxergar, seu marido estava de pé sobre ela, uma perna de cada lado. Atrás dele, as paredes do castelo Deveraux eram um cenário extremado de sua fúria.

— Tenho um mapa com a rota de fuga! — disse ela, olhando para ele enquanto limpava o sangue que escorria do canto de sua boca. Seus dentes rangiam. — Amigos que querem nos abrigar fora da França! Vamos criar uma nova Confraria, meu amor, baseada na luz, não nessa desavença terrível que nossas famílias cultivam…

— Assassina! — gritou, irado. — Traidora!

Golpeou-a de novo, de maneira que tudo o que aconteceu em seguida ficou embaçado, um pesadelo horrível que rasgava sua alma. Quando tentou falar mais uma vez, sua atenção foi desviada pelo movimento no telhado acima da cabeça do marido.

Era Laurent, pai dele, vestido com seu traje completo de bruxo. Ao seu lado, outros membros da Confraria, todos de mantos, rosto coberto pelo capuz, gesticulando ao mesmo tempo. Braços à frente, depois mais altos, mais altos…

… e o Fogo Negro dos Deveraux tomou forma.

O Fogo Negro brilhava e espiralava, sombras e mais sombras de calor e fumaça, dançando como uma odalisca desesperada em busca da aprovação de um califa para que a morte não viesse buscá-la… como um dragão pisando as cinzas de ossos queimados. Como a massa desintegrada de uma alma condenada sendo devorada por demônios.

Enfim o Fogo Negro; o que a Confraria dela almejara e os Deveraux conseguiram manter entre eles. O Fogo Negro, conhecido por consumir tudo o que aparecesse em seu caminho, para que sua essência também fosse devorada, e

algo novo, algo demoníaco pudesse surgir em seu lugar.

O prêmio.

— Até o fim você será uma vagabunda mentirosa, assassina. — Jean cuspiu nela. Empunhou sua espada e a ergueu acima da cabeça como o tio fizera ao assassinar Petite-Marie.

Ela tomou ar pela última vez e se lembrou da maldição: estava fadada a vagar pela Terra para pagar pelo crime contra seu marido e senhor.

— Tem um barco na beira do rio — sussurrou Isabeau. — Vá até ele, Jean. Tem gente minha lá. Eles foram muito bem-pagos.

Jean viu os lábios de Isabeau se movendo. Não escutou uma palavra. Talvez o grito dentro de sua cabeça pedindo que a poupasse tenha afogado as palavras dela. Talvez o fogo e o barulho a sua volta fossem altos demais.

Ele fraquejou e amaldiçoou ela e a mãe dela por tê-lo enfeitiçado.

Fomos muito orgulhosos, pensou. *Acreditamos que seríamos capazes de vencer os Cahors. Desejei-a e a adamei em meus sonhos, mas quando ela veio a mim, quando fomos unidos… Não amo ninguém mais do que a amo.*

Eu a amo mais do que a meus parentes de sangue, ou minha Confraria, ou… ou minha própria vida. Se ao menos eles houvessem permitido que ela carregasse meu filho no ventre, poderíamos ter prosseguido, poderíamos ter feito uma nova aliança entre nossas Confrarias…

Fomos simplesmente marionetes, colocados lado a lado para forçar o jogo. Os Cahors fizeram o primeiro movimento, audaciosos, e nos aniquilaram.

— Isabeau — rosnou, pesaroso. — Eu a amaldiçoo. Jamais a perdoarei.

Então, preparou-se para matá-la. Respirando fundo em sincronia com Isabeau, ergueu a espada acima da cabeça.

Ela gritou…

…e a parede atrás dele despencou. Jean se virou e viu a tempestade assustadora de pedras e Fogo Negro. Corpos tombavam na sua direção — seu pai, tomado de chamas, e seu círculo pessoal, todos gritando feitiços para impedir a destruição infernal. Animais em chamas, soldados, um carro de guerra dos Cahors caíam pelo jardim, indo de encontro à terra como punhos de gigantes, rachando o chão. Fumaça, calor, labaredas…

Nos últimos minutos que lhe restavam, minutos que poderia ter usado para fugir, Jean gritou um aviso para Isabeau, que permanecia deitada e imóvel, com os braços estendidos. Para ele.

Jean jogou-se sobre ela, num gesto de proteção. Sabia que era inútil.

Enquanto o Fogo Negro tomava conta de tudo e todos, ele sussurrou:

— Amo você tanto quanto a odeio. Vou persegui-la, Isabeau de Cahors. E…

Alguém tocou no ombro de Holly. Ela deu um pulo, alarmada, e virou a cabeça.

O corredor desaparecera de novo. Ela ainda era Holly, mas estava de pé em outro lugar, tomado de fumaça e calor.

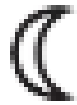
A luz da Lua incidia sobre ela, e Holly levantou a cabeça para admirar o luar.

Uma voz dentro dela disse: *Lua do Mel. O massacre no castelo Deveraux aconteceu na Lua do Mel.*

Você tem esse tempo, até que tudo esteja perdido.

DEZ

LUA DA FERTILIDADE



Tomamos como esposas aquelas que escolhemos.
Dentro de seus úteros, nossa semente será plantada,
E, depois que os filhos nascem,
Membro a membro os transformamos.

A graça da Deusa toma nossas vidas
Com sua luz cegante e curativa.
Nossos ventres são geradores como as vinhas.
Traga em nós as filhas divinas.

— Anda — disse Amanda enquanto experimentavam fantasias no seu quarto. — Não me enrola, Hol. Você disse que ia.

Em vez de responder, Holly franziu a testa ao ver seu reflexo no espelho. Relaxar? Com tudo o que andava acontecendo? Às vezes, achava que nunca mais seria capaz de relaxar. Havia muito medo em sua vida naquele momento, muitos pesadelos e sombras.

Ainda assim… *era* Halloween, e por mais que a cafonice e o consumismo do feriado a irritassem de vez em quando, Holly tinha que admitir que adorava essa época do ano. Era, claro, um pouco mais úmido em Seattle, mas, de qualquer modo, seria incapaz de controlar o cabelo em qualquer estação naquela cidade. Se isso acontecesse, que se dane — ela lidaria com a situação.

Virou-se e encarou Amanda.

— O que você acha da minha fantasia?

A prima, que escolhera um vestido longo, justo, todo preto, estilo bruxa, estudou a aparência da outra, com prazer.

— Legal — disse, com um gesto de aprovação. — E o cabelo… uau!, está completamente diferente. Você está fantasiada de quê, exatamente?

— Medusa. Não dá para perceber? — Holly apontou para os laços prateados que amarrara nas mechas do cabelo. Quase duas dúzias deles balançando quando ela se mexia. — Não parecem serpentes?

Amanda riu.

— Está totalmente *Monstros S.A.*, Hol. Gostei da maquiagem prateada — acrescentou, aproximando-se da prima. — Você está a cara da Drew Barrymore em

Para sempre Cinderela.

Holly sorriu.

— Valeu. Gostei disso. — Deu uma última avaliada no visual enquanto alisava o vestido tipo toga — prateado e brilhante, nada muito além de uma faixa prateada amarrando vários pedaços de tecido grudados. Ainda assim, no todo era bem bonito.

— A gente vai ser uma dupla e tanto — disse Amanda. Parecia inocente e perigosa ao mesmo tempo, com suas sardas e os olhos amendoados. O cabelo castanho-claro para trás, preso por uma fita de cetim. — Medusa e… é… que tal… Elvira, a rainha das Trevas?

Holly riu.

— Talvez não o par perfeito. Quer umas meias para usar de enchimento?

Amanda apressou a prima.

— Vamos. As festas do Tommy são legais, mas nunca têm muita comida. É bom a gente chegar cedo.

A casa de Tommy Nagai era o cenário perfeito para uma festa de Halloween. Era uma casa de estilo vitoriano mais pesado que a dos Cathers. Antiga e pomposa, destacava-se das menores na esquina de duas ruas de uma vizinhança rica, perto do mar. Era bem bonita e tradicionalmente pintada, a maior parte de um cinza-azulado com acabamentos em roxo pálido. As molduras das janelas e portas eram de madeira pintada com um cinza mais escuro, e a construção ficava na parte mais alta de um terreno cercado de um jardim feito com pedras pesadas ordenadas em xadrez.

Holly, arrastando os passos pouco atrás de Amanda, olhava para a casa, pensando que o lugar deveria ter servido de modelo para as clássicas casas mal-assombradas em meio a tempestades típicas de filmes de terror em preto e branco. Graças a Deus não tinha tempestade naquela noite — ela não precisava mesmo de nenhum clichê naquele momento.

— Não dá para ver daqui, mas tem um anexo nos fundos, uma estufa — disse Amanda para Holly, que estava boquiaberta. — A mãe do Tommy é uma dessas pessoas com dedo verde que conseguem plantar qualquer coisa.

Holly forçou a vista para olhar para as janelas, sentindo os ombros relaxarem ao perceber que quase todas estavam iluminadas de maneira acolhedora.

— Três andares?

— Quatro, contando o porão — respondeu Amanda. — Mas acho que ele fica trancado. Por causa da mulher maluca secreta do Tommy. — Puxou a gola do casaco de veludo e esfregou as mãos. — Anda, vamos entrar. Estou congelando aqui.

Ainda relutante, mas sem saber o motivo, Holly seguiu a prima pelos degraus de madeira da varanda e esperou que alguém abrisse a porta depois que tocaram a campainha. Estava muito escuro e frio do lado de fora, ventava — será que vinha mais chuva? Parecia que sempre estava chovendo em Seattle.

A porta da frente foi aberta, e um feixe de luz iluminou a varanda.

— E aí, garotas assustadoras e sexy! Minha parceira de laboratório aterrorizante. — Alcançou Amanda e a abraçou. — Entra, gente. Caramba, a temperatura deve ter caído uns vinte graus na última hora. Vem, vem, vem.

Sorrindo, Holly obedeceu, seguindo o fluxo enquanto Tommy as encaminhava a uma sala pequena depois do hall espaçoso. Deixaram os casacos na pilha crescente em cima do sofá, depois adentraram a casa, e Holly entrou no espírito da festa quase que imediatamente.

A música estava alta e todo mundo ria e conversava — nenhuma cara amarrada — e, apesar dos avisos de Amanda, tinha comida suficiente para alimentar todo um Exército das Sombras.

A maioria dos rostos ainda era novidade, mas aqui e ali ela encontrou pessoas familiares. Espera… era Eli, vestido de demônio, conversando com Nicole? Começaram a se virar na direção de Holly, e ela deu um passo atrás muito rápido, deixando pelo menos meia dúzia de convidados entre ela e o casal. Será que a tinham visto?

Amanda cochichou algo em seu ouvido, mas alguém aumentou o volume da música, e Holly não escutou.

— O quê?

— Disse que vou pegar uma bebida — falou Amanda, quase aos gritos. — Você quer alguma coisa?

— Uma cerveja — respondeu Holly sem pensar, embora não tivesse muita certeza de que queria beber. — Algo leve.

Amanda fez que sim e se misturou aos convidados, indo, ao que parecia, em direção à cozinha. Holly perdera Nicole e Eli de vista. Mais e mais gente chegava, o nível de animação era crescente — Holly podia sentir no ar, como se faíscas de eletricidade brilhassem em cima da cabeça de cada um. De vez em quando, olhava discretamente para o teto, como se o caos e as gargalhadas, toda aquela *humanidade*, estivessem alimentando alguma coisa, fazendo com que explodisse por um segundo antes de se desfazer.

Deixa de ser dramática, pensou.

Tentou ficar no mesmo lugar, para que Amanda a encontrasse na volta, mas se flagrou circulando inadvertidamente, afastando-se das pessoas que passavam por ela, virando aqui e ali para ver melhor as fantasias. Era o desfile típico de frankensteins, vampiras e uma coleção de máscaras de borracha cobertas de sangue e ferimentos, coisa bem sem graça, na sua opinião. Mas, de vez em quando, Holly cruzava com alguma fantasia original, como a do ruivo bonitinho de chapéu e capa de chuva comprida. Parecia tão normal, uma espécie de homem de negócios inglês… até que abriu o casaco e revelou a calça comprida que ia da bainha até altura do joelho e nada além de uma folha feita de cartolina separando seu corpo do resto do mundo.

Rindo, Holly desviou o olhar do pouco que o rapaz vestia e tentou entender onde estava. Mas a multidão era numerosa, e ela não prestara atenção suficiente — agora nem mesmo sabia se estava na mesma sala. Cada porta dava para um cômodo que se ligava a outro e a outro, quase um labirinto. Os mesmos rodapés de madeira maciça e polida cobriam os cantos e as quinas; os mesmos lambris de madeira amendoada cobriam todas as paredes.

Ela e Amanda tinham entrado pela sala de jantar ou pela de estar? A única coisa que viu de mais destaque, por ser grande e diferente, era a escada curva do hall de entrada, e foi até lá. Onde estava Amanda? A prima com certeza fora desviada, encontrara amigos, qualquer coisa do gênero. Talvez fosse melhor Holly procurar por ela — sentia-se idiota parada ali, no pé da escadaria, como uma namorada que levou um bolo e não sabia o que fazer. Passou os olhos pela multidão, cada vez mais ansiosa, e ao mesmo tempo sem saber por quê. Talvez ela devesse…

Do outro lado da sala seu olhar foi aprisionado, e ela admitiu para si mesma que estivera procurando por ele.

Jer.

Não usava fantasia. Vestia o preto rotineiro; seus olhos, cabelos e sobrancelhas escuros faziam com que Holly pensasse no diabo. Aquela garota estava com ele, além de dois outros caras, e eles estavam muito pouco à vontade.

Ela respirou fundo, e tudo naquele cômodo ficou aguçado, dissolvendo-se bem devagar numa névoa suave e cinza, rodopiante, quando ele começou a se encaminhar na sua direção. *Posso respirar agora? Ou devo ficar parada?* O coração dela ainda batia? Sentiu-se como um rato, paralisado ao se dar conta do olhar assassino da águia predadora.

Ele deveria ter levado mais tempo para passar pelas pessoas, mas estranhamente isso não aconteceu — ela piscou, e ele apareceu na sua frente, tão perto que podia ver a chama de uma vela refletida em seu olho, o despontar de um pelo de barba nascendo no seu rosto. Ele tinha um cheiro de limpeza, de terra, calor humano, e tê-lo tão perto fazia com que sentisse ondas de excitação e arrepios percorrendo seus braços nus.

Ali, de pé, Jer inclinou a cabeça, num movimento quase engraçado, como se por um segundo não compreendesse o que estava acontecendo com ele, com *eles*. Mas essa ligeira confusão foi esquecida no segundo seguinte, quando alguém da festa — não mais que uma sombra, de onde Holly estava — esbarrou nele por trás e o empurrou diretamente para os braços dela.

No reflexo, ela estendeu os braços, e, no instante em que suas peles se tocaram, os dois se perderam.

As mãos de Jer deslizaram sobre os braços de Holly, e seus dedos se uniram. Holly sentiu como se tivesse sido deliciosamente queimada, encharcada por uma sensação inflamável. Seu rosto foi tomado de calor; braços e mãos pegando fogo; o

peito apertado por um desejo tão inesperado que ela mal podia respirar.

Quando se viraram, juntos, e andaram em direção à escada, ela não sabia dizer para onde iam nem o motivo… só sabia que precisavam chegar lá juntos e tinha que ser *agora*. O som de risadas da festa, a música e o ti-ti-ti das conversas, tudo desaparecera; agora só existiam ela, Jer e a névoa, que se transformara numa fumaça verde prateada envolvendo os dois, separando-os do resto do mundo.

Holly sentia vagamente os degraus da escada sob seus pés — não havia madeira sólida debaixo de seus sapatos e a sensação de pressão aumentava com a subida, os dois caminhando num tapete particular de nuvens. Chegaram ao topo da escada e pararam, olhando em volta como se tentassem decidir que caminho tomar. Holly olhou para trás, sabendo de alguma maneira, em algum lugar de sua mente, que lá embaixo havia uma multidão de gente, mas ela não conseguia ver nem ouvir nada. Por um instante, tentou sair dali. Como se pressentisse a intenção dela, Jer apertou sua mão, depois deslizou o dedão pela pele de Holly até suas mãos entrelaçadas. A sensação foi inacreditavelmente erótica e ela quase gemeu alto.

Ele caminhou por um corredor tomado de névoa, e Holly o seguiu, parando com ele duas vezes, quando Jer pressionou o ouvido numa porta para escutar. Na terceira tentativa, enfim pareceu satisfeito ao perceber que ninguém estava lá dentro e abriu a porta. Havia fogo no umbral, como se a entrada fosse proibida. Sem largar a mão de Holly, Jer fechou a porta com a ponta do pé e virou o rosto para ela.

Não houve conversa, nenhuma pergunta quanto ao desejo ou o motivo que os levava a estar ali. Holly deu um passo adiante e inclinou a cabeça, e quando os lábios dele tocaram os dela, tudo o mais no mundo, no *universo*, simplesmente desapareceu. Só existiam ela, Jeraud Deveraux e aquele pequeno pedaço de tempo e espaço que podiam compartilhar.

Foi tão estranho: Holly sentia que o conhecia havia anos, uma vida inteira. A sensação das mãos dele descendo pelos seus braços, alcançando sua cintura, a maneira como os músculos do peito dele tremiam com o toque dos dedos dela, o ritmo de seus corações batendo em perfeita comunhão… era tudo tão familiar, tão *certo*. Ela ergueu a mão, sentiu a suavidade do cabelo dele por entre os dedos e arqueou o tronco para pressionar seus seios com mais força contra as mãos dele quando Jer desfez o laço que prendia todo o vestido.

Quando a deitou sobre a cama, nada mais teve importância, só Jer e o fato de estar com ele, o mais perto possível. Jer ficou em cima dela, e Holly tirou-lhe o suéter, querendo sentir a pele nua contra a sua: estava louca de desejo, cada parte do seu corpo gritando para se unir ao dele, para que fossem um só, corpo e alma. Estavam tão próximos…

— *Holly?*

Holly piscou. Ouvira alguma coisa? Alguém dizendo seu nome? Não, claro que não: a névoa estava de volta, mas ela e Jeraud eram as únicas pessoas naquele

quarto…

— Holly, *para*! — gritou Amanda, da porta.

O rosto de Jeraud, por um momento tomado pela paixão do beijo que dera nela, mudou de repente, e ele desviou o rosto, os olhos cheios de ira.

— Sai daqui! — rosnou.

Assustada, Holly respirou fundo e sentiu uma pontada de desconforto nas têmporas.

— Amanda? É você?

Sentiu uma rajada de vento no rosto, e seus olhos se arregalaram ao ver a prima de pé, ao lado da cama. Tudo atrás dela brilhava, como se iluminado pela Lua, e Amanda parecia furiosa.

Amanda foi até ela e segurou sua mão.

Holly ouviu uma explosão dentro de seus ouvidos, como se um raio atingisse o interior de uma caneca de metal. A dor cortou-lhe a palma da mão, e ela teve a sensação de segurar um carvão em brasa. Uma luz quente, amarela, vinda de lugar nenhum as rodeou, e quando Holly tentou cobrir o rosto com as mãos, a mão de Amanda veio junto, balançando suavemente. No ápice do movimento, Holly sentiu a colcha sob ela desaparecer, e foi retirada da cama. Perdera a mão de Amanda e cruzava o cômodo como uma boneca de pano.

Quando abriu os olhos de novo, tudo de que se lembrava era do rosto da prima e da agonia que sentira no braço esquerdo.

— Como você está?

Sentada na beirada da cama de hospital, Holly encarou Amanda, que espiava todo o cubículo que Holly ocupava na na sala de emergência. A prima parecia ainda mais pálida do que o normal, além de magra, dentro daquele vestido negro.

— Melhor — disse Holly, encolhendo os ombros. Arrependeu-se do movimento de imediato, ao sentir que disparara uma dor intensa por seu braço, agora imobilizado por uma bandagem com tipoia. Haviam colocado tanto gelo, quase sentira o membro congelar antes de o médico fazer um movimento brusco para recolocá-lo no lugar, e agora só esperava o resto da papelada e a receita de analgésicos para ir embora.

Queria desesperadamente sair dali e ir para casa — já era ruim o suficiente ter quebrado o braço, mas precisava aguentar ali sentada, com maquiagem prateada no rosto e fantasiada, sendo encarada por todo mundo que passava? Era humilhante. Para completar, os cheiros nauseantes de anticépticos, remédios e látex, além do ruído incansável de monitores e campainhas.

— Não vejo a hora de sair daqui. — Holly queria gritar sem parar.

Amanda fez um gesto de apoio.

— Também odeio hospital.

Ela não disse nada por uns instantes, e Holly moveu-se, desconfortável. Realmente estivera num quarto da casa de Tommy, realmente quase fora para a cama com um cara que mal conhecia? O episódio parecia estranho, como se tivesse acontecido com outra pessoa… mas é claro que ela tinha a prova do próprio comportamento ali, um trabalho muito bem-feito no seu braço, que latejava a cada três respirações.

Mas o que me jogou no chão daquele jeito? Amanda? Impossível aquela menina frágil ter feito algo que requeria tanta força. *Que tal…*

— Queimei minha mão — disse Amanda, abruptamente. Estendeu a mão esquerda e, sorrindo, desdobrou os dedos. — Viu?

Holly olhou para o ferimento, sentindo o coração acelerar. Depois de um momento, usou o braço direito para suspender a tipoia para que Amanda visse a queimadura na palma de sua mão esquerda.

— Veja — disse Holly baixinho. — Uma queimadura quase idêntica à sua.

Amanda ficou boquiaberta.

— O quê? Deixa eu ver. — Olhou para a mão de Holly e colocou a sua ao lado da mão da prima. — Uau, parece um desenho, uma flor ou algo do tipo.

— É — concordou Holly. Precisava quase encostar o queixo no peito para ver. — O que você acha que significa?

Holly olhou para a prima, e a menina estava olhando fixamente para ela.

— Não faço a menor ideia.

— Tenho uma sugestão — disse Holly, devagar.

Kari foi de mau-humor até o apartamento dela, onde Jer estava morando desde que brigara com a família.

— O que você estava fazendo com ela? — perguntou. — Você disse que tinha que ir à festa para avisá-las do perigo, e eu encontro você… — Fechou a boca e olhou pela janela. — *Beijando…*

Jer queria pedir desculpas, mas não estava arrependido.

Holly.

O nome dela dançava nos seus lábios, nas suas veias. Tocá-la, sentir seu corpo se movendo debaixo do seu, saber que ela o queria…

Mas isso não tem a ver só com a gente. Tem a ver com o que anda acontecendo com meu pai e meu irmão…

Elas são bruxas. Eu senti. Eu sei. E aquelas visões que tive… a família dela e a minha estão ligadas. Vi o suficiente, sei o suficiente…

Nós dois temos um legado. Era para formarmos uma nova dinastia, mas nossos pais nos traíram… e Isabeau traiu Jean…

…e agora ela vaga por aí, até conseguir matá-lo…

Mas por quê? Qual é a razão?

Kialish e Eddie ficaram em silêncio no banco de trás do Beetle de Kari, respeitando a bolha artificial criada pelos namorados que brigavam em público. O carro de Kialish ficara na porta da casa de Kari.

Quando chegaram lá, despediram-se rapidamente e foram embora. Kari ainda gritava com Jer.

E o único motivo que o fazia deixá-la continuar era não precisar interagir. Sua cabeça estava em Holly Cathers.

Minha cabeça, meu espírito e meu corpo…

Holly estava na cama, dopada de analgésicos, e se lembrava de cada toque, de cada beijo trocado com Jer.

Minha cabeça, meu espírito e meu corpo…

O que aconteceu? Por que ele veio até mim, por que fez tudo aquilo comigo?

Bast tocou a cabeça da dona, depois sua bochecha e então aninhou-se ao lado do rosto de Holly, olhando longa e seriamente para a menina. Holly devolveu o olhar, depois, caiu…

…nos braços de Jean dos Deveraux, que a carregava para a cama nupcial, sussurrando: Je t'aime, je t'adore, Isabeau. *Sua bruxa, você me enfeitiçou*.

Deitou-a com delicadeza e murmurou: Deixe que eu coloque um menino dentro de você. Deixe-me unir — nossas Confrarias.

Ela abriu os braços para ele, seu marido forte, condenado, herdeiro de tudo que era dos Deveraux.

Estou perdida, pensou ela, num momento de profundo abandono. *Pertenço a ele*.

Holly acordou num pulo. Bast lambeu a pata com tranquilidade, depois se posicionou ao lado da menina e a encarou.

— Pertenço a ele — disse Holly em voz alta. Teve a sensação de flutuar acima da cama, como se estivesse sendo levada por uma correnteza. — Pertenço a ele.

Então, olhou para o curativo cobrindo sua queimadura. Quando tentou reviver o que acontecera, não conseguiu.

Foi alguma coisa… alguma coisa sobrenatural?

Bast olhou para ela.

Foi… será que foi… mágico?

A gata começou a ronronar.

O dia seguinte amanheceu úmido e chuvoso. A noite selvagem de Halloween estava encerrada. As decorações e as abóboras estragavam sob a chuva do dia de Todos os Santos. Em São Francisco, Holly conhecia muita gente que celebrava o dia dos Mortos. Parece que o mesmo não acontecia em Seattle, pelo menos, não entre os moradores de Upper Queen Anne.

Ela não teve sinal de Jer, nem uma palavra que lhe desse alguma pista do que

acontecera na noite anterior. Ficou devastada.

Depois da aula, tia Marie-Claire e Holly tiveram que ir ao escritório do advogado, para assinar os papéis da guarda da menina. As duas estavam sérias. O ato simbolizava um rito de passagem.

Marie-Claire se vestira especialmente para a ocasião: terninho escuro e salto alto, além do excesso de maquiagem e bijuterias, sua marca registrada. Parecia uma daquelas esposas de missionários de programas de TV.

Holly não queria ir. Não queria uma guardiã. Queria seus pais vivos novamente.

Enquanto a tia dava alguns telefonemas, foi procurar Amanda, que lia no quarto. Parecia pálida e muito cansada.

Holly entrou, o braço doendo, e Amanda deixou o livro de lado e observou a prima com intensidade.

— Então — disse Amanda com nervosismo. — Você vai ao advogado para virar uma Anderson.

— Não. Vou continuar sendo Cathers.

— Acho… acho que sou Cathers também — disse Amanda, frágil.

Sem mais uma palavra, Holly tirou o curativo da mão e mostrou a ferida para a prima.

Amanda pressionou a marca de sua queimadura contra a de Holly.

Olharam-se.

— Preciso lhe contar umas coisas — disse Holly, apressada. — Ando tendo uns sonhos, e essas… umas coisas estranhas andam acontecendo. E meu pai… acho que meu pai tinha um motivo para ficar longe de Seattle.

— Todo mundo tem motivos — disse Amanda devagar, mas era claro que queria ouvir o que a prima tinha a dizer.

Então, antes que precisasse sair, Holly falou sobre seu sonambulismo e todas as visões… e sobre Jer.

E sobre Nicole e a tia na sala de estar.

— Parece loucura quando falo disso assim — concluiu.

— Loucura — aquiesceu Amanda.

— Holly? — chamou a tia.

— Vamos conversar quando você voltar — disse Amanda.

Holly concordou.

Desceu. Vestia calça comprida preta e um suéter, também preto, de Amanda. Em novembro, o tempo mudara de uma hora para outra, passara de um frio razoável, como em São Francisco, a uma temperatura gelada.

Foi até a porta da casa e colocou a mão na maçaneta da porta de entrada que parecia uma sorveteria.

Um calafrio percorreu sua espinha. *Diga não*, uma voz disse dentro dela. *Não saia*

de casa.

A tia se juntou a ela, sorrindo enquanto esperava a sobrinha abrir a porta.

Não abra.

Sem saber o que fazer, Holly abriu a porta e passou pelo arco.

Começaram a descer a escada juntas.

Pensou nas pessoas que têm premonições antes de entrar em aviões que caem; ou que se afastam de prédios que pegam fogo; ou que se recusam a abrir a porta quando um estuprador se esconde do outro lado. Depois, despertou; era sua tia — o que Holly podia fazer? Contar que tivera uma sensação estranha e repentina em relação à sua guarda?

— Nicole provavelmente teve ensaio — disse a tia. — Vai ser uma heroína trágica maravilhosa. — Seus olhos brilharam. — Fiz tantas peças quando estava no colégio.

— Deve ter sido legal.

— Foi. Não vou deixar Nicole cometer os mesmos erros que eu. Não acreditava de verdade que eu tinha talento, então, parecia não fazer muito sentido…

A Mercedes estava na porta da garagem. A tia abriu o carro com o controle remoto, falando sem parar sobre teatro, e Holly entrou. Marie-Claire entrou também, e se preparou para colocar o cinto de segurança.

— …são tantas as oportunidades hoje com os filmes para TV a cabo, tanto teatro regional… — falava Marie-Claire quando ligou o carro.

Cada nervo do corpo de Holly parecia gritar. *SAIA DAÍ!*

Sem que fizesse nada, a porta do lado da menina se abriu. Alguém a puxou para fora, e ela caiu com violência no chão.

— Tia Marie-Claire! — gritou enquanto uma mão invisível a puxava, arrastando-a. Sentia os arranhões nas palmas das mãos e nos joelhos.

— Holly? — chamou a tia, encostada no banco, assistindo espantada à sobrinha.

Então, com Marie-Claire ainda ali dentro, o carro explodiu em chamas.

Observada e liberada pelo tio na sala de espera, Holly se juntou ao grupo ansioso que esperava notícias de Marie-Claire. Eli Deveraux estava com Nicole, que, num dado momento, virou-se para ele e perguntou:

— A maquiagem do meu olho está borrada?

Holly estava prestes a surtar, pensando na morte dos pais e de Tina. O voluntário do hospital repetia sem parar que Marie-Claire estava bem, fora algumas queimaduras, e que era sorte Eli e Nicole terem chegado bem na hora. Fora o resgate heroico dele que a salvara.

Ele estava ali, envaidecido, aceitando o agradecimento fervoroso de Nicole e um forte aperto de mãos do tio Richard.

Então, Michael Deveraux apareceu, o arquiteto todo preocupado, usando sapatos

caros e celular sempre a mão. Holly reparou na expressão de dor estampada no rosto do tio ao vê-lo. Michael deu-lhe as costas depois de cumprimentá-lo e disse ao filho mais velho:

— Obrigado por ter me ligado, Eli. — Tio Richard inclinou a cabeça. Permaneceu em silêncio, mas seu maxilar estava travado e uma veia saltava em seu rosto.

Ele sabe do caso da tia Marie-Claire com Michael. Sentiu o coração partido pelo tio e teve uma terrível sensação de culpa. Vira os dois juntos em São Francisco. Estavam juntos no enterro. Mas o que ela podia fazer? Chegar à casa do homem e dizer: *Falando nisso…*

Os olhos escuros e profundos de Michael se estreitaram, e ele contraiu os lábios numa expressão raivosa, estudando-a como se pudesse ler seus pensamentos. Num gesto de autodefesa, Holly desviou o rosto, depois retribuiu o olhar com destemor.

Não tenho medo de você, mentiu.

A resposta foi um sorriso de profundo desprezo.

Então, as portas da sala de emergência se abriram, e uma mulher de roupa cirúrgica trouxe a tia de Holly até eles. Curvada numa cadeira de rodas, tia Marie-Claire parecia velha. Vê-la daquela maneira foi um choque para Holly, que se sentiu estranhamente culpada por aquela visão, sabendo o quanto beleza e juventude eram importantes para Marie-Claire. O rosto e os braços da tia tinham curativos e seus olhos estavam rodeados de hematomas.

O primeiro olhar de Marie-Claire foi para Michael; o segundo, para o marido. E foi quando olhou para Richard que sua máscara caiu, e ela pareceu uma mulher muito, muito frágil, de meia-idade, de quem os últimos traços de beleza haviam sido arrancados.

— Eu… eu acho que foi bom não ter feito aquela plástica — murmurou para o marido, que a abraçava.

Eli foi até o pai. Falavam em voz baixa. De repente, os dois olharam para Holly. Ela sentiu as bochechas queimando e, dessa vez, virou o rosto.

— Você é linda, meu amor — disse o tio à esposa.

— Não é verdade — sussurrou ela. — Não é verdade, Richard.

— Vamos para casa — disse tio Richard, rouco. — Todos nós.

Nicole abriu a boca, depois a fechou. Inclinou a cabeça para Eli e sorriu, desculpando-se, como se dissesse: *Desculpa, mas eu sou um dos "nós".*

Eli parecia irritado, e Nicole moveu os ombros, erguendo as mãos para tentar acalmá-lo.

Holly ficou impressionada. *Ela queria ir embora com ele. A mãe quase morre queimada e ela quer ir embora com o namorado grudento.*

Horrorizada, pegou Nicole pelo braço e disse:

— Isso, *todo mundo.*

Enquanto os Cathers escoltavam Marie-Claire na sua cadeira de rodas, Holly ignorou solenemente os Deveraux. A vibração que vinha deles era enervante. Queria perguntar por Jer, mas não disse uma palavra.

De qualquer maneira, sentiu seus olhares seguirem-na quando passou por eles. Teve um calafrio. Sentiu um tremor no lábio e o mordeu. Havia linhas sendo traçadas entre eles e ela; podia perceber, apesar de não compreender completamente. Os Deveraux estavam assumindo uma posição… contra ela.

É um momento decisivo, de virada, pensou. *Tudo o que anda acontecendo… tem um propósito. Como eu sei disso não faço a menor ideia.*

Mas eu sei.

ONZE

LUA DA UNIÃO



A paixão queima e o fogo cresce.
Triunfamos agora sobre nossos inimigos,
Os jogamos na fogueira.
Deixemos que queimem com o fogo do demônio.

E agora plantamos no coração da virgem
pensamentos indecentes.
A tentação dos grandes senhores dos castelos
que a partir de sua paixão, em ódio se transforma.

A escola foi uma confusão de sentimentos na manhã seguinte, e serviu de refúgio para tudo que estava acontecendo. Os Deveraux não tinham nada a ver com o colégio dela — nenhum dos irmãos o frequentava —, e Holly se sentia mais segura ali do que em casa.

Depois de ter ido se deitar, o coração prestes a saltar do peito, conseguira se acalmar e se convencer de que tudo que acontecera podia ser explicado de maneira racional. Os carros das pessoas tinham problemas mecânicos, afinal. E ela estava na vida real, não num filme de terror.

E eu tenho um braço quebrado como prova, pensou, irônica, quando ela e Amanda cruzaram os corredores da escola.

Hora de admitir: *A magia é real e anda tomando conta das nossas vidas.*

— Ei. — Amanda deixou escapar, chocada. Lançou um olhar para Holly, e as duas meninas se aproximaram.

Jer vinha na direção delas a caminho do ginásio, por uma passagem cercada de arbustos. Estava de preto da cabeça aos pés e carregava um sobretudo de couro preto.

Ai, meu Deus. Holly ficou aterrorizada e extasiada. Seu corpo estava elétrico. *Ele usou magia comigo. Ele… Ele é um bruxo.*

Exatamente como todo mundo diz.

— Como está sua mãe? — perguntou ele para Amanda, olhando para o braço de Holly.

— Tudo bem. Quer dizer, não. — Amanda mudou de posição, desconfortável. Olhava de Holly para Jer, de Jer para Holly.

Ele tinha olheiras, e a barba crescera mais do que o habitual.

— Eu… eu não vou deixar nada acontecer com você — disse ele.

Holly olhou para ele.

— Algo já aconteceu — respondeu a menina, devagar.

Olharam-se. Ele estendeu a mão… Ela se preparou para pegá-la…

Vou me afogar nos olhos dele.

Ele suspirou e lambeu o lábio inferior, quase como se fosse um vampiro prestes a enfiar os caninos no pescoço dela.

O sinal tocou, e Holly levou um susto, saindo do devaneio.

— Anda, Holly — chamou Amanda, que pegou o braço da prima.

Jer parecia prestes a dizer alguma coisa. Depois fez um gesto negativo com a cabeça e se afastou.

Holly estava aterrorizada.

— Holly — disse Amanda, engolindo com dificuldade. — Eu, eu tinha uma amiga — falou, cuidadosa. — A tia dela fazia vodu.

— Você acha que é isso que está acontecendo? — perguntou Holly.

Elas pararam de andar.

— Dane-se se a gente se atrasar — disse Amanda. — Não estamos dizendo a palavra certa. — Ela respirou fundo. — *Magia*.

Holly também respirou fundo.

— Bruxos.

Então, Amanda levantou a sobrancelha.

— Bruxas?

Holly avaliou o braço de Amanda, depois o próprio. Sentia-se zonza, tão assustada, como se alguém tivesse acabado de dizer que ela só tinha mais uma hora de vida. Olhou para a prima e disse:

— Talvez devêssemos ligar para sua amiga. Você trouxe o celular escondido? — Celulares não eram permitidos no colégio.

— Claro que não — disse Amanda, amarga. — Sou obediente. É a Nicole que transgride as regras e se safa… — Amanda empalideceu. — Meu Deus. *Nicole*.

Holly a encarou.

— Amanda, você não está achando que a Nicole incendiou o carro da própria mãe…? — Engoliu com dificuldade. — Quando vi sua mãe com ela, com todas aquelas varinhas… elas estavam fazendo coisas *do bem*. Fazendo pedidos de amor e felicidade para nós.

— Temos as gatas para isso — disse Amanda, com sarcasmo. Mordeu o dedo. — Há quanto tempo elas fazem essas coisas, com vareta e tudo? É tipo uma sociedade secreta das duas. O que mais será que elas andam fazendo?

— Amanda, sei que você fica chateada porque não a incluíram, mas elas estão

fazendo coisas *do bem*. Por que a sua irmã tentaria incendiar o carro da própria mãe?

Amanda começou a chorar.

— Porque a Nicole e eu sabemos do caso da minha mãe com Michael Deveraux. Eles estão transando! Meu Deus, Holly. Coitado do meu pai. Ele também sabe, e está arrasado. Então, ele trabalha para ganhar mais dinheiro para ela poder comprar um monte de maquiagem e joia, essas idiotices… Odeio minha mãe, às vezes. Tenho vontade de matá-la…

— Eu sei, eu sei. — Holly acalmou-a. Teve a sensação de estar de novo na correnteza, tentando não se afogar. — Mas você não mataria de verdade a sua mãe, Amanda. Você não é assim. Nem a Nicole.

Amanda sentou num banco de pedra e começou a soluçar. Holly envolveu os ombros da prima, e as duas ficaram sentadas por um tempo. Enquanto Amanda chorava, Holly tentava entender o que estava acontecendo. Sua atração por Jer, todas aquelas esquisitices… será que Jer estava tentando feri-las?

Mas ele acabou de dizer que não vai deixar nada acontecer conosco.

— Vamos sair daqui — disse Holly. — Matar aula e… sei lá, ir ao shopping.

— E ligar para minha amiga — murmurou Amanda.

— Isso, vamos ligar para sua amiga.

Encontraram um orelhão, mas Amanda se deu conta de que não tinha o número do telefone com ela, e a telefonista não conseguiu o contato de Cecile Baufrere em Nova Orleans. Combinaram de procurar no seu caderninho de telefone assim que chegassem em casa, mas ainda não podiam voltar — era hora do colégio, e Marie-Claire perceberia que estavam matando aula.

— Se é que a minha mãe está em casa — resmungou Amanda, irritada. Começou a chorar de novo.

Holly tentou distrair a prima. O mercado estava em promoção, então foram até lá primeiro. Era um lugar tão comum, cotidiano — como se fosse a garagem da própria casa —, que Holly achou que estariam seguras lá.

Na cestinha pendurada na mão direita de Holly havia um vidro de esmalte, duas meias-calças e, por um instante, sua mente bloqueou todos os problemas com Michael Deveraux, magia e morte; quando entrou na seção de utensílios domésticos para chegar a seção de medicamentos, a única coisa em que pensava era se devia comprar vitamina C com aspirina ou pura.

Mas alguma coisa atingiu com força sua nuca.

Chocada, Holly rodopiou enquanto um pote plástico azul se chocava contra o chão.

— Ei! — gritou. — Quem jogou isso? Não achei a menor graça! — Esperou, mas ninguém respondeu. Crianças, provavelmente. Às vezes, elas achavam engraçado as coisas mais estranhas. Uma vez, quando ela tinha 12 anos, arrancara o

rótulo de todas as latas da dispensa da mãe; na época, achou isso hilário, mas agora conseguia entender por que passara uma semana de castigo no quarto.

Lançou um último olhar por sobre o ombro em direção ao fim da seção, depois balançou a cabeça e colocou o pote de plástico no lugar na prateleira.

Sentiu uma dor aguda debaixo do braço direito e deu um pulo quando um copo de vidro — vidro de verdade — bateu no seu cotovelo e se espatifou no seu pé. Mais um se desequilibrou, ferindo-a na testa.

Tudo nas prateleiras em volta dela começou a tremer.

Girou o corpo devagar enquanto copos chacoalhavam e as facas de cozinha de um grande mostruário tilintavam de forma ameaçadora. Holly foi girando, girando, girando, andando para trás… talvez lhe faltasse apenas alguns metros quando o tilintar tornou-se ensurdecedor, e a atmosfera foi tomada de certa tensão.

— Amanda? — chamou ela.

Nesse momento, uma jovem apareceu no corredor. Empurrava um carrinho de bebê.

— Não! Volta! — gritou Holly.

Assustada, a mulher parou o carrinho e olhou para ela. Em volta de Holly, as mercadorias expostas se aquietaram de repente. Tinha acabado? Disse para a mulher:

— Desculpe. Você deve estar achando que eu estou droga…

De uma vez só, tudo pareceu voar em sua direção.

Holly gritou e se jogou no chão, aterrissando dolorosamente sobre o braço na tipoia. Sua cestinha caiu na sua frente e ela a agarrou, suspendendo-a acima da cabeça, enquanto tudo, de potes de plástico a talheres de cozinha, caía sobre ela. Facas, copos de medida, batedeiras — num desenho animado, teria sido engraçado; uma menina, como um caranguejo de três pernas, tentando se proteger de uma chuva de pedras. Como se não bastasse, tudo o que caía das prateleiras parecia se mover direto para sua cabeça, mesmo que ela mudasse de posição.

Gritou mais uma vez quando algo grande e pontudo aterrissou, de cabeça para baixo, em cima da cesta. Teve a sensação de que o objeto rasgava seu couro cabeludo. Havia mais gente gritando: a mulher no fim do corredor, outros clientes e funcionários que haviam corrido para ver qual era o motivo do barulho, e que agora se apavoravam. Tudo que Holly conseguia fazer era se arrastar pelo chão desesperada em direção ao fim do corredor. Conseguira chegar a poucos metros do fim quando tudo, de repente, ficou abençoadamente calmo.

Aterrorizada demais para parar, Holly prosseguiu até o fim do corredor e girou o corpo no chão, olhando em volta, sob a proteção da cesta que cobria sua cabeça. As prateleiras estavam vazias, ou quase. Debaixo dos seus olhos e dos olhares alheios, um único item, um rolo de macarrão de madeira, rolou até a beirada da prateleira de baixo e parou, como se procurasse seu alvo, mas não pudesse encontrá-lo. Enfim, balançou desequilibrado e caiu.

Com o coração na boca, Holly levantou com cuidado a cesta da cabeça e olhou para ela. Sentiu um arrepio nos braços quando percebeu o que a fazia parecer tão pesada de um dos lados: havia quase uma dúzia de facas espetadas no topo, como se tivessem escolhido aquele espaço logo acima de sua cabeça e simplesmente se encaixado *ali*.

Holly jogou a cesta para longe ao passo que um casal se aproximou para ajudá-la a se levantar. Sentia dor em tantos pontos do corpo, que provavelmente ficaria cheia de hematomas no dia seguinte. Antes que conseguisse se reequilibrar, alguém apareceu diante dela, as palavras de raiva enchendo seu nariz com o hálito de canela.

— Olha só para minha loja! — gritou o homem. — A polícia já está vindo, e é melhor você ter uma explicação para o que aconteceu!

Holly franziu o cenho para ele, um baixinho cuja face estava tomada de ódio. A *loja* dele? Ela quase fora assassinada ali, e esse gerente idiota só conseguia pensar na *loja* dele?

— Que espécie de lugar é esse? — perguntou Holly quase aos gritos. — Você arruma as suas prateleiras de um jeito que basta um caminhão passar lá fora e tudo cai em cima dos clientes? Não tem a menor segurança aqui. Eu é que devo *processar* você!

O gerente olhou para ela, o rosto indo do vermelho raivoso ao branco de um iogurte natural.

— O quê?

Holly se abaixou e pegou a cesta cravejada de facas, esfregando-a na cara dele. As lâminas vibravam ameaçadoramente, e a multidão crescente de pessoas em volta deles dizia em uníssono "*Ohhh*!".

— Entro aqui para comprar uma meia-calça e acontece *isso*? Que espécie de *piada* é essa? É, deixa a polícia ouvir essa história; aliás, mal posso esperar para eles verem isso! — Ela olhou em volta. — Cadê a minha prima?

— Licença, por favor. — Holly se virou e viu um homem mais velho, mais distinto, de pouco cabelo, vindo em sua direção. — Julian — disse ele, sorrindo falsamente para o homem mais baixo —, pode deixar. Cuido disso.

Julian, cujo crachá Holly percebia agora, dizia SUBGERENTE, pareceu encolher um pouco e fez um gesto afirmativo.

— O nome disso é vandalismo — resmungou o gerente.

O recém-chegado olhou criticamente para Holly.

— Tudo bem com você? Quer que eu chame uma ambulância?

— Holly? — Amanda veio correndo. — Meu Deus!

— Me tira daqui — sussurrou Holly.

Amanda se abaixou e segurou a mão de Holly. Uma carga de energia atravessou o corpo da menina. Amanda também sentiu.

— Parecia que uma espécie de barreira me impedia de chegar até você. Não conseguia me mexer. Desculpa — disse Amanda, já do lado de fora.

Holly sentiu as pernas bambas.

— Não tem problema. O que você podia ter feito?

— Podia ter segurado a sua mão — respondeu.

Elas se olharam, cada uma revelando a marca de queimadura que mostrava sua estranha ligação.

— Você acha… você acha que faria alguma diferença?

Amanda fez que sim.

— Vamos voltar para casa e ligar para minha amiga.

Depois de tudo que acontecera, Cecile Beaufrere não estava em casa. Amanda deixou recado na secretária eletrônica, dizendo que "precisava realmente, realmente, realmente falar com ela sobre… é… o tipo de coisa que acontece em Nova Orleans." — E acrescentou: — "Oi, Silvana."

Nicole, que, óbvio, não sabia o que tinha acontecido, começou a perturbar para irem ao The Half Caff depois do jantar. Ia ter um show de uma banda local e, aparentemente, esse era o motivo para que todos os jovens da cidade se reunissem. Ao olhar para ela, Holly pensou nas gatas miando quando queriam alguma coisa.

— Mas, pai — resmungava Nicole, batendo o pé em volta da sala —, todo mundo vai estar lá!

— Espero de verdade que não — sussurrou Amanda para Holly.

— Você acha que ela está correndo perigo também? — perguntou Holly. Elas tinham tentado decidir o que dizer para Nicole, questionando se acreditaria nelas. Nicole acreditava o suficiente nesse tipo de coisa para fazer feitiços com tia Marie-Claire. Mas aquilo era… mágica suave. Como os pedidos antes de apagar a vela do bolo de aniversário.

— Meu amor, acabamos de presenciar um monte de acidentes por aqui — disse o pai, razoável. Indicou Holly com um gesto. — Você precisa ficar em casa, com sua prima. Ela não vai querer morar conosco se as coisas continuarem assim — acrescentou, frágil.

— Fico lhe devendo se você me arrumar uma passagem para São Francisco — disse Amanda para Holly, entre dentes.

— Francamente, pai — bufou Nicole.

A prima continuou falando, falando, falando…

Com o calor do ambiente, o cansaço — e a necessidade de se recolher, ficar sozinha, pensar naquilo tudo —, Holly começou a cochilar. As labaredas quentes dançavam. Eles dançavam…

Foi aqui. Michael drogou Marie-Claire neste sofá e tentou conjurar o Fogo Negro, porque ninguém lembra ninguém lembra ninguém lembra que nós somos… nós somos… nós somos…

…bruxas… Ele jurou nos matar… ele quer nos matar… nós somos uma família nobre e uma Confraria… nós éramos os Cahors e… esquecemos disso… somos as bruxas Cahors…

Nicole esbarrou no cotovelo de Holly ao passar por ela, despertando-a do devaneio.

— Oi — disse Amanda sorrindo, gentil. — Bem-vinda de volta ao mundo dos vivos.

— Eu estava… eu estava sonhando? — perguntou Holly em voz alta. Confusa, passou a mão na testa e olhou em volta. Não conseguia lembrar sobre o que era o seu sonho. Sabia que tinha alguma coisa a ver com… com…

Balançou a cabeça. *Deu um branco total.*

— Acho que ronco pode ser definido como sonho no dicionário de algumas pessoas — respondeu Amanda, rindo. — Mas você perdeu um terremoto enquanto apagou.

Holly se preparou.

— O que foi *agora*?

Amanda esperou um minuto, depois sussurrou:

— Nicole *não* conseguiu.

— Parabéns, tio Richard — murmurou para Amanda. O tio não a escutou, apesar de essa ter sido sua intenção, e, inocente, passou de uma seção à outra no jornal que estava lendo, desatento à conversa das duas.

Amanda e Holly sentaram-se em silêncio no sofá, olhando o fogo na lareira. Então, Nicole apareceu no alto da escada e disse:

— Pai, a mamãe disse que *quer* que eu vá.

— Novidade — resmungou Amanda.

— Não acho que seja uma boa ideia — disse tio Richard, tirando os olhos do jornal. Mas em seu rosto estava a expressão de total resignação.

Holly continuou cochilando no sofá. Tio Richard anunciou que ia dormir e sugeriu que as duas meninas fizessem o mesmo.

— Quem sabe a hora que a sua irmã vai chegar — resmungou, depois subiu a escada dizendo mais alguma coisa.

Amanda se levantou, espreguiçando.

— Vou para o meu quarto, mas vou tentar ficar acordada até a Nicole voltar — disse, e sorriu para Holly. — Quer ficar comigo? Podemos fazer pipoca e assistir a *Charmed*.

— Haha, muito engraçado. — Holly deu um meio-sorriso, feliz de não ter que dormir no quarto de hóspedes naquela noite.

Subiram a escada atrás de tio Richard, separando-se no corredor do segundo andar para vestirem suas camisolas.

Bast estava na cama; levantou a cabeça quando Holly entrou no quarto, e desceu

para o chão. Enquanto a menina mudava de roupa, a gata se enroscava nas suas pernas, carinhosa, e ronronava.

— Vamos ficar no quarto da Amanda — informou Holly à gata.

Bast trotou até a porta, e Holly a seguiu.

— Posso jurar que você não só escuta, mas também fala. — disse Holly, com certo desconforto. A gata miou, e Holly abriu a porta.

Mas ela mal conseguiu manter os olhos abertos. Estava exausta, e a cama de Amanda era macia demais. Enquanto Amanda beliscava a pipoca, Holly se ajeitou na cama. Bast se aninhou ao lado dela.

— Cara, você tem que assistir a essa parte — disse Amanda. — É sobre bruxos. Talvez a gente aprenda algo útil.

Não acredito no que aconteceu na farmácia, pensou Holly, devaneando. *Aquilo foi assustador. Alguém me atacou com magia. Alguém tentou me matar.*

Já tentaram duas vezes.

Estou tão cansada… Não quero isso. Quero ir para casa. Quero que tudo volte a ser como devia…

Oh, Bast, você tem que consertar isso para mim, minha pequena deusa.

⋆⋆⋆

— Uhuh! — gritou Tina, sorrindo para ela.

— Uhuh! — Foram os gritos de resposta da mãe e do pai de Holly, quando o bote saltou da água.

Ela estava de novo no rio. O sol brilhava, aquecendo sua pele mesmo quando as gotas d'água da correnteza respingavam nela. Seus pais sorriam — até gargalhavam —, todo mundo no bote tomado pela excitação da água com espuma branca. Holly sorriu e afundou seu remo. *Isso* sim era como devia ser uma aventura de férias.

Ria de prazer enquanto o bote continuava a descida turbulenta do rio. Logo à frente, a ponta de uma pedra enorme brilhava, suas linhas rústicas apontando de forma majestosa para o céu límpido. A correnteza os levou na direção de um rochedo de granito negro. Então, sem aviso, o bote despencou numa pequena queda-d'água, e Holly sentiu um frio na barriga. Agora se lembrava de que com a adrenalina vinha o risco.

Quando aterrissaram, a água lambendo as laterais do bote, navegaram rio abaixo. Holly enfiou o remo na água furiosamente, mas o bote mal respondeu. Nuvens grossas, negras, tomaram conta do céu, bloqueando a luz do Sol, e um corvo solitário os circundou rápido, antes de bater as asas para longe, com um guincho. Um ruído longo e profundo de trovão foi o único aviso que tiveram antes que o céu desabasse e, de repente, fossem cegados pela chuva torrencial e encharcados até a alma. O bote ganhou velocidade, mas se recusou a responder aos remadores desesperados.

Todos os cinco tentaram contê-lo, mesmo quando o rio os empurrava adiante, pelo visto determinado a esmagá-los contra o enorme monolito em frente e as rochas gigantes no meio da correnteza.

Não, de novo, não.

Holly tentou gritar para Ryan, para Tina, para os pais — tentou avisá-los do grande perigo que corriam —, mas não conseguiu encontrar as palavras.

De repente, estava de novo na água, sentindo ser engolida por ela, sendo arrastada para baixo.

Lutou mais uma vez, sem sucesso, para tentar soltar o cinto de segurança. Mais uma vez o frio tomou conta de seu corpo quando a água a engoliu. Tentou lutar para chegar à superfície. Mais uma vez ficou sem ar, e mais uma vez a água implacável começou a encher seus pulmões.

Mesmo quando entrou em pânico, debatendo-se numa tentativa vã de respirar, parte do seu ser permaneceu desconectado, observando e relembrando com calma.

O brilho azulado virá a seguir.

Lá estava ele, na hora certa. Brilhou, tremeu, cedeu devagar…

Algas saíam de sua cabeça numa paródia grotesca de cabelo. Entranhas apodrecidas saíam de uma caricatura de rosto humano. Pedaços brilhantes de osso aparente. O monstro tentou se aproximar, os braços finos de troncos podres de árvore estendidos para abraçá-la. A boca aberta.

— Hora de morrer, Holly.

O cadáver estava certo, é claro. Ela devia ter morrido com os pais na primeira vez que fizeram essa viagem.

É um sonho. Isso é só um pesadelo. Tudo isso é um sonho. Estou em casa, em São Francisco…

E, no seu sonho, ela estava de novo na beira do rio, a única sobrevivente. Encolhida de frio e de medo, o cadáver saindo de dentro do rio, encharcado, aproximava-se com água escorrendo-lhe pelos braços e pernas.

Chegou mais perto. Ela se retraiu, mas como é típico dos sonhos, não conseguiu se mover, não conseguiu escapar.

Mais perto ainda.

— Sou o duque Laurent de Deveraux e sou seu inimigo. Vingo minha Confraria com a sua morte, bruxa de araque.

O cheiro podre do seu hálito alcançou-a como um soco no queixo.

Ela tremeu. Por que não acordava?

Nos sonhos, a pessoa em geral acorda antes de o monstro pegá-la.

Agora, sentia seu hálito ainda pior do que o cheiro do seu corpo, uma combinação revoltante de peixe podre e folhas em decomposição, quente e úmido. Mais um passo à frente e ele a agarraria, e ela sabia que, se a agarrasse, morreria. *Mas sei que é um sonho. É um sonho lúcido. Do tipo que a pessoa pode controlar. Pode criar qualquer coisa de*

que precise. Qualquer coisa que queira.

Queria destruir o monstro, queria viver.

Qualquer coisa que você queira.

Seus pais, de braços dados, apareceram na sua frente. O Sol brilhava e os pássaros trinavam. Por um instante, o homem morto pareceu não ter importância. Seus pais estavam felizes e apaixonados.

Então, o fantasma apareceu atrás do ombro de seu pai.

— Papai! — Os olhos de Holly se abriram. Seus pais desapareceram. Tudo que a cercava agora era a escuridão e os ronronos de Bast. Respirou fundo, sentindo uma pontada de dor pela perda recente… mais uma vez.

— Aquilo não fez o menor sentido — resmungou Eli.

Michael suspirou e balançou a cabeça enquanto cobria a pedra dos sonhos.

— Nada que lhe dê informações sobre seu inimigo é sem sentido, meu filho. Você já devia ter aprendido isso.

— Informações? Pensei que fôssemos matá-la. — Eli se afastou da mesa, e, de pé, começou a andar de um lado para o outro na sala, na frente de Michael.

— Conhecimento é poder, Eli. Nunca se esqueça disso. Se você conhece o seu inimigo, tem poder sobre ele… ou ela. — Sorriu diante do olhar cético do filho. — Não sou do tipo que tem apenas um truque. É só esperar.

Eli encarou o pai.

— E é isso que você vai dizer ao Laurent? Porque acho que ele está cansado de esperar.

Michael cruzou os braços e inclinou a cabeça.

— Você está me *ameaçando*? — perguntou em tom agradável, quase cantado, carregado de malícia.

— De jeito nenhum, pai — respondeu Eli, com o mesmo prazer.

— Ela estará morta antes do Yule — prometeu. E aprumou-se, porque não precisava se afirmar para o próprio filho. Completou: — E, você, não se meta onde não foi chamado.

— A Confraria Deveraux me diz respeito, *père*. — Eli ergueu o queixo. — Não se esqueça de que você não é o único Deveraux da casa. É do meu interesse que você se saia bem.

Michael continuou sorrindo.

— Você tem razão, meu filho. — Piscou para Eli.

Depois, saiu da sala.

E, então, pensou em matá-lo.

Ação de Graças.

Holly estava desanimada. Sozinha, foi dar uma volta pela orla, vestindo seu

casaco preto, as mãos nos bolsos. A direita segurava uma estranha coleção de objetos que encontrara no seu armário do colégio alguns dias depois do Halloween. Um pedaço de marfim e um pássaro entalhado, enrolado num pedaço de pele seca de salmão. Quatro penas de águia haviam sido pregadas na pele do peixe com — imagina — o que parecia uma tira fina de camiseta feminina. Uma lasca de marfim estava presa à camiseta.

Havia um bilhete dizendo: *Isto é um amuleto. Encharque-o com água salgada, aponte para Norte, Sul, Leste e Oeste. Estamos com você. Jer.*

— Joga isso fora — insistira Amanda, e era o que Holly deveria ter feito… mas, na tarde em que entendera o que Jer pedira no bilhete, Michael Deveraux telefonou para Marie-Claire e disse que sentia muito, mas ele e os filhos não poderiam comparecer ao jantar de Ação de Graças.

E os ataques cessaram.

Holly sentia, no entanto, que a calmaria era só uma trégua antes da tempestade. Não entendia por que Michael queria ferir sua família, mas estava convicta de que ele estava por trás dos ataques.

Planejara ir a São Francisco visitar Barbara Davis-Chin, ainda no hospital. Mas a amiga de Amanda, Silvana Beaufrere, e a tia dela, Cecile, viriam para Seattle no feriado. Cecile ficara preocupada com a situação que Amanda lhe contara e decidira investigar o caso. Estavam para chegar a qualquer hora daquele dia, e ela e a prima iriam visitá-las no hotel depois do jantar de Ação de Graças.

Fora a descoberta do talismã dentro do seu armário escolar, Holly não tivera notícias de Jer. Ele andava sumido, e ela ouvira dizer no The Half Caff que quando perguntavam ao pai aonde o filho andava, ele inventava que o rapaz fora visitar um amigo doente em Portland. Tommy, fazendo suas conexões com as pessoas descoladas, ouvira que Eli ficara bêbado numa festa e dissera para todo mundo que ele e o pai iam matar o irmão quando o encontrassem. Claro que ninguém levou a ameaça a sério… exceto Holly e Amanda.

A orla era pedregosa, gaivotas se aninhavam por ali em busca de peixes ou caranguejos. Holly sentia o sal em seus lábios e espirrava, o nariz escorrendo por causa do frio. Seattle tinha cheiro de mar limpo e de pinheiros, mais estimulante que os perfumes de São Francisco. Quando era escoteira, escrevera para sua amiga que São Francisco tinha "cheiro de comida chinesa". Isso virara uma piada de família.

Olhando para o mar, não fazia ideia se estava de frente para o Alasca, para o Japão ou para a Califórnia, mas sabia que uma parte dela começava a enxergar aquela cidade como seu lar, e os Anderson, como sua família. Não era o mesmo sentimento que tinha pelos pais — e não tinha certeza se algum dia seria próxima de tio Richard —, mas já morava com eles havia quase quatro meses. A vida ali era inacreditavelmente estranha, mas o que a surpreendia era que, com o passar do tempo, as coisas bizarras que haviam acontecido começaram a parecer normais para

ela.

— Bruxos, bruxas e talismãs, meu Deus — sussurrou para si mesma. Mas a piada não surtiu efeito. Lágrimas escorreram pelo seu rosto. Nunca esperara ter uma vida assim. Nunca sequer imaginara que era *possível* viver assim.

Queria poder entender tudo aquilo. *Hoje à noite*, pensou, *a tia da amiga da Amanda vai espetar alfinetes em alguma coisa e shazan! Tudo vai ser revelado. O pior é que eu meio que imagino que será mesmo algo do tipo*.

De repente, as gaivotas começaram a guinchar. Como um lençol erguido pelas quatro pontas por mãos invisíveis, levantaram voo e começaram a sobrevoar em círculos. As asas batendo, voaram em massa na direção do mar aberto, guinchando a distância.

Uau, pensou Holly, nervosa. Observou o lugar onde estavam, mas não viu nada. As ondas cinza de Elliot Bay ainda quebravam sobre as pedras. Os arbustos à beira d'água continuavam a balançar ao vento.

De repente, as águias voltaram gritando para a orla, algumas fazendo voltas perfeitas de 180 graus. Um lençol barulhento de penas em movimento, elas se dirigiam para a água, num amontoado ruidoso e aflito. Holly gritou, saindo do caminho, e caiu de bunda no chão.

Elas se agruparam, sacudindo-se e se empurrando, e levantaram voo de novo, com a mesma velocidade da primeira vez.

Mas, agora, tinham deixado alguma coisa para trás.

Holly respirou fundo, levantou-se com a ajuda das mãos e foi até o objeto. Era um livro, ou o pedaço de um livro, as páginas envelhecidas e queimadas, a maioria reduzida a um punhado de cinza molhada, que se despedaçou e se desfez quando Holly pegou o objeto.

Não era nenhuma catedrática, mas reconhecia a escrita gótica quando a encontrava.

E também reconheceu a palavra que lhe saltou aos olhos: ISABEAU.

O jantar de Ação de Graças estava delicioso, mas não havia calor humano na mansão dos Anderson. Tia Marie-Claire bebera demais e tio Richard estava muito calado. Nicole estava impaciente para visitar seus "amigos". Amanda e Holly se entreolhavam, ainda incertas do que fazer ou dizer.

Aguentaram firme e, enfim, conseguiram sair com o Toyota de tio Richard antes que Nicole pudesse pedi-lo. A Mercedes tivera perda total por causa do incêndio, e agora o "carro da família" era uma perua Volvo. O problema era que a família nunca ia junta a lugar nenhum e, para Holly, a compra daquele carro representava uma fantasia disfuncional. Nicole teve permissão para dirigir o Volvo, que não era tão legal quanto o Toyota.

Holly e Amanda saíram depressa de casa, loucas para ir embora, apressadas em

busca de respostas. Holly mostrara o livro para Amanda, e a prima ficara tão apavorada com a descrição da cena com as gaivotas feita por Holly quanto ela mesma durante o evento.

Chegaram a Capitol Hill e encontraram um hotelzinho charmoso, uma casa de madeira com apenas cinco quartos.

— *Bonsoir* — chamou Amanda alegremente ao bater na porta do quarto perto da escada, indicado pela proprietária da pousada. A dona oferecera aos hóspedes um perfeito jantar de Ação de Graças, cujas evidências ainda estavam dispostas na sala de jantar.

— *Bonsoir!* — respondeu uma voz suave e melodiosa quando a porta foi aberta.

Uma mulher sorridente, de pele morena, apareceu do outro lado. Usava um vestido cinza escuro e tamancos pretos, de couro. O cabelo negro estava preso num rabo-de-cavalo simples. Segurava uma caixa rosa, na qual estava escrito: CAFÉ DU MONDE.

— Amanda — cumprimentou, abrindo os braços. — Olá, meu amor.

Amanda a abraçou e se virou para Holly.

— Tante Cecile, esta é a minha prima.

A mulher observou Holly por alguns segundos, depois estendeu a mão. Manteve o olhar fixo nela enquanto a menina retribuía o gesto.

Suas palmas se tocaram. Holly sentiu um calor, como se a tia de Silvana segurasse um objeto quente e o pressionasse contra sua mão.

— Você trouxe sonhos para mim, não trouxe? — perguntou Amanda, feliz, apontando para a caixa. — Obrigada, obrigada, obrigada!

Uma menina, a versão jovem de Tante Cecile, adentrou o quarto, fechando a porta atrás de si.

— Caramba, você está tão magra! — gritou ao correr para os braços de Amanda. — Você não anda matando as aulas de educação física como antigamente?

O rosto de Amanda perdeu um pouco da leveza.

— As coisas andam bastante tensas por aqui — disse, e indicou Holly. — Mostra o livro para elas.

Holly tirou o objeto em frangalhos de um saco plástico. Explicou como o encontrara. Depois contou para Tante Cecile sobre o talismã; quando tirou-o do bolso, a mulher ergueu as sobrancelhas.

— Alguém com conhecimentos profundos de xamanismo fez isso para você — comentou. Olhou para Silvana. — Acho que devemos pôr as mãos à obra imediatamente, meu amor. Vamos deixar para socializar depois.

Holly sentiu calafrios na espinha quando Tante Cecile indicou uma mesa do outro lado da cama de casal, onde cinco velas formavam um pentagrama no centro do qual estava um tabuleiro Ouija.

Holly piscou. Vira um tabuleiro daqueles uma vez, numa noite na casa de uma

amiga, quando tinha 10 anos. Uma das meninas o levara e no meio da noite todas se agruparam em volta do objeto, rindo nervosamente, para disfarçar o medo. Nada acontecera, na verdade. Uma garota dissera que o ponteiro se mexera, mas todo mundo achou que ela estava mentindo, talvez para chamar atenção, talvez para assustá-las ainda mais. *Talvez ela não estivesse mentindo*, o pensamento surgiu em sua mente, enchendo-a de medos do passado.

Engolindo o nó em sua garganta enquanto tentava afastar o ceticismo, Holly sentou na cadeira. Era tolice — afinal de contas, não podia ser cética e estar apavorada ao mesmo tempo, podia? Mas era assim que se sentia.

Devagar, levantou o olhar e encontrou os olhos da senhora que voara de Nova Orleans para ajudar ela e Amanda. Tante Cecile a olhava de um jeito que deixou Holly apavorada.

Tante Cecile desviou o olhar, e Holly suspirou, um pouco aliviada, quando a mulher encarou Silvana, depois Amanda. O silêncio se estendeu entre elas sob o tremular das velas. Enfim, fez um gesto de cabeça, e as quatro deram as mãos, Holly com bastante cuidado, por causa do seu braço. Amanda ergueu a sua para juntá-la à de Holly, cujas palmas coçavam um pouco nos pontos de contato com as mãos de Silvana e Amanda.

Então, em tom baixo, de comando, a mulher mais velha deu início aos trabalhos.

— Estamos aqui reunidas em busca de conhecimento. Chamamos os espíritos do passado para que iluminem o presente, para que nos mostrem o que aconteceu e o que precisamos compreender que está por vir.

Ficaram em silêncio por uns instantes, e Holly percebeu que sua imaginação começava a voar longe. As chamas das velas estavam maiores do que um segundo antes? Quando aquela sombra aparecera atrás do tabuleiro Ouija?

— Todo mundo, mãos sobre o guia.

Holly permitiu que a prima puxasse seu dedo para frente até que todas as mãos estivessem sobre o marcador, e o ponteiro fosse capaz de se mover de uma letra a outra.

— Mostre-nos o que devemos ver, mostre-nos o que devemos saber, mostre-nos as coisas do passado e o que ainda está para acontecer — disseram juntas Silvana e Tante Cecile.

— Mostre-me — murmurou Holly.

De repente, o ponteiro saiu de baixo das mãos femininas e cruzou o quarto, espatifando-se num espelho. Mas Holly não viu isso acontecer. Ela não podia ver nada, dominada por uma dor insuportável. Fazia esforço para respirar, mas seus pulmões pareciam ter sido esmagados. Não conseguia se mexer, então, com a mesma rapidez com que chegara, a dor desapareceu. Tudo desapareceu. Sem visão, sem audição, sem sentimentos, nada e, enfim, sem pensamentos.

Silvana e Amanda encararam o espelho quebrado até que um engasgo de estrangulamento em Tante Cecile chamou atenção de volta para o tabuleiro. Alguma coisa estava errada, as duas sentiam, e elas se viraram ao mesmo tempo para Holly.

Mas Holly não estava ali.

Uma mulher pálida, fantasmagórica, ocupara seu lugar. As roupas eram de séculos passados e seu cabelo caía em ondas até a cintura. Rosto encovado, olhos de um azul não humano. Olhou devagar para cada uma, como se girar a cabeça fosse um esforço tremendo. Começou a mover os lábios, mas nenhum som saiu de sua boca.

— Ca-Cadê a Holly? — balbuciou Amanda, incapaz de disfarçar o pânico na voz.

Tante Cecile logo tocou a mão de Amanda.

— Não fique com medo, Mandy. Ela e esta mulher estão dividindo o mesmo tempo e espaço.

— Ela… possuiu a Holly? — perguntou Amanda. Olhou para Silvana, que parecia tão assustada quanto ela.

— Isso, mas ao mesmo tempo, não. É muito mais complexo. Ela é quase uma parte da Holly.

Tante Cecile virou-se para a mulher e falou com ela em francês. Então, como se a mulher estivesse debaixo d'água, uma voz estranha, sem corpo, respondeu em inglês.

— Eu… meu nome… é Isabeau. — O sussurro da mulher era muito baixo, e suas palavras vibravam no ar como uma voz humana seria incapaz de fazer. — Sou alguém que se foi, antes.

— Quem é você?

— Nasci com o sobrenome Cahors, era uma de vocês, e me casei com um Deveraux, um deles.

— Quando? — perguntou Tante Cecile.

— Seiscentos anos atrás. No Beltane, serão exatos seiscentos anos.

— Dia 1º de maio — sussurrou Silvana para Amanda. — Entrada da primavera.

— Por que você voltou? — perguntou Tante Cecile.

— Você leu o livro? O livro da praia?

— Não — admitiu Tante Cecile.

— Ah — suspirou a mulher. — Eu o amei tanto. Ele teria sido um homem bom se eu tivesse tido tempo de…

— Isabeau — Cecile a interrompeu. — Mantenha o foco.

— Vocês precisam impedir que aconteça de novo. — A figura fantasmagórica suspirou. — Acontece todas as noites, no meu tempo. É uma tortura para mim. De novo e de novo. — Começou a chorar.

— Fique comigo, Isabeau — disse Tante Cecile com firmeza.

— Será no Beltane, no tempo de vocês. É o ano seiscentos, o mesmo alinhamento dos astros de quando ocorreu. Vai entrar no seu mundo e vai acontecer de novo. Precisam impedir. — Seu suspiro reverberou pelo quarto.

— Impedir o quê? — perguntou Tante Cecile.

A mulher soluçou.

— O massacre. Ah, Jean, *mon amour, mon homme*…

— Cadê a Holly? — quis saber Silvana. — Podemos falar com ela?

A aparição suspirou mais uma vez, lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Ela está em mim, seus olhos em breve verão o que os meus viram, durante todos esses séculos, tantas mortes. Ela saberá e deverá impedir. Já presenciou minha morte e minha traição ao meu marido, meu amor, Jean.

— E o que ela está vendo agora? — perguntou Tante Cecile.

— A escuridão, a união de Cahors e Deveraux, um segredo enorme e um destino terrível. Atravessando as eras, existe uma guerra, uma vingança em curso. Destruição é o nome da criança em meu ventre, e tudo o que eu queria… era não desejá-lo, não desejar seu amor… mas eu desejei…

Paris, 1572

— Quero saber do Fogo Negro! — ordenou a rainha Catherine de Médicis.

— Não existe Fogo há quase dois séculos — respondeu Luc Deveraux, seus lábios pingando sangue. Seu corpo foi sacudido por um ataque de tosse e mais sangue saiu de sua boca.

A rainha levou o dedo sob o queixo de Luc e levantou-lhe a cabeça para que seus olhos se encontrassem. Mesmo de joelhos, ele estava quase da altura da pequena Catherine. Ela o encarou com um ódio frio.

— Está mentindo para mim.

— Por que eu mentiria?

— Por que diria a verdade? Sua família não é conhecida por dizer a verdade. Afinal de contas, apesar de todas as alegações de lealdade, de apoio, da simpatia demonstrada por seu pai, quando a França inteira me odeia, me chama de "a italiana"… você e sua família sempre fizeram complô contra mim. Durante meus primeiros anos de casamento, amaldiçoaram meu ventre, fizeram com que fosse impossível para mim carregar uma criança. Bem, enfim os venci.

O homem torturado olhou para ela.

— Sim, e quantos de seus filhos sobreviverão para chegar ao trono? O fato de poder gestá-los não significa que será capaz de mantê-los vivos por tempo suficiente para que tenham seus próprios herdeiros.

Ela pareceu prestes a golpeá-lo, mas era uma rainha e tinha empregados para esse tipo de serviço. Fez um gesto quase imperceptível, e um deles voltou a chicoteá-lo. Luc Deveraux mordeu a língua, recusando-se a deixar que ela escutasse seu grito. Quantas dúzias de parentes

seus já haviam estado sob aquele chicote nos últimos dias? Quantos já haviam sido torturados? Quantos ela enganara? Ele não sabia, mas ela não o enganaria: não poderia contar o que não sabia e se recusava a contar-lhe o que sabia. Morreria antes.

Enfim, o homem parou de chicoteá-lo, e Luc soltou um gemido. Encarou com ódio a mulher que caminhava diante dele.

— Conte-me o que quero saber e a tortura acaba. Quero informações do Fogo Negro. Quero saber o que sua família está planejando com os Huguenotes. Eles não destruirão a França. Só pode existir um rei, um povo, uma religião — afirmou ela.

— Não existe plano — murmurou, fraco.

— Gostaria de acreditar em você — disse ela, com frieza. — Não gosto de torturá-lo, e temo que você jamais me conte o que preciso saber, talvez você morra antes.

Ele não disse nada, perguntando-se em que ela estaria pensando, o que pretendia fazer. Um rápido movimento de punho fez com que o homem do chicote saísse e fechasse a porta. Pela milésima vez, Luc testou a força das correntes que prendiam seus pulsos ao teto. Mesmo que pudesse arrancar as correntes da pedra, duvidava ter forças para ficar de pé.

A porta foi aberta, e seu torturador reapareceu, empurrando uma mulher de cabelos longos e negros. As mãos dela estavam atadas atrás do corpo e o lacaio a segurava com rispidez, enfim postando-a diante de Luc e da rainha. Marie olhou para ele com seus olhos pálidos, o rosto manchado de poeira e lágrimas. Catherine aquiesceu, e o homem puxou a cabeça da moça, encostando uma faca em sua garganta.

— Luc, você sabe que não faço ameaças à toa. Ou você me conta o que quero saber, ou ele rasga a garganta da sua mulher.

Luc cuspiu uma mistura de sangue e saliva nas pedras.

— Mate a vadia. Que ela queime para sempre por ter me traído.

Um sorriso divertido estampou o rosto de Catherine.

— Vejo que você não ama sua esposa.

— Eu a odeio — respondeu ele, sentindo uma onda de ódio percorrer seu corpo.

— Mesmo assim, acho que você a ama — respondeu a rainha. — Entendo um pouco de amar e odiar uma pessoa e consigo ver que você a ama, seus olhos o traem.

— Não tenho nada a dizer, acredite ou não, mas mate a bruxa e resolva o problema para mim.

— Interessante a sua escolha de palavras, Luc. Acho que deixarei vocês dois sozinhos um momento. Tenho alguns afazeres à minha espera. — A rainha encaminhou-se para a porta. Virou-se, antes de sair. — Minha filha se casa esta noite, o noivo é o líder dos Huguenotes, Henrique de Navarra. Ele mal sabe que sua cama nupcial deverá ser, também, seu leito de morte. Agora, preciso cuidar dos preparativos para nossos convidados. — Cuspiu a última palavra, forçou um sorriso e deixou o cômodo.

Seattle, tempo presente

Agora Isabeau falava diretamente às quatro mulheres do encontro:

— Durante as guerras religiosas da França, Catherine Médicis torturou dezenas de pessoas da família Deveraux, em busca da fonte do Fogo Negro, mas ninguém lhe revelou o segredo. Vivenciei tudo com os olhos de Marie, a Cahors casada com Luc Deveraux. Antes que sangrasse até a morte, por causa das chicotadas que recebeu, Luc matou Marie com uma faca que ela tinha escondido no vestido, na esperança de salvá-lo. Vi tudo e não pude impedi-lo. Naquela noite, a filha de Catherine se casou com o líder dos Huguenotes. Porém, em vez de uma união pacífica, foi uma armadilha. No dia de São Bartolomeu, os Huguenotes foram massacrados.

"Depois disso, os sobreviventes da família Deveraux, os poucos que escaparam da rainha, fugiram para o Novo Mundo. Aqui floresceram, acalentando seu poder e seu ódio por gerações. Jeraud é descendente desses Deveraux, você e Holly descendem da minha família, os Cahors, os nomes mudaram um pouco no Novo Mundo, para proteger os descendentes e permitir que uma nova identidade seguisse adiante, pelo menos publicamente.

"O ciclo está recomeçando, e, em algumas semanas, será o aniversário de seiscentos anos da minha vergonha, da minha falha.

Chocada, Amanda olhou para Isabeau, tentando absorver tudo que fora revelado. De repente, a pálida figura tremeu e seus olhos reviraram. Pareceu desaparecer devagar, depois retornou, mais forte, os olhos brilhando.

— Meu tempo é curto, não podemos ocupar o mesmo espaço por muito tempo. Quanto mais forte fico, mais fraca fica Holly. Mas esta não é a minha era, e só posso rezar para a Deusa, pedindo que Holly não cometa os erros que cometi.

Diante dos olhos de todas, Isabeau desapareceu, suas feições aos poucos dando lugar às de Holly. Enfim, seus olhos azuis se fecharam, e o corpo tremeu.

Um minuto depois, as pálpebras se abriram, e os olhos escuros de Holly as encararam. Olhos esbugalhados e o rosto paralisado numa expressão estranhamente cansada. De repente, todos os músculos relaxaram e seu corpo despencou na cadeira, e Holly buscou o ar para encher seus pulmões.

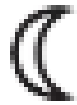
— Eu vi, eu vi — disse ela, ofegante, incapaz de prosseguir.

— A gente sabe — respondeu Amanda, estendendo a mão para a prima. — A gente ouviu.

— Eles não sabem o segredo do Fogo Negro. Mas querem desesperadamente descobrir — disse Holly.

— O suficiente para matar por ele.

Parte Três: Beltane
O Despertar



BELTANE

"Tive uma visão noite passada, e fui tomado de pavor. Vi o chefe de uma grande família tomar por esposa uma inimiga mortal. Sua paixão era enorme e seu poder incomensurável.
E sua união destruiu tudo em seu caminho."
— Duque Kensington a seu escriba, Joshua, 1º de maio de 1612

DOZE

LUA DO MEL



Disfarce nosso demônio em rostos gentis,
Um exterior bendito, uma mente sombria.
Que os bons sucumbam ao meu poder
E que a flor mais inocente beba do meu veneno.

Transforme-nos e nos faça novos,
Dê-nos força do começo ao fim.
Senhora, esconda nossos corações e destinos,
Permita-nos a graça da máscara.

O dia de Ação de Graças acabara, graças a Deus, e estavam às vésperas do Natal. Mas Marie-Claire andava desolada.

Ele sabe, pensava, mortificada. *Meu pobre, doce e entediante marido sabe da minha traição.*

Naquela noite, Richard entrara na ponta dos pés no quarto para ver como ela estava, e a esposa, de costas para a porta, fingira dormir. Ele sussurrara "Oh, meu Deus, querida" e começara a chorar. Ela podia escutá-lo chorando no corredor como uma criança abandonada, e isso quase a matara.

Ele se afastou, e ela decidiu segui-lo, para tentar explicar que estava na meia-idade e precisava — precisava desesperadamente — sentir-se jovem e desejável. Ele ficava dia e noite no computador, jamais reparava em suas roupas novas, nos cortes de cabelo. Então, ela comprava mais maquiagens, mais roupas. Fazia exercício. Enfim, tudo para se fazer notar!

Ele não reparava.

Eu estava faminta, queria dizer para ele. *Michael… ele me alimenta.*

Suas queimaduras menos graves estavam curadas, mas ainda olhava dura e longamente para o próprio rosto, enxergando rugas e marcas de expressão. Ficara aterrorizada. *Quem quer uma mulher velha? Richard não quer ninguém. E Michael… Michael me abandonou. Não passei de mais um caso. Devia saber disso. Mas ando tão sozinha… e com tanto medo.*

Marie-Claire sentou-se, levantou-se da cama e cambaleou em busca do interruptor. Estava exausta; muita coisa acontecera, o incêndio, o hospital e agora isso, uma crise conjugal. *Vamos nos se divorciar? Será que dá para consertar as coisas?*

Sua cabeça rodava.

A porta do quarto estava entreaberta; ela a abriu e foi até o corredor, chamando pelo marido. Não houve resposta.

Continuou atravessando o corredor, vendo um ponto branco. *Uma das gatas.* Sorriu com tristeza diante da lembrança doce das gatinhas e das meninas, a própria inocência já perdida.

Vou conquistar meu marido de volta. Nicole e eu vamos fazer com que ele volte. Temos nossos pequenos truques, eu e ela…

Então, lembrou que Richard lhe dera algo para beber naquela noite. *Um chá.* Ela ficou envergonhada; o tal chá fora presente de Michael, que dizia que a bebida aumentava a jovialidade e a beleza. Ela rira… e passara a tomar o chá religiosamente, todas as noites. Suas pernas estavam bambas como borracha, e ela esticou o braço para tocar a parede que escorregava na sua direção. Cruzou o corredor, em busca do amor perdido.

A porta do quarto de hóspedes estava aberta e tinha alguém na cama. Ela estava sem lentes de contato, e não colocara os óculos. Não conseguia distinguir a silhueta.

Mas a figura gesticulou na sua direção. As meninas estavam numa festa… *há tantas festas quando somos jovens… e livres, com a vida inteira…*

— Meu amor? — balbuciou ela.

A figura a chamou.

Marie-Claire foi tropeçando na sua direção.

A vida toda…

Michael Deveraux sorria enquanto ele e Eli encaravam o Olho Turco.

— Vou matá-la agora — disse para o filho. — O momento é perfeito.

Na Câmara de Encantamentos, Eli aquiesceu com fervor. Não estava acostumado a matar seres humanos, mas, com certeza, adquirira esse gosto.

Michael sussurrou para a escuridão:

Escuridão é escuridão, luz é luz,
Saiba agora que a bruxa não está certa.
A hora chegou, a hora está próxima,
Viva o amor e viva com medo.
Quando chegar o momento, a alma chorará
Hoje à noite, sua inocência deve morrer.
Lute contra o mundo e olhe para dentro,
a hesitação não vencerá.

A porta do quarto de hóspedes da casa dos Anderson se abriu, e Richard perguntou para a mulher:

— O que você está fazendo aqui?

Ela olhou para a colcha na cama. Enfim, respondeu:

— Olho para essas veias nas minhas mãos e não consigo entender por que elas são minhas. São tão velhas e feias.

— São as mãos que embalaram as meninas quando elas eram bebês. — O marido entediante pegou os dedos cansados da esposa e fechou suas mãos grandes, pálidas e flácidas sobre as de Marie-Claire. Levou-as aos lábios e disse: — Vamos dormir, meu amor. Você está muito cansada.

Nicole acordou.

Olhou em volta, percebeu que pegara no sono no sofá da casa de Eli e franziu a testa, confusa. Onde ele estava? Por que não a acordara e a levara para casa?

Tentou ficar de pé, mas não conseguiu. Estava desequilibrada e com a visão embaçada.

Não bebi nada, pensou. *Não fiz nada, hoje à noite. A gente veio para cá para…* tentou lembrar… *Ele me disse que a gente ia ver um filme…*

A atmosfera diante dela girava em cores. Então, de repente, uma forma entrou em foco; uma figura feita de luz prateada, segurando um espelho. A imagem refletida do rosto estava preta, mas quando Nicole prestou atenção, viu:

Eli preparando alguma coisa na cozinha para eu beber; Eli colocando alguma coisa dentro da bebida; Eli rindo com o pai enquanto me observavam dormir; sou uma bruxa Cahors e Holly é a minha mãe na Confraria; Holly é a mais forte; eles estão tentando nos matar para conseguirem o Fogo Negro; Jer é Jean e ama Isabeau, ama Holly; Eli vai me matar, hoje à noite, e eu tenho que…

Nicole acordou desesperada no meio da rua.

O que estou fazendo aqui?, perguntou-se, tropeçando e andando, usando um suéter. *Ele me drogou? O que significa tudo aquilo?*

Estava, também, com um vestido preto e curto e de saltos altos. Seu casaco ficara na casa dos Deveraux, mas ela não podia voltar lá. Tremia porque estava nevando, mas estava do lado de fora…

O que estou fazendo?

— *Socorro!*

Holly disse para Silvana, Tante Cecile e Amanda ainda dentro do círculo:

— Nicole veio para o nosso lado. E se não formos atrás dela agora, ela vai morrer.

Encontraram Nicole vagando pelas ruas de Lower Queen Anne. Estava quase congelada, delirante, cambaleando como uma bêbada.

Estava histérica, tentando entender o que acontecia.

— Eu estava, tipo, dormindo no sofá, ou achei que estava... Aí sonhei que ia morrer, que ele ia me matar. Acordei correndo no meio da rua. Meu Deus, estou tendo algum tipo de alucinação por alguma droga?

Amanda pigarreou, indicando que era Holly quem deveria explicar. *Por onde começar?*

— Sabe aqueles encantamentos que você faz? Aquelas coisas que você pede para virarem realidade?

Nicole pareceu confusa.

— Como é que você sabe disso? — Ergueu as mãos para ajeitar o cabelo.

Nesse instante, Holly olhou para a palma da mão da prima. Seus olhos esbugalharam.

— Onde você arrumou essa queimadura?

Nicole encolheu os ombros.

— Sei lá. No Halloween.

— Que queimadura? — perguntou Amanda enquanto dirigia.

Parou o carro.

— Durma bem, águia doce. — O sorriso de Michael era demoníaco no momento em que cruzava os braços. Olhava a parede negra diante de si e, sem pensar duas vezes, começou a cantarolar uma melodia. A música era tão antiga quanto sua magia; a magia tão antiga quanto a canção. Era uma parceria de tempos incontáveis, não se desfaria tão cedo.

Em segundos, um pedaço da parede no campo direto de visão de Michael ficou embaçado. Rodopiou até que um brilho aparecesse. Primeiro em tons de roxo, depois azul, a luz brilhante enfim aquietou-se no prata. Ainda cantarolando, Michael encarou aquele ponto que cedia e se transformava numa fina textura. Em vez de ver sua própria imagem refletida no espelho de mentira, olhava para as costas de uma jovem, o cabelo preto cacheado brilhando na casa sombria e mal-iluminada.

O relógio de Michael apitou uma vez, anunciando a chegada da meia-noite. Chegara a hora.

A figura caminhou até uma escadaria e estava prestes a acender a luz quando Michael piscou uma vez, calmamente. Parou de cantarolar, terminando numa nota tão profunda quanto ele. A menina engasgou, o braço ainda esticado, nem chegou a tocar o interruptor. Caiu no chão, a outra mão pressionando o peito.

Michael franziu o cenho. Não ordenara um ataque cardíaco. O feitiço tinha a intenção de fazê-la rolar escada abaixo para que parecesse um simples acidente doméstico. Mas o que era aquilo? Um ataque do coração? Não era possível. Questionariam a morte de uma menina saudável de 18 anos, do nada acometida por um infarto.

Então, ela se virou, e ele percebeu que não matara Holly Cathers naquela noite,

como pretendera. Os olhos dela estavam abertos, surpresos.

Marie-Claire morrera naquela noite, no lugar de Holly Cathers.

Tudo bem, pensou ele, *ela estava na lista*.

Marie-Claire Cathers-Anderson estava morta.

E o mais estranho do luto é que nada para por causa da dor. Tante Cecile foi fechar sua casa em Nova Orleans para mudar-se de volta para Seattle. Demorou mais do que esperava, e Silvana foi morar com amigos nas proximidades de Port Angelus.

O Natal veio e foi embora. Tio Richard estava pouco presente; como nos anos turbulentos de seu casamento, trabalhava demais, afastado das filhas e de suas confusões. Holly não podia fazer nada a não ser assistir, pensando que, talvez, um dia, depois que aquilo tudo tivesse terminado, procuraria um encantamento que sossegasse o coração sofredor daquele homem.

Ele não se divertia com nada, nem com o fato de que em breve suas duas gêmeas e a sobrinha se formariam no colegial. Nem com a proximidade da estreia de Nicole como Julieta. Ele acordava, era gentil, desaparecia por horas, voltava, era gentil e desaparecia no quarto que antes dividira com a mulher.

Estava claro para Holly o motivo de Nicole não querer mais saber de magia, apesar de Amanda tentar explicar que isso matara sua mãe, e que Michael Deveraux tentara feri-las inúmeras vezes.

Holly levou Nicole ao The Half Caff, só as duas, e tentou conversar com ela.

— Olha só, Holly, tudo isso começou quando você veio para Seattle, ok? — atirou Nicole. — Então, por que você não volta para São Francisco?

— Porque isso não vai fazer parar — disse Holly, levando o tronco à frente, sobre a mesa de vidro. — Agora, Michael sabe. Aprendemos a história dos Cahors e dos Deveraux. Com certeza, os Deveraux também conhecem essa história. Somos parte de uma briga de sangue que existe há séculos. E segundo Isabeau, eles vão nos atacar com força total no dia 1º de maio.

Nicole cruzou os braços e disse:

— A única coisa que eu quero é interpretar Julieta e ser deixada em paz.

— Você não pode. Nenhuma de nós três pode — retrucou Holly.

Nicole suspirou… e balançou a cabeça.

— Posso. Não vou me envolver, Holly. E você não pode me obrigar.

Mesmo que as três meninas sob os cuidados de Richard tivessem tentado explicar para ele o que estava acontecendo, o homem provavelmente não teria sido capaz de ajudá-las. Portanto, permaneceram em silêncio e o deixaram de fora — na esperança de que a ignorância o mantivesse vivo.

— Querido? — chamou Kari quando entrou no apartamento. — Como foi o seu

dia?

Jer tirou os olhos do athame estalando de novo que finalizara; também estava compilando um novo Livro de Encantamentos — o antigo ficara na sua casa.

Perguntava-se se deveria contar a ela que, quando saíra de manhã para correr, um enorme pássaro negro sobrevoara sua cabeça, guinchando e mergulhando, com certeza procurando alguma coisa. Jer imaginou ser ele o objeto da procura.

Ou se deveria contar que toda noite, depois que ela dormia, e ele começava a cochilar, pensava primeiro em Holly, invocando em silêncio um encantamento para protegê-la e a família dela; e então o pesadelo começava. Era sempre o mesmo, noite após noite: ele, pendurado de cabeça para baixo na câmara do pai, enquanto um enorme falcão bicava seus olhos. No canto, um cadáver o observava, divertindo-se, falando francês medieval com a ave, cujo nome era Fantasme.

Se meu pai conseguir chegar perto de mim, vai me matar.

Com sua Confraria de três e os conselhos e dicas de Dan, o pai de Kialish, espalhara talismãs por toda a casa de Kari. O lugar provavelmente estava mais protegido do que a casa dos Deveraux. Mas nada impediria Michael Deveraux de atingir seus objetivos, pelo menos, não por muito tempo.

Portanto, ficava quieto, recebendo notícias de Holly e das primas dele por Kialish e Eddie, os dois livres, já que Michael nunca soubera da existência deles.

Será que as meninas andam fazendo magia?, pensava nisso quando Kari tirou o athame de sua mão e sentou-se no seu colo. *Espero que Holly esteja escutando as mensagens que mando para ela…*

…nos sonhos…

À noite, Jer voava para o lado de Holly, e eles planavam no céu cheio de estrelas. Ele se aproximava, beijava-a e percorria seu corpo com as mãos. E eles voavam como pássaros, nas asas dessa paixão sombria, ele, o falcão dos Deveraux, ela a águia fêmea dos Cahors.

— *Tenho feito encantamentos para protegê-la. Tenho feito Magia Negra para que fique bem. Não quero que vá embora; sou uma criatura das sombras. Sou um bruxo. Não sou wicca nem um pagão bonzinho. Minha família adora a Arte Negra. Mas podemos fazer isso crescer, esse amor, essa conexão, talvez eu consiga me libertar* — disse para ela em sonhos. — *Se a Deusa aceitar meus serviços, talvez eu enfim faça meus ancestrais descansarem e crie a nova Confraria, o sonho ainda vivo de Isabeau…*

★★★

Em janeiro, fevereiro e março não houve mais nenhum ataque de Michael Deveraux. Holly agradecia em silêncio a ajuda de Jer. Ela e Amanda aproveitaram a trégua para aprender tudo o que podiam sobre magia, lendo dia e noite, praticando,

compreendendo o que eram capazes de fazer. Espalharam amuletos de proteção pela casa e em volta de cada membro da família.

Nicole se recusou a participar, mas as duas primas persistiram no próprio treinamento.

Isso é um mundo novo, Holly pensou. Apesar do perigo que corriam, estava encantada. *Podemos fazer tanta coisa… se eu soubesse disso há um ano, talvez pudesse ter salvado meus pais e Tina…*

Trabalhava em feitiços para curar Barbara e encantamentos de defesa e contra-ataque. Esforçava-se para decifrar o livro de Isabeau, absorvendo sua herança… reclamando seu direito de nascença.

Então, em abril, dois gatos apareceram na porta dos Anderson.

Amanda, sozinha em casa, vira os dois animais estranhos. Um era siamês, uma coisinha linda, pequena, de pelo sedoso, olhos enormes e azuis; a outra era branca, charmosa e gorducha, mas seu rosto tinha a metade negra e algumas manchinhas ao redor dos olhos verde-claros.

A menina amava gatos e crescera acostumada à presença deles — gatos eram atraídos às pessoas que praticavam magia —, mas nunca vira aqueles dois. Pareciam muito bem-cuidados e alimentados para serem gatos de rua, mas nenhum deles carregava coleira ou identificação.

Aproximou-se com cautela, mas os felinos pareciam inofensivos. Quando perceberam a presença dela, ficaram de pé e se espreguiçaram, como se esperassem pela menina. Amanda não conseguiu evitar certo alívio — os dois eram lindos e aparentemente doces. Apenas quando estava levantando o pé para dar o último passo, os dois de repente rosnaram e atacaram os tornozelos dela.

Não havia como se livrar das garras dos bichanos, e Amanda gritava enquanto os dentes e garras dos gatos rasgavam sua pele acima do sapato. Ela se desequilibrou perigosamente no último degrau da escada da varanda e encontrou um ponto de apoio no poste de luz, no momento em que a gata branca afrouxava a mordida e preparava novo ataque. Amanda chutou-a no rosto; ela gemeu e rolou escada abaixo, rosnando de modo perverso, preparando-se para uma nova investida. Os gemidos do siamês se juntaram aos demais ruídos — a menina pôde ouvir os palavrões que ela mesma gritava — e as garras do gato entranharam na pele de sua perna, deixando uma marca de sua presença quando o animal se afastou para atacar mais uma vez. Amanda andou para trás, afastando-se dos degraus, mas perdeu o equilíbrio. Se caísse e aquelas feras alcançassem seu rosto, seus olhos…

Algo grande passou por ela e pousou atrás do siamês. Guinchou, um grito alto e agudo, depois escapou. Ajeitando-se, Amanda viu Nicole sacudir o limpador de para-brisa no ar, como se fosse um taco de beisebol.

— Sumam daqui! — Um dos vasos sobre a cerca espatifou-se ao ser atingido pela arma de Nicole, e ela ergueu seu bastão, sacudindo-o em direção aos gatos, que

agora fugiam.

— Chega, Nicole — disse Amanda. — Eles já foram embora.

A irmã sorriu ao enlaçar Amanda com os braços e a ajudou a mancar até o interior da casa. Holly saiu correndo do carro e entrou em casa no momento em que Amanda se jogou, agradecida, no sofá.

Tirou vários lenços de papel da caixa oferecida por Nicole, gemendo cada vez que encostava nos arranhões dos tornozelos e das pernas.

— Eles se concentraram no meu pé, mas acho que queriam mesmo é me derrubar no chão. Se tivessem conseguido atacar meu olho, já era.

— Desgraçados — repetiu Nicole. — Devíamos levá-la ao médico. Tem que tomar antitetânica, pelo menos.

— Mais tarde — disse Amanda. — Agora, temos que nos preocupar com Michael. Ele voltou a atacar.

Nicole respirou fundo.

— Ok — disse para Amanda e para a prima. — Estou dentro.

— Meu Deus, esse homem nunca *para*?

Holly não esperava uma resposta para sua pergunta raivosa, e não recebeu uma — agora, as três estavam muito ocupadas. Parecia uma coisa tão simples, tão fácil de realizar: iriam disfarçadas buscar Tommy em casa, no fim da tarde, porque ele reclamara com Amanda de ter ouvido barulhos estranhos do lado de fora o dia inteiro. Ele ficaria na casa delas, onde poderiam ajudar uns aos outros. Juntos, correriam menos perigo e centralizariam o poder: se um feitiço fosse necessário, seria muito mais poderoso se todos eles o proferissem. Mas o esquema bem-pensado foi para o espaço quando chegaram à casa de Tommy e encontraram o telhado encoberto por sombras negras e ondulantes.

— O que *é* aquilo? — sussurrou Holly.

— Bem, de acordo com o livro que acabei de ler, algumas pessoas chamam isso de espíritos sugadores — respondeu Nicole, baixinho. — Magia das brabas, do mal: três deles podem matar uma pessoa em alguns minutos, e deve ter uma dúzia no telhado desta casa. Só não entendo por que os Deveraux fariam isso com o Tommy.

— Eu sei — disse Amanda, afastando o cabelo do rosto, a voz gelada. — Para nos atingir com o velho e bom truque: se algo acontecer com Tommy, vou ficar arrasada, e isso enfraquecerá nós três.

— Verdade. — Holly estudou o telhado, observando as sombras passarem umas pelas outras, vendo por onde se esgueirariam para alcançar uma janela e depois se recolherem. Era quase como se *testassem* o vidro, buscando um ponto mais vulnerável, fora do alcance de sua proteção. Esse ponto era Tommy e isso deixou Holly enjoada, quase com medo de fazer a próxima pergunta. — Por que eles não apenas… não entram? Não deslizam por algum buraquinho, sei lá?

— Não podem — respondeu Nicole. — Aparentemente, são criaturas destinadas a um propósito específico, a alguém específico, mas têm um histórico muito parecido com a lenda dos vampiros: não podem entrar sem permissão. Mas podem ser *carregados* para dentro nas costas de outro ser, grudam na primeira coisa que virem se movendo na sua frente. O Tommy tem sorte de não ter recebido nenhuma visita desde que eles se materializaram. Ah, e eles também podem atacar se o objeto da sua atenção *sair*. — Holly percebeu que os olhos da prima se estreitavam enquanto falava. — Agora, ele está numa armadilha.

— Droga — resmungou Amanda, sem tirar os olhos da entrada da casa vitoriana.

Nicole roía, pensativa, o canto de uma unha.

— Temos que atraí-los para longe. Mas *não podemos* permitir que nos ataquem: se isso acontecer, vão nos manipular até conseguirem entrar em contato com Tommy. A única maneira de nos livrarmos deles é se você… ou ele… morrer.

Holly engasgou.

— *Morrer?*

Amanda estava ainda mais preocupada com o problema mais imediato.

— Atrair a atenção deles com *o quê*?

O belo rosto de Nicole se abriu num sorriso.

— Com uma coisinha que temos.

As sobrancelhas de Holly se ergueram.

— Oi?

Nicole sorriu ainda mais, até que seus dentes brancos brilhassem na janela do carro.

— Aprendi um pouquinho também — disse, rouca, e enfiou a mão na bolsa, tirando dali um saquinho fechado e amarrado com um laço preto. — Por exemplo, com Tante Cecile. Ok, vou sair. Não façam *nenhum* barulho.

Nicole abriu a porta e saiu, olhando atentamente para o telhado. Holly e Amanda foram atrás dela, tomando cuidado extra para não fecharem as portas do carro, com medo de que o menor ruído chamasse atenção dos espíritos sugadores.

Do lado de fora, Holly sentiu-se muito exposta, de repente com medo de que as criaturas negras a alguns metros de distância pudessem sentir seu *cheiro*. Havia algo de terrível e assustador naqueles seres, mais ainda do que em facas voadoras num mercado em plena luz do dia — pelo menos naquele caso, ela fora capaz de *ver* o que a perseguia, de compreender o que poderia ser feito com ela. Mas aquilo… não conseguiu evitar um tremor.

Os dedos de Nicole desfizeram o nó no topo do saquinho. Quando abriu a boca para falar, as palavras não eram mais do que um sussurro.

Negras são as sombras sob a luz da união,
Muita atenção ao atrair a mordida do mal.

Que se voltem para as criaturas que elevamos da terra esta noite,
Que retornem ao submundo antes que brilhe a luz do dia.

Quando a última palavra saiu de seus lábios, Nicole fez um arco da esquerda para a direita com o saco, na frente das três meninas. Um pó preto flutuou e brilhou por alguns instantes no ar, como poeira vulcânica. Quando o pó assentou sem barulho no chão, Nicole pegou o cotovelo da irmã e da prima e puxou as duas de volta para o carro.

— Lá para dentro — direcionou-as. — Rápido!

— O que foi que você fez? — perguntou Amanda. — O que foi aquilo?

Nicole sorriu com malícia outra vez e apontou na direção do para-brisa do carro.

— Olha lá!

Seguindo a direção de seu dedo, Holly e Amanda olharam pela janela. Num primeiro momento, não viram nada com a pouca luz, mas depois o chão começou a pulsar. Não muito, e não em toda parte: apenas um ponto aqui, outro ali, um círculo debaixo de um arbusto ali perto. Ao todo, eram em torno de doze as áreas onde o chão balançava.

— O que está acontecendo? — perguntou Holly. — O que…

— Que nojo — disse Amanda, de repente. — Nicole, isso é *nojento*.

— Mas funciona — respondeu Nicole sem piscar.

Mais perto do carro, na beira da rua onde haviam parado, um coelho em decomposição arrastava-se tentando sair de um buraco do chão, na base do tronco de uma árvore. Sob o olhar das três meninas, outros animais de pequeno porte, tristes e mortos, saíam de suas tumbas: um pardal de asa quebrada, um sapo apodrecido, um filhote pequenininho de esquilo que não chegara à vida adulta. Em segundos, as figuras assustadoras do telhado voaram para baixo e cobriram os cadáveres dos animais.

— Não está escrito em lugar nenhum que os espíritos sugadores usam apenas seres humanos como portadores — disse Nicole. — Nem que esse portador precisa estar vivo. Eles só estão esperando a primeira coisa que se mova. Não controlam o portador, e quando eles grudam, ficam presos, até esses portadores morrerem ou eles encontrarem o seu alvo específico. — Encolheu os ombros, mas era claro que estava satisfeita consigo mesma.

— Não é a cara desses bichinhos saírem logo para a casa do Tommy. Mesmo mortos, o instinto deles é o de correr e se esconder. E o encantamento vai fazer com que voltem para a tumba quando o dia clarear.

— Uau — disse Holly, de fato impressionada. —Excelente.

— Valeu — respondeu Nicole. — Vamos, temos que buscar nosso amigo.

Saltaram do carro, o instinto ainda insistindo que deveriam manter a cautela e o silêncio. Pequenas figuras de um negro ainda mais profundo arrastavam-se pela

noite. E o teto da casa de Tommy parecia limpo sob o luar intermitente que atravessava as nuvens.

A alguns metros da entrada, porém, Amanda ficou paralisada.

— Meu Deus — murmurou. — Nicole, *olha*.

Nicole se virou e olhou para o jardim, tentando ver o que assustara tanto a irmã.

— O quê? O que foi?

— É o Marinheiro. — A voz de Amanda estava tomada de terror. — Nicole, o que vamos fazer?

— Marinheiro? — Holly ficou na ponta dos pés, tentando enxergar na escuridão, mas não viu ninguém. — Quem é o Marinheiro?

Nicole agarrou o pulso da irmã, e a puxou com força.

— Vem, temos que fazer o Tommy abrir a porta e nos deixar entrar antes de o Marinheiro chegar na varanda. Antes de ele ser visto pelo Tommy!

Holly virou a cabeça enquanto se aproximava da entrada, atrás das primas.

— Mas quem…

— Não é quem, é *o quê?* — disse Amanda, sombria. Ergueu o punho e começou a socar a porta da frente. — Tommy, sou eu, Amanda. Deixe-nos entrar, rápido! Anda, Tommy!

O pânico na voz de Amanda fez com que Holly sentisse um arrepio na nuca.

— Como assim "o quê"?

— O Marinheiro era o gato do Tommy — disse Nicole, a voz tensa. — Morreu alguns meses atrás. Nunca pensei nisso, mas acho que o Tommy enterrou o gato no canteiro de flores do campo, na lateral da casa.

— *Anda*, Tommy! — Amanda quase gritava agora. — Abre a porcaria dessa porta!

Alguma coisa arranhou o chão de concreto rente ao primeiro degrau da escada da varanda. Amanda sentiu um nó na garganta e se esforçou para enxergar no escuro, apesar de não querer.

— Então, isso significa…

— Que o Marinheiro vai querer voltar para casa — disse Nicole, num fôlego só.

Uma luz de repente iluminou a entrada, comprometendo sua visão, deixando-as cegas por alguns instantes.

— Cara, que bom ver vocês! — Tensão escorria das palavras de Tommy. — Desculpe eu ter demorado tanto…

Elas não o deixaram terminar a frase. Amanda empurrou-o de volta para dentro, Nicole e Holly logo atrás dela, fechando a porta como se algo pesado batesse nela.

Tommy cambaleou, em seguida endireitou-se, confuso. Surgiu o ruído contínuo de arranhões, pontuado de vez em quando por um som que era parte sibilo, parte miado.

— Ei, o que é isso? Parece… Parece…

Amanda suspirou e lançou um olhar duro para a irmã.

— Tommy, temos uma porção de coisas para lhe contar de uma vez só. Mas… você tem uma pá?

No apartamento de Kari, a bruxaria de Jer ia a todo vapor.

Um brilho atravessava de luz o ambiente: do sofá aos abajures, aqui e ali, até o menor enfeite ou porta-retratos na mesinha lateral. Cada objeto da sala parecia ter uma chama interna. Mesmo as plantas irradiavam uma luz verde-dourada nos pontos em que se enroscavam em pauzinhos de sustentação.

Jer jamais imaginara tanto poder, jamais sentira tamanha força, não tivera pistas do que estava por vir quando se juntara aos amigos e cada um deles se ajoelhara numa ponta do pedaço de veludo vermelho-escuro no qual haviam desenhado o pentagrama. Agora, um incenso com cheiro de terra preenchia o ar, e velas acesas, duas pretas, uma branca e duas vermelhas estavam afixadas nas extremidades do veludo, mas suas chamas pareciam mais tochas poderosas do que luz de velas. Sua mão esquerda segurava a de Kari e a direita estava entrelaçada à de Eddie. Kialish estava ajoelhado, entre Eddie e Kari, e Jer podia vê-lo através dos olhos semicerrados. Os olhos de Kialish estavam fechados e seu rosto, como o de seu parceiro, absolutamente sereno.

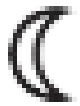
Talvez fosse daí que viesse tanto poder, essa energia *incrível*: os dois jovens eram inseparáveis, como duas peças de um quebra-cabeça feitas uma para a outra. Diferentemente do casal tradicional, homem e mulher, talvez fosse essa singularidade a responsável por essa estranha nova força…

…como a energia invisível que o mantinha fora do chão, levitando. Jer sorria de leve e se concentrou nas chamas, tentando fazer com que encolhessem e crescessem de novo. Para seu prazer, elas obedeciam, recolhendo-se à quase inexistência, depois subindo altas e fortes ao seu comando mental. Sim, essa era uma experiência de aprendizado para todos eles. E aprenderiam, os quatro, a explorar não apenas os desafios do poder recém-descoberto, com o qual podiam alimentar uns aos outros, mas outras coisas, também. Com a avidez de aprender, sem dúvida viria um poder novo.

Como a habilidade de vencer seu pai…

TREZE

LUA DA FERMENTAÇÃO



Faça sua vontade contra aqueles que amaldiçoamos.
O nome Deveraux crescerá e se expandirá
Enquanto dançamos sobre os cadáveres dos Cahors
E envenenamos a flor mais pura.

Venenos que destroem, venenos que matam.
Venenos que controlam, venenos que acorrentam.
De joelhos, caem nossos inimigos.
Vencidos ou mortos, obedecem ao nosso comando.

Tante Cecile teve uma visão.

Ligou para Holly e pediu que ela fosse ao porão da mansão dos Anderson. Lá, encontraria mais informações sobre a história da família, num diário mais ou menos parecido com o que Isabeau deixara para a menina na praia.

Eca. Aranha.

Holly estremeceu e desfez mais uma teia de aranha, pendurada desde o teto até a escada, quando entrou no porão.

Parou no pé da escada e olhou em volta, um pouco desanimada. O ambiente estava tomado de caixas, pastas, malas velhas e sacolas. Suspirou profundamente. Seria uma busca longa e confusa.

Que pena que as primas haviam saído; Nicole para o ensaio e Amanda para a biblioteca, em busca de mais livros sobre bruxaria.

Por onde começar?

Podia-se imaginar que a pilha mais próxima da escada seria de coisas mais recentes, mas prestando atenção na grossa camada de poeira e nas teias de aranha onipresentes, via-se que não. Era óbvio que já fazia bastante tempo que ninguém entrava ali; um copo vazio descansava no parapeito da janela coberto de poeira. Precisava lembrar-se de levá-lo consigo quando saísse do porão.

Concentrada na sua tarefa, não ouviu o ruído suave nas paredes.

Uma hora depois, encontrou o que procurava: uma potente informação sobre a rixa entre os Deveraux e os Cahors. O enorme livro era velho e encadernado com uma espécie de pele — *eca de novo* — e o seu francês de colégio não seria suficiente para a tarefa de traduzir a arcaica versão da língua nas páginas do manuscrito diante

dela, mas compreendeu palavras suficientes aqui e ali para adivinhar seu significado. Os dois sobrenomes estavam lá, sem dúvida… Foeu — *isso devia ser a versão antiga de* Feu, *fogo… Isso, havia a palavra* ignire *na mesma frase, juntando as coisas, isso só podia significar ignição, acender…*

Um ruído estranho ecoou no silêncio, uma espécie de chiado, como se alguém andasse sobre pedras, e ela se desconcentrou. Olhou em volta e inclinou a cabeça, atenta. Lá estava o barulho de novo. Parecia vir de dentro das paredes. *Eca. Ratos.*

Talvez as gatas devessem dormir aqui algumas noites, para dar cabo desses ratos. Encolheu os ombros e voltou ao manuscrito antigo, tentando decifrar mais algumas palavras. Então, com um suspiro de frustração, deixou o livro de lado. Talvez encontrassem alguém para traduzi-lo, pois estava no limite de sua habilidade linguística.

Mergulhou de novo no baú e retirou um xale retangular de seda preta. Desdobrou-o com cuidado e percebeu uma borda delicada de lírios bordados em prata, o desenho de uma águia prateada no centro: os emblemas da família Cahors. Ficou sem ar. Essa era, com certeza, mais uma herança de família.

Uau. Alguma coisa deve ter atiçado esses ratos.

Olhou para as paredes, procurando buracos, mas havia muito lixo empilhado contra elas para que pudesse ver alguma coisa. Encolheu os ombros e deixou o xale de lado, sobre o manuscrito. Os animais chegaram quando estava curvada sobre o baú, mais uma vez pesquisando seu interior. Não eram ratos, e, sim, ratazanas. Ratazanas grandes, marrons, de rabos longos. Dúzias delas. Sem aviso, saíram de dentro das paredes, suas garras batendo no chão de cimento como uma miniorquestra de castanholas.

Assustada com o barulho, Holly ergueu o tronco e bateu com a cabeça na tampa do baú, ficando zonza por uns instantes. Nesse curto espaço de tempo, as ratazanas pareciam ter se multiplicado por cem: estavam em toda parte, e todas se dirigiam para *ela.*

O percurso do baú até a escada já estava coberto de ratazanas do chão ao teto, e elas batiam-se umas contra as outras; não seria nada fácil sair dali. Qualquer dúvida de que ela era o alvo dos bichos desapareceu quando as primeiras a alcançaram e enfiaram os dentes em suas botas. Ela as espantou depressa, mas outras se aproximaram.

Melhor pensar em alguma coisa rápido, Holly.

Os únicos encantamentos de proteção que aprendera requisitavam materiais que ela não possuía ali. Seu amuleto estava lá em cima. Ali não havia nada em volta que pudesse usar como arma. Ou havia? Pegou o livro e começou a sacudi-lo.

VAPT! Uma ratazana cruzou o porão voando, aterrissando com ruído contra a parede. Suas primas tinham que estar fora de casa logo, hoje! VAPT! Mais duas ratazanas temporariamente fora de combate.

Bast! Chame a gata!

— Bast, socorro! *Aides-moi!* — gritou o mais alto que pôde.

VAPT! VAPT! As ratazanas moviam-se com rapidez agora, e ela não conseguia dar conta de todas. Seus braços estavam ficando cansados. Esperava sentir os dentes nas suas pernas a qualquer momento, e uma vez que seu sangue fosse derramado, sabia que seria o fim.

Viu de relance um vulto laranja descendo a escada, seguido de dois outros, um preto, um branco, antes que as três gatas Cathers se lançassem ao campo de batalha. Elas sabiam o que fazer e eram imperdoáveis. A pilha de ratazanas mortas e seriamente feridas cresceu depressa, e não foi preciso muito tempo antes que o resto do grupo resolvesse recuar. Em minutos, estava tudo acabado, apenas o sangue e os cadáveres como prova do que acontecera.

— Valeu, Freya. Obrigada, Hecate. E *você*, Bast, muito obrigada. — Pegou Bast no colo, beijou o topo de sua cabeça antes de colocá-la de volta no chão com delicadeza.

Bast miou em resposta, e Holly saiu correndo dali.

* * *

O livro contava a história dos Cahors e dos Deveraux, mas não tinha autor nem pistas de quando fora escrito. Tante Cecile só sabia dizer que Isabeau aparecera para ela num sonho e lhe dissera onde encontrá-lo. O livro informava o seguinte: o aniversário de seiscentos anos do Massacre do castelo Deveraux seria na próxima Lua cheia, Lua do Mel, e dizia algo que Holly, Amanda e Nicole não paravam de ponderar:

Aqueles em quem mais confiei foram os que me traíram.

E o mais estranho de tudo era que o último ano do colegial ainda estava em curso. Como se alguém desse baixa em todos os eventos que mais importavam para elas, as primas teriam seu grande dia na escola. Foram à festa de formatura com Tommy Nagai de acompanhante. Em seguida, viriam os últimos dias de abril, época da encenação da peça do colégio…

…E Jer Deveraux, líder da Confraria Rebelde, não conseguia acreditar que Nicole e as primas pudessem agir como se suas vidas fossem normais.

Talvez eu seja o único que tenha que abdicar da vida normal, pensou, *porque minha vida nunca foi normal.*

Nesse meio-tempo, Kari enfim lhe confessou sua troca de e-mails com a Dama do Círculo, e o interesse dela no "Bruxo", e ele teve alguma esperança:

Jer: E aí, Dama do Círculo? Aqui é o Bruxo.

Dama do Círculo: Olá. Ouvi falar muito de você.

Jer: Acho que você me conhece muito bem.

Mas a Dama do Círculo não revelaria sua identidade e admitiria que era mãe dele. Jer estava louco para perguntar diretamente, mas o momento era muito perigoso. Ela já se arriscara demais entrando em contato com Kari e evitara suas investidas como um rato fugindo do gato. Então, ele assumiu o risco, contando para ela tudo o que sabia, e, enfim, a única coisa que ela lhe disse foi:

Dama do Círculo: As meninas de quem você fala estão correndo grande perigo e talvez morram na próxima Lua cheia.

E foi com essa informação que ele trabalhou, levando-a ao conhecimento de sua Confraria, discutindo-a com Dan.

Sob a orientação de Dan, em sessões particulares na "sala de suar", Jer descobrira a parte da história de sua família que o pai mantivera em segredo.

O castelo Deveraux era magnífico e aterrorizante, negro como as penas de um corvo e desalmado como um demônio. Espalhava-se ao longo do chão, seu centro entranhado na terra, somente as torres apontando para o céu. Para os apavorados habitantes do vilarejo, era o mal materializado, a residência do próprio Diabo. Ainda assim, essas não eram coisas ditas, nem mesmo entre marido e mulher, nas noites em que se deitavam à lareira e ouviam o barulho do vento do lado de fora. E, se, ao meio-dia, vultos estranhos dançassem sobrevoando o castelo, benziam-se e corriam para seus afazeres, lábios fechados, silenciosos de medo.

Se o castelo era corrompido pelas pessoas que viviam nele ou pelo mal se esgueirando do lado de fora, ninguém sabia dizer. A origem da família Deveraux, assim como a de seu castelo, era desconhecida, mas datava de muitas gerações perdidas no tempo. O homem mais velho da vila, o estranho ferreiro local, só se lembrava vagamente de histórias ouvidas na infância, setenta verões antes. Agora cego e inativo, vivia dentro da própria cabeça, esperando a morte do corpo, tentando lembrar-se das coisas sobre o castelo que lhe haviam sido sussurradas. Sussurros que ouvira do irmão mais velho.

No dia seguinte, o menino mais velho fora encontrado morto, despedaçado por lobos que o haviam arrastado da cama até a floresta. Duas histórias diferentes foram ouvidas pelo homem idoso naquela noite, tantos anos atrás. Uma dizia que o demônio erguera o castelo com pó e o próprio sangue no topo da colina mais alta para levar até lá seus escolhidos. A outra história assustara mais ainda o velho, mas agora não conseguia mais se lembrar, por mais que quisesse.

As paredes eram fortes, construídas com pedras escuras que não refletiam a luz do Sol, a engoliam na escuridão. Ainda assim, podia ser visto a grande distância, em sua aparência monstruosa. Podia ser visto de um monastério distante, através de uma janela da capela. Muitos foram os padres, jovens e velhos, que sentiram calafrios ao olhar para o castelo, em vez de encarar a Virgem para quem rezavam.

Os Deveraux eram ricos e muito bem-relacionados, suas conexões muito além dos humildes padres. Mesmo assim, era difícil ignorar a maldade que sentiam jorrar daquele lugar e deixar de escutar os estranhos ruídos — às vezes, entreouvidos já em noite alta, quando nenhuma boa alma deveria estar acordada. Em algum momento, algo seria dito, e foi. O bispo era simpático, tranquilizador e tinha uma solução. Durante um feriado, uma linda janela de vidro e metal foi colocada na humilde capela. Uma barreira entre os bons padres e o demoníaco castelo Deveraux. E, apesar de intrigados, os bons sacerdotes ficaram um pouco aliviados, mais do que gratos. Afinal, não faziam ideia de que o dinheiro utilizado para o pagamento da janela era proveniente do próprio castelo, cuja visão destinava encobrir.

A vida seguiu para os padres, que se sentiam muito mais resguardados com a presença da janela. Seus verdes e vermelhos brilhantes os confortavam e protegiam. As cores eram um escudo contra o mundo lá fora, mantendo-os e ao seu conhecimento, sua fé, seguramente trancados no monastério. E lá numa noite escura de outono, enquanto rezavam a missa da meia-noite, a janela e suas cores vibrantes impediram que vissem o fogo que tomava conta do castelo Deveraux.

Mas sabiam que estava pegando fogo. Mulheres, crianças e soldados Deveraux… os sacerdotes sabiam que todos morreriam naquela noite, sob o comando dos Cahors.

Rezaram com fervor pelo seu sucesso. Rezaram para que os Deveraux fossem completamente dizimados.

Então, a Virgem Abençoada se voltaria contra os Cahors e faria com que experimentassem o gosto das chamas também… o fogo e a eternidade do inferno por suas bruxarias…

Dentro do castelo todos dormiam, ou deveriam estar dormindo. Nas cocheiras, um cavalo relinchou, assustado por um demônio que só ele podia ver. Um tratador exausto deixou sua cama para acalmar o animal. Seu filho, um menino de 5 anos, olhou para o pai com olhos sonolentos. A criança estava aninhada na barriga de um cavalo, buscando seu calor, a pata dianteira servindo-lhe de travesseiro. O cavalo também levantou a cabeça, as orelhas movendo-se nervosas.

— Voltem a dormir — ordenou Pierre ao filho e ao cavalo. Os dois voltaram a abaixar suas cabeças e fecharam os olhos.

O tratador trabalhava naquela cocheira desde a idade do filho. Era o chefe dali havia mais de dez anos. Nada que os animais fizessem o surpreendia. Aliás, nada que seus patrões fizessem o surpreendia também. Vira e ouvira muitas coisas ao longo dos anos, nada que fizesse um subalterno fugir para se esconder. Orgulhava-se de sua coragem e de sua lealdade. Aquele era um bom emprego, e ele podia seguir sua vida se ficasse de boca calada. Lábios frouxos eram os responsáveis pela posição que ocupava agora. Lábios frouxos do funcionário anterior. O homem falava demais, e quando foi encontrado morto, esmagado pelos cavalos, Pierre jurara não cometer o mesmo erro.

Atravessou devagar o corredor de baias, cuidadoso o suficiente para não acordar os que dormiam e barulhento o bastante para chamar a atenção dos cavalos já acordados. Parou do lado de fora da baia de Trovão. O garanhão era agitado, e Pierre pensou ser ele o causador de todo aquele barulho. Mas o cavalo dormia profundamente, roncando baixinho.

O relincho soou de novo, vindo da última baia, e Pierre sentiu um arrepio na nuca ao se mover em direção à cabeça escura do cavalo Philippe. Os olhos do animal estavam selvagens, e ele empinou quando Pierre tentou tocar seu focinho. Philippe era o cavalo mais manso dali, o mais confiável, o mais afável, o animal que Pierre podia jurar ser capaz de ver e ouvir coisas fora do alcance das pessoas.

Em vez de se acalmar com sua presença, Philippe ficou ainda mais agitado, escoiceando a baia, a boca espumando de ansiedade. Pierre sentiu um nó na garganta quando o medo do cavalo se comunicou com ele. Alguma coisa estava terrivelmente errada. Escutou algo atrás de si, não era exatamente um som, mas uma sensação que o deixou intrigado.

Virou-se e tentou buscar ar para soltar um grito.

E enquanto engasgava, morrendo ali, sobre o feno, a esposa Cahors do jovem Jean, a senhora Isabeau, olhava para ele com pena. Então fez sinal para um jovem vestido de preto e prata e disse ao assassino Cahors:

— Vá com a proteção da Deusa. — E o Massacre começou.

— O Fogo Negro — disse Jer, ofegante, para sua Confraria. — Fizeram isso porque nós não compartilharíamos o segredo do Fogo Negro... todos pensaram que ele havia se perdido com a morte de Jean... Minha morte... mas eu não morri... fui para a Normandia... encontrei outros como eu... fomos perseguidos... a "italiana" quase nos dizimou... fomos para a Inglaterra... e ali encontramos descendentes dos Cahors e os seguimos... Quebec, Nova York, Pensilvânia...

— *Isso, isso* — sussurrou Laurent, entrando num lugar fortemente protegido aonde Eli e Michael não podiam ir. — Sim, eu vejo. Vejo o que meu filho viu. *Eu sei.* — O cadáver em decomposição do nobre observava seus dois seguidores, Deveraux pai e Deveraux filho, e disse: — *Enfim, compartilharei o segredo. O segredo do Fogo Negro. E vamos usá-lo na Lua do Mel para destruir os Cahors, para sempre.*

— E meu outro filho? — retrucou Michael.

Laurent encarou o homem.

— *Por acaso você não tinha pensado em fortalecer os poderes dele jogando-o contra você?*

Eli olhou para o pai.

— Funcionou, não foi? No afã de proteger aquelas três bruxas, ele acabou aprendendo o segredo do Fogo Negro, não foi? — disse Michael, rindo.

— *Se ele puder ser trazido de volta ao nosso grupo, talvez sobreviva* — ponderou Laurent.

— Todos nós sobreviveremos — disse Michael, vago. — Sei agora que você precisa de nós, duque Laurent. Temos forma e volume neste mundo, você não. Então...

— *Vamos ver. A Lua do Mel nos dirá a verdade* — disse o fantasma Deveraux, rindo.

As três primas discutiam a possibilidade de deixar a cidade na Lua do Mel. Então, Tommy apareceu na casa delas, sem ar, assustado, e disse:

— Achei isso na minha cama quando cheguei em casa hoje depois do colégio.

Era um bico de pássaro enrolado em hera, com um bilhete que dizia: *Entregue isso para Holly se quiser que ela continue viva.*

Do outro lado do bilhete estava escrito:

Cumprimentos à Líder da Confraria Cahors do Líder da Confraria Rebelde.
Vámos lá. Nós vamos mostrar como vamos ajudar vocês.
— J.D.

— Foi o Jer ou o Jean quem escreveu esse bilhete? — perguntou Amanda.

— E podemos confiar nele? — questionou Nicole em voz alta. — Isabeau traiu Jean, e ele jurou vingança. Ele segue Isabeau no tempo e no espaço, e não tenho certeza do que vai fazer se eles se encontrarem de novo. Ainda mais na Lua do Mel. Agora ele é Jer, não Jean.

E ele me ama, pensou Holly. *Ama?*

As três se entreolharam, inseguras, depois olharam para Holly.

— Você é a mandachuva, Holly. O que você mandar, nós faremos — disse Tommy.

— Nós? — perguntou ela, olhando para ele, as sobrancelhas erguidas.

— Ei, fui seu parceiro de laboratório. Nada pode ser mais assustador que isso. Acho que isso agora não é… nada demais.

— Valeu, Tommy — disse Holly, calorosa. — Precisamos de toda ajuda possível.

Então, era hora de o jogo começar. Estava dada a largada.

Na Lua de Mel, Holly e Amanda sentaram-se com tio Richard no auditório fortemente protegido por amuletos, para assistirem à estreia da peça de Nicole. Os nervos a flor da pele, todos os sentidos em alerta.

Tante Cecile telefonara três dias antes para dizer que estava a caminho do aeroporto e chegaria em breve.

Não houve notícias dela desde então.

— *…cortando gargantas estrangeiras, rupturas, emboscadas, lâminas espanholas, arbustos de raízes profundas; então, um rufar logo chegará a seus ouvidos e ele acordará…*

Holly endireitou o corpo, o coração aos pulos de medo. Amanda a cutucara.

— Transe? — sussurrou Amanda e Holly se apavorou.

— Sei lá — balbuciou.

— *…assustada, reza uma oração, ou duas. E volta a dormir.*

O ator que representava Mercúrio estava de fato dizendo aquilo.

— É *coisa da fada noturna que trança a crina dos cavalos durante a noite*.

Cavalos. Lembrou-se de uma cocheira cheia de cavalos e gente. *Não em São Francisco. Em outro lugar.*

O castelo Deveraux.

Seu coração acelerou. Transpirava de pavor.

— *Minha mente suspeita de que alguma consequência, ainda em mãos das estrelas, dará amargo início a seu encontro temerário com os prazeres da noite* — declamou Romeu com gravidade.

— Não se eu puder evitar — sussurrou ela.

Amanda assentiu com a cabeça e voltou os olhos para o palco, onde Nicole logo entraria em mais uma aparição como Julieta. Do outro lado de Amanda, Richard estava em silêncio, mas Holly podia ver que lágrimas escorriam pelo rosto do tio. Tommy estava nos bastidores, fazendo seu trabalho de contrarregra. Elas não se deixaram enganar por seu repentino interesse pelo teatro, imaginando que estava apaixonado por Nicole e que aceitara o trabalho para estar mais perto dela — uma ideia magicamente encorajada por Holly.

Nicole estava maravilhosa como Julieta. Interpretava com graça, e a paixão que saía de seus olhos fazia com que seu rosto inteiro ficasse radiante.

— *Meu único amor surge do meu ódio! Tão cedo desconhecido, e reconhecido tão tardiamente! Prodigioso nascimento do amor para mim, este que devo devotar a meu odiado inimigo* — declamou Nicole no palco.

— Isso é tão estranhamente apropriado — murmurou Amanda. — Está me dando nos nervos de verdade.

— Sei o que está sentindo — sussurrou Holly em resposta. — E eu…

Então, mergulhou na escuridão e…

Isabeau abriu a porta para outros assassinos, depois, retirou-se para seu quarto. Em breve, seus parentes chegariam e virariam seu mundo de cabeça para baixo. Mas ela tinha um plano. Trairia a família, sua mãe, talvez a si mesma, mas jurara fazê-lo. Fora um juramento verdadeiro, não a mentira proferida ao tocar o sangue do cordeiro morto, ao lado da mãe. Não importa o que acontecesse, Jean precisava viver.

Servos estavam à espera na beira do rio, prontos para ajudá-los a fugir assim que possível. Paciência, dizia para si. Logo poderiam começar uma vida juntos, criariam a própria Confraria e encerrariam a violência e o ódio de seus parentes. Seu amor era forte, brilharia como uma luz-guia e atrairia outras pessoas. Juntos, forjariam um legado duradouro.

Um passo no corredor a alertou. Aguçou os ouvidos, já era hora? Não, era um empregado que trabalhara até mais tarde e agora corria para a cama, para dormir. Se fosse o desejo da Dama do castelo, talvez ele acordasse de novo, mas os mestres dele não.

Suas mãos tremeram, e ela as enlaçou sobre o próprio colo, tentando se acalmar. Só teria uma oportunidade, uma esperança. Tudo deveria correr exatamente como planejado. Um movimento

precipitado poderia levar ao desastre tardio, a morte certa ao amado Jean. Portanto, esperou, pronta, ansiosa e alerta.

A sensação de urgência começou a pressionar mais e mais Holly. Flagrou-se remexendo na cadeira, apenas uma parcela de atenção devotada ao lamento da prima pelo tempo impiedoso enquanto esperava notícias de seu amor. Holly sentia-se duas, uma que pertencia ao exato lugar em que estava, o auditório de um colégio, assistindo a prima em *Romeu e Julieta.* A outra…

Isabeau se levantou, os ouvidos atentos aos gritos masculinos assustados. Apertou o pequeno frasco de magia em sua mão. Chegara a hora! Lutou contra a urgência de correr para assistir à batalha; em breve, a guerra chegaria a ela e a consumiria junto com Jean caso não agisse com rapidez e inteligência.

Ao chegar às escadas, deu-se conta de que seus parentes também eram espertos. Se tinham acabado de ser descobertos é porque já deveriam estar ali há horas. O pensamento fez com que seus pés ganhassem asas, e ela correu para os aposentos de Jean. Murmurou um juramento durante o caminho. Drogara-o para que dormisse até que ela chegasse para revivê-lo. Sabia que colocara ervas o suficiente na sua bebida noturna para que dormisse duas noites, portanto, onde estava ele? De repente, uma flecha em chamas passou raspando pela sua orelha e aterrissou na cama coberta por peles. O fogo se alastrou com rapidez, e a fumaça tomou conta de seus pulmões.

Holly começou a tossir e outras pessoas a seguiram. Seu nariz começou a coçar. Alguém deve estar fumando. Olhou em volta, irritada, perguntando-se quem faria isso. Não viu ninguém, mas o cheiro estava ficando mais forte. Agora, mais gente olhava em volta buscando a fonte da fumaça. De repente, alguém gritou:

— Fogo!

Isabeau pôde ouvir várias vozes se sobrepondo aos gemidos vindos de baixo. Jean não era um deles. Reconheceria seu grito em meio ao vozerio de centenas de pessoas. Lançou um último e frenético olhar pelo quarto antes que a fumaça a empurrasse em direção à porta. Quando se virou para sair, uma labareda atingiu a barra de sua roupa. Apagou-a depressa e abriu a porta, antes que tomasse conta de seu vestido. Percorreu cada um dos quartos, checando-os um a um. Em algum momento, começou a gritar o nome dele, esperando desesperada que ele escutasse e respondesse.

Por fim, encaminhou-se de volta à cocheira, onde as chamas já consumiam o tratador e os animais. Algumas palavras e as portas se abriram diante dela, fechando-se logo após sua passagem. Nenhum perseguidor poderia segui-la, nem aqueles em busca de segurança.

Depois, chegou ao jardim e correu de volta à entrada principal. Em toda parte, homens caíam no chão, vítimas de flechas ou fogo. O cheiro de cabelo e carne queimados era pior do que o da fumaça, e Isabeau viu-se forçada a diminuir o passo, com falta de ar. Mesmo assim, seguiu

adiante o mais rápido que pôde, enquanto seu peito, seu corpo inteiro, agitava-se em revolta.

Voltou ao corredor principal e tentou mais uma vez chamar por Jean. A fumaça queimava-lhe os pulmões e suas palavras não passavam de sussurros. O tempo se esgotava, e ela lutava contra o pânico que crescia dentro de seu corpo. Iria encontrá-lo, precisava encontrá-lo.

Virou-se e cambaleou até a cozinha. Lá, os fornos, grandes o bastante para assar um boi inteiro cada, queimavam, fora de controle, as chamas se adiantando, saindo das entranhas do conteúdo cavernoso. Não viu sinal dos cozinheiros nem de seus assistentes, e desejou que estivessem longe, em segurança. Um cheiro metálico se misturava no ar à fumaça do metal das panelas que derretiam nos fornos.

Saiu da cozinha e desviou-se de uma figura em chamas, atravessando o corredor. Soluçou de frustração enquanto o fogo dava vazão a gritos de agonia vindos de todos os lados. Dentro e para além daquelas paredes incendiadas, seus parentes botavam abaixo o castelo Deveraux. Com ódio no coração, massacravam os homens da Confraria Deveraux. Fora feito um acordo, e ela ajudara como pudera. Ninguém sabia de sua barganha particular com a Deusa, para que lhe poupasse o marido e os dois pudessem escapar.

Cerrou os punhos ao chegar lá fora, nos muros do castelo. As labaredas iluminavam a cena com a claridade de um dia de Sol. Gansos, todos em chamas, se reviravam e gritavam à morte. Ovelhas tombavam, sua lã incendiada. Nada disso fazia parte do acordo. Então, ela viu seu parente, seu tio Robert, erguer-se acima de Petite-Marie, filha de uma Confraria nobre da França, enviada ao castelo Deveraux para aprender como se tornar uma grande dama. A pobre criança estava ali deitada, inerte diante da morte, a saia rasgada, as pernas descobertas. Enquanto ela chorava, o tio de Isabeau desembainhou sua espada e a ergueu com as duas mãos acima da cabeça, preparando-se para cravá-la no coração da criança inerte.

— Non! — gritou Isabeau o mais alto que pôde. Robert olhou para ela, sacudiu selvagemente a cabeça e enterrou a espada no coração de Petite-Marie. O sangue espirrou no ar, e Isabeau correu até ele, socou-o violentamente nos ombros e no peito, chutando-o, ignorando o esguicho de sangue.

— Isso não fazia parte do acordo! — gritou para ele. — Só os homens! Minha mãe disse que seriam apenas os homens!

— Vágabunda! — ecoou uma voz que Isabeau conhecia muito bem.

— As portas estão trancadas! — Foi o grito histérico da primeira pessoa a alcançar a porta de saída. Holly se levantou, agarrando o braço de Amanda e a mão de tio Richard, e se encaminhou na direção do palco, enfrentando a multidão que de repente tentava escapar do auditório.

— Por que o dispositivo automático de água não disparou? — gritou Holly.

— Magia? — respondeu Amanda aos gritos.

— Meninas, vocês estão indo na direção errada! — alertou tio Richard.

— Temos que buscar a Nicole! — gritou Holly para Amanda. — Há magia aqui, posso sentir! — Não sabia se Amanda a escutara, mas a prima enfim a alcançou.

O tio de Holly era outra história; ele começou a puxar as duas em direção à saída mais próxima, dizendo:

— Fiquem atrás de mim.

Com uma agressividade que Holly nunca vira no tio, Richard começou a empurrar as pessoas para fora de seu caminho enquanto checava por cima do ombro se as meninas o seguiam. Era como um leão protegendo suas crias.

— Temos que fazer alguma coisa — disse Holly para Amanda.

— Não entrem em pânico — falou tio Richard. — Vou tirar vocês daqui.

As duas se entreolharam; então, deram as mãos e Holly murmurou um Encantamento de Persuasão em latim arcaico. E acrescentou:

— Tio Richard, vá lá para fora. Estamos em segurança com você.

Ela libertou a outra mão. Amanda fez o mesmo, e Richard seguiu em frente, pelo visto sem perceber que as duas não estavam mais atrás dele.

No meio do caminho até o palco, encontraram Nicole, debatendo-se contra a multidão. Estava sem ar, o lindo figurino todo rasgado.

— Você acabou de morder uma pessoa? — perguntou Holly para a prima.

Amanda fez uma pergunta bem mais importante:

— Cadê o Tommy?

As três correram para os bastidores.

Um grito medonho ecoou quando um pilar de fogo surgiu, exatamente onde estavam. O calor tomou conta de Holly, queimando-lhe a pele. Ela se lançou às cegas para frente, tentando se afastar o máximo possível das labaredas famintas. Com o coração na boca, como um pássaro assustado, cerrou os punhos e sentiu uma onda de poder crescendo dentro de si.

Amanda chegou ao palco um segundo antes delas. Subiu e desapareceu antes que Holly pudesse impedi-la. Nicole também subiu ao palco, e Holly a seguiu. Mas parou de imediato, ao ouvir o canto de Nicole.

Parecia um Encantamento de Proteção. Precisariam de muita proteção, mas não tanto quanto Jer ou as pessoas que se debatiam em busca da saída do auditório. Holly teve um *flashback*. Lembrou-se da imagem de Isabeau correndo pela cocheira em chamas, das portas trancadas atrás dela, encurralando todos lá dentro.

Olhou de novo a multidão. Cinco minutos antes, estavam assistindo aos amigos, filhos e netos numa peça. Nenhum deles pedira aquilo. Nenhum deles poderia esperar aquilo. Estavam apenas vivendo suas vidas quando foram atacados.

Jer fizera isso. Pedira que elas ficassem e que entrassem no jogo, que fizessem sua parte…

Enquanto olhava tudo aquilo, Amanda reapareceu carregando Tommy. Ele tinha queimaduras e tossia, mas parecia bem. Holly gesticulou para um homem que pegava fogo. Corria como louco em círculos enquanto três homens tentavam derrubá-lo no chão para tentar apagar as chamas. Cego de dor, ele os combatia, sem

se dar conta de que tentavam ajudar. Nunca saberia quão perto de ser salvo das chamas estivera ao espantar os outros.

— Está acontecendo tudo de novo! — gritou Holly. — O massacre! Essas pessoas, é nosso dever *proteger* essas pessoas! Não podemos deixar ninguém morrer. Temos que impedir.

As três meninas deram as mãos ao mesmo tempo em que a cortina de fumaça engrossava.

— Abra os olhos daqueles que não enxergam, abra as portas e os liberte — disse Holly.

Ela podia sentir a magia dentro de si, as mãos coçando, entrelaçadas às das primas. De repente, todas as portas do auditório se abriram, e a fumaça se dissipou o suficiente para que as pessoas enxergassem a saída e se dirigissem para o lado de fora. A distância, podia-se ouvir o som de sirenes. Os bombeiros estavam a caminho.

— Tommy, vá lá ajudar. Garanta que as pessoas saiam e, o mais importante, que você saia — instruiu Amanda.

Ele olhou para uma e para outra antes de assentir com a cabeça, concordando com certa relutância. Sem mais uma palavra, desceu do palco e desapareceu na multidão.

Holly sentiu um calafrio. Agindo por instinto, saltou para o lado, puxando as primas. Chamas surgiram mais uma vez no lugar onde tinham acabado de estar.

Nicole, com calma, apagou as chamas do próprio cabelo.

— Bem, meninas, vamos continuar.

— Ótimo, mas estamos procurando dentro ou fora? — perguntou Amanda.

Holly escutou um sussurro dentro da cabeça. Muito baixinho, precisou se esforçar para escutar; ignorou a discussão entre as primas e tentou bloquear todos os sons que não fossem aquele. Ouviu de novo.

— *Dentro.*

Mas seria uma armadilha ou um conselho?

Não percebeu que falara em voz alta até que Amanda concordou.

— Nos bastidores — acrescentou Holly. Partiu, e as outras foram atrás dela. Não sabia para onde estava indo, mas não precisava se preocupar com isso. A voz dentro de sua cabeça era mais clara agora e indicava o caminho. Logo chegaram no ateliê da cenografia e entraram num cômodo grande. Passarelas penduradas no teto, em meio a prateleiras suspensas que guardavam material não utilizado, eram sustentadas por correntes usadas também para baixá-las quando necessário.

As três meninas foram até a porta no fim do cômodo, mas uma voz vinda de trás as fez parar.

— Muito bem, o que nós temos aqui? Três cadelas Cahors. Muito bom ver vocês de novo, senhoritas.

Holly virou-se depressa e viu Michael Deveraux no umbral da porta.

— Obrigada, mas preferimos que nos chamem de bruxas, mesmo — retrucou Nicole enquanto concentrava-se e lançava uma onda de energia contra o bruxo.

Michael levantou a mão de maneira casual e devolveu a onda de energia de Nicole com uma força duas vezes maior. Atingiu-a no peito, deixando-a estirada no chão.

— Viu, Eli? Magia não é só uma questão de feitiços e poções, mas também de física. Você joga uma coisa na parede, ela volta para você com o dobro da força.

Holly se virou e viu Eli recostado no umbral da porta.

— Bom trabalho.

— Isso só funciona se você for uma parede — disse Holly, enquanto um raio disparou de seus dedos em direção a ele. As outras duas meninas olharam para ela. — Mãos dadas — ordenou.

Michael capturou a onda elétrica com facilidade, e ela estalou em seus dedos. Ele passou a onda de mão em mão, de vez em quando formando um arco de energia.

Ele olhou para as meninas com um sorriso.

— Ah, desculpe, você quer isso de volta? — ofereceu, movendo suas mãos como se estivesse prestes a jogar uma bola. — Ou talvez eu deva dar à sua prima? — disse, antes de lançá-la em direção à já enfraquecida Nicole.

— Não! — gritou Amanda antes de jogar-se na frente da bola. Quando a energia a atingiu, todo o seu corpo acendeu por um instante, até que sua cabeça se assemelhasse à de um esqueleto. Holly assistia aterrorizada enquanto Amanda caía ao chão, inconsciente.

— Isabeau, precisamos da sua ajuda — murmurou.

Michael e Eli aproximaram-se lenta e sorrateiramente. Pilares de fogo dançavam atrás, como se fossem demônios recém-saídos do Inferno.

— Acho que você não vai poder me impedir — disse Michael, incapaz de conter a felicidade.

— Mas eu posso — disse uma voz, vinda do alto.

Jer estava de pé na passarela acima. A espada em sua mão refletiu a luz. Holly se alegrou ao vê-lo. Estava magnífico, enraivecido e perigoso.

— Esperava que se juntasse a nós, Jeraud. Nem preciso dizer o quanto estou decepcionado — gritou Michael.

— Na verdade, você vai ver que era *você* quem devia ter se juntado a *nós.*

Saindo das sombras, Eddie, Kialish e Kari apareceram nas passarelas. Kari saltou para o chão e se juntou a Holly e suas primas enquanto Eddie e Kialish deram as mãos e começaram a evocar um feitiço. Como se fossem simples velas, as chamas atrás de Michael e Eli se extinguiram. Surpreso, Michael arregalou os olhos.

Holly sentia as chamas morrendo por todo o prédio. Tentou concentrar suas forças no feitiço também, mesmo não conhecendo as palavras usadas pelo filho do xamã e o namorado dele.

Kari aproximou-se de Amanda e Nicole e, quando se levantou, quase caiu. Holly a agarrou e reparou na palidez de seu rosto. Antes que pudesse perguntar a Kari o que estava errado, Nicole e Amanda se levantaram. Estavam fracas, mas conseguiram ficar de pé.

— Dei um pouco da minha energia para elas — explicou Kari. — Precisamos delas.

Holly assentiu, e as quatro deram as mãos.

Michael e Eli começaram um encantamento; um encantamento que Holly conhecia.

Estavam invocando o Fogo Negro.

— Não! — gritou Holly.

Não, ecoou Jer.

Murmurando um Encantamento de Proteção, pulou da passarela. Foi atingido por uma rajada de velocidade incrível, depois sentiu o impacto doloroso ao cair sobre seu pai, que dizia as palavras profanas do encantamento com Eli. Pai e filho desabaram no chão, enquanto Eli saía da reta. Jer foi o primeiro a se levantar, sem um arranhão.

Socou o rosto do pai; o bruxo pegou a mão de Jer e a torceu, dando-lhe uma rasteira com a perna direita. Então, deu vida a uma bola de fogo e a lançou na direção do rosto do filho.

A dor foi horrível, mas Jer logo anulou o feitiço com outro, ensinado por Dan. Preparou-se para um ataque fulminante, lançando-se em direção a Michael e o jogando no chão. Ouviu seu irmão proferir encantamentos, tentando criar uma bola de fogo própria, e imaginou que estaria morto em segundos…

— Peguei! — gritou Eddie enquanto atacava Eli.

Jer manteve o foco em seu pai. Não sabia se seu amigo — agora companheiro de Confraria — conseguiria dar conta de Eli, mas não podia arriscar tirar os olhos do pai.

Mas quando se lançou sobre Michael, percebeu que o bruxo mais velho havia armado uma barreira entre eles. Uma parede de luz verde e suave os separava. Jer correu em direção a ela com os dois punhos cerrados, levantando-os sobre a cabeça e batendo-os com muita força contra a névoa brilhante, mas era como bater numa parede de vidro à prova de balas. Em seguida, Jer conjurou um feitiço para quebrá-la.

Michael apenas sorriu. Depois, fechou os olhos e continuou o encantamento para trazer o Fogo Negro de volta à vida.

— Não! — berrou Jer. — Pare!

Sem interromper o ritmo, Michael sorriu, triunfante.

— Jer! — gritou Holly.

O Fogo Negro surgiu numa explosão no meio da sala. Chamas negras e selvagens de calor e destruição lançaram-se no ar. As correntes de sustentação das passarelas pegaram fogo; a madeira foi consumida num instante, como se fosse cabelo.

Todos se espalharam; Kari se jogou debaixo de uma mesa de refrescos, derrubando-a. Nicole segurou Amanda e se lançou com a irmã ao chão, uma agarrada na outra. Holly se juntou a elas.

As três deram as mãos.

— Precisamos de um feitiço. Temos que lutar contra isso — disse Holly. — Vamos todos morrer.

Eli estava perto demais do fogo. As chamas se lançando sobre sua cabeça como uma onda no mar. Em pânico, ele caiu de joelhos e ergueu os braços.

Jer viu a pele de seu irmão carbonizar-se num instante. E então…

Eli abriu os braços e gritou palavras ao holocausto de fogo. Do centro das chamas, asas imensas se abriram; o choro de um falcão emudeceu o rugido do Fogo Negro…

E um pássaro se materializou, seu bico enorme, suas garras ainda maiores; era preto-azulado, magnífico; um fantasma, mas com forma, tamanho, peso. Pegou o bruxo em chamas com suas garras, rinchou três vezes e desapareceu.

Embasbacado com o que vira, Jer esqueceu seu pai por um instante. Michael dissolveu a barreira e socou com força o maxilar do filho, jogando a cabeça de Jer para trás, e o jovem caiu no chão, quase desacordado. Michael prendeu-o ali, numa careta maligna, e ergueu a espada de Jer sobre o próprio filho.

— Seu pavãozinho convencido! — gritou Michael. — Devia ter deixado Sasha levá-lo!

Jer esperava a espada, tentando recuperar as forças e pensando se seria capaz de bloqueá-la. Mas, naquele momento, o fogo duplicou de tamanho. Os olhos de Michael se arregalaram. Largou a espada e começou a se afastar devagar antes de se virar e correr.

Então Holly agiu, reunindo forças. Sem largar as mãos das primas, as suas cintilavam de energia mágica.

Temos que aguentar firme, fazer deste o nosso momento, marcar posição, quebrar o encantamento, a maldição. Temos que aguentar firme…

…está tão quente; estou com tanto medo…

Não conseguiremos pará-lo, pensou Jer. *É poderoso demais.*

Jer cantarolou um encantamento e conseguiu ficar de pé. Línguas de Fogo Negro atingiam o teto do teatro; ondas escuras de calor alcançavam todas as superfícies que as chamas conseguiam tocar.

— Saiam daqui! — gritou Jer para quem pudesse ouvir. Partiu para cima de Eddie e Kialish, tentando fazê-los ir embora. Enviou um feitiço na direção de Kari, para fazê-la buscar a saída.

Mas o Fogo Negro o atraía, o chamava…

Ele também iria embora, depois de olhar as chamas uma última vez.

O ruído, o calor entorpecente lançou-se na direção de Holly, de pé ao lado das primas. Lançou-a, e só a ela, nas suas entranhas. Diante do horror das primas, seu corpo carbonizava.

— Holly!

Jer se lançou às labaredas…

…mas foi Jean quem parou a alguns centímetros do fogo, assistindo num misto de fúria e prazer enquanto as labaredas a consumiam.

— Que aconteça mais uma vez. Que ela queime — sussurrou Jean. Mas ela era parte dele, no amor e no ódio. Era sua, para proteger ou matar. Era sua e nada a tiraria dele desta vez. Adentrou o fogo e juntou suas mãos às dela.

— O que você está fazendo? As chamas vão matá-lo! — gritou ela.

— "*Tenho mais vontade de ficar do que de ir. Que a morte seja bem-vinda! Meu amor assim o deseja.*"

Os olhos de Holly voltaram-se para as suas mãos juntas, e ela deixou escapar um soluço. Quando ergueu a cabeça, era Isabeau quem olhava para ele com olhos sedentos.

— Eu amo você. Perdão — sussurrou, enfim capaz de dizer as palavras desejadas.

Jean assentiu com a cabeça.

— Eu sei.

E na tomada do castelo Deveraux, na fogueira de ódio, ruína e maldade, Jean e Isabeau não queimaram. Permaneceram deitados, ele sobre ela, mas não sucumbiram ao fogo.

Até que um dos guarda-costas de Jean avistou-os e tirou seu patrão das chamas…

…e Isabeau foi carbonizada num momento agonizante e pavoroso; debatia-se ao morrer, e gritava o nome dele.

Jean! Jean!

— Morra, bruxa Cahors! — exclamava o guarda-costas.

E então, o símbolo de sua família foi gravado na palma de sua mão, para que todos que vissem seu espírito soubessem que era uma traidora…

Jer sentia as labaredas lambendo seus corpos, famintas, apaixonadas, raivosas. Mas as chamas externas não podiam nada contra as chamas interiores. Sentiu um poder enorme se avolumando dentro do corpo, cercando-o, unindo-o a ela, até que seu amor, sua magia, os salvasse. Podiam permanecer no incêndio para sempre se

estivessem juntos, não sofreriam injúria alguma.

Jer inclinou a cabeça para trás e cantou em francês.

Sem aviso, o telhado começou a ceder. Grandes pedaços caíam como bombas, a estrutura do prédio se desintegrando. A fumaça do Fogo Negro continuava sua jornada ascendente, ameaçando queimar o céu, tomando a forma de um crânio, que gargalhava como uma plateia medonha.

De repente, Holly foi jogada para trás, suas mãos separadas das dele. Esbugalhou os olhos, apavorada.

— Não! — gritou. — Deixe-me! Ele vai morrer se você não me largar!

E Jer deu um passo à frente, mas uma dor lancinante impediu-o de continuar. Seu corpo estava em chamas. Cada nervo gritando de agonia indizível. Suas mãos, seu rosto… tudo queimava como papel. Sentia a pele derreter, desgrudar-se do corpo, e suas pernas aos poucos entraram em colapso.

Ela me abandonou ao fogo, e eu vou morrer. Isabeau terá sua vingança.

Era o fim.

Seja bem-vinda, morte. Holly também deseja isso…

Aos gritos, Holly tentou se libertar das mãos de Nicole e Amanda, mas não conseguiu.

— Ele a enfeitiçou! Você vai morrer com ele! — exclamou Amanda.

— Não! Essa é a maneira que tenho de salvar o Jer! — gritou Holly em resposta, lutando, se esforçando… esquecendo-se de usar a magia.

Horrorizada, via a pele de Jer escurecer até que seu corpo entrasse em colapso. O cheiro de carne queimada invadiu suas narinas, até que se tornou o único odor de que se lembraria para sempre.

Então, lembrou-se de seus poderes mágicos.

Numa onda súbita de inspiração, gritou para as primas:

— Sempre chove aqui! Sempre chove aqui, caramba!

— Isso! — respondeu Amanda. — Claro.

Lágrimas quentes escorriam pelo rosto dela quando uniram as mãos.

— Preciso de ajuda, minha ancestral — sussurrou Holly.

A silhueta azulada de Isabeau surgiu e encobriu Holly com seu espírito, mas não foi uma fusão completa como da outra vez.

Se ele morrer, eu descansarei, lembrou-a Isabeau.

— Não! Você vai se odiar — insistiu Holly. — E eu vou odiá-la!

Quanto tempo Isabeau levou para decidir, Holly não fazia ideia. Mas ela conduziu a boca da menina, e as palavras tomaram forma. As primas se seguraram, apesar de a marca em forma de lírio em suas mãos começar a soltar fumaça, queimando-lhes a pele.

Palavras em francês rebuscado de outra época, de outro lugar, atravessaram o Fogo Negro, cercando lá dentro a silhueta que se contorcia. Rápido, *vite, vite*, implorava Holly à ancestral. *O homem que nós amamos está aí dentro.* Je vous en prie, ma mère, je vous en prie… *por favor, por favor… salve-o.*

⋆⋆⋆

O fogo começou a se extinguir.

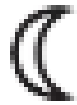
Segundos depois, o restante do prédio começou a desmoronar, e alguém a envolvia com os braços, arrastando-a para fora. Ela gritava o nome de Jer, gritava por…

— Jean! — Debatia-se, histérica. — Jean!

Tarde demais.

Tudo o que sobrara eram cinzas.

EPÍLOGO



Era o fim.

Jer estava morto. O pai evidentemente escapara, e o irmão… quem saberia para onde fora Eli, nas garras daquele pássaro enorme?

Agora, os membros do círculo de Jer se juntavam aos do de Holly, e lançavam, juntos, suas cinzas na Elliot Bay.

Não tinham certeza se eram mesmo as cinzas dele; o teatro inteiro fora destruído. Um escândalo irrompera na cidade, porque os dispositivos automáticos contra incêndios não haviam funcionado: com certeza, inocentes seriam responsabilizados, mas Holly não podia fazer nada quanto a isso.

Ela chorava. Os albatrozes soluçavam e rinchavam, e os outros — incluindo os membros da Confraria Rebelde de Jer — mantinham uma distância respeitosa.

Ainda estou ligada a ele, pensou. *Como Isabeau a Jean. Ela foi condenada a vagar pela Terra até que o matasse, e eu estou condenada a sofrer para o resto da vida…*

Ela desmoronou, completamente sem forças, até que braços fortes seguraram seus ombros.

Era Tante Cecile.

— Hora de chorar, e seguir em frente — disse a mulher. — A magia ainda está em curso. Fui impedida por ela de vir para cá a tempo. Sinto seus efeitos em toda parte. Sua Confraria talvez não tenha tempo para descanso, Holly. — Gesticulou na direção do grupo de Jer. — Você precisa convencê-los de que se unam a você. Você vai precisar deles.

Holly se deixou abraçar e enterrou a cabeça no peito da mulher.

— Não vou… não posso…

— Pode sim… — disse Tante Cecile com firmeza. Fez um sinal, e Nicole se aproximou com Amanda, as duas também envolvendo a prima com os braços.

Devagar, Kialish se aproximou do círculo. Eddie, Kari e Dan o seguiram.

Kialish estendeu a mão, e Holly, aos soluços, pegou-a. Ele a puxou para si, e ela escondeu a cabeça em seu peito. Ele começou a chorar. Eddie se juntou a eles, braços em volta dos dois. Dan veio em seguida.

— Os devotos da Magia Negra comandam sob regras de crueldade e medo. Ele estava aprendendo que existia outra maneira. Se pudesse ter trazido todo esse poder à luz… — disse Dan para Holly.

Não era reconfortante. Nada a confortaria. Sua alma estava aos pedaços, sangrava, e ela não fazia ideia se essa ferida um dia seria curada.

Por um tempo, Kari manteve-se afastada de Holly, tensa. Quando a menina olhou para ela, a mulher a encarou com firmeza e disse:

— Você é responsável pela morte dele, sabe disso. Se ele não se preocupasse com você…

— Deixa a menina em paz, Kari — disse Kialish, duro. — Ela já está sofrendo o bastante.

— E eu? — devolveu Kari.

Virou-se e foi embora.

Londres, Sede da Suprema Confraria

Sir William olhou para Michael Deveraux com ceticismo.

— Então, você quer que eu salve seu filho — resmungou.

Estava sentado num trono de crânios, com o filho, James, ao lado dele de braços cruzados. O rosto de James era de uma neutralidade absoluta, mas falava aos gritos através dos olhares para Michael. Afinal, Michael era seu aliado secreto para destronar o pai, e ele, James, assumiria o trono.

— Isso. Ele sabe o segredo do Fogo Negro.

Isso não era verdade. Depois do incêndio no teatro da escola, Michael ficara sabendo, para seu próprio horror, que ele e Eli não teriam podido dar a luz ao fogo. Não sozinhos. Fora a combinação da presença de Jer com a deles que permitira que se materializasse.

Precisava dos dois filhos vivos. Eli, com um raciocínio rápido, chamara o espírito do falcão da família, Fantasme, e salvara-se. Agora esperava em casa, o rosto ainda queimado, mas a caminho da cura.

— E você promete aliança, sua e de seus dois filhos se eu fizer… essa… coisa permanecer viva.

Sem emoção, Michael olhou para seu filho mais novo, Jeraud. Deitado numa maca de hospital, Jer não parecia mais humano do que uma massa contorcida de carne derretida. Se sobrevivesse, seria um monstro.

Punição conveniente por se voltar contra a própria carne e o próprio sangue, pensou Michael, sarcástico.

— Isso — disse para o mestre.

— Muito bem. E você fará um juramento de sangue em nome disso. — Gesticulou em direção a um seguidor de manto preto para que se aproximasse. O jovem bruxo carregava uma joia rara em forma de punhal sobre uma almofada negra e a estendeu a Michael, que cortou o punho e deixou que seu sangue pingasse sobre a pele queimada do filho.

Ele ainda vai morrer, pensou. E, apesar de estar se referindo a sir William, deu-se

conta de que aquilo também valia para o seu filho. *Mas quando isso acontecer, já terei o que quero.*

Sir William sorriu e inclinou a cabeça à frente, recebendo o juramento com grande formalidade. Michael sorriu internamente, satisfeito com a própria esperteza.

— Muito bem, Michael, líder da Confraria Deveraux. Você jurou aliança a mim — disse com a voz abafada.

Então, suas mãos se moveram para afastar seu capuz e sir William ergueu a cabeça.

Michael respirou fundo e caiu de joelhos.

Diante dele, não estava sir William Moore, mas o Deus Cornífero em pessoa. O Rei dos Infernos, o Senhor das Moscas, o Demônio…

— Sua família agora me pertence — disse o demônio, rindo. — Para *sempre*.

E das ruínas de seu corpo dolorido, Jer Deveraux gemeu:

— Não.

No seu quarto, na casa dos Anderson, Holly sonhava.

Sou Isabeau, sou Holly, e ele…

Ele está vivo, com meus pais, e nós estamos no rio. Tina está rindo…

Olha só como o Sol dança no cabelo dela.

Olha como o Sol dança nos olhos do Jer. Os fantasmas estão descansando.

Descansando. Descansando… meu Deus, a Kari tem razão.

Eu matei o Jer.

Lágrimas rolavam no seu rosto. Com passos silenciosos, Bast se encaminhou respeitosamente para ela e respirou na sua bochecha.

O que você quer?, piscou seus grandes olhos de gata.

— Quero o Jer de volta — gemeu Holly.

E abriu os olhos, totalmente acordada.

Com os punhos cerrados, disse para Bast:

— Vou trazer Jer de volta. Mesmo que leve a vida inteira…

A gata miou, talvez concordando, talvez em protesto, Holly não soube dizer.

Holly se sentou, muito frágil, entorpecida pelo sofrimento…

…e pronta para começar.

Na janela, via-se uma águia cinza. Uma águia fêmea.

— Espírito de Pandion — murmurou Holly. — Você me ajuda?

A ave rinchou uma vez, inclinou a cabeça na sua direção, e não fugiu voando.

No seu quarto na casa dos Anderson, Holly sonhava.

Título original
Witch
WICKED

Este livro é uma obra de ficção. Qualquer referência a acontecimentos históricos, pessoas reais e localidades foi usada ficcionalmente. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, e qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades, pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2002 *by* Nancy Holder

Copyright da edição brasileira © 2012 *by* Editora Rocco Ltda.

Publicada mediante acordo com Simon Pulse, um selo da
Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

preparação de originais
LUANA LUZ

produção do arquivo ePub
SIMPLÍSSIMO LIVROS

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H674b

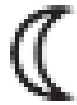
Holder, Nancy
Bruxaria [recurso eletrônico] / Nancy Holder, Debbie Viguié ; tradução Maria Clara Mattos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.
recurso digital (Wicked; 1)

Tradução de: Witch
ISBN 978-85-8122-206-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Viguié, Debbie. II. Mattos, Maria Clara. III. Título. IV. Série.

13-00347 CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



NANCY HOLDER nasceu em Los Altos, Califórnia. Antes de graduar-se na Universidade da Califórnia, em San Diego, fez o ensino médio no Japão e foi bailarina em Colônia, na Alemanha. Mais tarde, conquistou o diploma em comunicação, pouco antes de começar a escrever. Por seus livros, conquistou cinco vezes o prêmio Bram Stoker, concedido pela Associação de Escritores de Horror. Autora de séries famosas de horror, como *Possessions*, ela esteve envolvida em vários projetos da MTV, como *Buffy – a Caça-Vámpiros*, *Hellboy* e *Smallville*. Atualmente, é editora e escritora na Moonstone Books e mora com a filha e vários animais de estimação em San Diego. Junto com Debbie Viguié, escreveu duas series: *Wicked* e *Crusade*. http://nancyholder.com/

DEBBIE VIGUIÉ é graduada em Escrita Criativa pela Universidade da Califórnia. Entre seus trabalhos, estão versões de contos de fadas e outras histórias de fantasia com notas de horror, como o thriller *The Psalm 23 Mysteries*. Atualmente, trabalha na trilogia *Kiss*. Quando consegue um tempo de folga, gosta de visitar parques temáticos com o marido, Scott. Eles vivem na Flórida com o gato Schrödinger. http://debbieviguie.com